UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Ângela M. Gonçalves da Costa

Uma trajetória do esquecimento: o poema *A Nebulosa*, de Joaquim Manuel de Macedo, e sua recepção crítica

TESE DE DOUTORADO EM
TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA

Campinas, 2006

BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem

Ângela M. Gonçalves da Costa

Uma trajetória do esquecimento: o poema *A Nebulosa*, de Joaquim Manuel de Macedo, e sua recepção crítica

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito para obtenção do título de Doutor em Teoria e História Literária.
Orientadora: Profª Drª. Márcia Azevedo de Abreu.

Comissão Julgadora:
Profª Drª Márcia de Azevedo Abreu (orientadora)
Prof. Dr. Luís Carlos da Silva Dantas (UNICAMP)
Profª Drª Marisa Philbert Lajolo (UNICAMP)
Porfª Drª Maria Zilda Ferreira Cury (UFMG)
Prof. Dr. Hélder Garmes (USP)
Profª Drª Tânia Rebelo Costa Serra (UNB) (1ª suplente)
Profª Drª Orna Messer Levin (UNICAMP) (2ª suplente)
Prof. Dr. Luiz Carlos Villalta (UFMG) (3º suplente)

Campinas, 18 de agosto de 2006

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

C823t

Costa, Ângela M. Gonçalves da.
Uma trajetória do esquecimento: o poema A Nebulosa, de Joaquim Manuel de Macedo, e sua recepção crítica / Ângela Maria Gonçalves da Costa. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientador : Márcia de Azevedo Abreu.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Macedo, Joaquim Manuel de, 1820-1882. 2. Poesia brasileira - História e crítica. 3. Romantismo. 4. Crítica. 5. Literatura brasileira. I. Abreu, Márcia de Azevedo. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Título em inglês: *One trajectory of the oblivion: Joaquim Manuel de Macedo's poem A Nebulosa, and your critical reception.*

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Macedo, Joaquim Manuel de, 1820-1882 - Criticism and interpretation; Brazilian poetry - History and criticism; Romanticism; Criticism; Brasilian literature.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Titulação: Doutor em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Profa. Dra. Márcia de Azevedo Abreu (orientadora), Prof. Dr. Luís Carlos da Silva Dantas, Profa. Dra. Marisa Philbert Lajolo, Profa. Dra. Maria Zilda Ferreira Cury, Prof. Dr. Hélder Garmes, Profa. Dra. Tânia Rebelo Costa Serra (suplente), Prof. Dr. Luis Carlos Villalta (suplente) e Profa. Dra. Orna Messer Levin (suplente).

Data da defesa: 18/08/2006.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós Graduação em Teoria e História Literária.

Este exemplar e a redação final da tese defendida por ANGELA MARIA GONÇALVES DA COSTA CAVALCANTI

e aprovada pela Comissão Julgadora em 18/08/2006.

200632533

Para o meu pequeno Galileu,
que tem a mesma idade desta tese
e para Jardel, sempre.

Resumo

Esta tese teve por objetivo a preparação da edição crítica do poema *A Nebulosa*, de Joaquim Manuel de Macedo. Partiu da constatação de que o poema, esquecido da crítica e sem reedição há um século e meio, deveria ser colocado em circulação devido à sua importância dentro do romantismo brasileiro. Procuramos também, pensando no sucesso obtido pelo poema em meados do século XIX, refletir sobre a sua recepção desde a publicação até os dias de hoje, através de sua fortuna crítica, acompanhando a trajetória do poema em seu esquecimento.

Abstract

The preparation for the critical edition of the poem "A Nebulosa" written by Joaquim Manuel de Macedo was the aim of this thesis , trigered by the observation that this poem, once forgotten by the critics and not being published for more than one hundred-fifty years, should be back in circulatition due to its importance within the Brazilian Romanticsm. We have also tried , given the success obtained by the poem in the middle of the 19th century, to reflect on how it was received since its publishment until the current days, through its critical fortune , following the trajectory of the poem in its oblivion.

Agradecimentos

Agradeço especialmente à professora Márcia Azevedo de Abreu que aceitou me orientar no meio do percurso. Sem suas leituras certeiras e cuidadosas, suas sugestões claras, seus incentivos constantes, sua paciência, acompanhada de seu bom humor e disposição, esta tese não seria verdadeiramente possível.

Aos professores Luís Carlos da Silva Dantas (IEL/Unicamp) e Marisa Philbert Lajolo (IEL/Unicamp), pela delicadeza, pela rigorosa leitura e valiosas sugestões feitas no exame de qualificação.

A Hebe Cristina da Silva, que localizou e generosamente me cedeu vários textos encontrados em periódicos durante a sua pesquisa nos arquivos; ao Mário Alex Rosa pela localização de documentos em arquivo de Belo Horizonte; a Maristela de Camargo pela leitura do poema; ao Ronald Polito pela consulta em dicionários e ao Jorge Baracat, que gentilmente produziu o abstract .

Aos colegas do Projeto Memória da Leitura, pelo carinho e pelas discussões proveitosas.

Aos funcionários das seguintes bibliotecas e arquivos públicos: Arquivo Edgar Leuenroth (Unicamp); Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BN); Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB); Biblioteca de Letras da PUC (Campinas); Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp); Biblioteca Central (Unicamp); Academia Brasileira de Letras (especialmente à Suzie Pires, que me enviou a cópia da primeira edição do poema).

Aos funcionários da secretaria de pós-graduação, principalmente a Rose, pela gentileza.

Aos amigos do Hildebrando Siqueira, pelo incentivo; a Neuzimar, pela compreensão e carinho durante todos esses anos e a todos os meus alunos, que sempre entenderam a minha ausência de vez em quando.

Ao Governo Estadual de São Paulo, que nos últimos anos concedeu uma bolsa de incentivo aos professores estaduais, cujo auxílio foi fundamental para o desenvolvimento da tese.

A minha família, minha mãe e meus irmãos, pelo incentivo e ajuda desde o início dos meus estudos, por acompanharem cada uma das etapas.

Por fim, but not last, agradeço ao Jardel Dias Cavalcanti, por ter me apresentado *A Nebulosa*, pelo incentivo constante, pelo apoio incondicional, pelas leituras dos românticos comigo, pela localização e sugestões de livros, pelas conversas literárias, pela presença e companheirismo ao longo de tantos anos, sem o qual eu não teria conseguido caminhar até aqui; enfim, por ter me ensinado que o amor e o conhecimento são as coisas mais importantes da vida, e ao Galileu, por ter suportado minha ausência, pela alegria e palavras de carinho sempre.

Sumário

Parte I - Introdução

Apresentação 13
O poema 19
A recepção 33

Parte II – Edição Crítica

A Nebulosa, transcrição diplomática com notas 95

Parte III – Fortuna Crítica

Século XIX 267
Século XX 400

Anexos

Anexo 1 - *Não Sei*, poesia de Joaquim Manuel de Macedo publicado na *Guanabara* 429
Anexo 2 – Fac-símile de parte do Canto I, publicado na *Guanabara* 433
Anexo 3 – Fac-símile de parte dos excertos do poema, publicados em *A Marmota* 435

Bibliografia 439

Índice de textos críticos transcritos 449

Caspar David Friedrich (1774- 1840)
O viajante acima de um mar de nuvens (1818)
Óleo sobre tela (0,98 x 0,75)
Hambourg, Kunsthalle

Parte I - Introdução

Apresentação

> "No dia em que forem restabelecidos, em boas edições, os textos de nossos romancistas e poetas, principalmente da fase romântica, a crítica literária terá instrumentos fidedignos para a sua elaboração." (Bella Jozef)

Nosso interesse em repor em circulação o poema *A Nebulosa*, de Joaquim Manoel de Macedo, surgiu com a constatação de que a obra, há um século e meio (mais precisamente 148 anos), não era reeditada. Muitas obras esquecidas, do século XVIII por exemplo, voltaram em boas edições, graças ao interesse de alguns pesquisadores e de algumas editoras, principalmente universitárias. E por que *A Nebulosa* foi esquecida, abandonada nas brumas? Basílio de Magalhães acreditava, em 1926, que a obra foi deixada de lado não porque pertencesse "a uma escola já morta, mas principalmente por ser uma obra demasiado longa, com seis cantos e um epílogo, num total de 280 páginas".[1] Se isso servia de motivo no início do século XX, o mesmo não acontece agora, no início do XXI. Poemas como *O Uraguay*, por exemplo, proveniente de um tempo mais antigo que o Romantismo e com tamanho similar ao da *Nebulosa*, foi recentemente reeditado.

O poema era tido, na sua época, como uma obra-prima. Sua fama atravessou o Atlântico e foi comentado em Lisboa, por Francisco Inocêncio da Silva, no seu *Dicionário Bibliográfico Português*, de 1858, um ano após a publicação de *A Nebulosa*. Ferdinand

[1] Magalhães, Basílio de. *Bernardo Guimarães :Esboço Biográfico e Crítico*. Rio de Janeiro:Tipografia do Anuário do Brasil, 1926, p.221.

Wolf, no seu *O Brasil Literário*, de 1863, dedicou-lhe onze páginas, enquanto não se ocupou de mais de vinte linhas para *A Moreninha* e o teatro cômico de Macedo, parte da obra do autor que sobrevive até hoje. O poema causou sensação, foi prestigiado, alcançou um sucesso extraordinário na época da publicação e nos anos imediatamente posteriores, mas acabou caindo no esquecimento, no "ossuário do Romantismo", como bem disse Basílio de Magalhães.[2]

Com a curiosidade aguçada, alguns livros de história literária brasileira foram consultados para buscar algumas informações sobre o poema. Encontramos um comentário elogioso do crítico e historiador da literatura Antonio Candido, no seu livro *Formação da Literatura Brasileira*, que classifica *A Nebulosa* como "talvez o melhor poema-romance do Romantismo"[3]. Um juizo de valor como este nos deu pista de que estávamos no caminho certo. Era um bom começo.

O interesse pelo poema de Macedo foi aumentando. Partimos para uma pesquisa nas bibliotecas de Campinas, São Paulo e Rio de Janeiro, para tentarmos encontrar o poema *A Nebulosa*. A pesquisa foi satisfatória, pois encontramos um exemplar da segunda edição, na Biblioteca da PUC-Letras de Campinas, outro exemplar, também uma segunda edição, na Biblioteca da USP, o mesmo acontecendo com a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que possui um exemplar da segunda edição do poema e com o Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, que possui dois exemplares da primeira edição e um exemplar da segunda edição. A Academia Brasileira de Letras também possui quatro exemplares, dois da primeira edição e dois da segunda. Da mesma forma, o editor Cláudio Giordano possui um exemplar da primeira edição e outro da segunda edição de *A Nebulosa*. Encontramos ainda dois exemplares da segunda edição, um na biblioteca do colégio Caraça, em Santa Bárbara (Minas Gerais) e o outro na Biblioteca Central da Unicamp, dentro da coleção doada pelo Prof. Antonio Candido, denominada Coleção Aristides Candido de Melo e Souza. Foi possível localizar, portanto, cinco exemplares da primeira edição e nove exemplares da segunda.

---

[2] Idem, Ibidem, p. 221.

[3] CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*: momentos decisivos. 1a. edição. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d. (4 volumes). p. 98.

É evidente que algumas outras bibliotecas de grande porte ou mesmo particulares podem vir a possuir o poema de Macedo. Mas, de uma forma geral, para uma obra que só teve duas edições há 150 anos, o número de exemplares encontrados não é pequeno, comparado com o de outras obras não reeditadas pelo mesmo espaço de tempo. Por isso, podemos pensar na hipótese de que ela tenha sido produzida em tiragem alta e que tenha tido prestígio na época.

Depois do contato com o poema, passamos a pesquisar a fortuna crítica existente, tanto a do século XIX como a do século XX. O poema de Macedo foi muito comentado no seu próprio século, mas no seguinte, os comentários vão se tornando mais esparsos até ser praticamente esquecido, não havendo sequer um estudo aprofundado sobre *A Nebulosa*. Na verdade, esse esquecimento em relação à obra já se evidenciava no final do século XIX. O último comentário de fôlego sobre ele é datado de 1863, na crítica de Ferdinand Wolf. Depois disso temos um longo silêncio até 1882, ano da morte do autor, em que um dos necrológios, ao fazer o inventário do poeta, ainda se lembra d'*A Nebulosa* nos seguintes termos:

> Também na poesia devia ensaiar-se o distinto escritor. *A Nebulosa*, apesar de tudo, é um ensaio bastante meritório e não duvidamos que ao menos certas partes finquem assento permanente em nossa literatura.
>
> Este livro pode considerar-se como a última corda de sua lira, como o último trabalho que ele fez dominado unicamente por preocupações literárias.[4]

Mesmo com as ressalvas insinuadas no "apesar de tudo", *A Nebulosa*, 25 anos após a sua primeira publicação, ainda era vista como obra de valor.

Pelo texto acima podemos ter uma idéia do pensamento que se tinha sobre os últimos vinte anos de produção do autor, já não mais pautado por "preocupações literárias"[5]. A sua popularidade sempre foi continua, talvez pelo conjunto de sua obra revelar

[4] *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1882.

[5] Entre 1867 e 1870 Macedo publicou nada menos que dez títulos (*Voragem*, 1867; *Memórias do Sobrinho do Meu Tio*, 1868; *A Luneta Mágica*, *O Rio Do Quarto* e *As Vitimas- Algozes*, 1869; *O Romance de Uma Velha*, *Remissão de Pecados*, *Nina*, *As Mulheres de Mantilha* e *A Namoradeira*, 1870). Cf. SERRA, Tania Rebelo Costa, 1994, p. 133. Tamanha produção se explica pela necessidade de sobrevivência, afinal, havia

uma "vasta multiplicidade de manifestações e fecundidade numérica"[6]. Com a morte de Macedo,em 1882, um de seus necrologistas, voltando os olhos para o passado literário do autor, já com um certo distanciamento, arriscou um parecer que ficou para a posteridade, ao dizer que Macedo foi "um romancista de uma época viciada" e, se "as suas obras, no geral apressadas, não satisfazem inteiramente a uma exigência retilínea, a crítica moderna, transportando-se ao tempo de que faz parte o literato que desaparece, há de necessariamente justificar a popularidade que adquiriu"[7]. A "época viciada" a que o crítico se referia era provavelmente a do Romantismo, visto ser o autor considerado pela crítica dos anos 70-80 como o representante oficial da literatura romântica. Quanto à sua popularidade, esta se deve à sua primeira fase, mais romântica, ao que nos parece, posto que no ano de 1870 o público ainda parece interessado numa 3ª edição de *Vicentina*. [8]

Mas não é o romancista que nos interessa aqui e sim o poeta ou, mais precisamente, o poema *A Nebulosa*. Depois de relembrada na morte do autor, a obra é citada de tempos em tempos: em 1888, por Sílvio Romero; em 1890, por Visconde de Taunay; depois somente em 1898, por Sacramento Blake, encerrando nesta data os comentários do século XIX sobre o poema. O século XX vai reencontrar o poema em 1906, novamente com Sílvio Romero; em 1916, com José Veríssimo; em 1925, com Carlos José dos Santos; em 1926, com Basílio de Magalhães; em 1930, com Jorge O.e Almeida Abreu; em 1959, com Antonio Candido; em 1963, com José Galante de Sousa; em 1972, com Luciana Stegagno Picchio;em 1977, com Wilson Martins e José Guilherme Merquior; em 1979, com José

---

perdido o mandato de deputado. No entanto, o "ilustre romancista", a partir de 1870, começa a receber uma gratificação relativa a quinze anos de trabalho no *Colégio Pedro II*, além disso, uma ajuda informal da elite intelectual do país e do Imperador, na forma de encomendas de anuários e manuais. Contudo, essa segunda ajuda mais o atrapalhou, porque isso é "que vai identificá-lo, no final da vida, com o Romantismo ultrapassado até por ele mesmo". Conferir:SERRA, Tania Rebelo Costa. *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Livro; Fundação Biblioteca Nacional, 1994, p.175-176.

Por volta de 1880 houve um aumento considerável de escritores, já que o romance tinha público crescente e começava a encontrar o seu lugar na literatura. Esta proliferação de autores fez com que muitos deles, satisfazendo ao gosto do público, se tornassem motivos de "suspeitas e reprimendas", levando a crítica a dividir o campo literário em dois grupos: o dos escritores desinteressados, preocupados apenas com a consagração literária a longo prazo e o dos escritores interessados na popularidade e no retorno financeiro. A esse respeito, ver AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o Romance no Brasil oitocentista*. 2006. Tese (doutorado). Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2006, p.129-130.

[6] *O Binóculo*, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1882.

[7] *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1882.

Galante de Sousa; em 1985, com José Armelin Bernardo Guimarães; em 1987, com José Antônio Pereira Ribeiro; em 1994, com Tania Rebelo Costa Serra; em 2001, com Ubiratan Machado.

É impressionante a quantidade de referências e o prestígio dos críticos que se debruçaram sobre o poema no século XX. No entanto, constatamos que, apesar da presença na crítica, o livro desapareceu das estantes de livrarias. Desta forma, faz-se necessário repor em circulação uma obra de fundamental importância para a compreensão do Romantismo brasileiro.

No mesmo ano de publicação do poema, também aparecem *Os Timbyras* e *Os Tamoios*, obras consideradas nacionais pelo assunto, o índio, e pela natureza pátria. *A Nebulosa*, obra que não tem a cor local, pode aparentemente soar estranha hoje, quando se pensa no Romantismo como uma época de consolidação de um projeto nacionalista. Mas o que dizer do byroniano Álvares de Azevedo, lido e ovacionado em sua época? A imitação do Romantismo estrangeiro era bem vinda, ao mesmo tempo que se tentava criar uma literatura que fosse brasileira. D. Pedro II, em uma de suas primeiras participações efetivas no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1849, colocava a seguinte questão para debate: "O estudo e a imitação dos poetas românticos promovem ou impedem o desenvolvimento da poesia nacional"?[9]

Resta-nos percorrer as ruínas desse cemitério; procurar, entre as lousas de *A Confederação dos Tamoios* [10] e *Colombo*[11], o limbo onde se encontra *A Nebulosa* e retirá-la desse purgatório de um século e meio, dando a ela um lugar entre as grandes produções românticas brasileiras.

Dividimos nosso trabalho em três partes. Na primeira, apresentamos a obra *A Nebulosa*, no contexto de sua publicação, e fazemos uma análise da recepção crítica do poema nos séculos XIX e XX. A segunda parte contém a transcrição diplomática do poema,

---

[8] Conferir: SERRA, Tania Rebelo Costa. Op. Cit. p.176.

[9] Apud: SCHWARCZ, Lília Moritz. *As Barbas do Imperador*. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p.127.

[10] *A Confederação dos Tamoios*,de Gonçalves de Magalhães, publicado em 1856, é um poema épico indianista que,por sua visão do índio, causou polêmica na época.

[11] *Colombo*, obra de Araújo Porto-Alegre, é um poema épico de temática nacional. O poeta trabalhou nele desde 1840, publicando episódios em revistas a partir de 1850, vindo a publicá-lo somente em 1866.

ou seja, o poema tal qual foi impresso, apenas com a atualização ortográfica, acompanhada de notas referentes ao léxico, aos mitos citados e as alterações produzidas no poema entre sua primeira publicação, na revista *Guanabara*, e sua edição em livro. Finalmente, a terceira parte traz a transcrição dos textos críticos sobre *A Nebulosa,* escritos nos séculos XIX e XX.

O Poema: *A Nebulosa*

***ANebulosa* e suas primeiras publicações**

Joaquim Manoel de Macedo foi romancista, dramaturgo, poeta, historiador, jornalista, político, professor, secretário e orador do IHGB, editor e colaborador de várias revistas literárias, além de ter tido uma participação no conservatório dramático. Foi um dos mais fecundos escritores brasileiros deixando, no conjunto de sua obra, uma centena de escritos, numa vasta multiplicidade de manifestações. Hoje, Macedo é conhecido como o autor de *A Moreninha*, a sua primeira obra, publicada em 1844. Com ela, tornou-se o maior e mais popular ficcionista nacional na época. Esse romance foi o que maior número de edições e reedições teve no Brasil. Galante de Sousa contou mais de 90 edições em 1979. Não é à toa que, após a sua morte, o autor ficou conhecido como "o Macedo da *Moreninha*". Mas o Macedinho, como era popularmente conhecido, envolveu-se em projetos muito mais ambiciosos do que narrar os amores de Carolina e Augusto. Mesmo depois do sucesso como romancista e dramaturgo, decidiu fazer uma empreitada maior, enveredando por outros caminhos. Ele já escrevia algumas poesias, muitas delas publicadas em jornais e revistas, mas resolveu compor um poema narrativo, *A Nebulosa*, com seis cantos e um epílogo, com nada menos que 293 páginas, narrando o amor impossível entre o Trovador e a Peregrina.

O poema apareceu inicialmente como fragmento, em 1850, quando foi publicada a sua terça parte inicial na revista *Guanabara*.[12] Esta revista era dirigida por Manuel de Araújo Porto-Alegre, Antônio Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo. O primeiro Canto de *A Nebulosa*, aparece não datado, mas vem antes do poema *A Poetisa*, de J. Norberto, datado de 11 de outubro de 1850. Já o Canto II somente foi publicado em junho de 1851. Com um espaço de oito meses entre um Canto e outro, era de se esperar que a publicação não suscitasse muita manifestação. Embora o público estivesse acostumado com a leitura de capítulos em folhetins, a distância entre os dois Cantos exigiria memória demais do leitor, ainda mais quando não se tem a conclusão, como foi o caso de *A Nebulosa*.

[12] Ver notas explicativas apensas à edição diplomática.

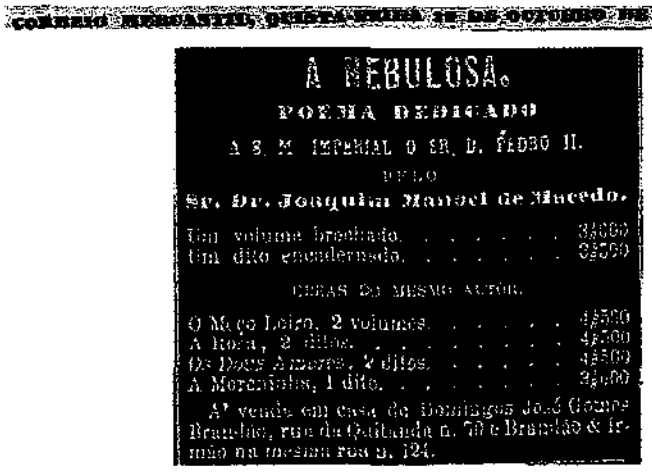
É interessante notar como foi publicado o poema. Meses separam a publicação dos Cantos I e II, em 1850 e 1851. Depois, sem a publicação de mais nenhum Canto, a obra aparece terminada em 1857. Estaria ela sendo gestada muito antes de 1850? O poema *Colombo*, de Manuel de Araújo Porto-Alegre, amigo e mestre de Macedo, começou a ser escrito em 1840. Em 1850, alguns episódios são publicados em revistas, como aconteceu com *A Nebulosa*, e somente em 1866 veio a ser publicado em livro. *Colombo* e *A Nebulosa* teriam germinado juntos na mesma seara romântica, mas cada qual com seu objetivo, já que a primeira obra é um poema épico de temática nacional e a segunda um poema-romance sem nenhuma cor local?

Em 1857, foi publicada a primeira edição do poema completo pela tipografia J. Villeneuve & Cia., no Rio de Janeiro. Pode parecer estranho a publicação ter saído por essa tipografia, já que todo o movimento romântico de 1840 -1860 reunia-se em torno de Paula Brito. Poetas, romancistas, artistas, líderes da sociedade, jornalistas, enfim, todos tinham a tipografia de P. Brito como ponto de encontro literário. No entanto, no momento da publicação de *A Nebulosa*, 1857, Paula Brito é vítima da grande depressão econômica daquele ano, a primeira crise econômica de âmbito mundial, conseqüência da falência da *Ohio Life Insurance and Trust Company*, em 24 de agosto de 1857, como nos esclarece Laurence Hallewell, no seu *O Livro no Brasil*[13]. É de se supor que Macedo, por esse motivo, tenha procurado a tipografia do francês Villeneuve.

Cada exemplar de *A Nebulosa* era vendido pelo preço de 3.500 réis, um pouco mais caro do que uma nova edição de *A Moreninha*, que saía por 3.000 réis. A edição era cara se comparada com *O Guarani*, de José de Alencar, lançado em 1858, por 2.000 réis.[14] Por que custavam mais caro os livros de Macedo? Numa propaganda do poema *A Nebulosa*, que aparece no *Correio Mercantil*, de 29 de outubro de 1857, é destacado no texto, com letras maiores e maiúsculas, o fato de o livro ter sido dedicado ao Imperador. Isso talvez conferisse prestígio ao livro e induzisse o leitor a comprar a obra, mesmo por um preço elevado. O leitor também tem a opção entre o volume brochado e encadernado, embora o preço não diferenciasse muito. O brochado custava 3.000 réis, enquanto o encadernado saía por 3.500.

---

[13] HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. São Paulo: T.A.Queiróz/USP, 1985, p. 89- 90.



CORREIO MERCANTIL, QUARTA-FEIRA 27 DE AGOSTO DE 1858

A NEBULOSA.

POEMA DEDICADO

A S. M. IMPERIAL O SR. D. PEDRO II.

PELO

Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

Um volume brochado. . . . . 3$000
Um dito encadernado. . . . . 3$500

OBRAS DO MESMO AUTOR.

O Moço Loiro, 2 volumes. . . . . 4$500
A Rosa, 2 ditos. . . . . 4$500
Os Dous Amores, 2 ditos. . . . . 4$500
A Moreninha, 1 dito. . . . . 2$000

A' venda em casa de Domingos José Gomes Brandão, rua da Quitanda n. 70 e Brandão & Irmão na mesma rua n. 124.

Em 1858, a revista *A Marmota* publicou uma série de artigos chamada "As Mulheres e os seus apaixonados"[15], na qual publicou excertos de autores diversos que falavam sobre as mulheres. Em 27 de agosto, no número 981[16], *A Marmota* publicou versos que retratavam a Peregrina, extraídos do Canto III, intitulado "*A* Peregrina", do poema de Macedo. Os versos transcritos na revista são idênticos aos do livro, com início no verso 1513 até o 1651, sem pular nenhum verso da edição de *A Nebulosa*. Acompanhando o fragmento selecionado do poema, a revista apresentou um comentário inicial:

> O Snr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, querendo fazer o retrato de uma bela mulher, tanto, quanto fosse possível imaginar-se, assim descreveu a Peregrina, no canto 3º do seu poema a – *Nebulosa*. Vêde-a e dizei-nos se haveria homem no mundo que deixasse de amar uma semelhante beleza!

Além de "As mulheres e os seus apaixonados", a revista *A Marmota* também publicou outros fragmentos do poema, todos retirados do Canto IV, "Nos Túmulos", com a seguinte didascália:

CENAS TOCANTES

DE AMOR E DE PAIXÃO DESCRITAS PELO

---

[14] ALENCAR, José de. *Como e Porque sou Romancista*. Campinas: Editora Pontes, 1990.
[15] Ver, em anexo, parte dos excertos.
[16] *A Marmota*, Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1858, nº 981, p. 3.

SNR. DR. MACEDO NA – NEBULOSA –

POEMA DE SUA COMPOSIÇÃO.

Sob este título, foram publicados os excertos do poema nos números 996 (verso 2486 ao 2615, finalizado com "continua", o que se deu no próximo número) [17], 997 (verso 2616 ao 2684, acrescido de "continua")[18], 998 (verso 2685 ao 2813, sem o "continua")[19], 999 (verso 2814 ao 2939, com a palavra "continua)[20] e 1000 (verso 2940 ao 3020, sem continuação, finalizando o exemplo de "cenas tocantes de amor e de paixão" descritas em *A Nebulosa*)[21].

Uma segunda e última edição[22], não datada, com 280 páginas, foi publicada por H. Garnier, também no Rio de Janeiro. Nesta aparecia a informação "nova edição". A livraria Garnier ocupou o lugar deixado por Paula Brito. Suas primeiras publicações foram feitas por tipografias do Rio de Janeiro, entre elas a da viúva de Paula Brito. Embora a segunda edição de *A Nebulosa*, pela Garnier, seja sem data, podemos ter uma idéia, pelo endereço do editor, da provável data de publicação do poema. A folha de rosto nos dá como endereço : Rio de Janeiro, H.Garnier, Livreiro-Editor, 71, rua do Ouvidor, 71. Hallewell, em obra citada, examinando as acomodações de Baptiste Louis Garnier, fornece como seu primeiro endereço permanente a rua do Ouvidor, nº 69(mais tarde renumerado 65). Aí ele permaneceu até 1878, quando se mudou para um pouco mais adiante, para o número 71. Sendo assim, a segunda edição somente foi publicada depois de 1878. Chama a atenção, a inicial que antecede o sobrenome Garnier. Antes de 1852, a editora comercializava sob o nome *Garnier Irmãos*, e os irmãos eram Auguste, Hippolyte, Pierre e Baptiste Louis. Depois desta data, Baptiste Louis "parece ter conseguido sua independência, tornando-se então "B.L. Garnier".[23] O rompimento final com seus irmãos aparentemente teve lugar em 1864 ou 1865: o primeiro volume da *História da Fundação do Império Brasileiro*, de Pereira da Silva, que foi publicada nos primeiros anos, traz a indicação "Rio de Janeiro,

[17] *A Marmota*, 19 de outubro de 1858, número 996, p. 3.
[18] *A Marmota*, 22 de outubro de 1858, número 997, p. 3.
[19] *A Marmota*, 26 de outubro de 1858, número 998, p. 3.
[20] *A Marmota*, 29 de outubro de 1858, número 999, p. 2 e 3.
[21] *A Marmota*, 2 de novembro de 1858, número 1000, p. 3 e 4.
[22] A edição de que dispomos e que usaremos neste trabalho é a seguinte: MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Nebulosa*. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro Editor, s/d. 280 p.
[23] HALLEWELL, Laurence. Op. cit. p. 128.

B.L.Garnier; Pariz, Garnier Irmãos", mas os volumes subseqüentes têm apenas a indicação "Rio de Janeiro, B.L. Garnier; Pariz, Durand".[24] Parece então que *A Nebulosa* foi editada pelo irmão de Baptiste Louis, Hippolyte Garnier, no mesmo endereço.

Antes de sua primeira edição, publicada pela tipografia J.Villeneuve, o poema foi lido pessoalmente por Macedo para o Imperador D. Pedro II, no Palácio de São Cristóvão, em uma das salas do Paço Imperial, oferecida pelo Imperador para as reuniões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. D.Pedro II não era somente o protetor do IHGB, ele freqüentava com assiduidade as reuniões na sede localizada no Paço Imperial. O Instituto Histórico era uma espécie de porto seguro, um estabelecimento oficial para as experiências do monarca, empenhado em imprimir um caráter brasileiro à nossa cultura:

> A participação do imperador não era, portanto, a partir dos anos 50, apenas financeira. Ao contrário, d. Pedro interessou-se pessoalmente pelo IHGB, tendo presidido um total de 506 sessões – de dezembro de 1849 até 7 de novembro de 1889 -, só se ausentando em caso de viagem. Tal fato torna-se ainda mais relevante se comparado à pouca participação do monarca na Câmara: lá só aparecia no começo e no final do ano, para abrir e fechar os trabalhos. Por meio, portanto, do financiamento direto, do incentivo ou auxílio a poetas e músicos, pintores e cientistas, d. Pedro II tomava parte de um grande projeto que implicava, além do fortalecimento da monarquia e do Estado, a própria unificação nacional, que também seria obrigatoriamente cultural[25]

Quando a impressão era muito forte, o Imperador se dispunha a subsidiar a edição da obra, e assim aconteceu com *A Nebulosa*, pois foi D. Pedro II quem financiou a publicação do poema em 1857, segundo Galante de Sousa[26]. Foi assim também com *A Confederação dos Tamoios*. Na primeira página do livro aparece a dedicatória de *A Nebulosa* ao Imperador: "À SUA MAGESTADE IMPERIAL, O SENHOR D. PEDRO II, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil, O.D.C. o seu reverente e muito leal súdito, Joaquim Manoel de Macedo." A seguir, fac-símile da dedicatória da primeira edição. A que consta na segunda edição é idêntica a esta.

---

[24] HALLEWELL, Lawrence. Op. cit.
[25] SCHWARZ, Lilia Moritz. Op. cit. p. 127.

SUA MAGESTADE IMPERIAL

O SENHOR D. PEDRO II

Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil

O SEU REVERENTE E MUITO LEAL SUBDITO

Joaquim Manoel de Macedo.

Foi numa das sessões do IHGB, realizadas quinzenalmente às sextas-feiras, às cinco e meia da tarde, que *A Nebulosa* apareceu, segundo nota do *Correio Mercantil*. O exemplar impresso do poema foi entregue ao imperador na 9ª sessão anual do IHGB,em 25 de setembro de 1857. Nesse mesmo dia, um colunista do *Diário do Rio de Janeiro,* diz ter recebido o exemplar: "P.S. Neste momento acabo de receber a Nebulosa do Sr.Dr. J.M. de Macedo: - tenho assim o prazer de dar-vos conta do mais lindo fato da semana".

Um colunista do *Correio Mercantil*, em 6 de dezembro de 1857, comentando o fato de *Os Tymbiras* ter sido ofertado ao Imperador, depois de já terem sido ofertados, no

[26] SOUSA, José Galante de. *Machado de Assis e Outros Estudos*. Brasília: Cátedra/ Rio de Janeiro:

mesmo ano, *Os Tamoyos* e *A Nebulosa*, defende as oferendas e os autores da seguinte forma:

> A posteridade que não olha nem para as prevenções, nem para as inimizades pessoais; que não leva em conta nem ódios, nem invejas, dirá que, quem dedica obras de tanto vulto ao monarca de um povo livre, é porque reconhece nele, não um poder a quem se bajula para lhe arrancar favores, mas uma inteligência culta e elevada, que ama as letras sem precisar delas, e que por isso merece os cultos dos que como ele as estimam e respeitam.

As duas primeiras obras têm em comum o fato de terem como tema o índio. Já *A Nebulosa* destoava dos outros por não ser uma obra de caráter nacional – ao menos não da maneira como se compreendia o nacional naquele momento. Tudo no poema soa como estrangeiro, embora não se possa identificar de que lugar se trata. No entanto, o interesse pela situação local era tanto que alguns críticos conseguiram identificar, nas brumas e nebulosas descritas no poema, a cor local, chegando mesmo a visualizar a tropical *Baía de Guanabara* e o *Pão de Açúcar* , ambos no Rio de Janeiro.

A aceitação da oferta pelo imperador e a posterior publicação custeada por ele, não significava que a obra obteria sucesso. O monarca incentivava os literatos, mas a obra caminhava por si só, fosse aonde fosse. *A Nebulosa* não causou polêmica, como *A Confederação dos Tamoyos*, nem revolucionou a literatura. Foi recebida, por muitos, não por todos, como um poema de rara beleza em que se pode repousar o espírito por alguns dias.

Por causa de *A Nebulosa*, Macedo foi agraciado,depois do poema impresso, com a Ordem da Rosa.[27]

MEC,INL,1979, p.140.

[27] Ordem da Rosa: "Insígnia: anverso – Estrela branca de seis pontas maçanetadas, unidas por guirlanda de rosas. Ao centro, medalhão redondo com as letras P A (Pedro e Amélia)entrelaçadas, em relevo, circundado por orla azul-ferrete com a legenda "AMOR e FIDELIDADE".

Reverso, igual ao anverso, com a data 2-8-1829, e na legenda "PEDRO e AMÉLIA". Fita e banda rosa-claro, com as duas orlas brancas.

Graus: cavaleiro, oficial, comendador, dignatário e grã-cruz.

Em 1829, para perpetuar a memória de seu matrimônio com d. Amélia de Leuchtenberg e Eischtaedt, D.Pedro I criou a Imperial Ordem da Rosa. Foi um trabalho realizado por Jean Baptista Debret que, segundo alguns historiadores, teria se inspirado nos motivos de rosas que ornavam o vestido de D. Amélia em retrato enviado da Europa, ou com o qual teria desembarcado no Rio de Janeiro. Esta Ordem servia para premiar militares e civis, nacionais e estrangeiros, que se distinguissem por sua fidelidade à

Esta ordem, criada por D.Pedro I, servia para premiar militares e civis, nacionais e estrangeiros, que se distinguissem por sua fidelidade à pessoa do Imperador e por serviços prestados ao Estado. D. Pedro II estendeu esta premiação aos literatos também, como forma de valorização das letras e das artes em geral. Gonçalves Dias também foi agraciado, em 1849, mas ao que parece ficou sem a comenda, porque naquele momento o condecorado tinha que comprar o distintivo.[28] Os poetas e escritores não eram muito bem vistos pela sociedade da época, daí a necessidade de uma política de valorização dos literatos, muito bem observado pelo Imperador. A revista *Guanabara*, fundada em 1850 por Porto-Alegre, Gonçalves Dias e Joaquim Manuel de Macedo, em seu primeiro número salientava o apoio do imperador aos literatos.[29] A baixa valorização, aliada à irregular remuneração pelos escritos, fazia com que os escritores tivessem que manter outras profissões mais "consideradas". Macedo era médico, professor e político, além de literato.

Mesmo desempenhando várias atividades profissionais, escrevia muito. Ao que parece, escrevia à noite, atravessando a madrugada até às três da manhã, acompanhado de

---

pessoa do imperador e por serviços prestados ao Estado, e comportava um número de graus superior às outras ordens brasileiras e portuguesas, então existentes. De 1829 a 1831, D. Pedro I concedeu apenas 189 insignias, mas D. Pedro II, em seu extenso período de reinado, chegou a agraciar, com esta ordem, 14.284 cidadãos".
www.BancodoBrasil.com.br

[28] MACHADO, Ubiratan. *O Brasil Literário*.Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
[29] SCHWARTZ,Lilia Moritz. Op. cit., p. 132.

uma garrafa de cerveja. Depois, revisava seus escritos durante as aulas no colégio Pedro II, enquanto os alunos faziam a lição, como nos conta Taunay,[30] em suas *Memórias*.

A Nebulosa e o amor impossível ou *La belle dame sans merci* (Keats)

O tema do amor impossível na *Nebulosa* já havia sido esboçado na poesia *Não sei*, também de Joaquim Manoel de Macedo, publicada na *Guanabara* em 1850, mas datada de 1849.

Tanto em *A Nebulosa* quanto em *Não Sei*, um homem tem uma louca paixão por uma virgem bela, inacessível e insensível ao amor. É *a bela dama sem misericórdia*, retratada por Keats.[31] Em troca, ambos não recebem nem mesmo a esperança de amor futuro. A Peregrina, mulher fatal do primeiro poema, responde com *Jamais* e a virgem, com *Não Sei*. Depois de insistirem por longos anos, os dois homens decidem morrer. A virgem de *Não Sei* sente remorsos e vai a procura do jovem apaixonado; a Peregrina, de *A Nebulosa*, ouve uma voz do céu e corre atrás do Trovador para salvá-lo da morte. Ambas chegam tarde demais. A diferença é que o jovem do poema *Não Sei* estava moribundo e, recorrendo à fala repetida por ela, responde *não sei*. Nos dois poemas as personagens não têm nome e a história se passa num bosque qualquer, num tempo e local indefinido. O tema, portanto, já havia sido esboçado,sendo depois desenvolvido em *A Nebulosa*.

A mulher fatal, mito de feminilidade prepotente e cruel, que leva os homens à ruina e à morte, existiu ao lado de mulheres angelicais na primeira parte do Romantismo, até cerca

[30] TAUNAY, Alfred d'Escragnolle. *Reminiscências*. São Paulo: Melhoramentos, 1923.

[31] John Keats (1795-1821) foi um poeta inglês do período romântico. *A bela dama sem misericórdia* foi escrito em 1819. Abaixo, detalhe da obra *La belle dame sans merci*, de autoria do artista inglês Frank Dicksee (1853-1928), baseada no poema homônimo de Keats, acompanhado de versos do poema.

da metade do século XIX.[32] Macedo recorre a este "tipo" nos dois poemas citados. Neles, os dois homens são tragados pela força terrível de um simples "não sei" ou "jamais", proferido por mulheres belas e cruéis. Arrependem-se depois, como já dissemos, seja pelo amor que nasce no coração da virgem de *Não Sei*, seja pela religiosidade, intervenção de Deus, que faz com que a Peregrina aceite o amor do Trovador.

O Trovador, no poema *A Nebulosa*, chega a recorrer a uma feiticeira para que ela produza um filtro do amor, permitindo-nos lembrar do filtro de amor de *Tristão e Isolda*. Diferentemente de muitos casais apaixonados, como Lancelote e Guenevere, Romeu e Julieta, Paulo e Virgínia, cujo amor encontra obstáculos externos, a Peregrina e o Trovador sequer chegam a formar um par, pois a Peregrina não ama o Trovador, o *jamais* proferido por ela é o jamais amar. Mas o importante no Romantismo não é o motivo da negação do amor e sim a impossibilidade de realização desse amor, idéia resumida num dos versos de *A Nebulosa*: "Amei nessa mulher um impossível"[33]. O que interessava era a situação arquetípica do amor impossível, e isto está bem representado nas duas poesias de Macedo.

Pensando no *Jamais* da Peregrina, em artigo do *Diário do Rio de Janeiro*, de 15 de outubro de 1857, um crítico anônimo, referindo-se a *A Nebulosa*, diz, numa longa digressão, que para Madame de Staël a palavra mais linda da língua inglesa era *never more* e para ele era *nunca*, porque

> *nunca* é a eternidade do amor, a sempre-viva da alma; que para o coração que o diz, é a saudade infinita que atravessa a vida, acompanhando-o sempre tanto no meio dos prazeres como nas horas isoladas; para o coração que o recebe é a imortalidade da esperança, o raio de sol que ilumina o passado, ao mesmo tempo que é a estrela que promete brilhar sobre a lousa do nosso túmulo. Compreendo enfim que *nunca* é mais do que sempre.

Estaria ele entendendo o "jamais" da Peregrina como um sim e, portanto, como uma esperança para o Trovador? O crítico, no artigo referido, busca compreender o verdadeiro significado da palavra jamais como uma forma de entender a impossibilidade de amor entre o Trovador e a Peregrina.

---

[32] Mário Praz. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*, 1996, p. 181.
[33] *A Nebulosa*. Canto VI: Harpa Quebrada, verso 4134.

Esse mesmo tema do amor impossível aparece na ópera *O Trovador*,[34] de Giuseppe Verdi, composta em 1852 e baseada no drama teatral *El trovador*, de Antônio Garcia Gutiérrez, estreado com grande êxito em Madri, em 1836.

Na ópera também temos, como em *A Nebulosa*, as mesmas paixões exacerbadas, o amor impossível, a morte e a tragédia no final. As personagens principais são Leonora, Manrico, o Trovador, conde de Luna e Açucena. Quatro personagens, como no poema de Macedo. A ação de *Il Trovatore* se passa na Espanha nos primeiros anos do século XV. Antes de apresentarmos o enredo, é preciso referir alguns fatos, anteriores ao início da ação, para torná-lo mais compreensível.

O velho Conde de Luna teve dois filhos, quase da mesma idade. Ainda bebês, foram visitados por uma cigana, que se debruçou sobre o berço do mais jovem. Como a criança adoeceu, o velho Conde concluiu que a cigana a tinha enfeitiçado, mandando, portanto, prendê-la e queimá-la numa fogueira. Açucena, filha da cigana, assistiu à morte da mãe e jurou vingança, raptando o filho mais novo do Conde para o lançar na fogueira. Porém, perturbada pela emoção, Açucena engana-se e, em vez do filho do Conde, lança às chamas o seu próprio filho. Decide então criar como seu o menino raptado, ao qual dá o nome de Manrico, o futuro Trovador. Quando a ação se inicia, o velho Conde já morreu sucedendo-lhe o seu filho mais velho como o novo Conde de Luna.

1º ato- No átrio do Castelo de Aliaféria, os guardas estão em alerta para capturar um Trovador que faz serenatas à Duquesa Leonora, a quem o Conde ama sem ser correspondido. Leonora, por sua vez, ama o Trovador e sabe que é correspondida. O Conde de Luna se junta aos guardas no mesmo instante em que se ouve, ao longe, a voz do Trovador. Leonora corre e se atira nos braços do Conde, acreditando ser Manrico. O Conde e Manrico batem-se em duelo e Leonora desmaia.

2º ato- No acampamento dos ciganos, Açucena diz ter ficado surpreendida por Manrico ter poupado a vida do jovem Conde quando o enfrentou num duelo, ao que o rapaz responde não ter sido capaz de o fazer, como se uma voz misteriosa lhe dissesse para não desferir o golpe mortal. A conversa é interrompida pela chegada de um mensageiro que,

[34] Na época de publicação de *A Nebulosa*, existia uma casa de ópera no Rio de Janeiro chamada *O Trovador*. Em 1855 existia em Portugal um jornal musical intitulado *O Trovador*, baseado em temas de óperas verdianas.

entre outras notícias, diz que Leonora, acreditando na morte do Trovador, decidiu entrar para um Convento. É neste lugar que chega o Conde de Luna com seus homens decidido a raptá-la antes que ela faça os seus votos. Antes que ele leve adiante seu intento, aparece o Trovador com seus homens e o Conde é repelido.

3º ato- Na fortaleza , os soldados do Conde de Luna trazem à sua presença uma cigana encontrada rondando a vizinhança. O Conde reconhece Açucena, a cigana que ele julga ter matado seu irmão mais novo, e ordena que ela seja morta na fogueira. Enquanto isso, prepara-se o casamento de Manrico e Leonora, cerimônia que é interrompida pela notícia de que Açucena fora capturada e morreria na fogueira. Desesperado, Manrico tira a espada e parte em defesa daquela que ele julga ser a sua mãe.

4º ato- No interior da torre do castelo, Manrico e Açucena estão aprisionados, aguardando o momento de serem executados. Leonora procura o Conde, determinada a salvar o trovador, seja qual for o preço que tenha que pagar. É assim que diz aceitar casar com o Conde, desde que ele mande libertar Manrico e Açucena. O Conde aceita a proposta e Leonora toma um veneno que trazia escondido. Só depois procura o Trovador para o informar que ele e a mãe podem partir em liberdade. Mas o veneno começa a fazer efeito e Leonora morre nos braços do Trovador. O Conde chega e ordena a execução de Manrico, obrigando a cigana a assistir à sua morte de uma das janelas da torre. Só depois da morte de Manrico, Açucena revela a verdadeira identidade do seu suposto filho, dizendo ao Conde de Luna que ele acabou de matar o seu próprio irmão.

Trágico demais? Em *A Nebulosa* nenhum personagem se salva.

O libreto de *Il Trovatore*, escrito por Cammarano e terminado por Bardare dezesseis anos depois do drama de Antônio Garcia Gutiérrez, foi objeto de inúmeras discussões a propósito da sua complexidade e do seu caráter extremamente inverossímel, tendo sido apontado como exemplo das incríveis opções literárias do compositor.

O tema do amor impossível está presente, não importa a forma da impossibilidade e sim a situação de impedimento que se coloca. Provavelmente, Macedo não conheceu a ópera, mas pode ter conhecido o drama espanhol de 1836 antes de compor *A Nebulosa*. Em 1850 os cantos I e II já estavam prontos e a ópera só aparece em 1852. Se ele leu o drama, não se sabe, mas há pontos de contato entre o poema e a peça.

Tanto no poema quanto no drama o número de personagens é igual, a diferença é que em *A Nebulosa* temos um triângulo amoroso composto por duas mulheres e o trovador, ao que se junta a mãe do Trovador; já na peça o triângulo se faz com dois homens e uma mulher, além da mãe do Trovador. O triângulo não é perfeito em nenhuma das duas obras. No poema a Doida ama o Trovador que ama a Peregrina. No drama o Conde ama Leonora que ama o Trovador que a ama também. Há sempre empecilhos à realização do amor, portanto. A Peregrina não pode amar, posto que fez um juramento no leito de morte da mãe. Leonora também não pode se realizar, embora tenha amor no coração, pois está impedida pela situação em que se colocou. Ambas são vítimas, cada uma a seu modo, embora a Peregrina pareça tirana e impiedosa e Leonora assemelha-se a uma vítima misericordiosa. Para o romântico o obstáculo, o impedimento do amor, é motivo de sofrimento, porém, não amar – e também não ser amado, é verdade – é pior do que qualquer castigo.

Embora o tema do amor impossível tenha se cristalizado como característica fundamental do Romantismo, os críticos da época prestaram atenção a um conjunto muito mais amplo de elementos.

A Recepção

Uma Trajetória do Esquecimento

"O Snr.Dr. Macedo deve o seu nome à posteridade...
da *Nebulosa* deve ele datar a sua glória".
(A Marmota, 13 de outubro de 1857.)

Nosso interesse aqui é o de fazer uma apresentação da fortuna crítica sobre o poema *A Nebulosa*. Separamos as críticas em jornais daquelas apresentadas em cursos de literatura e histórias literárias, assim como os comentários do século XIX daqueles produzidos no XX. As críticas ou notas sobre a obra de Macedo encontram-se transcritas na íntegra, na parte III, mas com atualização ortográfica, tal como foram encontradas seja em jornais, discursos ou livros sobre Macedo ou sobre a literatura brasileira.

O material é amplo, em comparação com outros textos da época. No século XIX, o poema recebeu muitos elogios em artigos publicados em jornais e revistas ou discursos proferidos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, num total de 34 textos. No século XX os comentários caem para 15 textos, menos da metade do que se falou no século anterior. É o declínio de um sucesso, a trajetória de um esquecimento.

A Nebulosa e as formas poéticas

A Nebulosa narra a história de amor impossível entre o Trovador e a Peregrina. A impossibilidade se dá por um juramento da moça feito à mãe no leito de morte. Ela jura jamais amar. Jamais é o mote de todo o poema. A história se passa num lugar indefinido, um "não lugar", também num tempo indefinido, num tom de fantasia e sonho. O poema é permeado por descrições (muito longas), diálogos e monólogos entre cinco personagens: Trovador, Peregrina, Douda, Mãe e Nebulosa. Nenhuma delas tem nome próprio. A Nebulosa, que dá título ao poema, só aparece no início, como uma espécie de conto de fada que seria o ponto de partida para as desventuras do Trovador. Todas as personagens possuem falhas morais . O Trovador, que egocentricamente se dedica a um amor impossível

durante mais de dez anos, se esquecendo de seu amor filial; a Peregrina, presa a um juramento, não tem misericórdia pelo Trovador, além do mais, carrega consigo a imagem maculada da irmã "desvirtuada e enganada pelos homens"; a Doida traz em sua testa a mancha demoníaca transmitida pela *Nebulosa*, a feiticeira, que tem seu poder relacionado ao mal e não às fadas. Resta apenas a Mãe que, desesperada, numa luta atroz, tenta resgatar o filho que a abandonou há anos. No final, a morte trágica de todas as personagens na Rocha Negra e a constatação de que, no poema, não há redenção para nenhum deles.

O que dizer da forma poética da obra? *O Jornal do Commercio*, de 23 de outubro de 1857, o nomeou como "hendecassílabo solto". Versos soltos, de acordo com o *Tratado de Versificação* de Olavo Bilac[35], são aqueles sem rima, em voga entre os clássicos portugueses brasileiros. A crítica da época dizia também que o poema possuía alguns versos frouxos, o que significa, segundo a obra acima, versos que dão lugar ao hiato, isto é, quando a vogal ou o h mudo não se absorve na vogal seguinte.

Bilac pondera:

> Não façamos tão difícil a arte da metrificação que seja impossível escrever em verso. Acham-se no poema alguns versos duros, alguns prosaicos, em Camões também se encontram versos prosaicos que são admirados e, os que os admiram, não podem ser muito severos em repreender poeta moderno que descai algumas vezes em versos prosaicos ou que, querendo prender nas suas onze sílabas um pensamento, vê-se obrigado a desatender as exigências do ouvido.[36]

O que o crítico considerava como "versos duros" no poema são aqueles que contêm palavras de pronunciação desagradável ou difícil, elisões forçadas[37].

Outro crítico que classificou o poema como "escrito em versos hendecassílabos soltos" foi Innocêncio Francisco da Silva, no seu *Dicionário Bibliográfico Portuguez*. Porém, não faz mais nenhum comentário sobre a metrificação nem cita exemplos.

---

[35] BILAC, Olavo. GUIMARÃES, Passos. *Tratado de Versificação*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 9ª ed., 1949, 1ª edição 1905.
[36] BILAC, Olavo. Op. cit., p.72.
[37] Olavo Bilac, Op. cit., p. 72.

Sílvio Romero, na sua *História da Literatura Brasileira*, de 1888, dizia que "*A Nebulosa* são escritas [sic] em versos, nomeadamente endecassílabos não rimados, pode-se dizer que a tal ou qual ênfase que se lhes nota na forma era realmente devida à influência indicada de Magalhães e do autor das Brasilianas".[38]

Romero está se referindo a *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, publicado em 1856, poema épico em dez cantos, com versos endecassílabos soltos e a Porto-Alegre, que publicou *Brasilianas*, em 1843, com o mesmo número de sílabas poéticas.

Todos os que buscaram classificar o poema, citados acima, concordam com o endecassílabo solto ou branco ou não rimado. Entretanto, diante de versos como "Flor que veneno nos perfumes verte", tenderíamos hoje a dizer que se trata de decassílabos.

Para entendermos a classificação do poema de Macedo como endecassílabo é necessário que recorramos à métrica espanhola em oposição à francesa. Até a metade do século XIX existiam dois padrões de contagem de metros, o agudo ou francês e o grave ou espanhol. No primeiro, conta-se até a última sílaba tônica, desprezando-se as átonas seguintes. Tal padrão baseava-se no fato de a maior parte das palavras francesas serem oxítonas (ou agudas, na terminologia da época).[39] No segundo padrão adiciona-se uma sílaba além da última forte do vocábulo, contando sempre uma sílaba a mais se o final do verso for agudo – ou seja, terminado em palavra oxítona - e despreza uma sílaba se for esdrúxulo – ou seja, se a última palavra for proparoxítona. Por serem graves – ou paroxítonas - a maioria das palavras espanholas, adotou-se este padrão métrico.[40]

---

[38] ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

[39] Exemplo de versos com terminações oxítonas (agudas), paroxítonas (graves) ou proparoxítonas (esdrúxulas):
Temeu tanto perdê-la quem a **dá**. (terminação oxítona)
Deu sinal a trombeta castel**hana**. (terminação paroxítona)
Se nos mostra no ar robusta e **vá**lida. (terminação proparoxítonaa)
Na metrificação francesa devemos considerar até a última sílaba tônica. No 1º verso é dá; no 2º lha e no 3º vá. Portanto, contamos 10 sílabas poéticas e classificamos os versos como decassílabos.

[40] Os mesmos versos na metrificação espanhola:
Temeu tanto perdê-la quem a **dá**. (+ 1) terminação oxítona.
Deu sinal a trombeta castel**hana**. (terminação paroxítona).
Se nos mostra no ar robusta e **vá**lida. (- 1) terminação proparoxítona.
No caso da metrificação espanhola, soma-se uma sílaba além da forte, então, no 1º verso, por terminar em palavra oxítona, somamos uma sílaba hipotética; no 2º paramos em *na*, tendo somado uma sílaba após a

A maioria dos vocábulos portugueses são paroxítonos e, neste caso, seria natural a utilização do modelo espanhol. De fato, os versos eram contados segundo a classificação **espanhola até meados do século XIX, quando houve a chamada "Reforma de Castilho"**[41], em que ele propôs a mudança para o padrão agudo ou francês e, a partir daí, foi sendo **progressivamente adotado pelos metrificadores.**[42]

Quando contamos as sílabas dos versos do poema de Macedo atualmente, contamos 10 sílabas, porque seguimos ainda hoje a proposta de Castilho, mas no século XIX, a maior parte dos críticos identificou 11 sílabas métricas em cada um dos versos que compõem *A Nebulosa*.

A maioria das terminações dos versos do poema de Macedo é paroxítona, raras vezes encontramos uma palavra proparoxítona ou oxítona. Basta observar como exemplo a fala da personagem *Doida*, no Canto II, XX, de *A Nebulosa*:

"Sinistro riso, que é descer da terra!
Volta a cabeça e disfarçada enxuga
Lágrima insana, que um mistério envolve,
E enfim tremendo, mas depressa, fala."

O poema foi então classificado na época, por vários críticos, como endecassílabo solto, por seguir o modelo de metrificação espanhola e não francesa e por não ser rimado.

---

tônica e no 3° paramos em *li* (que seria a correção da tônica) e desprezamos o *da*. Neste padrão estes seriam versos de 11 sílabas métricas ou chamados endecassílabos.

[41] Quando falamos em "Reforma de Castilho" estamos nos referindo à obra de Antônio F. de Castilho, *Tratado de Metrificação Portuguesa*, 1851, 1ª edição.

[42] Em 1882 ainda havia discussões a respeito da contagem das sílabas no Brasil. Bernardo Guimarães, no prefácio a *Folhas de Outono*, publicado em 1883, depois de dizer que "*os brasileiros adotaram, abraçaram com um fervor, um fanatismo tal*" [o alexandrino], cita o próprio Castilho como exemplo de perfeição nos versos endecassílabos segundo o modelo espanhol. "*É dele mesmo, desse bardo imortal, que vou tirar o exemplo do quanto é superior o nosso verso de onze sílabas ao de treze para todos os assuntos e principalmente para assuntos elevados. Quem não tem lido e não sabe até de cor os Ciúmes do bardo? Esses magníficos hendecassílabos, apesar de não rimados, gravam-se por si mesmos na memória do leitor.(...)*" Ora, o *Ciúmes do Bardo*, de Castilho, foi publicado em 1836 seguindo o padrão de metrificação espanhola, com onze sílabas, dez na francesa. Quando ele diz "treze para todos os assuntos" está se referindo ao alexandrino que, sabemos, tem doze sílabas. Isto significa que no final do século XIX muitos autores ainda preferiam o modelo espanhol à inovação de Castilho proposta em 1851.

O Gênero

Quanto ao gênero da obra, não houve consenso por parte dos críticos. É preciso lembrar que, no Romantismo, o hibridismo dos gêneros foi a melhor forma encontrada para se produzir uma obra. Mesmo a fusão de idéias foi bem–vinda, com a mistura, e não mais separação, entre o belo e o feio, o sublime e o grotesco, a dor e o prazer, o equilíbrio e o desequilíbrio etc. Essas idéias da época são perceptíveis em *A Nebulosa*.

Numa crítica sobre *A Nebulosa*, publicada em *A Marmota*, de 13 de outubro de 1857, podemos perceber que a discussão a respeito do gênero dividia opiniões. Diz o crítico:

> um poema, [...] não é, como muitos pensam, uma simples enfiada de versos, arbitrariamente dividida em cantos".(...) "A fábula do poema, se não é natural, é pelo menos poética e nas condições da poesia explicável; há nela entrecho, ação, desenvolvimento, trágico desenlace, enfim todas as partes essenciais de um poema".(...) "E essa ação é dramática, como a dos melhores poemas que temos lido(...).

A classificação se complica, com a introdução de *A Nebulosa* dentro da tradição romântica da poesia dramática. Conforme se compreendia no século XIX, este gênero representava uma ação particular da vida humana, servindo-se do diálogo, dos gestos. É ao mesmo tempo objetiva, por ser a expressão de um acontecimento alheio à vida do autor e subjetiva, por parecer uma reprodução direta da alma dos atores/personagens.[43] O melodrama, derivado do drama, mas combinando cenas tristes e alegres,tragédia e comédia, mostrando situações exageradamente sentimentais e inverossímeis, talvez caiba melhor na forma de *A Nebulosa*. A descrição do Trovador no cemitério, correndo atrás da Peregrina, tropeçando e abrindo o crânio numa lápide, tem uma tonalidade trágica, mas Bernardo Guimarães conseguiu ver comicidade neste episódio, afirmando que "de tão trágico se torna cômico".[44]

Há também os que defendem *A Nebulosa* como sendo apenas poema. No *Diário do Rio de Janeiro*, de 30 de setembro de 1857, a obra é vista como

[43] José Simões Dias. *Teoria da Composição Literária*. 1901. 1ª edição 1890.

> [...] um belo livro de versos, e ninguém pode negar que é um poema; é um poema fantástico de assunto impalpável, cuja cor, cujo perfume, tão essencial em um poema desse gênero, é brilhante e vivo, e lembram a escola romântica antiga.

José Veríssimo a considerou como poema "romanesco, cheio de maravilhas de mágica e sentimentalidade". Wilson Martins a classifica como "epopéia romântica" ou "folhetim romanesco", Luciana Stegagno Picchio chama-a de "obra lírica" e J.G. Merquior, diferentemente de todos os outros, a considera "peça".[45] Antonio Candido emprega a designação do século XIX, classificando-a como poema-romance. Cada crítico analisava a obra de acordo com a sua idéia de poesia e prosa.

Antonio Candido elaborou uma teoria sobre a questão, sugerindo que:

> a fluidez do espírito romântico, a sua profunda vocação lírica, o repúdio aos gêneros estanques, propiciaram esse gênero misto, onde, num momento em que já havia encontrado no romance o seu veículo moderno, a ficção se funde na poesia; aliança que permite maior liberdade à fantasia e, ao mesmo tempo, imprime à narrativa disciplina mais regular que a dos gêneros de prosa. A maior influência neste sentido foi certamente Byron, que modernizou o poema novelesco italiano e criou verdadeiros romances em versos. (...) Talvez os Ciúmes do Bardo, de Castilho, tenham contribuído alguma coisa para A nebulosa, de Macedo, "poema-romance" como ele dizia[46].

Olhando por este ângulo não nos parece tão complicada a classificação poema-romance. Macedo não foi o primeiro nem o último a utilizar esta forma. Teixeira e Souza também recorreu a esta forma de expressão em *Os três dias de um noivado*, embora tenha usado o gênero para uma tentativa semi-indianista, como disse Candido.

---

[44] Bernardo Guimarães. *A Atualidade*. 1860.

[45] O *Correio Mercantil*,de 27 de setembro de 1857, já classificava *A Nebulosa* como peça.

A Crítica em Periódicos no século XIX

"O Sr. Dr. Macedo é joio sem trigo"

Correio Mercantil, 18 de outubro de 1857.

Na metade do século XIX, a crítica que se fazia, em geral, era um resumo da obra acompanhado de alguns pareceres, na maioria elogiosos. Possivelmente, os críticos, na sua grande maioria, liam as obras como liam os românticos. Brito Broca[47], comentando o fato de os autores românticos se apresentarem falando de tudo e tudo ignorando, encontra justificativa num artigo da *Revista Mensal da Sociedade do Ensaio Filosófico*, que alude aos "poetastros e literatejos" que agiriam mais ou menos da seguinte forma:

> por hábito, vai-se à casa do livreiro, pega-se em um volume, abre-se a primeira página, lê-se o título de uma obra, vê-se como o autor concluiu, decora-se o vocábulo final, deixa-se o livro sobre o mostrador, acende-se um charuto e volta-se para a república. Na hora da refeição diz-se aos colegas: Li hoje muito! Isto, que sempre acontece, é exatamente o que prejudica alguns estudiosos. São estes os homens de letras que primeiro condenam as publicações literárias dos seus colegas.[48]

Os críticos, ao invés de condenarem, preferem o panegírico que, além de mais fácil, não os coloca em antagonismo com o autor ou na contramão da impressão dominante na época. Tomemos como exemplo a crítica literária do folhetinista do *Diário do Rio de Janeiro*, em que ele medita sobre o papel do crítico, numa receita de como fazer crítica:

> Ele [o folhetinista] não diz o que sente; diz o que os seus leitores podem sentir. Nem se deve tratar de achá-lo nos seus folhetins: ele quando escreve completa de si, tem o leitor ou a leitora do outro lado da mesa em que se escreve, não é mais do que uma pessoa qualquer necessária para entabolar a conversação.[49]

---

[46] CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*. São Paulo: Martins editora, 1959, p. 34-35.

[47] BROCA, Brito. *Românticos, Pré-românticos, Ultra-romântico*. 1979, p.98.

[48] *Revista Mensal da Sociedade do Ensaio Filosófico*, maio de 1862.

[49] *Diário do Rio de Janeiro*, 30 de setembro de 1857.

O panegírico também era útil quando um crítico, que também era autor, comentava a obra de um colega, formando o que chamamos de "elogio dos pares".

Em 21 de abril de 1838, o *Jornal do Commercio* publicou uma nota convidando os autores a enviar sempre à redação um exemplar dos seus livros para serem analisados. Muitos aceitaram o convite, remetendo regularmente livros para os jornais mas, como o drama, a ópera ou a comédia davam sempre motivo para um folhetim crítico, os romances ou livro de poesias tinham no máximo algumas linhas nos rodapés, em meio a assuntos cotidianos, como bailes, inaugurações, etc.

No mesmo dia em que o volume impresso *A Nebulosa* é apresentado ao Imperador no Instituto Histórico, o *Diário do Rio de Janeiro* dá notícia do recebimento da obra, exemplificando a forma de divulgação dos livros que saíam do prelo das casas editoriais:

> FOLHETIM
> O RIO DE JANEIRO
> Sexta-feira, 25 de setembro de 1857.
> (...)
> P.S. – Neste momento acabo de receber a Nebulosa do Sr. Dr. J. M. de Macedo: - tenho assim o prazer de dar-vos conta do mais lindo fato da semana.
>
> L.a.[50]

Dois dias depois, o *Correio Mercantil* também anunciou o aparecimento da obra:

> NOTÍCIAS DIVERSAS
>
> Celebrou-se anteontem[51] o Instituto Histórico a sua 9ª sessão, honrada com a augusta presença de S.M.I.
>
> Compareceram os Srs. Visconde de Sapucay, Dr. Lagos, conselheiro Cândido Batista, Dr. Macedo, J.Norberto, Dr. Fontes, Coruja, Dr. Carlos Honório, Dr. Jardim, conselheiro Melo, Drs. Thomas Gomes e Cláudio Luís da Costa.
>
> O Sr. Dr. J.M.de Macedo fez presente de um exemplar nitidamente impresso do seu poema-romance *A Nebulosa*.[52]

[50] *Diário do Rio de Janeiro*, 25 de setembro de 1857.
[51] Grifo nosso. Anteontem se refere a 25 de setembro, data em que a imprensa também recebe a obra.
[52] *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1857.

O papel da imprensa na crítica literária sempre foi importante, porque nela se divulgavam tanto as notas e catálogos das obras disponíveis nas livrarias quanto as críticas literárias propriamente ditas. Brito Broca, falando sobre a origem da crítica no Brasil, diz que

> a crítica literária surge entre nós, pode-se dizer, na *Minerva Brasiliense*, com dois estrangeiros radicados no país – o francês Emílio Adet e o chileno Santiago Nunes Ribeiro – que foram seguidos de perto por Joaquim Norberto de Sousa e Silva. Eram apreciações de ordem geral sobre o problema da nacionalidade em literatura, influência da literatura francesa, etc. Na mesma revista, em 1844, Dutra e Melo seria o precursor da crítica militante, com seu artigo sobre *A Moreninha*, de Macedo, romance recém-aparecido e que estava tendo grande sucesso. Em várias revistas, como as das sociedades de acadêmicos de São Paulo, a crítica se exercia em temas comparativos como este: "Quem é maior? Gonçalves de Magalhães ou Porto-Alegre?", em que se manifestava certo caráter didático.
>
> Mas a tendência para o verbalismo, peculiar à nossa prosa romântica, concorria para que os artigos sobre livros nessa época derivassem para divagações em torno das obras e dos autores, fugindo ao que havia de mais essencial. (...). E como todos os críticos eram amigos dos autores, elogiava-se desmesuradamente, sem poupar adjetivos, sem nenhum sentido de medida e de equilíbrio. **Proliferaram os gênios entre nós no Romantismo**[53]

Depois de Dutra e Melo ter feito uma crítica mais de análise do que panegírica, em 1844, Gonçalves Dias produziu uma crítica hostil ao poema de Teixeira e Sousa, *Independência do Brasil*, rompendo com a prática do elogio sistemático, em 1847. Em dezembro de 1854, Manuel Antônio de Almeida, inaugurando a *Revista Bibliográfica*, no *Correio Mercantil*, fez uma das primeiras tentativas de crítica ao analisar o *Ensaio Corográfico do Império do Brasil*, de Melo Morais e Inácio Accioli. Em 4 de junho do mesmo ano, Manuel Antônio de Almeida resolveu atacar severamente os *Exercícios Poéticos*, de Muniz Barreto. A crítica teve réplica do poeta, que a considerou pessoal e mordaz.

[53] BROCA, Brito. Op. cit., p. 73-74.

José de Alencar, na polêmica sobre *A Confederação dos Tamoios*, anonimamente e através de cartas publicadas nas colunas do *Diário do Rio de Janeiro*, foi impiedoso na análise do poema de Gonçalves de Magalhães. Em 1872, foi a vez de Alencar ser alvo do mesmo tipo de crítica nas *Cartas a Cincinato*, de Franklin Távora.

A Nebulosa foi recebida com aplauso pela crítica, tendo sido objeto de 34 notas na imprensa. Muitas vezes se elogiava o autor e não a obra .Numa crítica no *Correio Mercantil*, publicada em 4 de outubro de 1857, o crítico diz que não diria nada sobre o poema porque o autor é seu amigo, seu irmão leal e o elogio do livro poderia parecer suspeito. Assim se fazia a crítica até a metade do século XIX.

Na tradição do panegírico, no meio de tantos elogios, chama a atenção a série de artigos sobre *A Nebulosa* publicado n'*A Atualidade*. Trata-se das críticas de Bernardo Guimarães, condenando e apontando suas restrições ao poema. O tipo de crítica que ele fez se diferencia das demais que se fazia e das demais que se fizeram sobre *A Nebulosa*. Bernardo Guimarães desvia desse tipo de crítica laudatória e produz uma crítica de análise do texto. Ele mesmo se defendia alegando que fazia esse tipo de crítica com o intuito de orientar o público. Na verdade, Bernardo Guimarães pode ser colocado lado a lado com Manuel Antônio de Almeida, no sentido de que ambos analisaram a obra com critérios claros e também porque ambos valeram-se da agressividade como ingrediente importante de crítica. A ferocidade com que atacava o autor foi tida, às vezes, como pessoal. As críticas de Bernardo Guimarães contra o Padre José Joaquim Correia de Almeida, no jornal *A Atualidade*, antes de publicar as críticas contra *A Nebulosa*, tiveram réplicas e tréplicas, chegando ao ponto de agressões pessoais e verbais. Não chegou a tal ponto a agressividade de Bernardo Guimarães em relação ao poema de Macedo, mas as restrições foram muitas, tanto em relação ao autor quanto em relação ao poema, como se verá adiante.

A imprensa,o império e... o império da imprensa no Romantismo

As críticas à *Nebulosa*, desde a época de sua publicação até os dias atuais, comumente se deram em lugares de prestígio. O poema foi dedicado ao Imperador e lido num local onde

se desenvolviam as letras, artes e ciências, ou seja, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Os jornais que comentaram a obra, não eram pequenos veículos de circulação restrita, como costumavam ser os periódicos produzidos por estudantes ou aqueles somente dedicados à literatura. Eram jornais de grande entrada na Corte, lugar onde se discutiam política, economia e notícias diversas, entre elas teatro, vida da nobreza e dos artistas além dos folhetins e literatura em geral. Os jornais que mais comentaram o poema foram *Correio Mercantil*[54], *Diário do Rio de Janeiro*[55], *Jornal do Commercio*[56] e *A Atualidade*[57]. As revistas, que comentaram ou publicaram partes de *A Nebulosa*, também eram as mais importantes da corte, como *A Marmota*[58] e *Guanabara*[59]. É preciso observar também que Macedo, além de dirigir *A Guanabara*, junto com Araújo Porto-Alegre e Gonçalves Dias, era redator do jornal *A Nação*, do Partido Liberal, de 1852-1854, colaborador do *Jornal do Commercio*, onde escrevia em folhetim *A Crônica da Semana* e onde foram publicadas várias críticas elogiosas, é claro, à *Nebulosa*.

Joaquim Manuel de Macedo era político pelo Partido Liberal. Em 1840 houve a conciliação entre liberais e conservadores, antes adversários. O órgão que melhor espelhou esse quadro foi o *Jornal do Commercio*, fundado em 1827. A inabalável tranqüilidade num meio tão agitado deu ao jornal a força e o prestígio que lhe valeu a expressão, com muita justiça, de "quarto poder".[60] A história do *Jornal do Commercio* se confundiu com a do reinado. Sua ação firmou-se tanto no terreno político quanto no literário. Não era partidário, mas pesava deliberadamente para o lado das instituições, o que o tornava, nesse sentido, conservador; era moderado em todos os sentidos.

No *Jornal do Commercio*, os grandes nomes acotovelavam-se: Justiniano José da Rocha (que, nesse jornal, escreveu uma longa crítica à *Nebulosa*, não no sentido elogioso, mas fazendo um juízo crítico, como diziam na época), Manuel de Araújo Porto-Alegre, Francisco Otaviano, entre outros.

---

[54] *Correio Mercantil*, fundado em 1843, dirigido por Francisco Otaviano de Almeida Rosa.
[55] *Diário do Rio de Janeiro*, fundado em 1821, dirigido por Saldanha Marinho, Quintino Bocaiúva e Henrique César Muzzio.
[56] *Jornal do Commercio*, fundado em 1827, editado por J. Villeneuve, que também era proprietário da tipografia que publicou o poema *A Nebulosa*.
[57] *A Atualidade*, fundado em 1858, dirigido por Lafaiete Rodrigues Pereira, Pedro Luís e Flávio Farnese.
[58] *A Marmota Fluminense*, fundada em 1849, editada por Paula Brito.
[59] *A Guanabara*, fundada em 1849, editada por Paula Brito.

O *Correio Mercantil*, fundado em 1843, diferenciava-se do *Jornal do Commercio* pelo fato de adotar uma posição política. Era, por isso, muito mais vibrante, movimentado e atraente, logo se tornando o órgão mais difundido, apesar de ser mais novo. Pertencia a Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto, que entregou a sua direção ao seu genro, Francisco Otaviano de Almeida Rosa. No jornal, ele soube reunir os melhores elementos intelectuais do tempo, distinguindo-se logo Manuel Antônio de Almeida, que fazia traduções e publicava folhetins neste jornal, entre junho de 1852 e 31 de julho de 1853, ocultando-se sob o pseudônimo de *Um Brasileiro*.

Francisco Otaviano levou para o *Correio Mercantil*, em 1854, José de Alencar, seu antigo colega da faculdade de Direito de São Paulo. Alencar, além da seção forense, passou a escrever crônicas aos domingos, nos rodapés da primeira página, passando em revista os acontecimentos da semana. Nessa época ainda reinava a conciliação entre liberais e conservadores. Os costumes mudavam e as crônicas de Alencar refletiam essas mudanças. O folhetim espelhava os acontecimentos. Em julho de 1855 abandonou o jornal, aparentemente brigado, o motivo que nos leva a tal conclusão foi o fato de, anos depois, esse jornal noticiou a publicação de um de seus romances de forma lacônica: "Saiu à luz um livro intitulado Lucíola". Após ter saído do *Correio Mercantil*, alguns meses depois escreve crônicas no *Diário do Rio de Janeiro*.

No *Diário do Rio de Janeiro*, fundado em 1821, Alencar foi redator chefe e constituiu exemplo marcante da conjugação literatura e imprensa. No final do ano de 1856, como presente aos assinantes, publicou em volume o romance *Cinco minutos*, que havia saído em folha dia por dia, sem nome do autor. O presente agradou aos assinantes, mas o grande sucesso do folhetim só ocorreria em 1857, quando o *Diário do Rio de Janeiro* publicou *O Guarani* e depois, em 1860, *A Viuvinha*. Era a época dos homens de letras atuando nos periódicos e estreitando o círculo entre a política, a literatura e a imprensa.

Em 1860, o *Diário do Rio de Janeiro* passou a ser dirigido por Saldanha Marinho, com a ajuda de Quintino Bocaiúva e Henrique César Muzzio. O jornal se tornou um dos mais populares da cidade, com feição combativa e debate de cultura e idéias. A parte literária acolheu o que tinha de melhor, entre eles Salvador de Mendonça e Machado de

[60] Cf. Nelson Werneck Sodré. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: 1966.

Assis. Este último, aliás, tinha estreado na *Marmota*, de Paula Brito, como revisor. Em 1859 se tornou revisor também do *Correio Mercantil*, de Francisco Otaviano. Como redator do *Diário do Rio de Janeiro*, Machado de Assis ficou responsável pela reportagem do Senado e tinha como amigos Bernardo Guimarães, representante do *Jornal do Commercio* e Pedro Luís, por parte do *Correio Mercantil*. E as teias foram se formando.

Outro jornal lançado na Corte, em 1858, foi *A Atualidade*, dirigido por Lafaiete Rodrigues Pereira, Pedro Luís e Flávio Farnese, a que se ligara também Teófilo Otoni. O jornal teve grande receptividade, anunciando os novos tempos. Não temia inovações e foi o primeiro jornal vendido avulso nas ruas. Sob a bandeira liberal, em 1864 passou a ser dirigido por Luís Barbosa e continuou com um dos antigos diretores, Flávio Farnese. Bernardo Guimarães foi redator do jornal, em 1860, e responsável pela *Parte Literária*, local em que ele publicou sete críticas sobre *A Nebulosa* nesse mesmo ano.

O lugar do autor

Aqueles que faziam a crítica, no século XIX eram, em grande medida, os mesmos que produziam literatura, que faziam política, que atuavam como jornalistas, que tinham relação com o poder, mas também com as idéias revolucionárias que nasciam no Brasil ou que vinham de fora dele.

Se fizéssemos um mapa seguindo as pegadas dos literatos românticos, dos críticos, dos jornalistas, dos políticos, enfim, de todas as pessoas que se manifestaram sobre *A Nebulosa*, teríamos uma grande dificuldade em diferenciar os passos de uns e de outros, pois o ponto de partida e o de chegada são muito próximos e a teia que os une é estreita.

A título de exemplo podemos citar, para ficar apenas em um local, as várias personalidades reunidas no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro quando aparece impresso o volume *A Nebulosa*.

O *Correio Mercantil*, de 27 de setembro de 1857, publicou uma nota informando que dois dias antes, no IHGB, havia sido celebrada a 9ª sessão do Instituto com a presença do Imperador, de J.M.de Macedo, além de personalidades como as seguintes: Visconde de Sapucay, título do Cônego Fernandes Pinheiro, Conselheiro Cândido Batista, (conselheiro do Estado, professor da Academia Militar, deputado, inspetor geral do tesouro, ministro da

fazenda, senador,vice-presidente do IHGB, comendador da Ordem de Cristo e da Rosa); J. Norberto, (oficial da Ordem da Rosa, funcionário público da assembléia provincial do Rio de Janeiro e literato); Dr. Carlos Honório, (magistrado na secretaria do império, fidalgo cavaleiro da casa imperial, sócio do IHGB e do Conservatório Dramático no Rio de Janeiro, além de autor de vários trabalhos históricos); Dr. Thomas Gomes, (Bacharel em Letras e Doutor em Medicina, professor da Escola de Medicina e médico do Imperador e de suas irmãs, deputado, diretor da Academia de Belas-Artes, comendador da ordem da Rosa, membro do IHGB e redator chefe do periódico *A Reforma*) e Dr.Cláudio Luís da Costa, (médico cirurgião, conselheiro do Imperador, oficial da Ordem do Cruzeiro, cavaleiro da ordem de Cristo, sócio do IHGB e da sociedade de medicina).

Reuniam-se personalidades com várias profissões, de vários meios, com conhecimentos e poderes diferentes, de classes também diferentes, mas se interrelacionando num mesmo espaço considerado de prestígio e discutindo literatura, além de política, ciência e cultura em geral. Desta forma, o lugar onde se faz a crítica e as pessoas que a fazem formam uma rede de relações que, seguramente, interferem na avaliação que se faz.

Encenações de leitura

De que forma o crítico do XIX lê, qual seu repertório de leitura, para quem ele escreve, quem é ou quem ele pensa que é o seu leitor?

Parte importante do juízo crítico era formado em função do nome do autor. É o que podemos observar no comentário do crítico de *A Marmota*:

> E como o poeta é bom, honesto, delicado, verdadeiro homem de bem, a sua produção saiu daguerrotipada por sua alma: ele, sempre ele, o Sr. Dr. Macedo!... e isto basta para seu completo elogio e para **total crédito de sua nova composição**[61]

Seguindo o raciocínio do crítico, o autor, depois de ter alcançado uma posição elevada com alguma obra, e permanecendo um "homem de bem" terá garantido o sucesso de obras

[61] *A Marmota*, 9 de outubro de 1857.

posteriores. Entendendo o texto como expressão do sentimento íntimo do autor, é natural que a avaliação do homem e da obra caminhassem de braços dados.

Um exemplo de como os críticos muitas vezes elogiavam o autor e não sua composição foi extraído do *Correio Mercantil*:

> Foi embebido na leitura desse poema que passei os dias que tu, estimável leitor, supuseste consagrados a um repouso injustificável. Quinze dias, vais tu dizer, quinze dias para ler um poema em seis cantos! É muito cronista, é muito! Esperas talvez leitor que te diga o que é esse poema de que estou falando, que deves ler e que te dará algumas horas de verdadeiro deleite? Não o farei por dois motivos. Talvez não saibas que o autor é para mim mais do que um amigo, é um irmão. (...) O elogio do seu livro feito por mim poder-te-ia parecer suspeito tanto o achei bom e completo demais, leitor, não faltariam malévolos para te insinuar nem esse pensamento se por ventura te ocorresse naturalmente.[62]

Em seguida, o crítico apresenta um trecho do IV Canto para que o leitor avalie por si só e não influenciado pelo parecer do articulista. A que conclusão nos leva a leitura dessa crítica? O autor se afasta de sua coluna durante quinze dias para ler o poema e apresentar sua avaliação e tudo o que faz é dizer que não tem comentários, porque é amigo do autor? Isso mostra que ele acredita no poder do texto, pois nem todos os leitores serão amigos de Macedo.

Os críticos que escreviam em periódicos do século XIX normalmente se dirigiam a um leitor em potencial ou hipotético. Desta forma, a avaliação que se fazia de uma obra era condicionada pela imagem que fazia do leitor. Para exemplificarmos, temos o desabafo de um cronista:

> O folhetinista não é um homem; é o confeiteiro que fabrica a vossa caixinha de pastilhas; deve fazê-las bem doces, quebrando a doçura de algumas com o ácido do limão, com a hortelã pimenta, colori-las de cores variadas, brancas, azuis, cor-de- rosa, embora não goste de pastilhas. Ele não diz o que sente; diz o que os seus leitores podem sentir. Nem se deve tratar de achá-lo nos seus folhetins: ele quando escreve completa de si,[sic] tem o leitor ou a

[62] *Correio Mercantil*, 4 de outubro de 1857.

> leitora do outro lado da mesa em que se escreve; não é mais do que **uma pessoa qualquer necessária para entabolar a conversação.**[63]

O crítico pressupunha que o público, que lia as críticas literárias, também lia as obras, como podemos constatar na conclusão do raciocínio do articulista do *Correio Mercantil*, de 04 de outubro de 1857: "*A Nebulosa* é um fruto sazonado do autor do *Cego*, de *Kobé*, de *Rosa* e de tantos outros mimos literários que o público leu com prazer". A imagem que o autor do texto fazia do leitor, que deveria ler o poema de Macedo, era de alguém que teria lido as outras obras macedianas, acompanhado cada publicação, da qual *A Nebulosa* seria mais um título adicionado na fortuna do autor, mesmo sendo de outro gênero. Dessa forma, imagina-se que o leitor, nesse caso, lê com a figura do autor em mente. O leitor é hipotético por não se saber a sua classe social, faixa etária, nível cultural etc, mas supõe-se se tratar de um público admirador e, portanto, leitor de Joaquim Manoel de Macedo.

Quanto a não se saber a classe social e o nível cultural do público leitor, há uma crítica que coloca justamente essa dúvida, embora o cronista já tivesse uma idéia pré-concebida sobre isso.

> Não sei, leitor, se és rico ou pobre, questão muito séria para o caso. Se és pobre, tenho dó de ti porque, além das privações, hás de ter de aturar caprichos de uns, as exigências de outros, a má vontade deste, o desprezo daquele, e tudo isso calado, silencioso, atento como eu te aturo a ti, estimável leitor, quando estás aborrecido e dás de presente ao diabo as minhas divagações, ou te apraz notar-me faltas de espírito, opiniões absurdas, quando o *spleen* ou os *blue devu's* [sic] te puxam pelos cabelos.
>
> Suponho, pois, para lisonjear-te que és rico, que na tua habitação reina o luxo e o confortável.
>
> Estás estendido sobre (...) uma pele de urso branco do Norte (...) semelhante àquela que se vê numa loja da rua do Ouvidor (...). Tens na mão uma caçonha de ouro cinzelada por mão de mestre, donde se exala um perfume suave e delicado.
>
> Parecer-te-á extravagante a idéia de chamar gozo o estar deitado de barriga para o ar, segurando um perfumador de metal. Leitor, empreguei a linguagem figurada.
>
> Esse perfumador que preceupa [sic] o teu espírito obtuso é um poema impresso em formato de oitavo francês; esse poema é *A*

[63] *Diário do Rio de Janeiro*, 30 de setembro de 1857.

> *Nebulosa* , de que é autor Joaquim Manoel de Macedo, a quem tiro o título honorífico de – senhor- por supô-lo bastante ilustre para dispensar os europeis sociais.[64]

Inicialmente, o leitor era imaginado como superior e o crítico, subalterno, o bajula. Estranhamente, o leitor era colocado num ambiente bizarro em que havia objetos pouco adaptados para a vida nos trópicos, mas que, também estranhamente, estavam à venda na Rua do Ouvidor. A posição do crítico e do leitor se inverte, o primeiro era superior intelectualmente e tinha que explicar o texto ao leitor, agora inferior por ter um "espírito obtuso".

Estaria o crítico comungando o mesmo pensamento dos moralistas, filósofos e beletristas que faziam distinções entre ignorantes e sábios, entre pessoas comuns e pessoas de espírito, entre boas e más leituras, entre maneiras corretas e incorretas de ler?[65] Essa idéia era constante entre os detratores do romance, que o julgavam de fácil leitura, pois não mereciam esforço, raciocínio ou memória, ao contrário da poesia, gênero mais elevado, que requeria do leitor maior concentração, conhecimentos retóricos que permitissem observar a beleza e valor da poesia, ou seja, um leitor de espírito elevado. A leitura da crítica nos leva a acreditar que sim, a julgar pela imagem do volume do poema comparado a uma "caçonha de ouro cinzelada por mãos de mestre", mas que é lido ou apreciado como forma de diversão, deleite, "gozo", pois o leitor está " de barriga para o ar" segurando o poema e não é uma "gen d'esprit", já que possui um "espírito obtuso".

Outro tipo de leitor imaginado pelo crítico muitas vezes era o do sexo feminino. Não raro encontramos autores se dirigindo especialmente à leitora, como podemos observar no vocativo utilizado pelo autor:

> Lêde-o, minhas leitoras; haveis de desejar muitas vezes ter os encantos que a imaginação rica do Sr. Dr. Macedo derramou na Nebulosa, na douda, na peregrina; mas se sois nervosa não lede até o fim.(...)[66]

---

[64] *Correio Mercantil*, 04 de Outubro de 1857.

[65] A esse respeito, ver, ABREU, Márcia. Da maneira Correta de Ler: Leituras das Belas letras no Brasil Colonial .In: *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: ALB, 2000.

[66] *Diário do Rio de janeiro*, 30 de setembro de 1857, L.a.

O crítico supunha, talvez ironicamente, que o poema era forte o suficiente para abalar os nervos da leitora ou, ao contrário, que os nervos eram fracos o suficiente para se deixar abalar.

Os críticos obviamente liam as obras que eram objeto de sua crítica e, na elaboração desta, dialogavam com outras obras e autores de sua predileção, deixando transparecer, através de citações ou alusões, qual o seu repertório de leitura. É assim que podemos observar, mesmo nas críticas em jornais, o que liam os críticos, ou, pelo menos, o que esses críticos conheciam, no que concerne a obras ou ensaios brasileiros ou estrangeiros. Não é nossa intenção, aqui, avaliar a importância que esse repertório teve na análise de *A Nebulosa*, mas tão somente enumerar os autores privilegiados por cada crítico que se debruçou sobre o poema.

Os críticos, ao comentarem *A Nebulosa*, recorreram a muitas citações. Contamos exatamente 92 citações, entre nomes de poetas, de pintores, de títulos de obras poéticas, de compositores, de nomes de personagens de obras literárias e até de lugares. Os citados pertenceram às mais diversas nacionalidades e épocas, como os franceses, os ingleses, os alemães, os brasileiros, os gregos, os portugueses e os italianos, em ordem decrescente. Alguns autores, obras ou referências a países orientais também foram lembrados, marcando o gosto romântico pelo oriente exótico. Byron foi o mais citado, como era de se esperar, sempre comparado como modelo a ser seguido e imitado. Alguns críticos chegaram a elogiar a influência byroniana, a boa imitação. Goethe, Chateaubriand e Lamartine são, depois de Byron, outros muito citados. Embora de nacionalidades diferentes, sendo um inglês, um alemão e dois franceses, todos pertenceram à escola romântica. Entre prosa, poesia e teatro, notamos uma maior incidência de citações na poesia, perfazendo quase a totalidade.

Cada crítico possui seu próprio método de avaliação da obra literária e se utiliza de alguns critérios. No entanto, em meados do século XIX, a maioria dos críticos usava critérios comuns, utilizando determinadas regras da época, na tentativa de se criar modelos de análise de poesia. No total das 35 críticas em jornais ou revistas, a maioria dos críticos recorria à comparação, seja com outros autores, com outros modelos de poesia ou ainda comparando poesia e prosa, sempre colocando a poesia num lugar mais alto, no superlativo.

No caso de Macedo, nenhum crítico considera o fato de ele ser romancista – na verdade, apenas um o faz e para dizer que, com a poesia, o autor atingiu o ápice de sua carreira de escritor: "vimo-lo [Macedo] exercitar o seu espírito e a sua pena em novelas, em dramas, até que por fim amestrado, ei-lo que se abalança à empresa do maior momento: um poema em seis cantos."[67]

Apesar das diferenças, foram unânimes os elogios ao poema. Muitos deles se davam por adjetivação vazia, como dizer que *A Nebulosa* era "um dos mais belos da poesia", ou então pela caracterização do autor, mostrando o lugar ocupado por ele na sociedade ou ainda pela autoria como atestação de valor, indicando obras consagradas do autor, além, é claro, dos elogios marcados pelas relações pessoais, pela impressão ou gosto pessoal do crítico e por comparação, na maioria das vezes. Exceção se dá na crítica de Bernardo Guimarães, que será comentada adiante.

Bernardo Guimarães: um juízo crítico ou uma crítica do juízo

> "Tornei-me estudante de retórica, meu amigo, e desci a noções rudimentares da poesia, porque a isto me obrigaram aqueles que, ou por cegueira da amizade ou por um mal entendido despeito, assentaram de cumprir à risca o preceito da escritura". (José de Alencar, *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*, 1856.)

O critério de avaliação de uma obra, utilizado por Bernardo Guimarães em sua crítica, não fugia aos preceitos postulados pela retórica. Em meados do XIX podemos ainda notar a permanência da retórica entre os críticos. Bernardo Guimarães estruturou claramente seu texto com base nas regras de composição de poesia extraídas dos manuais de retórica, que permaneciam em circulação no sistema de ensino.

[67] J.J. da R., *Jornal do Commercio*, 23 de outubro de 1857.

O escocês Hugh Blair publicou, em 1783, *Lectures on Rhetoric and Belles Letters*, lido no Brasil por meio da tradução francesa de P. Quénot.[68] O português Francisco Freire de Carvalho, baseando-se na obra de Blair,[69] publica *Lições Elementares de Eloquência Nacional*, em 1834, [70] seguida de *Lições Elementares de Poética Nacional*, em 1840. O brasileiro Lopes Gama publica, em 1846, *Lições de Eloqüência Nacional*[71] e o também brasileiro Junqueira Freire, *Elementos de Retórica Nacional*,[72] em 1869. Juntos, formavam o quinteto cujas idéias sobre eloqüência permaneceriam no sistema de ensino no século XIX.

Eduardo Martins, pela análise dos manuais citados, percebeu um certo entrelaçamento entre a retórica e os novos paradigmas da crítica romântica, partindo de Blair, cujo tratado já apontava para um movimento em direção à psicologização da *elocutio* (deslocamento do foco de atenção do efeito produzido pelo poema para a pessoa do poeta), até Junqueira Freire, que apresentava uma nova visão de antigos conceitos como gênio e imaginação, definidos de perspectiva nitidamente romântica.[73] Esses manuais se dedicaram a tratar dos gêneros judiciário, epidídico e deliberativo[74], num discurso prescritivo e regulador que estabelecia regras de composição e avaliação de uma obra. Como se sabe, a finalidade da retórica é convencer, comover e agradar, por meio de discursos que se dividem em três partes: invenção, disposição e elocução. Os modos de composição e os critérios de avaliação das obras procuram se adequar às regras estabelecidas pela retórica. Tudo o que fugia a essas regras era desconsiderado como obra de valor, e quando o poema era

---

[68] Conferir: MARTINS, Eduardo Vieira. *A fonte subterrânea: o pensamento crítico de José de Alencar e a retórica oitocentista*. 2003. Tese (doutorado). Departamento de teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2003.

[69] Melhor dizendo, copiando a obra de Blair. Nos manuais, Freire copiou claramente Blair, porém, a cópia era uma prática corrente e lícita entre os tratadistas brasileiros do XIX. A intenção desses autores, longe de querer formular uma teoria própria, era compilar e divulgar conceitos consagrados da tradição. Apesar de copiar Blair, os manuais apresentam diferenças na disposição da matéria, além de fontes e conceitos diversos. Lembramos também que Blair foi o divulgador das obras de Edmund Burke. Conferir, a esse respeito: Martins. Eduardo Vieira. Op. Cit.

[70] *Lições Elementares de Eloqüência Nacional*, editado em 1834, teve novas edições, em Lisboa, em 1840, 1844, 1849, 1856. Os manuais foram adotados no Colégio Pedro II, o de eloquência em 1865 e o de poética em 1858.

[71] LOPES GAMA, Miguel do Sacramento. *Lições de Eloqüência Nacional*. Rio de Janeiro: Typografia Imperial de Paula Brito, 1846.

[72] FREIRE JUNQUEIRA,Luís José. *Elementos de Retórica Nacional*. Rio de Janeiro,1869.

[73] MARTINS, Eduardo Vieira. Op. Cit.

[74] Os gêneros do discurso têm sua distinção baseada no papel do auditório, no tempo e na finalidade de cada discurso. O deliberativo tem a finalidade de aconselhar ou desaconselhar; o judiciário acusar ou defender; o epidídico, gênero por excelência da crítica, louva ou censura.

classificado como bom, era porque seguia os preceitos retóricos e imitava bem os modelos consagrados.

O manual de Blair[75] trata da eloqüência e da poética. As 47 lições são divididas em cinco partes. A primeira dedicada à discussão do gosto e das fontes dos seus prazeres, entre as quais se destacam o sublime e o belo. A segunda trata da origem e da estrutura da língua e dos seus elementos constitutivos. A terceira tece considerações gerais sobre o estilo, a semântica e investigação dos tropos e figuras. A quarta discute a história da eloqüência antiga, os gêneros de discursos públicos e as partes em que eles se dividem. A quinta finalmente analisa questões referentes aos gêneros poéticos e em prosa. O manual tem como objetivo ensinar os alunos a distinguir as belezas verdadeiras das falsas, os discursos dignos de louvor dos produzidos com o intuito de enredar o ouvinte por meio de falsos ornamentos, além de fornecer uma via de acesso para o conhecimento e aprimoramento da natureza humana.[76]

Os manuais de retórica foram seguidos tanto por aqueles que queriam compor uma obra, quanto por aqueles que pretendiam avaliá-la, classificá-la ou comentá-la.

Alencar, por exemplo, ao analisar textos, como o poema *A Confederação dos Tamoios*, faz uso de noções fundamentais da poética clássica, como os conceitos de decoro e verossimilhança. A utilização desses conceitos por Alencar, evidencia o conhecimento e a consciência dos ornamentos (ornatos ou tropos, próprios da eloqüência), que produzem os efeitos desejados sobre o leitor. O uso da retórica lhe permitiu também definir os elementos estruturadores de cada gênero, cujos traços distintivos poderiam ser conhecidos, codificados e estudados. Conhecido o gênero, seu trabalho como crítico era observar o tema, o estilo, a finalidade, os personagens ou outros aspectos formais relevantes. Ao analisar uma epopéia, gênero clássico por excelência, Alencar lançava mão de maior quantidade de conceitos retóricos, porém, ao tomar como objeto de análise o romance ou a comédia, se distanciava um pouco da retórica.[77]

---

[75] Vamos comentar apenas esse manual, visto que todos os outros se pautam mais ou menos por ele, como já dissemos.

[76] Conferir, a esse respeito, MARTINS, Eduardo Vieira. Op. Cit.

[77] Conferir: MARTINS, Eduardo Vieira. Op. Cit.

O entrelaçamento do pensamento crítico alencariano com a retórica demonstra a permanência da eloqüência em meados do século XIX, o que nos permite chamá-la de retórica oitocentista ou retórica do Romantismo. Assim sendo, a concepção de Romantismo como ruptura definitiva com as poéticas que o precederam, como queria Victor Hugo, no seu *Prefácio de Cromwell*, não se realizou plenamente.

A retórica ocupou uma posição privilegiada no XIX e se tornou um dos principais pilares da formação intelectual da geração romântica. Segundo Blair, a análise da maneira como o discurso se organiza possibilita conhecer os procedimentos mentais empregados pelo orador/poeta ao elaborá-lo. Com ele, o estudo das paixões, incorporado à retórica desde Aristóteles e a concepção de que o estilo seria a expressão natural dos sentimentos e da natureza individual do autor, tornou-se um dos pontos mais importantes da retórica do período e de maiores conseqüências para a teoria poética do Romantismo.

É nessa linha de pensamento que se insere a crítica de Bernardo Guimarães, que lança mão dos preceitos retóricos oitocentistas ao analisar *A Nebulosa*.

Bernardo Guimarães destoou no coro dos elogios da crítica ao dedicar uma série de textos à identificação dos problemas do poema *A Nebulosa*. Ele não assinava, mas como um dos editores do jornal *A Atualidade* e responsável pela *Parte Literária*, seção do jornal dedicada à literatura e à crítica de romances e poemas, entende-se que as críticas são de sua autoria.

Na sua crítica publicada em sete partes em *A Atualidade*, em 1860, salienta que pretende fazer um juízo crítico, em contraposição aos comentários elogiosos que se faziam até então. De fato, excetuando a sua, apenas a crítica assinada por J.J. da R., que acreditamos ser Justiniano José da Rocha, publicada no *Jornal do Commercio* em 23 de outubro de 1857, esboçou um juízo valendo-se de um exame acurado do texto. A expressão "juízo crítico" parecia já circular pelas rodas literárias em 1857, porque podemos ler a expressão no mesmo mês, em 13 de outubro de 1857, na *Marmota*, quando o crítico diz "Agora é o Snr. Magalhães com a epopéia dos Tamoyos, sobre a qual ou contra a qual muito se tem escrito, mas ainda não apareceu um *juízo crítico* [grifo nosso], como merece esse monumento levantado à pátria(...)."[78]

[78] *A Marmota*, 13 de outubro de 1857.

Bernardo Guimarães parece ter se utilizado de critérios retórico-poéticos como forma de avaliação, quando elaborou a sua análise de *A Nebulosa* com "juízo crítico". De acordo com o manual de J.Simões Dias[79], as regras eram em parte comuns a todos os gêneros e em parte aplicáveis a cada gênero em particular. A composição literária seria o resultado de três operações fundamentais: invenção, disposição e elocução. A primeira consistia na investigação, escolha e arranjo das idéias, sentimentos e fatos que se pretende expor; a segunda reside na distribuição ordenada dos materiais que formam a obra literária e a terceira é a expressão dos pensamentos por via da linguagem. Desta forma, ao compor uma obra literária era preciso, primeiramente, escolher o assunto do poema; logo depois elaborar um plano de como distribuir tal assunto e posteriormente, talvez a parte mais importante, expressar as idéias de forma agradável por meio da elocução.

A série de críticas publicadas por Bernardo Guimarães, apesar de sair em partes, durante os meses de fevereiro e março de 1860, guardava uma unidade, pois examinava uma a uma as operações que dão origem a um discurso: a invenção, a disposição e a elocução, tratadas por ele exatamente nesta ordem. Seu texto revelava que, além de balizar as composições literárias, os preceitos retóricos agiam como critérios de avaliação dos poemas, fazendo com que a crítica consistisse na verificação do desempenho do poeta na realização desses procedimentos.

Bernardo Guimarães não se limitou a utilizar a retórica como critério de avaliação, recorrendo a ela para organizar seu próprio texto.

Todo discurso, e a crítica não deixa de ser um discurso, é ordenado em partes que formam a sua totalidade. A primeira parte é o *exórdio*, que indica o assunto a ser tratado ou o objetivo da crítica, no caso. No *exórdio*, Bernardo Guimarães, se propõe a desenvolver um juízo sobre *A Nebulosa*, pois o que se tinha visto sobre o poema, segundo o autor, haviam sido esboços rápidos com algumas frases vagas de elogio. Aparentemente Bernardo Guimarães não leu a crítica de Justiniano José da Rocha três anos antes ou não faria tal afirmação.

---

[79] Utilizaremos como exemplo o manual de instrução secundária de J. Simões Dias, *Teoria da Composição Literária*, 1901, 1ª edição 1890. As regras são bastante semelhantes em todos os manuais.

A segunda parte do discurso é a *proposição* e, como o próprio nome indica, mostra a posição do autor e o plano que seguirá para desenvolver sua crítica. O propósito de Bernardo Guimarães seria "preencher aquela lacuna, formulando sobre ele um juízo desenvolvido", já que o "seu aparecimento [o poema] fez alguma sensação, e é digno de que dele nos ocupemos mais de espaço". Quando diz "apenas vimos nas colunas de um jornal diário um esboço rápido de sua fábula, com algumas frases vagas de elogio", percebemos qual era o propósito de sua crítica. No último parágrafo de sua última crítica, publicada em 28 de março de 1860, o autor complementa os dados a que aludiu em seu primeiro texto. Afinal, de que jornal falava? Que elogio teria feito com que ele se debruçasse sobre o poema três anos depois para fazer uma crítica com tanto fôlego, publicada semanalmente durante dois meses? Guimarães, na chamada *peroração*, última parte do discurso, cujo objetivo é recapitular brevemente o que foi dito e excitar o *pathos*, que é a compaixão ou empatia, diz:

> O poema do Sr. Macedo já foi qualificado pela hábil pena de um jornalista que também é poeta e literato distinto,- *como um dos mais belos poemas dos tempos modernos*. Mas *esse juízo, proferido dogmaticamente*, não foi desenvolvido nem justificado. Que prazer para nós, que glória para o Sr. Macedo e para as letras brasileiras se ele for agora confirmado!...[80]

O elogio que via *A Nebulosa* "como um dos mais belos poemas dos tempos modernos" fora publicado no Correio Mercantil em 18 de outubro de 1857, porém não identificamos o "jornalista que também é poeta e literato distinto", pois o artigo encontra-se sem assinatura.

É preciso lembrar também que, quando produziu a crítica sobre *A Nebulosa* Guimarães acreditava que, sob a influência de Macedo, membro do Conservatório Dramático, sua peça *O Pajé* fora impedida de se apresentar no Rio de Janeiro.[81] A crítica

[80] Bernardo Guimarães, *A Atualidade*, 28 de março de 1860. Grifo nosso.

[81] Carlos José dos Santos. *Bernardo Guimarães na Intimidade*.Revista do Arquivo Público Mineiro, 1925, p.197. Carlos José dos Santos era amigo íntimo de Bernardo Guimarães, segundo informações de José Armelin Bernardo Guimarães, parente de Bernardo Guimarães e autor do livro *E Assim Nasceu a Escrava Isaura*, 1985.

pode ter sido uma resposta a esse episódio, o que explicaria também a agressividade com que o texto foi formulado.

Voltemos à crítica. Tendo preparado o *exórdio* e a *proposição*, segue o autor as outras partes do discurso, que são a *narração* e *confirmação*. As duas juntas formavam a exposição dos fatos e desenvolvimento do conteúdo juntamente com um conjunto de provas e argumentos, seguido de uma refutação, que destrói os argumentos adversos. *Narração* e *confirmação* devem ser breves, claros, ter verossimilhança, com poucas digressões e descrições. Trata-se justamente de uma das três operações fundamentais para a composição literária, a *invenção*. O que prescreve a *invenção*, de acordo com os manuais da época?[82] O primeiro cuidado do poeta é procurar os materiais de composição, investigar os elementos realísticos, lógicos e sentimentais que irão entrar para a obra literária. Fixada a idéia e achados os pensamentos, interessam certas qualidades como a realidade dos objetos, nada falso ou exagerado; naturalidade, excluídos os pensamentos afetados; novidade e originalidade da expressão; justeza, procura por uma forma que se adapte ao assunto e sobretudo clareza, em oposição a idéias obscuras.

Bernardo Guimarães esboçou, brevemente, como pedem as regras do discurso para a *narração* e *confirmação*, o assunto escolhido no poema *A Nebulosa*. Feito o resumo do assunto do poema, Bernardo Guimarães continuou com sua estratégia de persuadir o leitor, porém sem expressar a sua opinião ainda, deixando que ele percebesse se o poema era digno de louvor ou não. Sua estratégia, incluiu a análise do título do poema utilizando uma argumentação por comparação. Afirmou sobre o título: "O título pois desse livro é uma mentira, que prepara uma decepção ao leitor, pois faz esperar um poema de um gênero a que absolutamente não pertence". Espera-se o gênero fantástico e o poema não o é totalmente. O título cria expectativas que na verdade não são cumpridas.

A primeira crítica encerrou-se com a *peroração*, tentando ainda atingir o *pathos*, a benevolência do leitor, concluindo que a mentira do título não importava muito, se o poema tivesse mérito em si. Ou seja, sua estratégia de persuasão consistia em mostrar os problemas de composição do poema para que o leitor concluísse que não se tratava realmente de "um dos mais belos poemas dos tempos modernos". Mas isso seria uma conclusão do leitor, não

[82] J.Simões Dias. *Teoria da Composição Literária*. 1901, 1ª edição 1890.

um juízo do autor da crítica. Aliás, ele mostrou até disposição para apreciar os méritos, quando disse: "Tenha o poema mérito em si, que essa leve falta ficará amplamente compensada", escondendo atrás da boa vontade uma ironia mordaz.

A segunda crítica, publicada em 11 de fevereiro de 1860, na verdade era uma continuação. O próprio autor salienta "continuação do nº 67". Neste artigo, seguindo as três operações fundamentais da arte, analisou o procedimento que vem logo após a *invenção*, a *disposição*. Esta parte do discurso é a responsável pela ordem, ligação, movimento e unidade do poema. Na *disposição*, brevidade, clareza e verossimilhança são imprescindíveis. O contrário, as longas descrições e digressões tornam a obra obscura. É exatamente este critério de avaliação que vai ser utilizado por Bernardo Guimarães na construção de sua crítica. Ele seguiu à risca os conceitos da retórica oitocentista. No *exórdio* ele apresentou o assunto a ser tratado, ou seja, a censura se dará em relação à extensão do poema, à ação e ao número de personagens.

A *disposição* pressupõe a brevidade em primeiro lugar e a crítica de Bernardo Guimarães condena no poema o fato de ele ser longo, carregado de descrições e digressões sem fundamento. Esses artifícios, quando bem distribuídos, quebram a monotonia da narração, porém a distribuição de tais elementos, no poema, é mal realizada, segundo o autor do artigo:

> Para dar algum repouso a atenção do leitor, para refrescar-lhe a imaginação desses monólogos furiosos ou sombrios, desses diálogos delirantes, dessas cenas despedaçadoras de paixão e martírio, o poeta os interrompe com longas e frequentes descrições. Mas, abusando desse expediente, só consegue tornar o seu livro mais longo, mais monótono e mais fastidioso.

A clareza também ficou prejudicada com a má distribuição dos matizes, tornando a obra obscura, justamente o contrário do que pediam as regras da boa composição de uma obra. A raridade da ação e o número reduzido de personagens tornavam a leitura enfadonha e desinteressante, o poema era "uma continuada tortura de corações, um brado de desespero e de agonia em seis longos cantos".

E o que dizer da verossimilhança? Seguindo passo a passo os conceitos prescritos nos manuais, Bernardo Guimarães criticou a inverossimilhança ao analisar as personagens como "quatro criaturas excepcionais, inteiramente fora das condições da vida comum (...) Não são criaturas humanas, são duendes que vagueiam nas trevas" . O crítico apontou a falta de clareza, o fato de o poema ser longo, quando deveria lançar mão da brevidade e a total inverossimilhança no poema. Utilizando outro procedimento típico da leitura erudita das Belas Letras, Bernardo Guimarães recorreu à comparação com um outro texto, tomado como exemplar da boa realização poética.[83] Bernardo Guimarães tomou como exemplo dois poemas de Feliciano de Castilho argumentando que, ao contrário de Macedo, esse poeta foi bem sucedido nas suas composições. Guimarães comparou *A Nebulosa* com *A Noite do Castelo* e com *Ciúmes do Bardo*, de Castilho. Esses poemas, observa o crítico, também narram uma paixão violenta e profunda, ou seja, tratam do mesmo assunto de *A Nebulosa*, porém, " sem episódios nem incidentes, é a última explosão de um bardo, entregue às fúrias do ciúme, que geme, maldiz, blasfema, impreca e busca a morte no meio de um lago entre os horrores de uma tempestade". Apesar de *Ciúmes do Bardo* ser extenso, quase da extensão de *A Nebulosa*, sua elaboração em seis cantos é adequada: "Mas nesses seis cantos, que variedade de cenas, que diversidade de situações, que brilho e profusão de cores nas descrições?..." Para mostrar que era possível conseguir verossimilhança, citou Henrique, personagem de *A Noite do Castelo*, que, "atravessando episódios da vida real, parece um fantasma, e é uma realidade, entretanto, que o trovador lá em cima de sua Rocha Negra, com seu manto vermelho e sua harpa sobraçada, sua linguagem ultra-romântica, suas atitudes solenes e com todo esse seu viver misterioso, nem nos parece um espectro e nem tampouco é uma realidade. Não fascina a imaginação e nem satisfaz a razão".

Desta forma, o crítico argumentou que nenhuma das três partes fundamentais da disposição, quer seja brevidade, clareza ou verossimilhança foram desenvolvidos satisfatoriamente no poema *A Nebulosa*. Na *peroração*, criticou o fato de o poema não ser nem fantástico nem verossímil, residindo aí o seu maior problema, pois o "poema não é pura fantasmagoria, porque sua fábula não repousa sobre crença alguma de potências sobrenaturais, como fadas, gênios, nigromantes, nem é também uma realidade, porque esses

[83] Sobre a leitura das Belas Letras, ver: ABREU, Márcia. "Da maneira correta de ler as Belas Letras". In:

caracteres e costumes bizarros, inteiramente estranhos ao meio de viver da atual sociedade, estão completamente fora da esfera da verossimilhança". Assim, ele finalizou a análise da segunda das três partes que compõem uma obra literária, que é a *disposição*.

Desde a terceira crítica, de 18 de fevereiro de 1860, até a sétima e última, Bernardo Guimarães passou tratar do terceiro elemento fundamental do discurso, a *elocução* ou *estilo*. De acordo com as regras da retórica oitocentista, a elocução é fundamental por ser ela "quem põe o espírito do autor em comunicação com o espírito do leitor"[84], através das formas gerais da linguagem, (quer seja poética ou prosaica), da quantidade de palavras que emprega, (podendo ser concisa, precisa ou desenvolvida ou, ao contrário, difusa) e também através da qualidade das palavras, (cujo estilo pode ser tênue, quando emprega um modo de dizer singelo, familiar e desafetado ou apurado, quando guarda o meio termo entre o tênue e o sublime,próprio da eloqüência e de alguns gêneros poéticos).

A *elocução* é tão importante na poesia que o autor da crítica, passando a analisá-la, esclareceu: "Deixemos agora as considerações gerais e desçamos a analisar o poema do Sr. Macedo nos pormenores de sua execução", ou seja, na linguagem e expressão do pensamento. É neste ponto que se observa o estilo do autor.

Bernardo Guimarães abriu a guarda ao dizer que a história da Nebulosa era descrita com graça e simplicidade, tecendo, portanto, um elogio, classificando a composição, como "tênue", em relação à qualidade das palavras. É importante observar que os manuais postulavam que, nas composições cujo fim é deleitar, o estilo deve ficar entre o tênue e o sublime.

Para tratar dos problemas de *elocução*, tomou como exemplo o Trovador. A excelência da composição literária, segundo a retórica, depende das qualidades pessoais do autor e dos preceitos da arte, ou seja, dos dons da natureza e do trabalho. Um dos dons naturais é exatamente a elegância de dicção, finura e delicadeza no modo de dizer. As primeiras palavras do Trovador, apresentado como um poeta, deveriam mostrar este estilo, porém, o que se apresenta no poema é "uma apóstrofe violenta contra a natureza", demonstrando uma dicção deselegante que não caberia na voz de tal personagem. E o autor continua

---

Op.cit.

> E segue-se por diante uma pintura dos horrores da natureza, abalada por uma tempestade, tal qual a desejaria então o trovador. É um ruído de palavras estrepitosas, que pouco pintam, um montão de expressões exageradas, que revelam que o trovador, apesar dos louros que lhe ornam a fronte, ainda é bem novo na arte das musas, pois confunde o sublime com as ênfases de uma declamação fofa e bombástica.

Com isso, o autor do artigo afirmou que o poeta, tentando obter um estilo sublime, teve um cuidado excessivo com as palavras e acabou caindo no vício do purismo, que é o contrário de pureza, um dos dons do trabalho do poeta e dos preceitos da arte. Desta forma, tentando ser sublime no estilo o poema se tornou difuso.

Pureza, correção, clareza, harmonia, variedade e conveniência são dons que devem ser trabalhados pelo poeta, porque não são naturais. De todos eles, Aristóteles considerava a clareza como a principal qualidade da *elocução*. Para consegui-la é necessário haver ligação entre as idéias, exatidão da linguagem e boa colocação das palavras. Sem isso, o poema se torna obscuro. É isso que o crítico diz quando afirma que "*A natureza abalada em seus mais profundos elos* é uma expressão ininteligível", portanto obscura.

O mau uso dos *ornatos*, isto é, figuras e tropos, foi lembrado pelo crítico. De acordo com as regras da composição literária, para expressar a beleza não basta que a linguagem seja pura, correta, clara e harmoniosa, é necessário também um conceito próprio da *invenção*, a variedade, obtida pela colocação e combinação das palavras na frase e sobretudo pelo emprego dos ornatos. O crítico considerou as "metáforas esquisitas", "que fariam inveja ao próprio Gôngora".

> O raio, *serpente do horizonte* e os trovões *tigres do espaço* são expressões tão alambicadas que em parte alguma deviam ser interadas e muito menos nos lábios do infeliz trovador, onde assentam muito mal esses brincos de espírito, esses esforços de imaginação para atingir a originalidade.

A novidade ou originalidade da expressão é uma qualidade própria da *invenção* que, do ponto de vista de Guimarães não parecia ter sido atingida por Macedo.

---

[84] J.Simões Dias. *Teoria da Composição Literária*. 1901, 1ª edição 1890.

O crítico também condena o mau uso da hipérbole, chamando-a de "exagerações enfáticas, difusas". Como exemplo de uso incorreto dos ornatos citou o Trovador com ímpeto de arremessar os troncos das florestas às nuvens:

> Já que o trovador queria imagens gigantescas e descomunais, melhor seria que esses ventos levassem uma vez pelos ares o globo da terra e o atirassem de encontro a Saturno ou a outro qualquer planeta; assim ao menos ninguém mais, no arrojo da hipérbole lhe poderia levar a palma.

A ironia parecia ser uma constante no crítico.

Concluindo o artigo, classifica o estilo do poema como "rasteiro e descorado", "túmido e difuso, sem inspiração nem energia"; "suas idéias não têm um vôo elevado", o mau gosto no uso dos ornatos "prova mais uma vez o decidido gosto do trovador pelos conceitos alambicados". Pela ordem, segundo os preceitos do século XIX, o estilo do poema é prosaico, pois contenta-se com toda a casta de expressões; é difuso, pois dissolve a energia das idéias na redundância das palavras e no excesso dos ornatos; não é sublime, posto que é prosaico e não tem decoro. É preciso observar que até então o crítico tentava persuadir o leitor a pensar que ele mesmo estava percebendo os problemas de composição. No entanto, a partir da terceira crítica os argumentos se tornam mais enfáticos e opinativos, mostrando agora o ponto de vista do autor, explicitados segundo critérios já definidos.

A quarta crítica, de 25 de fevereiro de 1860, tratou apenas do Canto II e da caracterização da personagem Doida. Neste Canto, o autor do texto encontra "indesculpáveis descabidos, quanta imagem falsa, quanta frouxidão de estilo e incorreção de frase!" Busquemos a origem destas afirmações nos manuais de composição. Uma das qualidades da *invenção* é a verdade, que os objetos sejam reais ou verossímeis, nada falso ou exagerado. Ao descrever a Doida, o poeta usou uma diversidade de matérias que tornam falsa a composição do corpo. Ao querer representar a idéia de alvura, transparência e delicadeza, descreveu os braços de neve e os dedos de cristal. O estilo prosaico opõe-se ao poético, que usa uma linguagem viva e animada para exprimir conceitos belos. A incorreção são os vícios, a transgressão da sintaxe de concordância, regência ou construção. O autor do artigo estava se referindo à incorreção na construção da frase, quando argumenta que o

verso "E a mão, que alveja como os pés mimosa..." não esclarece se mãos e pés eram de neve ou de cristal, já que os braços eram de neve e os dedos de cristal. As mãos, aparentemente separadas do braço e dos dedos tanto pode ser de uma matéria quanto de outra, daí a incorreção.

Outro exemplo de incorreção de frase é a descrição da vestimenta da Doida. Neste caso há um problema de interpretação semântica e faz-se necessário citar aqui os versos do poema:

Longa túnica azul que a cor imita
De um céu todo bonança, trás vestida,
Na cintura uma fita ao corpo a une,
Cai-lhe do colo e pelo chão se arrasta.

A correção pertence ao domínio gramatical e não à retórica. A incorreção ocorre na confusão de entendimento. Não se sabe se é a túnica ou a fita que "cai-lhe do colo e pelo chão se arrasta". Já nos versos "Sandálias calça; sobre a simples veste/ De ofuscante candor lança uma capa"/ fica difícil saber se "ofuscante candor se refere à veste ou à capa." O autor continuou com exemplos de "expressão ambígua, de frases obscuras ou mal construídas" e de frases "viciosas", mostrando que o poeta compôs seu poema utilizando conceitos totalmente opostos aos prescritos pelas regras da composição literária. No poema encontram-se frases "viciosas e obscuras" quando o que deveria ser trabalhado pelo poeta seria a linguagem pura como forma de encontrar a beleza.

O crítico cobrou também neste Canto a verossimilhança. Acredita que é difícil imaginar que a Doida, mesmo sendo louca e crendo-se fada, pudesse confundir o som da harpa com a voz humana, a menos que ela não fosse uma criatura humana e neste caso seus atos não estariam "sujeitos às leis da verossimilhança humana".

Outros exemplos de falta de precisão e clareza, de ineficiência das idéias, de obscuridade foram lembrados pelo crítico que finaliza classificando o estilo do poema como "enfático, difuso, alambicado, incorreto", carregado de "vícios" e prosaísmo, ocasionado pela inadequação lingüística.

Na quinta crítica, de 03 de março de 1860, trata da *invenção* unida à *elocução*, posto que "para a expressão da beleza não basta que a linguagem seja pura, correta, clara e

harmoniosa. É indispensável a variedade recomendada na invenção."[85] Esta crítica se dedica ao terceiro Canto, em que foi feita a descrição da Peregrina. Ainda que pense que esse retrato era "o mais animado e brilhante", fez muitas censuras. Os termos "animado e brilhante" referem-se ao estilo poético, que deve ser vivo, animado e brilhante. No retrato da Peregrina o autor encontrou "comparações vagas, sutis e exageradas", "conceitos aéreos, vaporosos", expressões "extravagantes", figuras mal colocadas, verso "áspero e ingrato aos ouvidos", afetação e inverossimilhança. Portanto, na opinião do crítico e de acordo com seu critério de avaliação, faltava ao poema clareza, correção, pureza, harmonia, linguagem desafetada e mais tênue e verossimilhança, além da variedade, já que não há diferença entre as duas mulheres que são tão diferentes na essência e tão iguais na aparência.

A sexta crítica tratou do quarto e quinto Cantos. No primeiro, ele volta à questão da *invenção*, criticando o caráter do Trovador, achando-o por demais "humilde, suplicante e choroso". Acreditava que sua fraqueza poderia ser natural, mas não bela. A *invenção* pressupõe verdade e naturalidade, porém, a beleza, segundo a retórica, só é obtida por meio da pureza, correção e clareza, por isso o autor afirmou não haver beleza na descrição do caráter.

No meio de tantas censuras surgem dois elogios. Um ao episódio em que a Peregrina conta a sua história e os motivos de sua negativa. Na sua opinião é "um dos trechos mais bem pensados e melhor executados de todo o poema", porque ali não se encontram "enfáticas declamações, contínuas contorções de dor e estrebuchamentos de desespero do trovador", mesmo que ele contenha os "defeitos gerais de estilo do poema". O outro elogio se deve ao sonho da Peregrina. Nele o crítico consegue perceber mais "naturalidade", "alguma graça e vigor de inspiração". Porém, após o sonho voltam as digressões, a falta de concisão, nada acontece de "nobre, que enleve a imaginação", e este é o tom geral do poema, segundo ele.

Enfim, na última crítica, de 28 de março de 1860, tratou do sexto Canto de *A Nebulosa*. Mais uma vez a crítica se deu em relação à capacidade de *invenção* e ausência de verossimilhança nas ações do Trovador. Em todas elas "reina a ênfase, a difusão, o

[85] J. Simões Dias. *Teoria da Composição Literária*. 1901, 1ª edição 1890.

alambicamento de estilo e a incorreção da frase", " a linguagem é guindada, prolixa e enfática". Recriminando o Trovador, criticou o poeta quando disse:

> Não consultaste o teu coração, mas sim a tua fantasia, pervertida pelo Romantismo. Do sublime ao ridículo não há mais que um passo." (...) "Querendo elevar a exaltação do trovador ao mais alto grau do sublime, o Sr. Macedo o atirou de golpe nos abismos do ridículo".(...) "A imaginação não lhe acha encanto; a razão o condena e o bom gosto dele se arrepia.

Sua crítica à falta de verossimilhança se estende ao Romantismo, embora tome como exemplo novamente o *Ciúmes do Bardo,* de Castilho, como modelo de sucesso quanto à verossimilhança também no Romantismo.

Na peroração geral tentou provocar o *pathos* do leitor mostrando a verdadeira finalidade da crítica, que é censurar para prestar um serviço aos poetas, já que chama "ao campo de discussão o mérito de suas obras". Argumentou que depois de sua crítica *A Nebulosa* "será mais procurada e lida com mais atenção e cuidado", mas que espera uma réplica, já que o comentário elogioso por si só não incita nenhuma discussão, porém, a censura sim. Esclareceu que seu juízo foi justificado, como estabeleceu no *exórdio*, ao contrário da afirmação "um dos mais belos poemas dos tempos modernos" não desenvolvida nem justificada pelo crítico que a elaborou. Resta-nos pensar que Bernardo Guimarães discordou de tal forma da afirmação de seu colega de profissão que precisou de três anos para formular uma resposta com uma análise ampla e completa sobre o poema ou ainda que fez a crítica em 1857 e somente a publicou em 1860. Isto nos parece mais provável, caso contrário teria visto a longa análise de Justiniano José da Rocha, publicada no Jornal do Commercio em 23 de outubro de 1857, cinco dias após o elogio que causou tamanha repercussão.

Uma breve discussão acerca da nacionalidade da literatura brasileira

"Como em todos os países empenhados então na independência política, o Romantismo foi no Brasil um vigoroso esforço de afirmação nacional; tanto mais quando se tratava aqui, também, da construção de uma consciência literária".

Antonio Candido

Praticamente ao mesmo tempo em que Bernardo Guimarães lia *A Nebulosa* segundo preceitos retóricos em vigor a séculos, outros críticos a examinavam segundo critérios recém concebidos como forma de avaliação das composições literárias. Um crítico, comentando o poema *A Nebulosa* num artigo publicado no *Correio Mercantil*, em 19 de outubro de 1857, citou alguns versos do poema e depois, se dirigindo aos leitores, lançou uma discussão inimaginável para os antigos retores: a nacionalidade na literatura brasileira. Para tanto, recorta o crítico os seguintes versos:

Se ufana sobre o monte a natureza,
Vegetação hercúlea arrosta as nuvens,
D'aurífero diadema ipês coroados,
Quais da floresta reis; sapucaieiras
Em coifas cor do pejo a fronte erguendo

E em seguida colocou a questão: "Não te admiras a verdade da descrição e das comparações, a cor local, a versificação?" Com esses exemplos, o crítico parecia estar tentando provar a atualidade do poema e a sua inserção nos modelos do que se esperava ser uma poesia brasileira. Dezenove dias antes, em 30 de setembro de 1857, o crítico literário L.a., do *Diário do Rio de Janeiro* dizia exatamente o oposto:

> Os exigentes poderão censurar na *Nebulosa* a falta de atualidade. Mas isto quanto a mim é uma censura que toca o autor, mas que deixa o poema intacto. Na verdade a atualidade, em matéria de

> poesia, é quanto a mim ainda a escola de Byron e de Goethe, continuada por Musset, Henri Heine e Vítor Hugo.

Os dois críticos acima são exemplos da oposição que separava dois grupos de pensamento na época, mas que tinham um objetivo comum, a busca de uma literatura que fosse nacional e não uma cópia da portuguesa. De um lado, havia os que pensavam como o primeiro crítico, que para ser nacional, os poetas deveriam usar vocábulos que exprimissem a natureza brasileira, que descrevessem a paisagem como ela existia. Por outro lado, havia os que acreditavam que a poesia poderia ser nacional mesmo quando abusava do subjetivismo lírico, quando se tratava de uma poesia reflexiva, que analisava os pensamentos e sentimentos. Para o segundo grupo, o fato de o poeta usar palavras como "sapucaieiras", dizer que a vegetação é "hercúlea" ou dizer da paisagem que "se ufana sobre o monte a natureza" seria um reducionismo, seria tornar a literatura artificial. Macedo Soares[86], criticando essa forma com que os poetas tratavam a natureza, dizia que a poesia "não deve[ria] limitar-se à cópia da natureza, mas sim à sua interpretação, na vitalidade do espírito que a anima", e que os poetas "ao invés de se apoderarem das idéias, estudaram primeiro os vocábulos que deveriam exprimi-las(...). As obras desse período são meramente descritivas(...)Tudo exterior, tudo falso e descorado, sem a luz do sentimento que devia animar as paisagens, fazer falar a natureza". [87]

A defesa de uma produção literária centrada nas coisas do país já vinha esquentando os debates literários ao menos desde 1836, quando Gonçalves de Magalhães, amigo pessoal e companheiro de letras de Macedo, escreveu em seu "Discurso sobre a História da Literatura no Brasil" que

> Cada povo tem sua literatura própria, como cada homem seu caráter particular, cada árvore seu fruto específico; mas esta verdade incontestável para os primitivos povos, algumas modificações contudo experimenta entre aqueles cuja civilização apenas é um

[86] Macedo Soares. "Ensaios de Análise Literária"(1860). In: Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano. 10ª série, nº 5, agosto de 1860. Apud: Aderaldo Castello, *Textos que Interessam à História do Romantismo*.V.II, 1963.

[87] Macedo Soares. "Ensaios de Análise Literária"(1860). In: Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano. 10ª série, nº 5, agosto de 1860. Apud: Aderaldo Castello, *Textos que Interessam à História do Romantismo*.V.II, 1963, p.95-96.

> reflexo da civilização de outro povo. Então, como nas árvores enxertadas, vêem-se pender dos galhos de um mesmo tronco frutos de diversas espécies; e posto que não degenerem muito os que do enxerto brotaram, contudo algumas qualidades adquirem, dependentes da natureza do tronco que lhes dá o nutrimento, as quais os distinguem dos outros frutos da mesma espécie. Em tal caso marcham a par as duas literaturas, e distinguir-se pode a indígena da estrangeira.[88]

Muitos viram em *A Nebulosa* um fruto excessivamente enxertado, se não estrangeiro. O poema foi classificado, na maioria das vezes, não como de inspiração nacional, mas como a filha predileta de Byron. O crítico L.a., do *Diário do Rio de Janeiro*, assim se manifesta sobre essa questão:

> É certo que hoje essa escola dominante não é a pura escola Byroniana, mas um pouco modificada por Chateaubriand. Não se pode porém dizer que a Nebulosa pertence a essa escola, mas sim a escola fantástica alemã. *A Nebulosa* é um conto de Hoffman, um poema de lirismo germânico, mas não brasileiro.

De fato, a natureza que inspira o poema não é a brasileira e nem se pode dizer ao certo de que lugar se trata. É um não-lugar geográfico, inespecífico, cuja atmosfera nos remete às regiões descritas pelos "poetas dos lagos". Ainda assim, alguns críticos conseguiram encontrar cor local no poema, talvez como uma forma de colocá-lo em sintonia com o pensamento que dominava a literatura na época, ou seja, a necessidade de nacionalização das produções literárias. Ser nacional significava principalmente encontrar inspiração na natureza .

Em um comentário no *Correio Mercantil* de 06 de dezembro de 1857, o autor do texto informou que no espaço de um ano três poemas foram dedicados ao Imperador – "os *Tamoyos*, a *Nebulosa* e agora os *Tymbiras*." -, dos quais dois com temática nacional. Sobre *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias, ele dizia:

---

[88] Gonçalves de Magalhães. "Discurso sobre a História da Literatura no Brasil" (1836). In: Afrânio Coutinho. (org).*Caminhos do Pensamento Crítico*. Rio de Janeiro: Pallas, 1980, p.24-25.

> É um poema americano, bem nosso, exclusivamente nosso; é um episódio da história da raça indígena do Brasil idealizado pelo poeta, de suas desgraças, de suas guerras, de seu heroísmo. Está contado em magníficos versos que só podia inspirar a nossa natureza e esse sol fecundo que nos alumia.

Se o critério de excelência na época era tematizar a nossa natureza, como terão lido *A Nebulosa*?

Voltemos à origem desta questão, ao projeto romântico de nacionalizar a literatura, para depois encontrar o lugar de *A Nebulosa*, tão estrangeira numa época em que a natureza orgânica, a história da raça portuguesa, tanto dos tempos coloniais quanto da Independência, os costumes, o caráter, a vida íntima e a vida exterior do sertanejo, do escravo e do índio eram temas recorrentes.

Ironicamente foram dois estrangeiros os primeiros a chamar a atenção para o aproveitamento das características locais, Almeida Garrett e Ferdinand Denis.[89] Para eles, os brasileiros deveriam descrever sua natureza e seus costumes. Denis achava que o índio merecia ganhar destaque, pois era o habitante primitivo e mais autêntico. Amoroso Lima assim se manifestou sobre a influência de Ferdinand Denis na literatura brasileira:

> Ora , todos sabem a grande influência de Ferdinand Denis sobre os nossos primeiros românticos e se recordam de sua frase famosa, escrita em 1826, dez anos antes do livro de Magalhães: 'O Brasil já sente a necessidade de ir beber suas inspirações poéticas numa fonte que de fato lhe pertença'. (...) 'Ferdinand Denis foi o pai do nosso Romantismo.[90]

Joaquim Manuel de Macedo, em 1851, comentando o *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, de Ferdinand Denis, publicado em 1826, disse que "apenas roto o grilhão que nos prendia ao jugo da velha Lusitana, solto o grito de liberdade, [...] Mr. Ferdinand Denis patenteava à face da Europa

---

[89] GARRET, Almeida. *Bosquejo da História da Poesia e Lingua Portuguesa*. 1826. DENIS, Ferdinand. *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, 1826.

[90] Alceu Amoroso Lima. *Estudos*. 1930.Apud: Maria Helena Rouanet. *Eternamente em Berço Esplêndido*. 1991, p. 176.

essa literatura nascente".[91] Onze anos depois desse comentário, o cônego Fernandes Pinheiro ainda reiterava essa afirmação: "Quatro anos apenas contávamos de existência política, e já o Sr. Ferdinand Denis revelava à Europa a urgente necessidade de uma literatura brasileira".[92]

Sobre a influência de Garrett nos autores românticos, Antonio Candido acreditava que, quando Araújo Porto-Alegre, em viagem a Paris no ano de 1832, conhece Garrett, ele se sente muito tocado, o que demonstra ao amigo Gonçalves de Magalhães assim que retorna ao Brasil, no ano seguinte. 'Foi Garrett o primeiro poeta português que me fez amar a poesia, porque me mostrou a natureza pela face misteriosa do coração em todas as suas fases, em todas as suas sonoras modificações'.[93]

Em 1836, Gonçalves de Magalhães pronunciou-se, pela primeira vez, sobre a nacionalidade da literatura brasileira, no seu *Discurso sobre a História da Literatura no Brasil*. Lamentando a ausência de autores nacionais que tomassem como objeto a literatura, desdenhou do próprio Denis, afirmando que:

> Dos estrangeiros Bouterwech, Sismonde de Sismondi, e Mr. Ferdinand Denis alguma coisa disseram. O primeiro apenas conhecia Cláudio Manuel da Costa, de quem alguns extratos apresenta; o segundo inteiramente se pauta pelo primeiro.(...) No resumo da história literária de Portugal e do Brasil por Mr. Ferdinand Denis, posto que separadas estejam elas, e porventura mais extenso desenvolvimento ofereça a segunda, contudo basta um lance d'olhos para ver-se que ainda está longe de ser completa, servindo apenas para dar uma idéia a estrangeiros. Eis tudo o que sobre a literatura do Brasil se tem escrito até hoje.[94]

---

[91] Joaquim M. de Macedo. "Relatório". In: Revista do IHGB,vol.19,R.J., 1856, pp.92-152. Apud: Maria Helena Rouanet. *Eternamente em Berço Esplêndido*. 1991, p. 180.

[92] Fernandes Pinheiro. *Curso de Literatura Nacional*. (1862). Apud: Maria Helena Rouanet. *Eternamente em Berço Esplêndido*. 1991, p. 180.

[93] José Veríssimo. *Estudos de Literatura*. Apud: Antonio Candido. *Formação da Literatura Brasileira*. 3° vol.S/D.

[94] Gonçalves de Magalhães. "Discurso sobre a História da Literatura no Brasil". Apud: Afrânio Coutinho(org). *Caminhos do Pensamento Crítico*. 1980, p. 26.

Sobre a poesia que vinha sendo produzida no país, acreditava que era uma cópia dos modelos estrangeiros, ao invés de resultado da observação da "simples imagem que uma natureza virgem com tanta profusão lhes oferecia".[95] Mesmo em solo americano, a inspiração poética continuava sendo estrangeira e apenas adaptada, sendo ainda uma extensão da européia. Além da natureza orgânica, costumes, religião,língua, os anseios da alma brasileira eram deixados de lado em detrimento de uma "servil imitação".[96] "Convém, é certo, estudar os antigos e os modelos dos que se avantajaram nas diversas composições poéticas, mas não escravizar-se pela cega imitação."[97]

Somente em 1841, Joaquim Norberto de Souza e Silva se pronunciou a respeito da questão da nacionalidade da literatura. Não discorda nem avança nas idéias postuladas por Magalhães, acreditando mesmo que os poetas brasileiros eram meros continuadores da literatura européia.[98] Um ano depois, João Manuel Pereira da Silva classificou todos os poetas dos três séculos anteriores como meros imitadores da poesia portuguesa.

Santiago Nunes Ribeiro discordava dessa classificação. Para ele, havia uma tradição seguida por todas as literaturas e, além do mais, os autores não copiavam os portugueses, posto que bebiam na mesma fonte que eles.[99] Nesse sentido, dizia que

> No princípio do século XVII a literatura espanhola reinava na França, e reinava escoltada das modas, dos costumes, das usanças que a soberba Paris então recebia de Madri. (...) Posteriormente "o primeiro romancista francês, Lesage, imitou, ou quase traduziu o Gil Brás, o Diabo coxo, etc, de autores espanhóis. (...) A imitação da literatura espanhola foi cedendo o passo à da grega e da romana, que Racine e Boileau fizeram preponderar. (...) Voltaire importou para a França as ciências e a literatura inglesa, Shakespeare e Milton foram traduzidos e imitados. (...) O primeiro período da invasão romântica é todo devido a essa imitação.(...) A Inglaterra imitou em tempo de

[95] Gonçalves de Magalhães. *Discurso sobre a História da Literatura do Brasil* .Op. Cit. p. 32.

[96] Ao que parece, esta imitação continuou por um longo período. " Castro Alves, no poema "Um raio de luar", fala no " níveo seio" da escrava morena e constrói suas imagens à base exclusiva de brancuras convencionais: 'gelada como a garça', 'criancinha loura', 'pálida'... Num país riquíssimo de borboletas coloridas, todas são azuis".Fausto Cunha. O Romantismo no Brasil. 1971,p. 27.

[97] Idem, ibidem. P.38.

[98] Joaquim Norberto de Sousa e Silva. "Bosquejo Histórico da Poesia Brasileira" (1841). Apud: Regina Zilberman e Maria Eunice Moreira. *O Berço do Cânone*. 1998.

[99] Santiago Nunes Ribeiro. *Da Nacionalidade da Literatura Brasileira*. (1843). Apud. Afrânio Coutinho. (org). Caminhos do Pensamento Crítico. 1980.

> Shakespeare e de Milton a literatura italiana; mais tarde a francesa. (...) A Espanha, a Itália e Portugal exaustas de originalidade, se resignaram a viver de imitações[100].

Pouco tempo depois, em 1849, essa questão ainda provocava polêmica. Como já vimos, o Imperador chegou a colocar o problema em debate no IHGB: "O estudo e a imitação dos poetas românticos promovem ou impedem o desenvolvimento da poesia nacional?" Obviamente não estava se referindo aos primeiros poetas brasileiros aos quais Magalhães imputava a culpa de "meros imitadores". O debate referia-se sim aos poetas que continuavam imitando. A idéia do Imperador e do grupo do IHGB não era dizer se era correta ou não a imitação, que todos sabiam existir, mas consolidar um projeto romântico que há muito se almejava, que era a conformação de uma cultura nacional.[101]

O nacionalismo não depende do Romantismo, porém há na literatura romântica uma aspiração nacional definida a partir da Independência e precedendo o movimento romântico. Na verdade, o Romantismo brasileiro foi tributário do nacionalismo, que foi o espírito motor da literatura numa época do "despertar das nacionalidades". Nacionalismo significava:

> manifestação de vida, exaltação afetiva, tomada de consciência, afirmação do próprio contra o imposto. Daí a soberania do tema local." (...) Descrever costumes, paisagens, fatos, sentimentos carregados de sentido nacional, era libertar-se do jugo da literatura clássica, universal, comum a todos, preestabelecida, demasiado abstrata.[102]

A tendência de individuação nacional foi tão importante que os poetas da geração ultra-romântica não vão deixá-la de lado ao falar de sentimentos pessoais, de temas universais e de mostrar imagens de outras terras. É o caso de Álvares de Azevedo, representante da segunda geração romântica, "o menos pitoresco de todos o mais obcecado pelo seu drama íntimo e os modelos europeus".[103] Em *Macário*, o poeta cria uma personagem, um poeta muito pouco nacional, e coloca em discussão o projeto romântico,

---

[100] Santiago Nunes Ribeiro. *Da Nacionalidade da Literatura Brasileira.* (1843). Apud. Afrânio Coutinho. (org). Caminhos do Pensamento Crítico. 1980, p.55-56.
[101] Lilia Moritz Schwarcz. *As Barbas do Imperador.* 1998, p.127.
[102] Antonio Candido. *Formação da Literatura Brasileira.* 3º vol. S/D, p. 15.
[103] Idem, ibidem, p.15.

apresentando pontos de defesa e de criação do poeta de modo a apontar os dois lados do pensamento vigente na época. De um lado, critica a falta de consciência patriótica do autor, pela ausência de cor local; de outro, censura a artificialidade do indianismo, dizendo que

> tudo isso lhes veio à mente lendo as páginas de algum viajante que esqueceu-se talvez de contar que nos mangues e nas águas do Amazonas e do Orenoco há mais mosquitos e sezões do que inspiração: que na floresta há mais insetos repulsivos, répteis imundos, que a pele furta-cor do tigre não tem o perfume das flores- que tudo isto é sublime nos livros, mas é soberanamente desagradável na realidade.[104]

Os românticos tinham que encontrar seu lugar, considerando uma realidade local mal conhecida e a atração pelos modelos europeus:

> Ao lado do nacionalismo,há no Romantismo a miragem da Europa: o Norte brumoso, a Espanha, sobretudo a Itália, vestíbulo do Oriente byroniano. (...) Em Álvares de Azevedo, Castro Alves, outros menores, perpassam, em contraposição 'às belas filhas do país do Sul', as italianas, brancas e hieráticas, ou dementes de paixão, encarnando as necessidades de sonho e fuga, libertação e triunfo dos sentidos, transplantadas, como flores raras, das páginas de Byron para os jardins da imaginação tropical[105]

A Nebulosa se insere nessa vertente que mirava a Europa. A paisagem ossiânica, soturna, a descrição da natureza orgânica, a linguagem, a atmosfera nebulosa, fantasmagórica, as personagens brancas e pálidas como "neve" e "cristal", o dilaceramento interior ou personagens "dementes de paixão", como a Doida e o Trovador, tudo isso nos sugere um poema escrito na contramão do que vinha sendo publicado. Macedo optou por uma temática mais universal, de corrente marcadamente byroniana, na mesma linha de Álvares de Azevedo. Nem por isso o poema deixou de ser ovacionado pela crítica e pelos leitores em geral.

---

[104] Álvares de Azevedo. *Macário*. In: Antonio Candido. Op. cit. P. 15-16.
[105] Antonio Candido. *Formação da Literatura Brasileira*. 3º vol, s/d, p. 16.

Conforme comenta Macedo Soares, a poesia jamais deveria copiar a natureza tal qual ela existia, mas interpretá-la.[106] Machado de Assis acreditava ser errado " só reconhecer espírito nacional nas obras que tratam de assunto local (...). O que deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo *sentimento íntimo* que o torne homem de seu tempo e do seu país (...)" [107]

Machado estava inserindo-se em debate que já vinha de longa data e que originou, em 1860, a seguinte questão: "Qual o caráter da poesia moderna em geral e da poesia brasileira em especial?" Coube à "Comissão de Literatura do Ensaio Filosófico Paulistano" responder a essa difícil tarefa, chegando a seguinte conclusão:

> São dois gênios da poesia brasileira. Um solta o seu canto a perder-se por entre os aromas das flores do vale, a confundir-se com o murmúrio da brisa no ramalhar da floresta; é a virgem dos sonhos do poeta que através do sorriso angélico e travesso dos lábios desliza os maviosos sons de harpa misteriosa. É um quadro inteiramente belo que representa essencialmente a poesia brasileira. O outro é o gênio da poesia moderna. Também entre nós mais de uma inteligência tem compreendido o caráter do século XIX; mais de uma fronte sublime de poeta tem vergado sob o peso da descrença, e no entreabrir convulsivo de seus lábios descobre-se o bater violento de um coração quebrado pelos combates da dúvida A inteligência elevada e a imaginação ardente do brasileiro, revela-se aqui em toda a sua evidência; é o desespero da alma trazendo a melancolia do coração.[108]

O gênio da poesia brasileira seria o poeta que cantasse a natureza e o da poesia moderna o que a impregnasse com a "fértil imaginação" e com "todas as paixões do coração". Segundo a Comissão, Gonçalves Dias representaria a poesia brasileira e mais do que isso, seria o "poeta verdadeiramente brasileiro", enquanto Álvares de Azevedo, com seus devaneios melancólicos, seu desalento, sua busca pelo belo na poesia através da

---

[106] Macedo Soares. Ensaios de Análise Literária. Apud: Aderaldo Castelo. *Textos que interessam à história do Romantismo* . Vol. II, 1963, p. 96.

[107] Machado de Assis. " Instinto de Nacionalidade"(1873). In: Afrânio Coutinho. *Caminhos do Pensamento Crítico*. 1980.

[108] Antônio da Silva Prado. Macedo Soares. Salvador de Mendonça. "Ensaio Filosófico" (1860). In: Castello. Op. cit. 1863,p. 122.

imaginação criadora seria o bardo moderno. Macedo poeta se inspirou na mesma musa de Álvares de Azevedo, a imaginação, e *A Nebulosa* se inscreveria, portanto, na poesia moderna.

A natureza, no poema, é interpretada com os sentimentos da melancolia, é uma extensão do estado de espírito e do desalento do Trovador, daí a atmosfera soturna e nebulosa, daí os trovões e as tempestades, que são também da alma. Até mesmo quando percebemos o contraste entre o tormento do indivíduo e a placidez da natureza, ainda assim vemos a procura do homem pela cumplicidade com a natureza. Acreditava-se que essas paixões não encontram abrigo numa natureza tropical ensolarada e alegre, mas sim numa paisagem do Norte europeu, fria e coberta de brumas. Talvez por isso tantos críticos puderam comparar *A Nebulosa* com outros poemas semelhantes, todos estrangeiros. E talvez por isso, também, tão poucos críticos de detiveram, ao comentar *A Nebulosa*, sobre a questão da nacionalidade no poema.

O debate a respeito da literatura nacional, no momento da produção dessas críticas, estava acirrado, como vimos anteriormente. Por que os críticos não atribuíram esse problema ao poema de Macedo? Os poucos que enveredaram por esse assunto não colocam esse ponto como o mais importante na obra. O primeiro a fazer isso foi o crítico L.a., do *Diário do Rio de Janeiro*, que ainda não acreditava na existência de uma literatura que fosse brasileira, nacional, observando que o gosto ainda era pela literatura européia. Destacou, também, que o poema de Macedo pertencia a essa tradição estrangeira, não sendo, portanto, um produto nacional. Não que isso fosse negativo, posto que, pelo gosto da época, e dele também (ele diz "nosso gosto atual em literatura"), o interesse era pela escola byroniana, estrangeira:

> Ainda não temos uma literatura nossa; educamo-nos com a literatura européia, acompanhamo-la; enfim, o fato incontestável é que o nosso gosto atual em literatura é o da escola dominante na Europa. Nem podia ser de outro modo. É certo que hoje a escola dominante não é a pura escola Byroniana, mas um pouco modificada por Chateaubriand. Não se pode porém dizer que a Nebulosa pertence a essa escola, mas sim a escola fantástica alemã. A Nebulosa é um

> conto de Hoffman, um poema de lirismo germânico, mas não brasileiro.[109]

Quase um mês depois, Justiniano José da Rocha, mesmo dizendo que o poema era "todo ideal", que "suas personagens não tinham nome nem pátria", e que "a ação não se passava em lugar algum positivo e conhecido", sentiu necessidade de conferir cor local ao poema, argumentando que:

> basta porém ler as suas primeiras páginas, quando o poeta descreve o porto e o rochedo sobre o qual aparece o trovador para perceber que, Brasileiro antes de tudo, o poeta se inspirou com o nosso Rio de Janeiro, e quase que o descreveu. Assim também a ermida abandonada, o cemitério no mato, é uma inspiração da pátria, é um desses gritos da alma que lamenta o estado de ruína da maior parte de nossas casas de Deus".(...)"O poema do Sr. Dr. Macedo é nosso; é um dos títulos de nossa pátria; não há de ser ele o último que devamos ao seu gênio, e de certo o seu exemplo despertará outros e outros que o imitem. Ufane-mo-nos dele e prepare-mo-nos para igualmente de outros ufanar-nos.[110]

Aos olhos de hoje, pode parecer um absurdo o fato de alguns poucos críticos, como J.J. da Rocha, identificarem o Rio de Janeiro como cenário do poema *A Nebulosa*, descrito como um lugar cheio de brumas e nebuloso e não ensolarado e tropical conforme vemos o Rio de hoje. No entanto, se olharmos para a paisagem do Rio do Século XIX, em fotos, desenhos ou pinturas, poderemos vislumbrar as razões que o teriam levado a essa análise.

A tentativa, talvez, de localizar a natureza pátria no poema se deve ao pensamento geral da época, já mencionado, de que a literatura, para ser nacional, deveria descrever o país no que ela tinha de mais particular, ou seja, a natureza.

---

[109] *Diário do Rio de Janeiro*, 30 de setembro de 1857. Grifo nosso.

[110] *Jornal do Commercio*, 23 de outubro de 1857. Em destaque no jornal: "Literatura, Poesia Brasileira, A Nebulosa". Normalmente as críticas de poesia não eram destacadas desta forma, tendo o leitor de ler os folhetins, nos rodapés, para descobrir, no seu percurso, o assunto a ser comentado. Grifo nosso.

Lembremos que o poema *A Nebulosa* foi escrito, como já dissemos, no mesmo ano de outros dois com temática nacional: *Os Tamoios* e *Os Timbiras*. Um crítico, ao comentar *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias, assim se manifestou sobre ele:

> É um poema americano, bem nosso, exclusivamente nosso; é um episódio da história da raça indígena do Brasil idealizado pelo poeta, de suas desgraças, de suas guerras, de seu heroísmo. Está contado em magníficos versos que só podia inspirar a nossa natureza e esse sol fecundo que nos alumia.[111]

Com esses critérios em mente, como esse crítico teria lido *A Nebulosa*, que não tem cor local, pelo menos aparentemente? O crítico anônimo pronunciou-se apenas sobre o poema de Gonçalves Dias, não reservando nem ao menos um comentário ao poema de influência estrangeira.

Araújo Porto-Alegre, comentando *A Nebulosa*, teceu uma lista de comparações, vendo no poema "graciosas visões de Flaxmann, os sonhos eróticos de Girodet, e os nevoeiros animados de Gerard". Tudo o que cita é estrangeiro, mas achou um jeito de falar do sol americano : " Em cada personagem há um tipo de perfeição estética, em cada flor um cântico, em cada planta uma nova hamadriada, trajando, não a lunicopalio da Grécia, mas o sendal variegado dos filhos do sol americano"[112]. Estaria Porto-Alegre argumentando que o mérito do poema seria dado pela sua inserção na tradição literária européia, porém adaptado para terra brasileira?

O Cônego Fernandes Pinheiro também abordou esse aspecto, classificando o poema como inteiramente brasileiro sem, entretanto, dar exemplos, postulando que só um brasileiro poderia descrever a natureza tropical. Para tanto, citou alguns versos do poema onde há a descrição da Rocha Negra (como duas colunas de guerreiros) para, em seguida, citar mais um trecho do poema em que o Trovador vocifera contra a natureza, tão plácida enquanto todo o seu ser estava em desespero. Estranhamente, o crítico dizia que, ao citar tais versos, o que vinha à sua mente era a "vulcânica pena de Lord Byron". Ora, se somente ao

[111] *Correio Mercantil*, 6 de dezembro de 1857. Grifo nosso.

brasileiro era dado o poder de descrição da natureza pátria, pois só ele teria esse sentimento de compreensão da essência da terra, por que a forma de descrevê-la era comparada à de Byron?

> Ainda que não localizasse o Sr. Dr. Macedo a ação do seu poema é ele inteiramente brasileiro; porque só um brasileiro poderia destarte descrever os sublimes horrores da natureza tropical (...) Ao lermos a imprecação do Trovador contra a placidez da natureza que contrastava com a agitação que dentro de seu peito turbilhonava, vieram-nos à mente as páginas incandescentes que a vulcânica pena de Byron legou à posteridade.[113]

Mais enfático na afirmação do que Fernandes Pinheiro, posto que consegue defender mais claramente a sua idéia de brasilidade do poema, Ferdinand Wolf chegou a dizer que foi a cor patriótica uma das responsáveis pelo sucesso de *A Nebulosa*:

> As descrições não são menos dignas, notem-se particularmente as das regiões em que a ação se processa; o poeta toma aqui naturalmente por modelo a beleza selvagem da natureza pátria. É preciso levar à conta da imaginação dos países tropicais numerosos quadros cujo colorido é exagerado para o nosso gosto. P. exemplo a descrição da beleza da Peregrina). É precisamente esta cor patriótica, são estas, provas manifestas de um grande talento poético, do encanto de uma dicção florida e de uma versificação melodiosa que deram a "Nebulosa" sucesso tão enorme.[114]

Das cinqüenta e seis críticas localizadas sobre *A Nebulosa*, cinco delas fizeram uma leitura que passava por considerações sobre nacionalidade e natureza brasileira, afirmando

---

[112] *Correio Mercantil*, 17 de dezembro de 1857. Publicação de todo o discurso de Manuel de Araújo Porto-Alegre,proferido em 15 de dezembro de 1857, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Grifo nosso.

[113] PINHEIRO, Cônego Fernandes Pinheiro. *Curso de Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: Cátedra;Brasília: INL, Mec, 1878. 1ª edição 1862. Grifo nosso.

[114] Wolf, Ferdinand. *O Brasil Literário*. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1955. 1ª edição 1863. Prefácio 1862. Grifo nosso.

claramente que o poema era brasileiro, visto que tinha cor local. Chama atenção, também, o fato de que todos esses críticos que viram cor local no poema de Macedo, escreveram na década de 60. Ao que nos parece, tais críticos sentiram a necessidade de inserir o poema, mesmo que superficialmente, dentro do projeto de nacionalização da literatura que já vinha se desenvolvendo há algum tempo .

O poema foi lido e avaliado, numa mesma época, a partir de critérios de avaliação não inteiramente compatíveis. Além do recurso às regras que prescreviam a forma correta de composição e de avaliação, como a invenção, a elocução e a disposição, recorria-se também ao exame da relação entre a poesia e a realidade, fazendo da literatura peça importante na construção da nacionalidade.

A crítica em cursos e histórias literárias:

> "Crítica literária é o juízo imparcial e esclarecido das obras dos escritores antigos e modernos. Exige retidão de espírito, sentimento vivo e delicado das belezas e defeitos, grande honestidade e elevação de vistas, inteligência profunda da verdade, e erudição sólida e variada. Uma severidade exclusiva que reduzisse o belo a formas convencionadas, a condições externas e secundárias, não seria verdadeira crítica, a qual deve ser obra de talento e muitas vezes do gênio que julga com indulgência e não dá pábulo ao ciúme e à inveja. Dá-se vulgarmente o nome de crítica a um acervo de juízos mesquinhos em que o capricho e a malignidade profligam sem plano o lado mau das coisas e os ridículos do autor. Essa nunca foi a verdadeira crítica, que fazendo garbo de desinteresse, folga com os triunfos alheios, e jamais esquece da polidez e cavalheirismo tão necessários no trato das letras"
>
> (Cônego Fernandes Pinheiro, 1885.)

Até o século XVIII as belas-letras não tinham pátria, os compêndios e comentários eram escritos sobretudo em latim, tomando como modelos as composições clássicas e como parâmetros de avaliação regras de composição que vinham sendo elaboradas desde a

Antiguidade[115]. Literatura e nação são conceitos modernos que possibilitaram a preparação das histórias literárias de nações diferentes.

A literatura de língua portuguesa foi definida por um estrangeiro, Friedrich Bouterwek, que publicou, entre 1801-1819, uma história da poesia e eloqüência, abrangendo diferentes países europeus, entre eles Portugal. Seu objetivo era selecionar, dentre as obras escritas, as que pareciam superiores, hierarquizá-las e julgá-las. No entanto, havia a dificuldade de acesso às obras bibliográficas, problemas de localização de textos e de estudos críticos, fazendo com que a literatura produzida no Brasil estivesse praticamente ausente da obra.[116]

Vários outros europeus ocuparam-se da literatura produzida no Brasil[117], tardando até que um brasileiro tomasse a si a tarefa de apresentar a história da literatura nacional. O esforço de construção da nacionalidade passou não apenas pela busca da cor local, mas também pela valorização do passado colonial, que encorpou os estudos de história, etnologia e lingüística, corporificado particularmente na fundação do Instituto Histórico e Geográfico. Essa onda historicista envolveu os estudos literários e propiciou o nascimento da historiografia literária brasileira. Os estudos críticos de história literária no Brasil se realizariam, no quadro da história geral, política e social, concebida a literatura como um reflexo das atividades humanas gerais.[118]

Antonio Candido considerava compreensível o processo que antecedeu a constituição das primeiras histórias literárias. Antes do seu surgimento procede-se a um trabalho de recuperação e compilação de textos literários, reproduzidos nas antologias e coletâneas. A divulgação do nosso acervo literário por meio dessas antologias são, na verdade, as primeiras manifestações historiográficas, que não passavam de breves esboços da história da literatura brasileira, visando à sistematização da literatura nacional.

Pode-se dizer que a primeira história literária brasileira, na qual se apresenta um mecanismo crítico-literário de sistematização da produção literária, surge, bem ou mal, no

---

[115] Conferir: ABREU, Márcia. "Letras, Belas-Letras, Boas Letras". Op. cit, p. 11-67.

[116] Idem, ibidem.

[117] Dentre eles destacam-se A.M. Sané (Introduction sur la Littérature portugaise, avec dês notes historiques, ´géographiques et littéraires – 1808), S.de Sismondi (De la LittératureduMidi de l'Europe – 1813), A.Garrett (Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa – 1826) e F.Denis (Resume de l'histoire littéraire du Brésil – 1826). Cf. ABREU, Márcia. Op. cit.

início dos anos 60, com a publicação do *Curso Elementar de Literatura Nacional*, de Fernandes Pinheiro.[119]

É com a crítica de Fernandes Pinheiro sobre *A Nebulosa*, publicada no referido curso, que iniciaremos a análise das críticas sobre o poema em cursos e histórias literárias, justamente por ser ele o pioneiro, ainda no século XIX. Em seguida, tocaremos brevemente na crítica de Ferdinand Wolf, ainda no XIX, por ser uma extensa análise do poema, daí a necessidade de observar o porquê de ele dispensar tantas páginas ao estudo da obra e passaremos então à crítica de Antonio Candido como representante da crítica no XX, por ele ter resgatado o poema e por tê-lo considerado como "o melhor poema-romance do Romantismo brasileiro."

Servindo de apoio à cadeira de Retórica, Poética e Literatura Nacional ministrada pelo mesmo autor no Colégio Pedro II, tinha a intenção de auxiliar os alunos no estudo da literatura. Fernandes Pinheiro não considerava sua obra uma história literária, humildemente chamando-a de curso de literatura, porém não se tratava, nem um pouco, de um catálogo bio-bibliográfico que se detinha exclusivamente na compilação da produção escrita das mais diversas nações.

Partindo da concepção de história literária como organização cronológica de obras e autores, acompanhada da reprodução de excertos e juízos de valor sobre as mesmas, o Cônego dividiu sua obra em seis épocas subdivididas em gêneros literários, sendo a última relativa à "escola brasílico-romântica". O autor ordenou as obras literárias relativas a cada época em gêneros e espécies literárias: gênero lírico- espécie bucólica, lírica e elegíaca; gênero didático – espécie didática e epigramática; gênero épico; gênero dramático; romance; diálogos; epistolografia; biografia; historiografia e viagens. Embora o título se referisse à literatura nacional, sua cronologia se inicia em 1140, quatro séculos antes da descoberta do Brasil. O termo "nacional" também é controvertido, visto que Fernandes Pinheiro não acreditava na separação da produção literária brasileira e portuguesa pois, na sua opinião, a literatura do Brasil ainda estava em processo de constituição.

---

[118] Afrânio Coutinho. *Crítica e Poética*. 1968.

[119] PINHEIRO, Cônego Fernandes Pinheiro. *Curso de Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: Cátedra;Brasília: INL, Mec, 1878. 1ª edição 1862.

O destino de Fernandes Pinheiro, crítico de *A Nebulosa*, vai se cruzar com o da obra criticada. O poema, sucesso de crítica e de público na época de sua publicação, viu-se deixado de lado aos poucos até ser praticamente esquecido; o crítico, figura central da elite cultural brasileira em meados do XIX, foi relegado à margem da história da crítica brasileira.[120]

Embora as fronteiras entre a retórica e poética sejam tênues[121], Fernandes Pinheiro pensava a retórica como um "complexo das regras relativas a eloqüência" e a poética como "a arte (...)que nos dirige no uso da poesia".[122] Suas *Postilas de Retórica e Poética* são lições inspiradas no sistema classificatório dos manuais didáticos. Na segunda parte do livro, referente à poética, ele conceituou poesia como uma virtude inata, " a expressão do belo e do sublime por meio da palavra melodiosa"[123].

A seu ver, o papel da crítica literária era apontar os acertos na composição, visto que considera falta de "polidez e cavalheirismo no trato das letras"[124] divulgar os aspectos negativos da obra criticada. Considerava que a crítica deveria proceder de três formas: pela impressão, pela análise e pela confrontação da obra analisada com outra de natureza idêntica.

As manifestações da crítica oitocentista se dividiam nas vertentes retórico-poética e historicista. A primeira era produto da educação humanística clássica e a segunda, influência da filosofia romântica. No Brasil, a filosofia histórico-romântica caiu como uma luva, porque refletia o desejo do país de constituir-se como uma nação independente. O papel do crítico, nessa vertente, era destacar o conjunto de traços peculiares do país que mostrassem

---

[120] Sobre o processo de marginalização do Cônego Fernandes Pinheiro e a tentativa de resgate e reavaliação do autor, através de sua recepção crítica, percebendo os critérios que justificam o motivo do deslocamento da posição canônica para a de marginal, ver MELO, Carlos Augusto de. *Cônego Fernandes Pinheiro 1825-1876, um crítico literário pioneiro do Romantismo no Brasil. 2006*. Dissertação (mestrado). Departamento de teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2006.

[121] SOUZA, Roberto Acizelo de. *O Império da Eloqüência, Retórica e Poética no Brasil Oitocentista*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, p. 12.

[122] PINHEIRO, J. C. F. *Postilas de retórica e poética*: ditadas aos alunos do Imperial Colégio de Pedro II pelo respectivo professor Cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 3 ed. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1885.

[123] PINHEIRO, Op. cit.

[124] PINHEIRO. Op. cit. p.5.

o seu desligamento de Portugal. A crítica romântica consistia em definir e avaliar um escritor ou obra por meio do grau maior ou menor com que exprimia a terra e a sociedade brasileira.

Talvez por isso o Cônego Fernandes Pinheiro tenha dito na sua crítica sobre *A Nebulosa* que "a ação do seu poema é ele inteiramente brasileiro; porque só um brasileiro poderia destarte descrever os sublimes horrores da natureza tropical".[125] Mesmo não localizando a ação do poema no Brasil, Fernandes Pinheiro busca elementos de brasilidade no poema.

O mesmo acontece com Ferdinand Wolf. Depois de tentar enquadrar o poema na poesia lírica descritiva "apesar de suas partes épicas e dramáticas", chamou a atenção para as regiões onde a ação se processa

> o poeta toma aqui naturalmente por modelo a beleza selvagem e luxuriosa da natureza de sua pátria. È preciso levar à conta da imaginação dos países tropicais numerosos quadros cujo colorido é exagerado para o nosso gosto. É precisamente esta cor patriótica, são estas provas manifestas de um grande talento poético, do encanto de uma dicção florida e de uma versificação melodiosa que deram a "Nebulosa" sucesso tão enorme.[126]

Fernandes Pinheiro apresentou sua leitura do poema de Macedo como parte da Lição XLIII, que trata da Escola Romântica Brasileira. O autor assinala que, antes da época romântica, as influências provenientes da influência do clima e dos costumes não eram, a seu ver, suficientes para constituir uma literatura independente. Do seu ponto de vista, a independência literária foi posterior à política, primeiro a nação tornou-se livre para depois se livrar do jugo intelectual. Macedo é lembrado primeiramente como poeta, relegando-se o Macedo romancista e dramaturgo a um tratamento superficial, no final da crítica. *A Moreninha* é vista como "a mais popular de suas ficções", porque conseguiu "pintar os matizes da vida íntima sem que naufragasse no realismo". É interessante notar que o crítico dizia "o autor da Nebulosa é também notável romancista e conceituado dramaturgo", numa

---

[125] PINHEIRO,J.C.F. *Curso de Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, MEC, 1878. 1ª edição, 1862.

[126] - Ferdinand Wolf. *O Brasil Literário*. 1863.

posição inversa do que vemos nas histórias literárias ao longo do XX que, quando lembram do Macedo poeta, dizem "é também poeta, autor de *A Nebulosa*".

Pinheiro inicia a análise do poema partindo de seu conceito de que o crítico jamais deve apontar os erros e sim os acertos, como convém a um "cavalheiro das letras", como dizia. No seu caso, a tarefa de apontar defeitos seria ainda mais delicada tendo em vista que o cônego e o escritor, além de amigos, publicavam nos mesmos periódicos, como era o caso o *Guanabara,* para ficar num só exemplo. Talvez por isso,Joaquim Manuel de Macedo seja chamado de "espirituoso colega".

O poema foi classificado como "cheio de vida, de brilhante colorido e de melódica versificação", termos esses colhidos da retórica, que previa, dento da elocução, o estilo poético, que usava uma linguagem viva e animada. No gênero em verso, a versificação deveria ser "rítmica e melódica". O gênero é classificado como composição fantástica, comparada aos poemas orientais pelos "arabescos da imaginação". É preciso atentar para o significado da palavra "imaginação" para o romântico. O poeta é um ser de imaginação, um gênio, que exemplificaria a máxima: "o orador se cria, o poeta nasce".

O poema era tido como "belo", em contraposição ao "positivismo" realista que, ao retratar a realidade sairia do terreno da verossimilhança e entraria no terreno da imitação.

A análise do poema esboçada por Fernandes Pinheiro tomou como ponto relevante, como já foi dito, a questão da nacionalidade. Na Lição XXXI, ao falar dos precursores do Romantismo, Pinheiro lamentou a raríssima referência nacional na poesia lírica de Souza Caldas e utiliza, pela primeira vez, a expressão "cor local": "o único lugar das poesias de Caldas em que se reflete o céu brasileiro, em que vigorosamente se vê a cor local"[127].

Não obstante, comparou *A Nebulosa* com Byron, Castilho e Sanzio, valendo-se das três partes em que ele supunha que o discurso crítico devesse se apoiar, quais sejam a impressão (um poema cheio de vida, de brilhante colorido e de melódica versificação), a análise (gênero, belo, confronto – positivismo – nacionalidade e categorias grotesco e sublime) e, por fim, a comparação com modelos consagrados (Byron, Sanzio e Castilho).

[127] Idem. Ibidem. p. 302.

Encerra a análise do poema dizendo que "Veda-nos o nosso plano de prosseguir no inventário das belezas deste inimitável poema, que, como a estrela d'alva, fulgura no céu das brasílias letras".[128]

Outro autor a enquadrar Joaquim Manuel de Macedo no rol dos poetas, apesar de já ter conseguido a fama de romancista, foi Ferdinand Wolf, no seu *O Brasil Literário*[129]. Macedo foi considerado por ele "um dos principais poetas contemporâneos do Brasil". Quanto a isso, faz uma ressalva, argumentando que sabia que a reputação de Macedo era fundada sobre romances e dramas, mas, por considerar as suas produções líricas "notáveis", foi induzido a citá-lo entre os poetas.

Ferdinand Wolf, austríaco, se dedicou a apresentar a literatura do Brasil na Europa. Na sua dedicatória a D. Pedro, observou que o Imperador a aceitou porque "não teve em vista senão o meu desejo de fazer apreciar na Europa a bela literatura do Brasil. Uma obra que apareça sob a augusta égide de Vossa Majestade não deixará de atrair a atenção de todo o mundo civilizado".

Sua estratégia de análise passou pela apresentação de um perfil biográfico do autor, em dois parágrafos a que se seguem 23 páginas de comentários, tratando apenas da poesia. Apresentou o poema fazendo uma leitura geral, de impressão, nos moldes de Fernandes Pinheiro, mas já indicando a dificuldade de estabelecer o gênero no qual o poema se insere. Nas suas palavras: "um poema que produziu grande sensação; apesar de suas partes épicas e dramáticas, é preciso enquadrá-lo na poesia lírica, descritiva". Parte então o crítico para a estruturação do poema, ou seja, para as partes que o compõe e a classificação dos versos em endecassílabos brancos. A partir daí fez um longo resumo do poema, com o qual ocupa 16 páginas. É possível que a decisão de fazer um tão extenso resumo se deva à dificuldade de colocar o poema em circulação na Europa, visto que sua história literária tinha como intenção divulgar a literatura brasileira no estrangeiro. Na ausência do texto, preferiu mostrar um resumo ao invés de apresentar excertos, acompanhado de biografia e comentário, como era comum.

---

[128] PINHEIRO, J.C.F. Op cit., p. 516.

[129] WOLF, Ferdinand. *O Brasil Literário. (história da literatura brasileira)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1863, p. 267-289. Prefácio de 1862.

Iniciando seu comentário pelo assunto, lembra-nos a análise retórica, cuja primeira parte se refere à invenção, o assunto escolhido pelo poeta. Concluído o resumo, voltou ao tema do primeiro parágrafo, em que esboça sua tese sobre o gênero do poema, ou seja, classificado por ele como lírica descritiva. Segundo Wolf, somente dessa perspectiva se poderia apreciá-lo convenientemente e só assim compreender o sucesso que fez na época. Essa hipótese mostra um caminho para compreensão do sucesso obtido pelo poema em 1857. A apreciação do público era produzida pelo assunto ou pela forma do poema? O crítico aponta a segunda opção.

Segundo a análise do crítico, "nem o assunto nem a maneira pela qual é tratado são épicas"[130], embora ele concorde que podemos encontrar algumas partes épicas, pelo fato de aparecerem apenas quatro personagens e a ação não mudar muito. Seria, portanto, melhor enquadrá-lo na balada ou novela.

A forma, de acordo com ele, é o drama, visto que o poema compõe-se quase todo de diálogos intercalados por narrativas, reservando um espaço maior para as descrições de cenas da natureza e as reflexões do poeta. Sobre isso, afirmou, em nota:

> Vê-se aqui o poeta arrastado para a forma que agradava entre todas a seu talento dramático. Podemos mesmo dizer que com alguns cortes e um certo número de mudanças pouco importantes poder-se-ia ter feito da Nebulosa um drama lírico muito bom e digno de emular com *Norma*.[131]

Percebe-se aqui as censuras do crítico ao poema. O número de personagens e a sua extensão foram os problemas colocados também por Bernardo Guimarães.

O tom e os caracteres do poema, no entanto, foram considerados por Wolf como essencialmente líricos, são "a afeição da alma dada, de um sentimento dominante", aproximando-se da prosopopéia. A respeito dessa figura, analisa o Trovador, personagem, como a personificação do amor desprezado, apontando o efeito da paixão produzido sobre o homem. Wolf observou o mesmo sentimento na alma feminina e encontra contrastes. No

[130] Op. cit. P. 287.
[131] Op. cit. P. 287.

Trovador ela se manifesta de forma egoísta e excitada pelo orgulho ferido, na Doida ela se traduz em resignação e devoção que chegam à loucura. O crítico chega a apontar esse contraste como traço dominante do poema.

O título do poema mereceu do crítico muitas linhas e o seu parecer é quase idêntico ao de Bernardo Guimarães ao tratar do assunto. A censura é a mesma, porém Guimarães foi mais agressivo no apontamento dos erros. O título, dizia Bernardo Guimarães, era uma mentira que fazia pensar num gênero do qual ele não pertencia. Ferdinand Wolf concordou, acreditando que *A Nebulosa* é apenas um pano de fundo para o poema, pois não influencia os caracteres e o desenvolvimento da ação. Chegou mesmo a dizer que o assunto e os caracteres ganhariam muito se o poeta os tivesse afastado desse "aparelho fantástico".

Ao falar da *Nebulosa*, a fada, entra no terreno da cor local, colocando o poema na tradição da poesia com características do Norte europeu e, portanto, não brasileiro. As fadas que aparecem no poema são desprezadas por Deus e marcadas pelo sinal de opróbrio, são fadas vingando o amor desprezado e recompensando-o com uma vida futura cheia de alegrias. Porém "são seres heterogêneos, diz o autor, desconhecidos para a verdadeira poesia popular, que distingue com muito mais exatidão as fadas boas e as más". Sabemos que a poesia romântica buscou seu material na poesia popular, nas fábulas, nas histórias contadas, mas, se Macedo buscou seu assunto na poesia popular, não foi na brasileira, como apontou Wolf , visto serem essas fadas retratadas no poema como pertencentes a tradições populares estrangeiras. O crítico acreditou que esse colorido misterioso e terrível do quadro fosse influência do "falso Romantismo que os franceses puseram na moda, e que vê o seu verdadeiro elemento no horrível, no fantástico e no misterioso." O sublime e o grotesco foram elementos do poema percebidos pelo crítico, que os considerou graciosos e sentimentais. Provavelmente colocava o poema dentro da tradição da "Poesia Ingênua e Sentimental".

O ponto forte do poema, de acordo com o crítico, era "o elemento lírico, a pintura dos afetos da alma", comungando com a teoria romântica que dizia que "o estilo é a expressão natural dos sentimentos e da natureza individual do autor", tido como gênio. Contudo, esse mesmo ponto forte tem o seu lado fraco, na medida em que os sentimentos são sempre os mesmos, aumentados à exaustão.

As descrições não são poupadas por Wolf. Ele chamou atenção para as regiões em que se passam as ações, cujo modelo, acredita, é "a beleza selvagem e luxuriosa da natureza de sua pátria", levando em consideração, ao dizer isso, o fato de os países tropicais exagerarem no colorido das descrições por conta de sua imaginação. Estaria o crítico percebendo a cor local no poema? A descrição seria vista não como cópia do real, mas como transformação criada pela imaginação do poeta. Como exemplo cita a descrição da beleza da Peregrina, na sua beleza artificial, etérea e inverossímel. Bernardo Guimarães já havia chamado atenção para o retrato dessa personagem, aconselhando o poeta a pintar a tez da Peregrina num matiz um pouco mais escuro, no entanto é a descrição da Doida que ele mais censura, pela falta de integração entre os elementos que compõem a matéria. É interessante notar que o retrato da Peregrina foi citado como exemplar pela revista *A Marmota*, chegando a afirmar, em didascália, que o autor do poema quis fazer "o retrato de uma bela mulher, tanto quanto fosse possível imaginar-se"[132]

Ferdinand Wolf encerrou sua análise dizendo que, pela cor patriótica (nas descrições), pelo talento poético (gênio individual do autor), pela dicção florida (elocução, linguagem, figuras) e pela versificação melodiosa (ritmo), *A Nebulosa* obteve tanto sucesso. Lembremos que o Cônego Fernandes Pinheiro também apontou a versificação melodiosa como uma característica importante da composição poética. A dicção florida é um item estudado pela retórica, cuja linguagem florida significa "com muitos ornatos, apresentando os pensamentos sob vários aspectos".

[132] *A Marmota*, 27 de janeiro de 1858, número 981, p. 3.

Antonio Candido: um esteta na porta de um mundo romântico

Dos críticos que se debruçaram sobre *A Nebulosa* em cursos e histórias literárias, com exceção do Cônego Fernandes Pinheiro, de Ferdinand Wolf e de Antonio Candido, todos os outros se resignaram a dispensar poucas linhas ao poema.[133]

O item dedicado a Joaquim Manuel de Macedo está incluído entre os autores chamados por Candido de *Menores*, ao lado de Francisco Otaviano e Cardoso de Menezes. Ao contrário de outras histórias literárias, não faz o perfil bio-bibliográfico do autor, mas o classificou como "reverente cultor da treva, do desvario, em contraste com os traços dominantes da sua ficção em prosa." O autor não é visto cronologicamente na história da literatura e sim poeticamente, considerado como contemporâneo dos primeiros ultra-românticos, apesar da convivência de geração e amizade com Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães. Aliás, Candido observou a influência gonçalvina em Macedo, mas sem dizer exatamente onde ela se encontrava.

Analisando as poesias de Macedo desde 1844, considerou o poeta "dengoso e pelintra como os últimos árcades", encontrando em *A Nebulosa* a sua melhor contribuição, tanto que as poesias da década de 50 sofrem uma mudança devido à publicação dos Cantos I e II na *Guanabara*.

O poema, então, foi classificado como "o melhor poema-romance do Romantismo, não excluindo os de Álvares de Azevedo", devido ao "fato que representa para a história literária" pelas "qualidades de invenção, manipulação dos temas, beleza do verso em certos momentos". Após um breve resumo, desenvolveu as afirmações acima. O crítico disse que, "aos olhos de hoje" – e ele se referia a 1957 - o poema pode soar ridículo, mas precisamos olhá-lo dentro das convenções do tempo. Se assim o fizermos, encontraremos uma "poesia fantasmal" que deveria agradar ao público da época, não só pelo tema, mas pelos versos prolixos e fáceis.

Influências byronianas são observadas no Trovador sobre o penhasco. Um estudo simbólico da cor da roupa, toda negra, e da sua capa, toda vermelha, como alegoria, faz pensar num tema caro ao Romantismo: o desespero como ideal de poesia.

[133] Ver, em anexo, a transcrição dos textos que comentam o poema.

Candido fez uma análise das personagens que é inédita. Ele opôs as personagens masculina e feminina, associando a primeira a imagens sólidas e a segunda a imagens translúcidas. O concreto e o inefável. O Trovador é relacionado a troncos, lápides e pedras; a Doida é vestida de gazes, vem do mar, é misteriosa e ambígua na sua natureza de mulher-fada. Em contraposição ao Trovador, todo negro, sua pele é de uma brancura diáfana. Esta personagem oscila entre a solidez da terra e a fluidez do mar. Tal personagem lembra ao crítico uma outra personagem de contos germânicos, a Ondina inefável, espécie de fada, como a Doida.

Entre a fluidez da Doida e a solidez do Trovador se interpõe a carnal e imaterial Peregrina, pela qual o poeta morre, à luz da lua. A lua é lida como a brancura que clareia a brancura do mundo, e encontra na Doida o correlativo terrestre. Esta análise de interpretação dos signos, de leitura das alegorias, ainda não havia sido feita, pelo menos em relação ao poema de Macedo.

No penhasco, chamado de Rocha Negra, o Trovador faz seu canto de adeus. O crítico vê, nesse discurso, os conceitos fundamentais do Romantismo: a beleza da morte, o seu caráter de fatalidade na vocação artística, libertando o poeta da incompreensão do mundo. É esse canto de adeus que Candido vai comparar com *Amore e Morte*, de Leopardi. Na opinião do crítico, esse canto fúnebre resulta num dos mais belos do Romantismo brasileiro, devido a impregnação de Leopardi. Por todo o poema, observou o crítico, há uma comunicabilidade entre os elementos e os seres, a vida e a morte, a dor e a paixão. É nesse ponto que se dá a magia do poema, a seu ver, e não pela presença da *Nebulosa*. O suicídio do Trovador abraçado à Doida, a mulher que não ama, sugere um noivado além da vida, numa existência mais bela e essencial, tema caro ao Romantismo.

Antonio Candido finalizou sua crítica argumentando que os exemplos dados mostram que "*A Nebulosa* abre as portas de um mundo romântico, onde poucos se moveram tão bem". Desta forma, tentou provar o que havia dito no início da análise, que o poema é importante como fato, para a história literária, porque nada contra a corrente não só de sua geração, mas também de seu estilo. A qualidade de criação, de manipulação dos temas e a beleza dos versos foram explicitados e exemplificados com trechos do poema. A censura foi feita somente em relação a prolixidade, "o que não invalida o poema", segundo o

autor. É interessante notar que o crítico, no final de sua análise, é envolvido pelo clima romântico do poema : "cuja leitura ainda hoje nos traz um hálito de fantasmagoria, sempre bem-vindo aos que são capazes de apreciar os vínculos entre a alma romântica e o sonho, - a noite do sonho literário, onde as estrelas são as imagens dos poetas".[134]

[134] Op. cit, p. 101.

À guisa de conclusão

Os autores que se dedicaram a comentar *A Nebulosa* em livros, tanto no século XIX quanto no XX, foram pessoas de prestígio no meio intelectual e acadêmico. Todos se dedicaram a estudar e divulgar a história da literatura, uns de forma diacrônica, outros de forma sincrônica até a época em que publicaram suas histórias. Assim, uns vão completando, revisando ou mesmo copiando outros, e assim vai se escrevendo a história da literatura.

O *Curso* de Fernandes Pinheiro abarcava um público maior que o do século XX, porque se destinava ao ensino, aos intelectuais e à mocidade em geral. Seu curso foi considerado pioneiro das histórias literárias. Fernandes Pinheiro, como precursor, começou sua carreira de crítico já consagrado, isto é, ao escrever seu curso para auxiliar seus alunos, publica-o como professor do Colégio Pedro II, o que não era pouco. Conhecido no meio intelectual e social, agraciado com o título de visconde, religioso numa época em que a igreja ainda era uma instância privilegiada de poder, membro do IHGB, tudo isso lhe dava respaldo e valorizava a figura do crítico literário.

Podemos reunir os críticos de *A Nebulosa* em dois grupos: os que se debruçaram sobre o poema por considerá-lo importante para a história da literatura enquanto fato estético, e os que o citaram como fato da historiografia literária. No primeiro grupo, bem menor, se encontram, por ordem cronológica de citação, o Cônego Fernandes Pinheiro, Ferdinand Wolf e Antonio Candido, já comentados acima.

No segundo grupo, encontram-se vários críticos que dispensaram apenas poucas linhas ao poema. Não que a quantidade demonstre mais ou menos apreço pela obra, porém as poucas linhas dão um caráter de nota e não de análise. Nesse segundo grupo destacam-se, por fazerem, além do trabalho de historiador da literatura, o de jornalista e pesquisador interessado nas fontes, buscando, aqui e ali, mais informações que possibilitem o entendimento total do texto: Basílio de Magalhães e Galante de Souza.

Os críticos que escreveram em periódicos não são os mesmos que escreveram em cursos e histórias literárias, assim como os críticos do XIX, do início e meados do XX, também não são. Os autores de periódicos sequer assinavam seus textos, enquanto os de cursos e histórias do XIX além de assinarem, destinavam suas obras à formação essencial da

mocidade, sendo adotados em escolas e lidos pela intelectualidade. Da mesma forma que o escritor foi sendo valorizado e ganhou distinção ao longo dos tempos, assim se deu com os historiadores da literatura, que deixaram de ser organizadores de compêndios e foram promovidos à condição de autores de prestígio.

O repertório de leitura dos críticos que escrevem em cursos e histórias literárias não varia só porque mudaram de suporte em relação às produções críticas em periódicos, mas sim em relação ao tempo. Os críticos das histórias literárias do XIX continuam citando os mesmos autores e obras que seus colegas dos jornais na mesma época. A entrada no século XX faz com que os críticos leiam e citem mais autores brasileiros do que estrangeiros.

Em ordem cronológica de citação de autores e obras, do século XIX ao XX, encontramos Byron, Sanzio, Castilho, W. Scott, Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto-Alegre, *O Cego*, *Cobé*, Máxime du Camp, *Ahsverus*, Edgar Quinet, *Colombo*, *A Confederação dos Tamoios*, Gonçalves Dias, Junqueira Freire, *Inspirações do Claustro*, *Ondina*, La Motte-Fouqué, Raimundo Corrêa, Leopardi, *Amore e Morte*, Ferdinand Wolf, *O Brasil Literário*, Bernardo Guimarães, *Os Timbiras*, *Harpas Selvagens*, *A voz do Pajé*, *O fantasma Branco*, *O Primo da Califórnia*, *O sacrifício de Isaac*, *Luxo e Vaidade*, *A Escrava Isaura*, *As Flores do Mal*, *Inocência*, *A Moreninha*, *Tristão e Isolda*, Lancelote e Genoveva, Romeu e Julieta, Paulo e Virgínia.

O número de citações vai diminuindo quanto mais nos aproximamos da atualidade. No XIX, a citação e comparação de autores e obras consagradas – principalmente estrangeiras -, era um método de valorização do poema e do poeta. No século XX, as citações demonstram erudição do citador que, ao citar uma obra ou autor, passa uma idéia de conhecimento e superioridade intelectual.

Contrariamente ao que se fazia na crítica em jornais, em que grassava o panegírico, em que muitas vezes se fazia o elogio do autor e não da obra, em que se fazia um resumo ou dava-se apenas uma nota sobre a obra, a abordagem do poema nos cursos e histórias literárias não pode ser reduzido a umas poucas características. Isso porque os estudos sobre *A Nebulosa* em livros avançam por mais de um século, o que faz com que a maneira com que o crítico lê sofra variações conforme a modificação dos pontos de vista teóricos e da própria maneira de ver a obra literária.

As transformações também ocorrem com o tipo de leitor que lia as críticas em periódicos e os que passam a ler as histórias literárias. O leitor das críticas de jornal era aquele que lia os folhetins. Além dos escritores, obviamente, os leitores de folhetins eram os estudantes e as mulheres, daí o direcionamento, a forma de tratamento, o fato de se endereçar o texto a uma leitora e não leitor. Já o leitor dos cursos e histórias literárias não se dividem em gêneros e sim em especialidades. Tanto pode ser o estudante, o literato ou crítico, os acadêmicos ou intelectuais.

Hoje poucos duvidam da nacionalidade da literatura produzida no Brasil, assim como poucas serão as pessoas com alguma escolarização que desconhecerão o nome de Joaquim Manuel de Macedo. Entretanto, o nome de Macedo passou à posteridade como autor de romances e não de poesias. Os críticos do século XIX e começo do XX possivelmente ficariam pasmos ao tomar conhecimento dessa trajetória do esquecimento.

Parte II

Edição Crítica

A Nebulosa, transcrição diplomática com notas

A

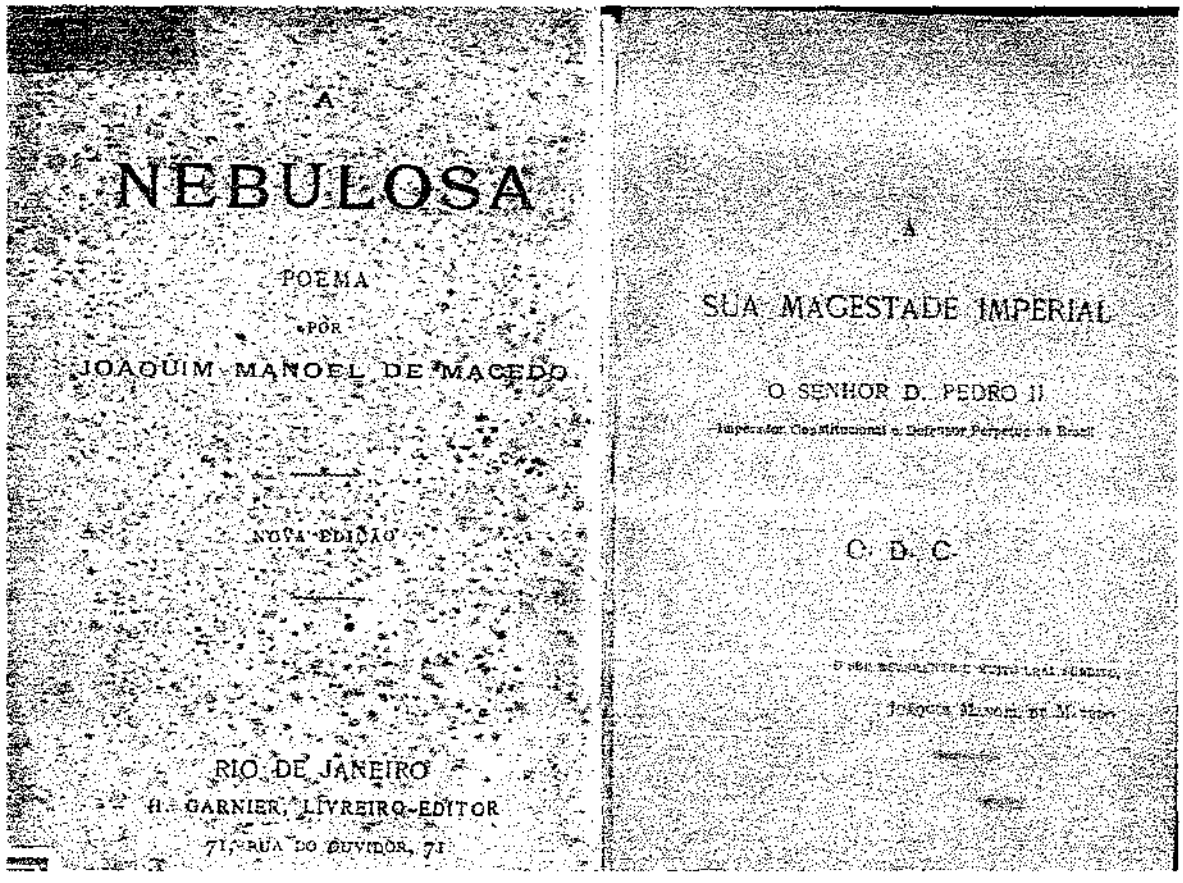
NEBULOSA

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA IMP. E CONST. DE J. VILLENEUVE E C.
Rua do Ouvidor n. 65.
—
1857.

Fac-símile da 1ª edição, pela tipografia Villeneuve, 1857.



A

NEBULOSA

POEMA

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

NOVA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71

A

SUA MAGESTADE IMPERIAL

O SENHOR D. PEDRO II

Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil

C. D. C.

2ª edição *d'A Nebulosa*, sem data, publicada pela Garnier. A transcrição do poema, a seguir, foi feita a partir desta edição.

A

NEBULOSA

POEMA

por

Joaquim Manoel de Macedo

À

SUA MAJESTADE IMPERIAL

O SENHOR D. PEDRO II

Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil

O. D. C.

O SEU REVERENTE E MUITO LEAL SÚDITO

Joaquim Manoel de Macedo

A NEBULOSA

CANTO I

A ROCHA NEGRA

1. Como duas colunas de guerreiros[135]
2. Gigantes feros[136], que avançando irados
3. Param ambas a um tempo antes da luta,
4. Deixando ao turvo olhar espaço breve;
5. Duas filas de rochas escarpadas
6. Tinham, rasgando o pélago[137] raivoso,
7. Frente a frente estacado; inabaláveis
8. Os pés ficavam no profundo abismo,
9. E em suas frontes remoinhavam[138] nuvens;
10. Quais de vingança tenebrosos planos.

II

11. Curta passagem concedida às águas
12. Entre os pétreos[139] colossos se estreitava;[140]
13. Fora rugia o mar, e além das rochas
14. Mansa e bela enseada se escondia;[141]
15. Pela estreita garganta se escoavam
16. Para o seio abrigado ondas serenas
17. Do oceano traidor fugindo a medo,
18. Como piedosas inspiradas virgens,
19. Que no mundo escapando, o claustro asila.

III

20. Dentro estava a enseada; em frente as rochas
21. Como atalaias[142] de mansão vedada;[143]
22. Níveas praias, que as ondas galanteiam,
23. Os flancos lhe engraçavam; densos bosques,
24. Florestas seculares, altos montes,
25. A campinas ridentes sucedendo,

---

[135] Os versos das edições em volume não sofreram variações; porém, os versos publicados na revista *Guanabara* (Canto I e Canto II), quando foram publicados em volume sofreram algumas mudanças, às vezes do verso inteiro, outras vezes de apenas parte dele e, outras vezes ainda, alguns versos são inseridos. Optamos por indicar em nota, com a letra G de *Guanabara*, todas as mudanças ocorridas com os versos do poema.

[136] *Feros*: de grande tamanho; extraordinário, que inspira terror; destemido, arrojado, caracterizado pela extrema força; violento, impetuoso, que tem instinto de fera; bravio, selvagem.

[137] *Pélago*: abismo oceânico; região marítima afastada do litoral; alto-mar.

[138] *Remoinhavam*: do verbo intransitivo *remoinhar*, que significa: giro rápido no ar; torvelinho; movimento rápido e espiralado, de pequeno diâmetro; dar voltas, girar.

[139] Pétreo: de pedra; petroso.

[140] *Guanabara*: Entre as moles graníticas ficava;

[141] G: Quieta e bela enseada s'escondia;

[142] *Atalaias*: torres ou postos de vigia; sentinelas.

[143] G:Como eunucos velando ante um serralho;

26. Por encantada terra se entranhavam.
27. No sítio infiltra a solidão magias;[144]
28. Breves passos do mar via-se apenas
29. De um pescador cabana preguiçosa.

IV

30. E ali por entre as ondas se desdobra,
31. Qual um Tritão[145] que debruçado aferra,
32. Meio na água submerso e todo em sono,
33. Longo espinhaço de troncuda rocha.
34. Para no meio de outros que o semelham[146]
35. Peças mil que ou de essência são vizinhas,[147]
36. Ou já penhasco enorme um só formaram,
37. Que o tempo em cem penhascos dividira;
38. Mais alto do que os outros, sobranceiro
39. Ao pego[148], que raivoso aos pés lhe atira[149]
40. Ondas bravas de cólera espumando,[150]
41. Um rochedo elevado, áspero e negro,
42. Velho pai da família de granito,
43. Audaz, se arroja à frente, o vulto eleva
44. Sobre o mar que a rugir lhe açoita as plantas,
45. Enquanto afogam-lhe o cabeço[151] as nuvens.
46. Horrível tradição mancha-lhe a história;
47. Dos vivos nenhum viu, avós não verão,
48. Quando foi ninguém sabe, e todos crêem.
49. Dizem que ali na turva penha[152] imensa[153]
50. Em velhas eras se acoutava[154] insana
51. Mulher sabida em mágicas tremendas,
52. Que ensinam maus espíritos, formosa,
53. Inda aos cem anos moça como aos vinte,
54. Vê-la um momento era adorá-la sempre;[155]
55. E amá-la eterno perdimento da alma.

---

[144] G: Redobra a solidão do sítio o enlevo;
[145] *Tritão*: na Antigüidade clássica, deus marinho que habitava o fundo do mar e que era filho de Posêidon e Anfitrite.
[146] G: Pára no meio de outros mais como ele.
[147] G: Peças mil que ou d'essência são propínquas,
[148] *Pego*: pélago, abismo no mar;despenhadeiro.
[149] G: Ao pego, que submisso aos pés lh'estende.
[150] G: Brancos festões d'espuma em vassalagem.
[151] *Cabeço*: cume arredondado de um monte ou serra.
[152] *Penha*: grande massa de rocha saliente e isolada na encosta; pedra grande; rocha.
[153] G: Dizem que ali na turva agreste rocha
[154] *Acoutava*: refugiava, abrigava, exilava.
[155] G: Vê-la era amá-la, e amá-la perdimento. [na edição em volume é acrescentado o verso nº 55].

56. Gênio das trevas, só da lua amiga,
57. Fugia à luz do sol; mercê de encantos,
58. Durante a noite mística pairava
59. No espaço em torno à rocha densa nuvem,
60. Em cujo seio toda se embebia,
61. Mal se abriam no céu rosas da aurora;
62. Chamavam-na por isso a *Nebulosa*.
63. Em noites de luar trajando vestes
64. Roçantes e brancas, sobre as ondas
65. Os encantados filtros preparava
66. Como chamas, que nos olhos acendia,
67. E com orvalho do céu; inda nos mares
68. À meia-noite, como em praia ou campo,
69. Corria em pé e nem os pés molhava;
70. Vinha depois na rocha pentear-se,
71. Madeixas de ouro desatando às brisas;
72. Logo outra vez no mar cantava e ria,
73. Até que a luz do Senhor cedendo as trevas,
74. Em seu leito de nuvem se abismava.
75. Tempo, que não se mede, assim vivera
76. Sempre moça e gentil, malgrado os anos;
77. **Uma noite porém de tredo**[156] **olvido**[157]
78. (Foi castigo de Deus) ao mar se atira,
79. Sem que antes repetisse as da cabala
80. Satânicas palavras; tarde as lembra...
81. Mais tarde as balbucia... os pé se molham...
82. Vai sentindo afundar-se... em vão braceja...
83. Ruge a tormenta... súbito revolto
84. A juba monstruosa o mar encrespa,
85. **E no abismo e no céu jogam madrias**[158];
86. De encontro à *rocha-negra* bravas ondas
87. O corpo arrojam da esquecida maga;
88. **Debalde**[159] **a miseranda estende os braços;**
89. Se à pedra quer ligar-se, as mãos lhe faltam,
90. Pelo dorso escabroso escorregando,
91. **As unhas lasca em vão e fere os dedos;**[160]
92. Uma, dez, vinte vezes... sempre o mesmo,
93. Dúbia esperança, e desengano certo!...
94. Volve os olhos ao céu... cintila aurora;
95. Quebra-se à luz do sol de todo encanto;

---

[156] *Tredo*: traidor; traiçoeiro, fingido.
[157] *Olvido*: ato ou efeito de olvidar-se; esquecimento.
[158] *Madrias*: encrespamento de ondas marítimas.
[159] *Debalde*: em vão, inutilmente; embalde.
[160] G: Lasca as unhas em vão e fere os dedos;

96. Ai da fada gentil!... solta no espaço
97. **A nuvem protetora, mago asilo,**[161]
98. Vai fugindo a embeber-se no horizonte,
99. Como no mar imenso abandonada[162]
100. **Erma**[163] **barquinha que a corrente alonga!...**
101. Não pode mais com a vida... perde as forças...
102. Um derradeiro arranco... inda é baldado[164]...
103. Último foi: - abriu medonha boca
104. O pego vingador, e absorveu-a,
105. **Dando-lhe cova aos pés da *rocha-negra*.**[165]

V

106. **Ninguém da maga diz que o corpo exânime**[166]
107. Boiasse à flor das águas; um mistério
108. Foi sua vida, igual mistério a morte;
109. **Contam muitos porém, que nas desoras**[167]
110. Das noites em que a lua aclara a terra,
111. No turvo cimo da tremenda rocha[168]
112. Vem sentar-se a cismar branco fantasma;
113. **Que tão profundos ais longos desata,**[169]
114. Como nunca exalara humano seio;
115. Que a frio gelador da rocha em torno.
116. Esse fantasma... é ela; e canta e chora,
117. **E com pérfido choro e tredos cantos,**[170]
118. **Os incautos atrai, que ao mar se arrojam**[171]
119. De súbita loucura arrebatados,
120. Ou por negros contratos se escravizam
121. Ao império fatal da *Nebulosa*.

VI

122. Verdade ou não da *Nebulosa* a história,

---

[161] G: Nuvem, onde por séc'los se asilara,
[162] G: Qual só barquinha, que a corrente alonga!...[foi acrescentado o verso nº 100].
[163] Erma, ermo: que está só ou desacompanhado; solitário.
[164] *Baldado*: que não teve êxito; fracassado,frustrado; malogrado; inútil.
[165] G: Dando-lhe cova aos pés da rocha-negra,
[166] *Êxanime*: desfalecido; morto.
[167] Desoras, desora: hora tardia, alta noite, tarde da noite.
[168] G: No verde cimo da tremenda rocha
[169] G: Que ais desata, que os não exalam vivos; [foi acrescentado o verso nº 114].
[170] G: E atrai mercê de pranto ou de harmonias
[171] G: Pobres incautos, que no mar se arrojam

Tem foros de encantada a *rocha-negra*;
E se dos velhos não falseia crença,
Ai de quem lá subir noites seguidas
Três, em que a lua tremular nas ondas;
Tarde ou cedo catástrofe terrível
Da imprudência o castigo asselar[172] **deve:**
Quem ao perto navega arrisca a vida;
Se ao longe o mar é chão, ali referve;[173]
Voga por isso o pescador de largo,[174]
Benzendo-se a tremer, cai sobre o remo,
Faz voar a canoa, e a Deus rezando
Esconjura o poder da *Nebulosa*.

VII

E no entanto era noite; a pino a lua
Brilhante pelo céu se deslizava,
Céu e lua suaves derramando[175]
Pálida luz, e orvalho de mistura;
Dormia a terra; as ondas murmuravam.[176]
O tempo era sereno; mansa brisa
Lambia a face das tranqüilas águas;
Chegava a hora que separa os dias,
- Meia noite; - velava uma barquinha,
Dentro dois pescadores, que remavam,
Pirilampos do mar aos mil chovendo
Ao levantar dos remos; longe assoma[177],
Ao clarão do luar, feio, iracundo[178],
Da *rocha-negra* o vulto pavoroso;
Do galo ouviu-se o canto; após silêncio;
Vela a barquinha; os pescadores mudos;
Dormindo a terra, murmurando as ondas.

---

[172] *Asselar*: confirmar; afirmar; assegurar.
[173] Referve, referver: entrar em agitação; rugir, vibrar.
[174] G: Por isso o pescador passando ao largo,
[175] G: Céu e lua coando sobre as ondas
[176] G: Murmurejando o mar... dormindo a terra.
[177] *Assoma*: mostra-se; aparece.
[178] *Iracundo:* colérico; irado, furioso.

VIII

152. De repente, qual sombra de um fantasma,
153. Humana forma volve-se na praia;
154. **Ninguém viu donde veio e se aproxima;**[179]
155. **Subiu a rocha; vagaroso e triste**[180]
156. De penhasco em penhasco foi saltando,
15' Galgou enfim da rocha-negra o cume,
158. E em pé, soberba estátua, o mar contempla.

IX

159. "Ele ainda!..." murmura estremecendo
160. O pescador mais moço, e com um eco
161. O velho pescador repete "ainda!"

X

162. Quem é ele?... mistério; um mês volveu-se
163. Depois que no rochedo vez primeira
164. A sós velando a noite consumira.
165. Ninguém se lembra conhecê-lo outrora;
166. Há um mês apareceu, só, mudo e triste
167. Do velho pescador buscou o abrigo,
168. E pediu mesa e leito a troco de ouro;
169. Retirado de dia, aos olhos todos
170. Furta-se cuidadoso; a ninguém fala,
171. Não quer ouvir ninguém; não diz seu nome;
172. Traja negros vestidos, rubra capa
173. Prende nos ombros; companheira eterna
174. Harpa sonora a toda parte o segue;
175. Nome lhe empresta o músico instrumento,
176. E de outro em falta Trovador o chamam.
177. Fora belo talvez, se estátua fora;
178. Mas dá-lhe a vida um parecer sinistro;
179. Pelos traços distinto agrada o rosto;
180. Carrancudo porém, sombrio e turvo,
181. O fel do coração nele transpira;
182. Alto e delgado não se dobra aos anos,
183. Mancebo ainda pisa firme a terra.

[179] G: Ninguém viu de onde veio e se apropinqua;
[180] G: Subiu o pé da rocha; vagaroso

Tem pretos os cabelos, que lhe ondeiam
Sobre as espáduas; a elevada fronte
E o rosto pelo sol se vêm tisnados[181];
Ardem-lhe os negros olhos como raios,
E a graciosa boca é muda a todos.
Nas formas varonis se ostenta a força
De vigoroso braço afeito à luta;
Não é gentil no entanto, antes repele:
Ressumbra[182] **em seu olhar desprezo ao mundo;**[183]
Da fronte no enrugar, dos supercílios[184]
No terrível franzir se apanha a idéia
De um coração inóspito para os homens;
Nos seus lábios às vezes um sorriso,
Que não é rir, que é onda de sarcasmo,
Confunde a quem o vê; não fala nunca,
E num véu de mistérios envolvido,
Vaga, escondendo ao mundo, que detesta,
Seu nome, seu viver, e a dor que abafa.

XI

Súbito aparecendo e inesperado,
Nunca mais se arredou daquela enseada;
Em vão refere o velho o caso infausto
Da *Nebulosa*; mal o atende e foge
O Trovador incrédulo ou sem medo:
Ave das noites nas desoras vela;
Rei dos penhascos tem seu trono erguido
Na *rocha-negra*; esconde-se dos homens,
E ou nefanda traição tornou-lhe o mundo
Em báratro[185] **fatal, ou crime horrendo**
Envolto em feio crepe aos olhos todos,
Ele, algoz de si mesmo, oculta na alma,
Que a um tempo asila o crime e os seus remorsos.
Não quer consolações, que as não procura,
E sombrio volvendo o olhar sinistro[186]
Pelo mar, sobre a rocha, ou fundo vale,

[181] *Tisnado*: enegrecido com carvão, fumaça; queimado, tostado pelo sol.
[182] *Ressumbrar*: transparecer; revelar.
[183] G: Ressuma em seu olhar desprezo ao mundo;
[184] *Supercílios*: sobrancelhas.
[185] *Báratro*: precipício; abismo, despenhadeiro; sentido figurado: inferno.
[186] G: E os olhos desvairados espalhando

Como que busca, onde melhor o espere[187]
Mudo jazigo de eternal descanso.[188]

XII

A que fim buscou ele as brancas orlas
Destas águas? ninguém o soube ainda;
Chegou ao pôr-do-sol, e quando as trevas
E o silêncio reinaram na enseada,
Lá foi velar na rocha de má sina.[189]
Desde então sempre as noites lhe são gratas
Na solitária penha repassadas;
Ou branda viração com as mansas ondas
Murmure hinos de amor, que ambas entendem,
Ou ribombe o trovão, lampeje o raio,
E com línguas de espuma o pego em fúria
Açoite as praias e impassíveis rochas,
Imóvel, como a pedra onde campeia,
O vulto misterioso lá se ostenta.
Se um remeiro[190] **novel**[191] **vem na barquinha,**
Que ao longe pelas águas se desliza,
"Quem é?" pergunta, olhando o vulto imóvel,
E o pescador antigo impele a barca;
E diz tremendo - "o Trovador!" e fogem.

XIII

Quem pudera arrasar vedado[192] **arcano**[193],
Que se oculta por entre as rudes fibras
Daquele coração fechado aos homens?...
Talvez memória atroz de hórrido feito
Jaz encerrada ali, como a caveira
De um malfeitor em campa[194] **não benzida;**
Talvez mal pago amor (traição de ingrata)
Em fundo seio concentrado arqueja,

---

[187] G: Como que buscam só num breve espaço
[188] G: Quieto jazigo de eternal descanso.
[189] Sina: fatalidade a que supostamente tudo no mundo está sujeito; destino, sorte, fado.
[190] Remeiro: aquele que rema; remador.
[191] *Novel*: principiante num ofício, novato, iniciante.
[192] Vedar: não permitir; proibir, interditar.
[193] *Arcano*: mistério; segredo.
[194] *Campa*: sepulcro; túmulo. sino de pequeno tamanho; sineta.

Qual pássaro ferido em ninho agreste
Oculto no rochedo das devesas[195].
Ou remorso ou paixão, certo é que vela[196]
Na rocha o Trovador acerbas[197] **noites;**
Às vezes, poucas, qual fluente arroio[198],
Deixa correr sua alma em mar sereno
De tristezas tamanhas, que nem podem
Coar-se em pranto, mitigando as mágoas;[199]
Às vezes, muitas, qual possesso, freme,
Vocifera, maldiz, argui[200], pragueja...
Contra quem?... não revela; quando fala
Sempre está só; mas teme-se dos ecos,
E o nome jamais rompe o mistério.[201]

XIV

Meia noite!... hei-lo está: - talvez disséreis
Num trono de granito o desespero;
Pelo vento estendida a rubra capa
Sobre o negro penhasco lembra a idéia
De sangue e morte em alma de assassino;
Soltos à brisa voam-lhe os cabelos,
Cinge[202] **a harpa de amor com o braço esquerdo,**[203]
Afaga-lhe com a destra as cordas mudas,
E medita, olhos fitos no oceano.[204]

XV

Tranqüilo estava o mar, formosa a noite;
Na lisa face do inconstante lago[205]
Encantos move de auras ao bafejo[206]
De dormido oceano arfar pausado
Aqui côncavos sucos se afundavam,
Onde há bem pouco erguiam-se colinas
Cingidas dos jasmins de nívea espuma,

---

[195] *Devesas*: alameda ou arvoredo que circunda um terreno; defesa .
[196] G: Seja a causa qual for, certo é que vela
[197] *Acerbas*: atormentadas, exasperadas, angustiadas; duras; árduas.
[198] *Arroio*: curso de água menor que riacho, regato.
[199] G: Coar-se em pranto, despesando as mágoas;
[200] *Argui*: acusa, censura, argumenta.
[201] G: E um nome nunca lhe adelgaça o arcano.
[202] Cingir: pôr ou segurar ao redor de uma parte do corpo.
[203] G: Com o braço esquerdo cinge harpa querida,
[204] G: E medita com os olhos no oceano.
[205] G: Do salso lago na cerúlea face
[206] *Bafejo*: sopro brando, brisa; expiração.

Que em fitas se estendiam; sobre as ondas
Brilhantes puros tremulavam raios
De namorada lua; fresca brisa
Pelas águas e praia, espaço e nuvens
Aromas recendendo se espargia[207];
Mansamente na areia a debruçar-se
Incessante beijava o mar, as praias,[208]
Trocando as fúrias em murmúrio afável;[209]
Silêncio enfim... dormia a natureza.

XVI

E o Trovador velava; aos meigos sonhos
Que se desfiam sem dormir de uma alma,
Barquinha solta em mar de fantasia,
O mancebo infeliz se abandonava.
Menos triste quiçá e alheio ao mundo,
Banhando em risos no futuro a vida,
Ou do passado a ruminar saudades,
Ao menos de um presente, mágoas todo,
Se esquecia uma vez.

XVII

Longas passaram
Horas de um meditar não tormentoso;
De súbito porém, qual se acordara
Na mente desleixada um pensamento
De infernal poderio, estremecendo
Do mar o trovador arranca os olhos,[210]
Onde fuzilam vingativos raios;
Toldam[211]**-lhe o rosto contrações violentas,**
Sobre a rocha despreza a harpa inocente,[212]
Com as vistas mede a terra, o céu invade,
Profunda o mar, e enfurecido brada:

---

[207] *Espargir*: espalhar em gotas.
[208] G: Incessante beijava o mar os lábios
[209] G: Da terra; que ele abraça em toda esfera
[210] G: Arranca o Trovador do mar os olhos,
[211] Toldar: cobrir, tornar(se).
[212] G: Despreza sobre a rocha harpa inocente,

XVIII

"Oh natureza! minha dor insultas!
Na tua placidez leio um sarcasmo;
Abomino-te assim, amo-te horrível.
Que quer dizer um mar que não rebrame[213],
Uma terra que nada em luz de encantos
Um céu que tormentoso não ribomba[214],
Quando no coração temos o inferno?...
Oh!... mil vezes o horror e a tempestade!
Apraz-me em guerra ver a natureza
Abalada em seus elos mais profundos,[215]
A terra, o céu, o mar rugindo a um tempo.
Do mundo escárnio, preso aos pés do mundo,
Eu sou como esta rocha estéril, negra,
Zombaria do mar, e exposta às vagas;[216]
Desgraçado aborreço a dita[217] **alheia,**
E ouço meus hinos no chorar dos homens!
Sim! o raio! a serpente do horizonte,
Que coriscante[218] **morde e rompe as nuvens;**[219]
Os trovões a bramir, tigres do espaço;
As montanhas do pego embevecido
Nas praias se quebrando, e branca espuma[220]
Do rochedo atirando a face turva;[221]
O vento impetuoso em mil refregas[222]
Gigantes da floresta arrebatando
Pelos ares que raios incendeiam,
Para açoitar as nuvens com seus ramos
Que orgulho foram da vetusta[223] **selva;**
Sim! o raio... os trovões... o pego... os ventos
Ao som da tempestade alçam meus hinos."

XIX

---

[213] *Rebrame*: berra; grita; roga; ressoa.
[214] *Ribomba*: produzir barulho surdo, ressoar fortemente; estrondear.
[215] G: Concussada em seus elos mais profundos,
[216] Vagas: ondas.
[217] *Dita*: felicidade; ventura; boa sorte; destino.
[218] Coriscante: que corisca; faiscante, reluzente, coruscante.
[219] G: Que em coleadas cai mordendo as nuvens;
[220] G: Quebrando as praias, e a cuspir espuma
[221] G: Na cara fusca do rochedo infame;
[222] *Refregas*: rajadas de vento; lufadas; pé-de-vento tormentoso e veloz.
[223] *Vetusta*: muito velha;antiga; estragada pelo tempo; respeitável pela velhice.

Parou, cedendo da fadiga ao peso;
Ansiado respira; ao furor segue[224]
Silêncio longo; no sombrio rosto
Como que vêm as mágoas enrugar-se
Do coração vazadas; pouco a pouco
Em ondas a tristeza a face invade,
E com mais calma e comovido acento
Repassado de dor outra vez fala:

XX

"O riso alheio amarga aos desgraçados,
Minha alma, envolta em crepe[225]**, escarnecida**
Se viu nas galas que trajava o mundo;
Cegou-me a dor; a maldisse a natureza.
Fui injusto, e é injusta a humanidade;
Menino grande, o homem de erro em erro[226]
Passeia a terra, maus caminhos cegue,
Tropeça e cai, o mundo o amaldiçoa,
O fado[227] **culpa e a si nunca se acusa.**
Que é o fado?... um sonho; vã quimera.
Deus em nossa alma a liberdade acende;
O resto a nós compete; a inteligência
Do falso discrimine o verdadeiro;
Prudente estude o bem, e livre o siga
O homem na vida; tropeçar na estrada,
Tombar no abismo prova só fraqueza;
Demonstra um erro, imprevidência ou crime.
Feitura nossa, e não filha do acaso
É a desgraça; nossos pés a buscam,
Afagada por nós a nós se chega,[228]
Imprevidente o nosso seio aquece;
E quando a víbora morde, praguejamos
Com vãos arrancos de vaidade estulta.[229]
Oh! longe as maldições!... e tu, formosa,
Plácida lua, que no céu resvalas,
Teus raios melancólicos derrama

[224] G: Ansiado resfolega: ao furor segue
[225] Crepe: tecido leve, encrespado e preto, utilizado em intenção de luto; luto, dó, grande tristeza; pano negro, destinado a cobrir carro ou câmara mortuária, ou ainda em cerimônia fúnebre nas igrejas ou salas de velório.
[226] G: Grande menino, o homem de erro em erro
[227] *Fado*: destino; sorte.
[228] G: Nossas mãos a afagam, nosso seio a aquece, [foi acrescentado, na edição em volume, o verso nº 362].
[229] Estulta, estulto: insensato, estúpido, néscio, tolo.

Em minha fronte, inspira-me harmonias;
Ondas serenas, compassai meus cantos;
Propícia noite, com teu véu me esconde,
E acolhe esta aflição que foge ao mundo.
Oh que é doce chorar! - Que é da minha harpa?
Vem, oh vem, minha eterna companheira!
Vem, amiga fiel, que me traduzes
Em acordes as mágoas."

XXI

Brandamente
O trovador, qual pai à filha amada,
A fiel companheira, harpa querida,[230]
No seio aperta e lhe vibrando as cordas,[231]
Desfia em voz sonora um eterno canto,
Que nas asas dos zéfiros[232] **levado**[233]
Desdobrou-se por sobre as mansas ondas.[234]

I

"Eu vi-o dos anos no viço brilhante
Passar, qual guerreiro que vai triunfante
Colher altos prêmios que em justas[235] **ganhou;**
Eu vi-o cercado de amor e delícias,
Gozando as maternas infindas carícias
Na pátria formosa, que louco deixou.

II

Eu vi-o imprudente para o mundo sorrir,
Saudando anelante[236] **o incerto porvir,**[237]
Que tristes acasos talvez lhe trará;
E as damas que o viam galhardo passar,
Diziam curvando modestas o olhar:
Mancebo mais nobre, mais belo não há.

---

[230] G: Harpa, que sobre a rocha assás dormira,
[231] G: Amante aperta e lhe vibrando as cordas
[232] *Zéfiros*: nome que os antigos davam ao vento do ocidente, fagueiro, suave, propício; ventos frescos; aragens; brisas; a personificação mitológica desse vento.
[233] G: Que levado nas asas dos favônios
[234] G: Desdobrou-se por sobre as quietas ondas.
[235] Justas: torneios.
[236] *Anelante*: que deseja, anseia ou cobiça intensamente; ansioso; ofegante.
[237] G: "Seguro prevendo risonho porvir,

III

395. **Mas qual gênio tredo,[238] que encanto, que fada,**
396. **Da mãe carinhosa, da pátria adorada[239]**
397. Arranca o mancebo donozo[240] e feliz?...
398. Acaso extremar-se foi ele nas guerras?...
399. Se alguém dele o soube, de certo não diz.

IV

400. Eu vi-o; - já triste para o mundo não ria,
401. Em barca sinistra nas praias fugia,
402. Às vagas dizendo conjuros fatais;
403. Depois a borrasca tremenda bramiu,
404. Cerrada caligem[241] à barca encobriu,
405. E o fim que ela teve ninguém soube mais.

V

406. E vós, pescadores, que as ondas sulcastes,
407. Dizei-me, nos mares jamais encontrastes
408. O louco mancebo que nunca voltou?...
409. E um velho barqueiro que a pouco chegara,
410. Erguendo a cabeça tristonho me encara,
411. Se afasta dos outros, e assim me falou:

VI

412. Eu vi um mancebo que a dor consumia,
413. **Bem longe vagando nas brenhas[242] de dia,**
414. E à noite velando na rocha ao luar;
415. **Seus males, seus planos, esconde inflexível,[243]**
416. **Mas sei que por negro destino terrível[244]**
417. **A morte o espera no fundo do mar.»[245]**

XXII

[238] Tredo: traidor, traiçoeiro.
[239] G: Da mãe caroável, da pátri'adorada
[240] *Donozo*: elegante; gentil, garboso; gracioso; belo.
[241] *Caligem*: nevoeiro espesso, escuridão; trevas.
[242] *Brenhas*: mata espessa, cerrada; matagal, selva .
[243] G: Seus males acerbos não conta a ninguém;
[244] G:"Seus planos esconde; mas sei muito bem,
[245] G: "Que a morte lh'espera no fundo do mar.

De cansado parou; mas dedilhando
A harpa sonora com o quebrar das ondas,
Com as doces auras[246] que sussurram brandas,
Acordes sons dormentes se harmonizam,
E aos poucos vão morrendo difundidos[247]
No espaço imenso da solidão profunda.

XXIII

Aos meigos raios da brilhante lua,[248]
Malgrado o véu da noite, luz a terra[249]
Com pálidos encantos graciosa
Como um rir melancólico de virgem.
Amor da solidão reina o silêncio.
Dos pescadores fora-se a canoa;
Somente como à rocha encadeado
Moderno Prometeu, firme persiste
Mísero Trovador; em si só vive,
Exclusivo o absorve um pensamento,
E em tão profunda introversão se abisma,
Que nos tormentos da alma concentrado
Para o mundo exterior é corpo inerte.

XXIV

E então da longe duvidosa sombra,
Qual mágico batel[250], ficção de um sonho,
Cisne que nada em mar de encantamento,
Rompendo as névoas da orvalhada noite,
Vem surgindo imprevista, inopinada,
Leve barquinha; de coberta é livre;
Garça que à tona d'água o vôo estende
Como um véu de odalisca alveja à lua;
Não traz remeiros nem desfralda ao vento
A vela, asas do nauta[251], amor das auras;
Brando remo que impele e rege a um tempo
O noturno batel, maneja um vulto
Que a sós navega, qual sabida maga
Que o mar passeia em concha alabastrina[252].

---

[246] Auras, aura: brisa.
[247] G: E aos poucos vão morrendo diluídos
[248] G: A luz serena d'encantada lua,
[249] G: Malgrado o véu da noite, fulge a terra
[250] *Batel*: barco pequeno; bote; canoa.
[251] *Nauta*: navegante; marinheiro.
[252] *Alabastrina*: muito branca; de alabastro: espécie de mármore muito branco e translúcido.

XXV

Não é de pescador a ignota[253] barca,
Que quer ali tão tarde assim tão branca?...
Mistério imprimem nela a cor e a hora,
E esse quem quer que é tão solitário,
Que cauteloso e mudo piloteia.
Da longe sombra já desfeito o encanto
Mais se distingue o vulto; brancas vestes
Gracioso traja; longas, belas voam
Bastas madeixas ao soprar das auras.[254]

XXVI

O noturno batel segredo envolve;
Inquieto vaga perturbando as ondas
Sempre da rocha em torno e acautelado,[255]
Ora dela se chega, ora lhe foge,
Qual travessa menina vergonhosa
Que correndo ante nós nos desafia
A segui-la e abraçá-la. Não se move
O branco vulto que maneja o remo,
E no jovem que cisma, de olhos fitos
Rodeia a rocha recortando as águas.

XXVII

Do peito arranca doloroso arquejo[256]
O infeliz Trovador. Silêncio longo[257]
Como estátua o deixara, imóvel, mudo,
Olhando as vagas que a seus pés batiam.
De novo aos lábios a aflição lhe assoma[258]
De novo se entorna em sonoroso canto;
E todo entregue à dor nem vê tão perto
O branco vulto que o batel demora.[259]
"Pescador que me vês no rochedo

---

[253] Ignota: desconhecida.
[254] G: Negras madeixas do favônio ao sopro.
[255] G: Sempre em torno da rocha, mas ao largo,
[256] G: Do imo do peito doloroso arquejo
[257] G: Arranca o Trovador. Silêncio longo.
[258] G:De novo assoma-lhe aflição aos lábios,
[259] G: O branco vulto, que o batel suspende.

Solitário de noite velar,
Que te importa este pranto que eu verto,
Que te importa meu negro pesar?
Minha dor é segredo profundo,
Que ninguém saberá neste mundo."

E como um eco que repete um canto
O branco vulto ao Trovador responde:

"Tua dor é segredo profundo
Que só eu saberei neste mundo."

XXVIII

A voz estranha o Trovador suspende
Arpejo e canto; indaga o mar com as vistas,
Embebe os olhos na alvejante barca
Que pelas ondas outra vez doideja,
E com voz abafada remurmura:

XXIX

"Hei-lo ainda! o batel vela comigo!...
Com três noites já, vem perturbar-me
Hoje de novo: conceder não querem
Nem mesmo a solidão ao desgraçado!...
Vem rir-se aos olhos meus de meus martírios,
As fases repetir que a dor inspira,
E num tom que ainda mais a dor provoca.
De mim zombam, mercê de mar e trevas:
A voz é de mulher; - o instinto a guia
Para zombar do homem; não importa...
Soframos tudo: é sofrimento a vida".

XXX

E enquanto a nívea[260] barca sulca as ondas
De longe em torno a rocha que namora
Do Trovador o ânimo se acalma;
Dedilha a harpa que outra vez lhe fala,[261]
A voz lhe acode, o canto se desata,
E a barquinha também outra vez pára.

[260] Nívea: cor branca.
[261] *G*: Outra vez dedilhando, harpa lhe fala,

II

"Pescador, torna aos teus que deixaste,
Não me busques, incauto[262] mortal,
Minha boca respira ar de morte,
Os meus olhos têm brilho fatal,
Sou maldito que o céu reprovou,
Onde eu chego desgraça chegou."

E como um eco que repete um canto,
Logo e no mesmo tom de a voz responde:

"És maldito que o céu reprovou,
Onde chegas desgraça chegou."

III

"Pescador, breve fujo a teus mares,
E de um mundo que horrores encerra,[263]
Fugir devo a nem mesmo aos abutres
Deixai meu cadáver na terra.
Corpo, nome e segredo guardar
Vou nos fundos abismos do mar."
E como um eco que repete um canto
De novo ao Trovador responde o vulto:
"Corpo, nome e segredo guardar
Vai nos fundos abismos do mar."

XXXI

Súbito pensamento invade a mente
Do noturno cantor; suspende aos ombros
A harpa, deixa presto a *negra rocha*;[264]
Salta de pedra em pedra e desaparece
Qual se fugira ao bateleiro[265] ousado.

XXXII

[262] Incauto: imprudente, descuidado.
[263] G: "E de um mundo, que vil me desterra;
[264] G: Harpa querida; deixa a negra rocha;
[265] *Bateleiro*: proprietário ou condutor de um barco pequeno ou bote.

Longa hora passou; a rocha nua;
Silêncio em toda parte; audaz barquinha
Vagando louca; vulto que a dirige
Misterioso a devassar com as vistas
A praia, o campo, as penhas, simulando
A ligeira gazela e temerosa,
Que astuto caçador de longe espreita;
Por fim como ao terror cerrando o peito,
Abica[266] **a praia, prende a leve barca,**
E com segura marcha vai subindo
A *negra rocha.*

XXXIII

De repente surge
O Trovador que inopinado[267] **avança;**
O passo toma ao vulto, que se arreda;
Alonga os braços, quer prendê-lo, e para
À voz potente que lhe agita os nervos.

XXXIV

O VULTO

"Treme se audacioso a mim te chegas[268]
A meu despeito! - encantos me defendem;
Menos sou deste mundo do que cuidas,
Fala de longe se falar pretendes."

XXXV

Tinha a bravura no semblante impressa
O Trovador; mas sem querer vacila
Ante o vulto que impávido lhe fala
Um momento passou, presto[269] **serena,**
E com seguro acento enfim pergunta:
"Quem pois és tu?"

XXXVI

[266] Abicar: chegar ou encalhar (a embarcação) com a proa em terra.
[267] Inopinado: de súbito, inesperadamente.
[268] G: "Treme, se ao corpo meu tocas um dedo
[269] Presto: rápido, ligeiro.

Um passo recuando
Estende um dedo de cristal mimoso
O branco vulto: o fundo mar aponta,
E com pausada voz, trêmula e baixa,
Responde assim:
"Pertenço à *Nebulosa*"

CANTO II

A DOIDA

I

Não longe da enseada, em vale escuro,
Há uma densa e tenebrosa selva;
Cavou ali a natureza um antro[270]
Tão negro e vasto que terror infunde;
Servira outrora de covil às feras,
Povoaram-no após os maus espíritos
Segundo crêem, fora enfim o asilo
De astuta feiticeira; os pescadores
Contam ainda formidáveis casos
Que muitos viram; velha hirsuta[271] e feia
A maga era; mais sabida em artes
De necromancia[272] que o demônio inspira:
Um pacto havia entre ela e a *Nebulosa*:
Previu futuros, desnudou arcanos,
Até que um dia embalde a procuraram:
Dizem uns que a voar por entre as nuvens
Perdera-se no espaço, e lá suspensa
Em castigo vagando em torno à lua
Vela chorando pelo mal que há feito,
Ou de borrasca[273] nas tremendas noites
Ulula[274] exasperada; outros pretendem
Que em desoras de um sábado saltará
Da *negra rocha* para morrer nas ondas.
Certo é que sumiu; mas sobre a terra
Só, sem amparo, desditosa filha
Deixando penando; de que vale beleza?...
É moça e linda, fulgem-lhe os encantos;
Mas, ai da triste! endoideceu no berço.

II

Causa dó vê-la! julga-se encantada
E cara à *Nebulosa*; ninguém sabe
Que faz de dia; quando a noite chega,
Foge do antro e vela o mar sulcando.
Tem um leve batel branco e ligeiro,
Onde ela só e mais ninguém se embarca;
Crê-se feliz e espera mil venturas

[270] Antro: gruta.
[271] *Hirsuta*: com cabelos longos, duros e grossos; cerdoso; em desalinho, com aspecto mal-cuidado.
[272] *Necromancia*: suposta arte de adivinhar o futuro por meio de contato com os mortos.
[273] *Borrasca*: temporal com chuva e vento intensos, que agita o mar em demasia.
[274] *Ulular*: produzir som ou ruído triste, com lamentação ou desespero.

602. Depois da morte, no entretanto chora;
603. Não diz porque; um padecer constante
604. Tudo anuncia; mostra-se abatida,
605. Pálida, triste e não se queixa nunca.

III

606. Aquele vulto que o batel deixara,
607. Da doida era: peregrina em tudo,
608. Como nas vestes, singular nos modos.
609. Madrasta não lhe fora a natureza;
610. Tem castanhas madeixas e tão longas,[275]
611. Que soltas como um brinco dado às brisas,
612. Qual densa escura nuvem, colo e seio
613. E os braços nus em seu volver escondam;
614. Surge de entre elas rosto gracioso,
615. De enlevadora[276] palidez assento.[277]
616. Mal cabido senão, mancha que enfeia
617. De negra cor na branca e lisa fronte,
618. Bem no meio aparece; e os olhos belos,
619. Às vezes ternos, outras radiantes,[278]
620. Vagando agora, daqui a pouco fixos,
621. Terríveis como o olhar moribundo
622. Que em nós se embebe, um não sei que desprendem
623. De encanto ou de loucura; a face ebúrnea[279]
624. Rosas não tem, ou já rosas murcharam:
625. É dos seus lábios o sorrir tão triste
626. Que nem é rir, e mais do que uma lágrima
627. Exprimia a dor; de neve o seio,
628. De neve os braços, de cristal os dedos,
629. E a mão que alveja, como os pés, mimosa;
630. De nobre altura, e por demais delgada,
631. Desperta a idéia de um sofrer profundo
632. Que vai mirrando e consumindo aos poucos;
633. Longa túnica azul que a cor imita
634. De um céu todo bonança, traz vestida,
635. Na cintura uma fita ao corpo a une,
636. Cai-lhe do colo e pelo chão se arrasta.
637. Sandálias calça; sobre a simples veste
638. De ofuscante candor[280] lança uma capa[281]

[275] G: Tem escuras madeixas e tão longas
[276] *Enlevadora*: encantadora; provocar ou sentir enlevo, arrebatamento.
[277] G: De palidez e de doçura um tipo.
[278] G: Às vezes ternos, logo após radiantes
[279] *Ebúrnea*: de marfim; que apresenta cor alva e/ou textura lisa como o marfim.

BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

639. Vasta, que sobra para envolvê-la toda.

IV

640. **A sua voz é doce e maviosa**[282],
641. Seu estilo obscuro e desusado,
642. Inconseqüente às vezes, quase sempre
643. Falar de louca. Em seu semblante nadam
644. Vagos afetos; seu olhar doideja
645. Ora altivo no céu; depois baixando
646. Como que sonda o abismo do oceano;
647. Diríeis que o sonhar com a eternidade
648. De lá descera a procurar um túmulo.
649. Não anda, não; é resvalar de sombra
650. O volver de seu vulto; em torno dela
651. Recende tudo encantos: vaporosa,
652. Impalpável talvez a julgareis
653. Não ser deste mundo... *ser* de alheia esfera.

V

654. Mal grado seu, dois passos recuara
655. O Trovador que ouvira-lhe a resposta.
656. E embevecido, fitos nela os olhos,
657. Ficou; também a olhá-lo docemente
658. Deixa-se a pobre doida, e em suas vistas
659. **De tão ternas que são, tão maviosas,**[283]
660. Parece brando afeto derramar-se,
661. **Como orvalho sutil que o céu transpira;**[284]
662. Melancólico riso que faz pena
663. O contemplá-lo só, lhe expande os lábios;
664. Depois de muito volve em torno olhares,
665. Melancólico riso que faz pena
666. O contemplá-lo só, lhe expande os lábios;
667. Depois de muito volve em torno olhares,
668. Talvez buscando mais alguém, e fala
669. Ela primeira ao Trovador absorto.

---

[280] Candor: brancura brilhante.
[281] G: Lança uma capa de um candor pesado,
[282] *Maviosa*: harmoniosa; suave; agradável aos ouvidos; melodiosa.
[283] G: De tão ternas que são, tão langorosas
[284] G: Como orvalho sutil, que o céu lenteja;

VI

A DOIDA

"Contigo estava alguém..."

O TROVADOR

"Não, tu te enganas;
Ninguém se atreve a compartir-me as dores."

A DOIDA

"És tu que intentas iludir-me; sempre
Que a voz modulas sobre a *rocha negra*,
Com teu canto outro canto se mistura.
Não sei que é, mas sei que alguém te segue;
Hei de sabê-lo a pesar teu, se o negas."

O TROVADOR

"E quem te contaria?..."

A DOIDA

"A *Nebulosa.*"

O TROVADOR

"Demais confias no poder das fadas.
Não vás tentar de uma ilusão cativa
Ouvir um morto; que loucura indica:
Eu velo solitário."

A DOIDA

"Por que mentes?...
Já três vezes, afora a noite de hoje,
Ambos vos tenho ouvido; até na sombra
Também já distingui estranho vulto

Em teu seio inclinado, apraz-me ouvi-lo;
Não lhe entendo o falar, mas doce fala;
É a voz e a expressão própria de um anjo!
Dizei quem é: uma mulher!... duvido
Que amada seja, pois bem sei que amas.
Desejo ouvi-lo... eu gosto da pureza,
E a voz mais pura nunca ouvi no mundo;
São suas frases vibrações sonoras
Que na alma entornam mágicos deleites;
Se o favônio[285] falasse era um favônio
A derramar finezas sobre as flores;
Teu canto é doce, Trovador, mas esse
Não é cantar de humano. Vai chamá-lo,
Mulher ou anjo... pouco importa, eu quero
Ouvi-lo ainda, inebriar-me ouvindo."

VII

Percebe o Trovador da doida o erro;
Corre a buscar a harpa que escondera,[286]
Traze-a nos braços como a filha amada
Um extremoso pai, e diz mostrando-a:
"Eis quem me segue, quem me entende e ama!"

VIII

Maravilhada, o músico instrumento
Contempla a doida, como temerosa
Recua um passo, logo a rir-se alegre
Vem-se chegando; duvidosa ainda
Estende o braço, que outra vez recolhe,
Até que se anima... com suave destra
Palpa-lhe as cordas e o examina todo,
E sem que os olhos volva enfim pergunta:

IX

A DOIDA

"Nem anjo nem mulher!... - Como é seu nome?"

O TROVADOR

[285] *Favônio*: vento brando que sopra do poente;vento tépido do oeste que sopra na primavera.
[286] G: Harpa escondida vai buscar ligeiro,

717. "Harpa."

A DOIDA

718. "Mal escolhido... não me agrada,
719. Não lhe exprime a doçura; ouve, mancebo,
720. Vamos dar-lhe outro nome; de hora avante
721. Chamá-la-emos - *amor que fala*.
722. Fazei-a cantar..."

X

723. O Trovador harpeja,
724. E muito tempo extasiada escuta
725. A pobre doida; nos seus lábios rompe
726. Um rir que é novo ali, que é todo enlevo;
727. Depois dos olhos lágrimas borbotam,
728. O riso e o pranto se misturam; súbito
729. O Trovador suspende, e arrebatada
730. Beija as mãos do mancebo, e as cordas da harpa
731. Uma... cem... vezes mil, como em delírio,
732. E a rir ainda e a chorar exclama:

XI

A DOIDA

733. "Oh! basta!... basta! é muito! eu mais não posso!
734. No excesso do prazer a alma se afoga!...
735. Deixa beijar-te as mãos! tens mãos de um anjo
736. Movendo o canto desse - *amor que fala*!
737. **Ouve; uma graça almejo merecer-te;**[287]
738. Oh!... deves-me a fazer... muito me deves!
739. **(O que não digo que me o inibe o pejo);**[288]
740. Escuta: é meu destino aqui na rocha
741. Vir murmurar extremo adeus ao mundo;
742. A *Nebulosa* o quer e o mar me espera;
743. Raios da lua escreveram nas ondas

[287] G: "Ouve-me: eu tenho que um favor pedir-te:
[288] Pejo: pudor, vergonha.

Fúnebre aviso; na prefixa noite
Virás, mancebo, te encontrar comigo;
Hás de ver-me sem dor do túmulo à beira
Mirar-me nele me espelhando na água:
Da morte a hora é hora de triunfo;
Devo, quero morrer entre harmonias,
E ao som dos cantos desse amor que fala
Ir ter com a *Nebulosa*. Eis quanto peço;
Juras servir-me?..."

O TROVADOR

"Ah! mísera! Quem sabe
Se antes que a ti me tragarão as ondas!..."

A DOIDA

Tens razão: por demais te pesa a vida;
Sei bem que negra idéia na alma turva
Como a ave das trevas te esvoaça:
Também me cansa este viver tão longo!...
Mancebo, atende: - morreremos juntos...
Abraçados a um tempo ao mar saltamos!
- Não queres... não, estou lendo nos teus olhos,
Até na morte a solidão te agrada!...
Não terei cantos pois! - embora! um dia,
Quando eu no fundo do mar morta para o mundo,
Habitando em palácios de ouro e fogo
Onde se hospedam *Nebulosa* e lua,[289]
For ondina[290] **feliz, hei de pedir-lhes**
E dar-me-ão ela um *amor que fala*,
Das cordas saberei mover-lhe as frases;
Sem aprender os mortos sabem tudo."

O TROVADOR

"Desvarias falando!... quem és?... dizei."

A DOIDA

"Doida me chamam! tenho bem juízo."

---

[289] G: Onde se ajuntam Nebulosa e lua,

[290] *Ondina*: nas mitologias germânica e escandinava, fada, gênio ou ninfa do amor, que vive nas águas e atrai os homens para levá-los a viver com ela em palácios de cristal na profundidade das águas.

O TROVADOR

773. "Não queres responder-me?"

A DOIDA

774. "Eu digo tudo,
775. Quem sou, quem és, a tua história e a minha."

O TROVADOR

776. "Impossível !..."

A DOIDA

777. "Escuta: sobre a rocha
778. Inclina o - *amor que fala*; - vem sentar-te
779. Ao pé de mim... aqui, nada receies;
780. Quando me apraz sei refrear encantos,
781. Nem tenho em mente o emprego de magias.
782. Desejo ouvir-te, e me ouvirás primeiro."

XII

783. Da Doida ao lado o Trovador sentou-se,
784. **E de enleio**[291] **indizível possuído,**
785. Ouve em silêncio reloucada história.

XIII

A DOIDA

786. "Não quero sobre ti ter predomínio
787. Algum que seja; a vida te conheço,
788. E nem sabes quem sou!... pois vou dizer-te.
789. Nasci num antro de medonha selva
790. À meia-noite, e ao rebentar de um raio;
791. Num berço me embalei agreste e rude
792. De bravos cardos[292] e de sarças[293] feito;
793. **Adormeci ao sibilar das serpes**[294]
794. Primeiro sono, minha mãe tão pobre

[291] *Enleio*: forte encanto, atração.
[292] *Cardos*: plantas espinhosas.
[293] *Sarças*: arbustos, mato.
[294] *Serpes*: serpentes.

Que nada tinha, misturou soluços
Com os meus vagidos[295]; foi pedir esmolas,
Nada lhe deram, colheu só vergonha[296]
Em vez de pão!... desesperada foge
Nos ombros me levando, e três seguidas
Noites velou em que brilhava a lua
Aqui sobre esta rocha; na terceira
Surge das ondas branca e vaporosa
Pálida virgem... sobe a rocha negra...
Chamas dardeja[297] no fitar dos olhos...
E formas simulando graciosas,
É sombra apenas que não gasta espaço.
A *Nebulosa* era.
– Por que choras?...
Meiga pergunta; e minha mãe responde:
- Choro as misérias de uma vida ingrata;
Trabalho um ano para comer um dia!
Mirrados tenho já maternos seios;
Vai morrer minha filha.

A Nebulosa
Olhar de tigre em minha mãe cravando,
Faz-lhe a fronte curvar e a enleia toda;
E enfim torna:
– Mudarei teu fado;
Sou das magas rainha; em corpo e alma
Mãe e filha a meu culto consagradas
Terão paga proteção de gênios,
E dos encantos tenebroso ensino;
Vê se te agrada.
Refletir tentava
Mísera mãe, quando um vagido escuta
Que solta a filha a procurar-lhe os seios;
Nubla-lhe a mente o padecer da prole,
E em pranto exclama: - decidi: sou tua!...
Um sorrir de triunfo abre nos lábios[298]
A *Nebulosa*; voa pelos ares
E não tem asas, vai dançar nas ondas
E não se molha; brada como louca:
Ainda mais duas!...

[295] *Vagidos*: choro da criança recém-nascida.
[296] G: "Nada lhe deram: trouxe-me a vergonha
[297] *Dardeja*: emitir raios de luz; brilhar, cintilar, fulgir.
[298] G: "Pálidos lábios um sorriso enfeita

834. E outra vez tornando
835. À *rocha negra*, por favor do encanto
836. Que hoje desnudo, de entre as fibras rudes
837. Do sinistro penhasco vem surgindo
838. Vapor sulfúreo que envolvendo a fada
839. A nossos olhos pouco a pouco a esconde;
840. **Da tempestade o gênio obumbra**[299] **a terra**
841. Com as madeixas de nuvens crespas, negras,
842. **Pelo espaço e nos montes espargidas**[300];
843. Ruge o mar... Troa o céu... e de repente
844. Radiosa, inflamada, qual se ardesse
845. Em chamas toda, já desfeito o fumo
846. Que ainda a pouco a envolvera, a *Nebulosa*
847. **Como um astro resplende**[301] **na enseada**
848. **Que luz ao fogo, que a magia acende;**[302]
849. Não para... vem de um vôo, onde a nós ambas
850. Extáticas deixara; e em nossas frontes
851. Ardente beijo de inflamados lábios
852. Deixou cair, como centelha horrível:
853. Volta aos ares depois: é meteoro
854. **Que arroja incendiado labaredas;**[303]
855. Negras aves doidejam pelos ares
856. Sinistras a piar, gritos se escutam,
857. Gemidos, vagam sombras espantosas,
858. **Monstros informes, nuvens se albalroam**[304],
859. Pesada atmosfera e sulfurosa
860. Sufoca o mundo: escuta-se nos ares
861. Bramir trovões, a tempestade ruge,
862. **Estala o raio, dobra o mar as fúrias,**[305]
863. E a *Nebulosa* a desatar risadas
864. Longas, ruidosas, some-se... mas onde?...
865. Não pode vê-lo minha mãe, e eu menos,
866. Ainda criancinha...
867. Éramos fadas."

---

[299] Obumbrar: escurecer.
[300] *Espargidas*: espalhadas
[301] Resplender: brilhar.
[302] G: "Que a luz ao fogo, que lh'escapa ao vulto:
[303] G: "Que pelo espaço a navegar se mostra;
[304] *Albalroam*: a ortografia correta é *abalroar*, *abalroam*. ir de encontro a, bater, chocar(-se) com ímpeto.
[305] G: "Rebenta o raio, dobra o mar as fúrias,

XIV

"Mudou nosso destino. O encantamento[306]
De repente assombroso em nós fulgia[307].[308]
Minha mãe desde então, e eu dentro em pouco,
Mal dos vestidos infantis despi-me,
Pudemos sábias predizer futuros,
Sonhos interpretar; éramos fadas:[309]
Nada aprendemos e soubemos tudo.
Homens, mulheres consultar-nos vinham
Ao antro escuro: por conselhos magos
Pagavam ouro; tínhamos riquezas;
Dentro de nós porém o inferno estava:
Da *Nebulosa* aquele fatal beijo
Foi do demônio em marca transformado:
Não vês na minha fronte[310] **a nódoa**[311] **negra?...**
Deixou-me o beijo dela: é nódoa horrível !...
Mancha-me o níveo[312] **rosto e um fogo ateia**[313]
Que inextinguível me devora o seio![314]
Afeia[315]**... pesa... queima... oh! nunca a tenhas;**[316]
Nada pode lavá-la: é um castigo
Do céu por sermos fadas."

XV

Tristemente
A doida curva dolorosa a fronte,
Onde entre lírios negrejava a nódoa,
Marca sinistra, que selará o beijo
De esconjurada[317] **maga.**
Condoído
O Trovador seus males olvidava
Ante a infeliz tomada de loucura;

---

[306] G: "Mudou nosso destino. Inopinada
[307] *Fulgia*: tornar-se singular, único, diverso do comum; sobressair-se, ressaltar-se.
[308] G: "Do espírito lucidez em nós fulgia:
[309] G: Arcanos arrasar; éramos fadas
[310] Fronte: testa.
[311] Nódoa: sinal, mancha.
[312] Níveo: branco.
[313] G: "Por sobre nos manchar níveo rosto
[314] G: "Arde com fogo que alma nos devora!
[315] *Afeia*: do verbo *enfear*, tornar (se) feia.
[316] G: "Enfeia... pesa... queima... oh! nunca a tenhas;
[317] Esconjurar: fazer juramento; amaldiçoar.

Muito se deixa contemplá-la mudo;
Por seus próprios pesares ressequido
Já consolar nem sabe!... em seu semblante
E no olhar triste a compaixão nadando[318]
A mísera percebe e diz sorrindo:

XVI

A DOIDA

"Doida me julgam?... tenho bem juízo!
De mim duvidas?.. crês que eu desvario?...
Escuta: eu nunca minto; a *Nebulosa*
Mora lá embaixo num palco de ouro,
No fundo do mar, é sua amiga a lua,
Ambas se adoram; não tens visto às vezes,
Depois de navegar no mar do espaço,
Plena lua entre as ondas mergulhar-se?
Vão juntas pernoitar no fundo abismo,
Num céu de encantos, que povoam fadas;
Tem lá festins, banquetes, maravilhas,
Onde entre chamas, que não queimam, fulgem.
Oh! que um dia também (breve ele chegue)
Como fada que sou, serei com elas!...
Minha madrinha, a *Nebulosa*, o disse;
Sua dileta sou, na extrema hora
Há de arrancar-me de assassinas vagas,
E levar-me consigo ao céu das águas;
Com lírios do oceano, undosa[319] **espuma,**
Virão levar-me festivais donzelas,
Da fronte a mancha que meu rosto afeia;[320]
Dar-me-á riquezas... leito só de flores...
Fulgentes[321] **vestes... um - *amor que fala,***
Irmãs galantes... homens lá não entram,
Nem tu que és belo e pálido como ela: -
Hei de aprender mistérios mais profundos;
Virei dançar nas ondas sem molhar-me,
E sem asas voar por entre as nuvens.
Como serei formosa!... em minha fronte
Não haverá mais nódoa: eu te prometo

---

[318] G: A compaixão e a dúvida flutuando
[319] *Undosa*: que tem ondas; que apresenta ondulações; tremulante, undante.
[320] G: Da fronte a mancha do palácio a entrada;
[321] *Fulgentes*: que fulge, que possui brilho, luminosidade; brilhante, resplandecente, fúlgido.

931. Velar então por ti, se ainda viveres."

O TROVADOR

932. "Vives num mundo de ilusões perdidas![322]
933. Nunca existiu a fada que imaginas.[323]
934. Já viste, por ventura, a *Nebulosa*?..."

A DOIDA

935. "Se a vi... se a vejo? em toda parte! oh! sempre!
936. Vi-a primeira vez ao dar-me o beijo,
937. Ardente lava manchou-me a fronte,
938. Bem criança que eu era, e ainda me lembro!
939. (Força de encanto que a memória exalta!)
940. Beleza de anjo em formas impalpáveis,
941. Vestidos cor de leite em corpo aéreo,[324]
942. Corpo aos olhos somente, ao tato sombra,
943. Eis como a vi então, depois mil vezes;
944. Mas só de noite a vejo, a sinto, a escuto;
945. Quando aos lábios do mar na areia vires
946. De algum ligeiro pé vestígios leves,
947. Foi ela que passou: se lá no espaço
948. Alguma nuvem branca vaga errante
949. Em torno à lua, ou coroando os montes,
950. Vai ela nessa nuvem: se ouves perto
951. O sussurrar das desinquietas ondas,
952. Que ali se abraçam borbulhando espuma,
953. É ela que murmura: em toda a parte,
954. Em tudo e sempre a *Nebulosa* eu sinto;
955. No mar, no céu, no ar, na terra a vejo:
956. E me fala também, se, em caso estranho,
957. Conselhos quero da primaz das fadas."

O TROVADOR

958. "Como te fala então?..."

A DOIDA

959. "Sempre escrevendo:

[322] G: Mal empregada fé, que a Deus só cabe
[323] G: Com vãos encantos, desvairando, perdes.
[324] G: Vestidos cor de leite em corpo esquivo,

960. Toma da lua um raio, e sobre as ondas
961. Escreve muito tempo, e jamais erra."

O TROVADOR

962. "Que idade tens?..."

A DOIDA

963. "Eu sou bem nova ainda;
964. Se os anos como vós contar devesse,
965. Vinte contaria; mas a nós, as fadas,
966. Que importa a idade?... somos sempre moças."

XVII

967. Em silêncio profundo ambos se engolfam:[325]
968. O Trovador medita, refletindo
969. Em tantas graças, que a loucura perde;
970. Enquanto a doida transportados olhos
971. Esquece sobre um rosto, onde mil vezes
972. Tem já corrido amargo pranto; há fogo,
973. Há mais que afeto brando a desatar-se
974. Naquele olhar tão preso: há como uma alma
975. Que nos olhos se entorna, e deles foge
976. Por encanto indizível atraída:
977. A *Nebulosa* e as fadas já nem lembra;
978. Do coração transpira oculto arcano,
979. Toda se perde, mas do enlevo acorda
980. Súbito, ouvindo um suspirar ansiado,[326]
981. Que escapa ao Trovador, e pronto fala,
982. Escondendo na voz o enleio da alma.

XVIII

A DOIDA

983. "E a tua história?..."

O TROVADOR

[325] Engolfar: ficar imerso, absorver (-se).
[326] Ansiar: afligir, inquietar.

"A minha história é um livro,
Que se não abre às vistas dos humanos;
No meu peito o fechei, e há de comigo
No túmulo cerrar-se."

A DOIDA

"E eu li teu livro,
Tua história conheço, em parte, ao menos!...[327]
Sei muito já, mas quero saber tudo."

O TROVADOR

"Já viste um tigre, e penetraste um antro?...
O tigre é meu sofrer, o antro meu seio;
Ninguém os viu, nem os verá, que eu velo."

A DOIDA

"Nem sei mentir, nem te enganar pretendo;
Uma palavra te resume a história;
Posso dizê-la; vê se o queres..."

O TROVADOR

"Dize-a."

XIX

Com terno olhar cravado no mancebo
A infeliz murmurou: "*Jamais!*"
Tremendo,
Com as mãos o Trovador os lábios cerra
Da pobre doida, arqueja, desatina,
E clama enfim:
"Oh basta! basta!Eu sinto
Que do demônio a mão no meu semblante
Imprimiu, como um selo, essa palavra!

[327] G: "Se não completo até o meio ao menos!...

É como a nódoa, que te mancha a fronte,
Da maldição e do desprezo a marca!..."

XX

Emudeceu depois, curva a cabeça,
Roça-lhe o peito a barba, e meditando
Como que a doida esquece: enfim mais calmo,
E mais triste, também fala sentido:

O TROVADOR

"Mulher, quem quer que és, doida ou praguenta,[328]
Frase de maldição disseste a pouco,
Quem te a ensinou?... responde."

A DOIDA

"E ao pensamento,
Quando o afogas nos prantos do passado,
Jamais, ah! diz! minha aflita imagem
Infante ou moça se mostrou sentada
Desse rio de lágrimas à beira?...
Nunca me viste?... nunca?"

O TROVADOR

"Sim: três noites
Já tenho ouvido a tua voz."

A DOIDA

"Mais nada?..."

O TROVADOR

"Onde podia eu ver-te?..."
A dor transborda
Da alma da louca pelo rosto em ondas;
Vem a seus lábios do martírio o riso;
Sinistro riso, que é descrer da terra!
Volta a cabeça e disfarçada enxuga

[328] Praguenta: que diz ou roga pragas.

Lágrima insana, que um mistério envolve,
E enfim tremendo, mas depressa, fala.

A DOIDA

"Porque resistes?... não me ouviste franca?...
Teus pesares relata-me: consola
Verter a dor em fonte dolorosa,
E um amor confiar, que nos tortura,
A quem o compreende."

O TROVADOR

"Pois tu amas?!!!"

A DOIDA

"Qual é a vida que um amor não murcha?...
Não ama a lua o sol?... e a *Nebulosa*,
Que é rainha das fadas, não se dobra
À lei que rege os mundos?... - também amo.

O TROVADOR

"E és infeliz?..."

A DOIDA

"Escuta: já tens visto
Nas vagas do alto mar nauta[329] **perdido,**
Que solta um grito, e não lhe acode um eco?...
Já viste no deserto a flor que pende
Sobre a torrente que a despreza e foge?...
Já ouviste o arrulhar de aflita pomba,
Que solitária geme?... Já notaste,
Como ante um desengano, uma esperança,
Aos pés do rude e inóspito rochedo?...[330]
Assim o meu amor!"

[329] Nauta: navegante.
[330] G: Aos pés do rude e impávido rochedo?...

O TROVADOR

"E tu que és fada,
Que de encantos a ciência ostenta,
Não descobriste ainda um filtro[331] **amigo,**
Que no seio te afogue amor tão fero?..."

A DOIDA

"Eu matar este amor?!!! - Que mãe já pôde
O filho - que causou-lhe horríveis dores,
Que rouba-lhe o sossego, a paz, o sono,[332]
Que quando sofre, a faz sofrer em dobro,
E que depois ingrato a desampara,
Velhinha e pobre - despregar da alma...
Oh!... quanto mais padece, mais o adora!...
Tal é o amor: no coração se infiltra,
Mais se aprofunda, quanto mais nos punge:
Com a vida se mistura... é nossa vida.
Quem se peja[333] **de amar, o mundo infama:**
Ninguém pode vencê-lo: - é a lei do Eterno;
Curvam-se aos pés do amor as próprias fadas.

O TROVADOR

"Oh!... não és doida, não! - gênio benigno
És, que para animar-me o céu envia.
Orgulho de homem vão!... vergonha eu tinha
De um amor, que o desprezo envilecera;[334]
Dever julgara denegá-lo ao mundo,
E comigo na campa adormecê-lo.
Agora não, eu falo: abriste as portas
De minha alma: ouve pois meu ímpio fado."

XXI

O TROVADOR

"Atrás daquela verde-negra selva
Há um formoso e pitoresco vale,

[331] Filtro: poção, encantamento, feitiço.
[332] G: "Que a desperta de noite, e a rouba ao sono,
[333] *Peja*: envergonha, receia, hesita, coloca obstáculos.
[334] Envilecer: tornar-se desprezível, humilhante.

Onde nasci no seio da abundância;
Amavam meus pais, e o caro filho
Foi de ambos o enlevo; entre sorrisos
E amantes beijos despontou-me a infância;
Guardavam-me consigo desvelados
Como mimosa flor, que ao sol se esconde.
Cresci longe do mundo, e a desejá-lo,
Sonhando a vida em lisonjeiro quadro
De arabescos brilhantes; na minha alma
Ardia o fogo, que alimenta o gênio;
Amava a Deus, meus pais, e a glória insana
Já de anelante no meu peito arfava.
Veio a mão do infortúnio desfechar-me
Primeiro golpe; a morte órfão tornou-me;
E através do pranto olhando a terra,
Ao lado de uma dor, e ante um sepulcro,
O mundo odiando vi-me preso ao mundo;
Vivi por minha mãe, meu pai chorando."

XXII

"Vinte anos contava; já não tinha
Olhar de pai, que imita a Providência
Velando sobre mim; dias e noites
No meu futuro em refletir gastava.
Por entre o pranto de viuvez mal pôde
Cuidar mísera mãe no filho amado.
Uma tarde, a cismar transponho a meta
De meus passeios, subo um monte e desço
A estranho vale; de repente paro
Escutando uma voz, qual nunca ouvira;
O! que foi perdição!... longínqua flauta
Na solidão saudades modulando
A horas mortas da noite; harpa vibrada
Por destras mãos da mais gentil donzela;
Zéfiro[335] **a sussurrar, fonte escondida**[336]
Que murmura no bosque... Oh! nada, nada,
Não é como essa voz: - cantava um anjo;
Amei... não soube a quem; se eu fora cego
Teria amado assim. Aproximei-me;
Vi... - novo encanto! - duvidei da terra,[337]
Da vigília... e de mim; mas nem foi sonho,

[335] Zéfiro: personificação mitológica do vento que sopra do ocidente.
[336] G: Favônio a sussurrar; fonte escondida
[337] G: "Vi...- nunca vira! – duvidei da terra

Nem me achava no céu; era um prodígio;
Era uma virgem de esplendor divino,
Um sorriso de Deus humanizado,
Que Deus mandara, por milagre ao mundo."[338]

XXIII

"Em êxtases fiquei, imóvel, mudo,
Como ante uma visão; quando ao fugir-me
A incógnita formosa, acordar pude,
De joelhos me achei: - tinha-a adorado.
Desde então, qual novilho lastimoso,
Que vai sempre chorar tristes saudades
Onde morreu-lhe a mãe, irresistível
O coração leva-me a esse vale,
Em que perdera a paz; mas foi debalde!...
Ninguém concebe amor tão abrasado,
Nem tanta ingratidão num peito humano!...[339]
Quando nos olhos meus brilhavam chamas
Do vulcão, que no seio aceso estava,[340]
Da esperança apagavam-se os ardores[341]
No gelo eterno da isenção tirana.
Quando, não mais conter o amor podendo,
Deixei-lhe ouvir primeiro ardente voto,
Primeira vez também - *Jamais* - me disse,
Jamais, que repetiu-me ainda mil vezes!...
Fraco que fui!... em vão busquei vencer-me;
Dobrava-me a paixão a má ventura.
Fiz-me dessa mulher mísero escravo;
Beijei a terra que seus pés calçavam;
Cobri de flores o relvoso assento
Em que pousava; ousei entalhar versos
Na mole casca da árvore frondosa,
A cuja sombra sesteava: - embalde!...
Desfiz-me em novas, mais ardentes juras;
Tirei dos olhos seus ardor e fogo
Para acender-me as frases, ameiguei-as
Com lágrimas sentidas, e invocando[342]
Deus, seus pais, a virtude e a paixão minha,[343]

---

[338] G: "Que Deus mandara por milagre à terra
[339] G: "E um tão mal pago amor ninguém concebe!...
[340] G: "Do vulcão, que no seio aceso estava,
[341] G: "Gelo era ela, que apagava a esp'rança! [na edição em volume foi acrescentado o verso nº 1138].
[342] G: "Depois com minhas lágrimas; invocando
[343] G: "Deus e seus pais, e o rosto dela mesma

Pedi-lhe amor e fé, mas sempre embalde!...
Ganhei somente o gelo do silêncio,
Ou um - *Jamais*- que flagela em dobro."

XXIV

"Este amor desgraçado irrita a raiva,
Derrama o desespero dentro da alma.
Como louco vaguei... uma serpente[344]
Feroz meu coração dilacerava![345]
Já extinta a razão de amor nas flamas,[346]
Às vezes de um sorrir colhido a furto,
De um olhar mais piedoso, ou de um suspiro
No deserto exalado, a alma iludida
Forjava uma esperança que bem cedo[347]
Frio gelo apagava: não dormia...
Morrer vinha-me à idéia... sempre em luta
Com esse amor fatal, da juventude
Murcharam rosas; pálido tornei-me,
Loucura, ou desespero nos meus olhos:
Espantador espectro, fui falar-lhe
Ainda uma vez: era acusá-la mudo
Deixar-me ver assim desfigurado
Ainda no albor[348] **da vida tropeçando,**
Ao pé do túmulo já!... entristeceu-me;
Animei-me, esperei e a voz soltando
Pedi-lhe amor e gratidão - e a bárbara
Só respondeu: - *Jamais*! - frase sinistra!...
É a sentença que à irrisão[349] **me vota."**

XXV

"Minha esperança em hora de loucura
Caiu dos pés de Deus no caos do inferno.
Não longe, em fundo vale, e gruta horrível,[350]
Vendia filtros e conselhos tredos[351]

---

[344] G: "Como louco vaguei... tinha no seio
[345] G: "Feroz meu coração dilacerava!
[346] G: "Da mais simples ação a alma faminta [os versos de números 1164, 1165 e 1166 foram acrescentados na edição em volume]
[347] G: "Forjava uma esperança pr'a bem cedo
[348] Alvor: princípio.
[349] Irrisão: zombaria, escárnio.
[350] G: "Não longe, em fundo vale, e cava negra

1186. Astuta feiticeira; procurei-a;
1187. **Entrei no antro e consultei a maga;**[352]
1188. Minha história escutou: depois ansiado
1189. **Perguntei-lhe anelante**[353] **o que podia**
1190. **Aos meus votos de amor dobrar a ingrata:**[354]
1191. Longo tempo cismou a feiticeira:
1192. **E enfim erguendo a fronte, disse - *louros.*"**[355]

A DOIDA

1193. "E viste alguém à entrada do antro escuro?"

O TROVADOR

1194. "Pobre menina, que me ouviu chorando."

A DOIDA

1195. "De que idade?..."

O TROVADOR

1196. "Talvez tinha dois lustros[356]."

A DOIDA

1197. "Tinha-os: prossegue".

XXVI

O TROVADOR

1198. "Fé prestando à maga,

1199. Fugi ao ócio e procurei batalhas.
1200. **Oh! deixei minha mãe!... tão só e enferma,**[357]

---

[351] *Tredos:* falsos, fingidos, trapaceiros.
[352] G: "Entrei no antro, e contemplei a maga;
[353] Anelante: ofegante, ansioso.
[354] G: "Domar essa mulher, e amor ganhar-lhe:
[355] Louros: glórias, triunfos.
[356] *Lustro:* período de cinco anos; quinquênio. No caso,dois lustros, dez anos.
[357] G: "Oh! deixei minha mãe!... enferma e velha

Filho ingrato olvidei dever sagrado:
Falsa esperança à ingratidão levou-me,
O desespero me acendia o ânimo:
Nenhum mais bravo; poucos tão ditosos
Houve como eu; a minha espada um raio
Aos inimigos foi; jamais vencido
Venci mil vezes; proclamou-me a fama
Herói guerreiro; de troféus coberto
Voltei garboso: da mulher que amava,
Corri aos pés, depus-lhe os da vitória
Imarcescíveis[358] louros; e em resposta,
Quando pedi-lhe amor - *Jamais!* - me disse.

XXVII

De novo a maga exasperado busco;
Lanço-lhe em rosto o pérfido conselho:
- Louros lhe trouxe! brado-lhe; e debalde,
Não tive amor! que lhe trarei agora?... -
Torna a cismar a feiticeira astuta;
E enfim erguendo a fronte, disse - *cantos.*"

A DOIDA

"E viste alguém à entrada do antro escuro?..."

O TROVADOR

"Pálida moça a contemplar-me absorta."

A DOIDA

"Quantos anos teria?"

O TROVADOR

"Quinze."

A DOIDA

[358] *Imarcescíveis*: que não murcham, não perdem o viço, o frescor.

1223. "É isso;
1224. Prossegue ainda."

XXVIII

O TROVADOR

1225. "Desprezei batalhas,
1226. Troféus, vitórias; trovador tornei-me;
1227. Fiz troca de uma espada por uma harpa,
1228. E esta me deu o que me dera aquela;
1229. Glória de trovador, ou de guerreiro,
1230. É sempre glória, que deslumbra o mundo.
1231. Meus hinos pelos vales entornando,
1232. Graças e nome eternizei da ingrata.[359]
1233. Anos cinco gastei cantando a bela,
1234. E aqueles que me ouviam, comovidos,
1235. A bela e seu cantor abençoavam.
1236. Voltei enfim, e as ternas harmonias
1237. Fui depor, como outrora os nobres louros,
1238. Aos pés da cruel virgem; - docemente
1239. Peço-lhe amor em paga de meus cantos,
1240. E ela ainda uma vez - *Jamais* - me disse."

XXIX

1241. "Louros ganhados no jogar das vidas,
1242. Cantos, perfumes da alma, em vão gastará!...
1243. **Corro de novo à gruta enganadora;**[360]
1244. Ah!... já não vive a feiticeira insana!"

A DOIDA

1245. "Mas ouviste uma voz no antro da maga;
1246. Quem te falou não sabes; mas ouviste:
1247. - Trovador! o teu mal não tem remédio;
1248. -Tu morrerás de amor... e alguém contigo."

[359] G: "O nome de uma ingrata eternizava.
[360] G: "Corro de novo à enganadora cava:

O TROVADOR

"E essa voz?..."

A DOIDA

"Era a minha."

O TROVADOR

"E a feiticeira?..."

A DOIDA

"Minha mãe, que foi ter com a *Nebulosa*,
E que às vezes vagando em torno à lua,[361]
Olha-me lá do céu."

O TROVADOR

"Ah desgraçado!
E que eu não tenha mais uma esperança!...
Amor funesto! - afeto matricida,
Que a minha mãe dez anos já me arrancas...
Oh minha pobre mãe! vive ela ainda?!...
Amor fatal! vergonha! opróbrio[362] e crime!...
Devo vencer-te, e te obedeço escravo!...
Tanta fraqueza me envilece... embora.
Eu quero ser amado; eu dera tudo
Por este amor: a glória das batalhas,
Dos meus cantos a glória; espada e harpa;
Eu dera a minha vida, e até minha alma.
Ouve, mulher: - ninguém te chame doida;
Não és doida, não és; - convém que sejas
Anjo ou fada para mim; inventa um filtro,
Dá-me este amor; em troco mil riquezas
Dou-te, que as tenho; não respondes?... fala."

A DOIDA

[361] G: "E que às vezes vagando a par da lua,
[362] Opróbrio: desonra, humilhação.

"Tu pedes-me esse amor? a mim? tu mesmo?..."
- Na fronte está me ardendo a nódoa negra!...
Marca de maldição... sinal do inferno!!!"

O TROVADOR

"Inventa um filtro, é teu quanto possuo."

A DOIDA

"Tu pedes-me esse amor? a mim? tu mesmo?
Sou réproba[363] **de Deus! sou feiticeira!...**
Ave das trevas... votam-me ao demônio!...
É castigo do Céu; porque sou fada."

O TROVADOR

"E o filtro?... e o filtro?..."

XXX

A Doida as mãos torcendo,
Cai de joelhos, correm-lhe dos olhos
Não mais contidas lágrimas, murmura
Com voz balbuciante:
"Eu cedo ao fado;
Na fronte está me ardendo a nódoa negra!...
Sou réproba de Deus! sou feiticeira!".
Enfim sufoca ao mancebo e lhe responde:
"Sobre teu mal falei com a *Nebulosa*;
Não tem remédio, que te prestem fadas;
Nas ondas me escreveu, e ela não mente.
Mas um recurso resta; fraco embora;
Vou tentá-lo pôr ti; nada me paga,
Nem mesmo toda em ouro a natureza:
Quanto me custa ele, não calculas.[364]

[363] *Réproba*: renegada;execrada.

Basta que o sinta eu, e Deus o saiba!
Irei falar a essa mulher que adoras;
Se a comover... melhor para nós ambos."

O TROVADOR

"Sabes quem seja?"...[365]

A DOIDA

"Que não sabem fadas!..."[366]

O TROVADOR

"Onde mora?..."

A DOIDA

"Sei tudo; e antes da noite
Farei por ti o que por mim não ouso."

XXXI

Da Doida aos pés o Trovador se atira;
Levanta-o ela, e diz-lhe tristemente:

A DOIDA

"Não te abaixes assim... nem mesmo às fadas.
Só ante Deus um homem se ajoelha.
Ao crepúsculo da tarde irei ao vale,
Que tu bem sabes; falarei com ela.
Agora eu parto, - que nos foge a lua.
Adeus!... - Desperta o amor que fala e ouve."

XXXII

[364] G: "Quanto me custa ele não compreendes,
[365] G: "Sabes quem é?...
[366] G: O que não sabem fadas?...

1312. Arpeja o Trovador, enquanto a Doida,
1313. Saltando no batel, maneja o remo,
1314. E vai cortando o mar ao som de um canto.

CANTO III

A PEREGRINA

I

A extrema da enseada e não longínquo
Das brancas praias amplo vale acouta.
Ao mar o esconde penha enorme e longa,
Separa-o da terra alta montanha:
Cobrem-no todo verde-negras selvas,
Em cujo seio pavoroso e tetro[367]
Raro penetra o sol, jamais a lua.

II

Lá num recanto do sombrio vale
Um antro a rocha tenebroso alberga.
Pétreas entranhas tempo edaz[368] **roera,**
Cavando assim uma guarida aos tigres,
Que escondidos de dia à noite rompem
Levando ao campo e selva estrago e morte.
Conquista a solidão o esforço humano,
Os tigres prema[369]**, que rugindo fogem,**
E a crença popular transmuda aérea
Das feras o covil em lar de fadas.

III

Última herdeira da sombria gruta
A Doida e mais ninguém nela se abriga:
Tremenda fama despovoa o sítio,
E aproveitando a solidão propícia,
No silêncio se obumbra a desvairada.

IV

O sol em pino enverdecia os bosques
Após a noite, em que se ouviram cantos,
Desses cantos que lágrimas são da alma:
Envolveu no seu véu a noite umbrosa

---

[367] *Tetro*: escuro; sombrio; tétrico; medonho.

[368] *Edaz*: voraz; devorador.

[369] *Prema*: ato ou efeito de premar. Premar: dominar com brutalidade, oprimir; opressão, violência, aflição, angústia . Conferimos o verso na 1ª e 2ª edições para saber se houve algum erro de tipografia e constatamos que em ambas foram grafadas a palavra prema.Se foi utilizada como verbo (premar), teria que estar conjugado (premam); caso tenha sido usada como substantivo, o verso não faz sentido.

1341. Do Trovador o caso infausto, e o voto
1342. Que imprudente jurara a pobre Doida.
1343. Nada revela o que abafaram trevas:
1344. O Trovador se oculta, a rocha é muda,
1345. E à confidente a solidão enubla.[370]

V

1346. Passara a noite, e o sol estava a pino.

VI

1347. Muda e triste a cismar no escuro antro
1348. Horas longas passou mísera Doida.
1349. Onde a sombra reinava mais espessa
1350. Sentada se deixou em rasa pedra.
1351. Cai-lhe pesada a fronte entre os joelhos,
1352. Que as mãos mantêm entrelaçando os dedos;
1353. Com um lúgubre[371] véu a envolvem toda
1354. Em borbotões[372] de anéis tombando imensas:
1355. Muda, imóvel estátua a julgaríeis,
1356. Ou corpo inerte que a alma abandonara,
1357. Se anélito [373]aflitivo não provasse
1358. Em vez da paz da morte a dor da vida.

VII

1359. É fundo abismo o meditar sombrio
1360. Em que se engolfa a doida inconsolada;
1361. No espírito rumina a que fizera,
1362. Generosa promessa: não a enjeita;
1363. Não quebra um voto o coração honesto;
1364. Mas ah! que assaz no seio este lhe pesa!
1365. É doce pão do espírito a virtude,
1366. E mil vezes também pão que se compra
1367. Com lágrimas acerbas![374] - Não importa:
1368. Prometeu, cumprirá. No entanto imersa

[370] Enublar: tornar(-se) triste, sombrio; anuviar(-se), entristecer(-se), perturbar(-se).
[371] *Lúgubre*: fúnebre, triste, de luto.
[372] Borbotões: em jorros, golfadas, em grande quantidade.
[373] Anélito: grande aspiração, desejo ardente.
[374] Acerbas: amargas, terríveis.

Nesse deserto que mudez se chama,
Presa ao tormento seu, esquece o mundo.
Diríeis que de todo introvertida
No coração contempla um triste arcano,
Já extinta esperança, flor quebrada;
Tal como infeliz mãe se prende à lousa
Que o filho inanimado eterna esconde
Para chorar a dor, que é sem remédio.

VIII

Ai mísera! por que maligno gênio
Que te arrebata em vôos desvairados
A mente que cogita, a sós te deixa
Entregue toda ao coração que sente?...
Ai de ti, pobre Doida! que te queimam
A um só tempo dois fogos seio e fronte:
Este ao menos não dói-te; que não pode
Julgar dano a loucura alma de louca;
Mas o fogo de amor... ah que dói muito!

IX

De tão longo cismar triunfa a Doida,
Alça enfim a cabeça e a face mostra.
Que turbilhão de sevos[375] pensamentos,
Dessa infeliz na alma tempesteia!...
Turva e sombria a fronte se lhe enruga,
Como empolado mar que o vento agita,
Ou irado leão que a juba encrespa.
Em contínuo volver rodam-lhe os olhos,
Em cada olhar centelhas dardejando;
E o seio virginal sagrado berço
De um puro amor, que por mesquinha sorte,
Ali mesmo terá também seu túmulo,
Arfa, prevendo o fúnebre destino.

X

Ao declinar do dia ergueu-se a Doida:
Do coração lhe rompe agro[376] gemido,

[375] *Sevos*: cruéis; desumanos.
[376] Agro: cultivado.

Primeiro foi; mas ah! como arrancado
De um seio, que a gemer exala a vida.
Serena e balbucia:
"É meu destino!
Na fronte a nódoa negra está me ardendo;
Sou reproba de Deus, sou feiticeira;
É castigo do céu; devo curvar-me."
Cai-lhe então a cabeça como ao peso
De tremenda desgraça, e a nívea capa
Toma, envolve-se nela, e deixa o antro.

XI

Ei-la vai: - generoso sacrifício
Misera Doida a consumar se apressa.
Sobe alta serra, entranha-se num bosque
Umbroso e denso; e quem então a visse
Nessa que alveja roçagante[377] capa,
Com as madeixas tão longas espargidas
E muda e só, de espanto estremecera,
Qual se encontrara pálido fantasma,
Ou branco gênio, que a floresta encanta.

XII

Ei-la vai: já desceu a fundo vale,
Passa além de um ribeiro, e menos alto
Vence outro monte, que palmeiras coroam:
Chega-lhe ao cimo, e para baixo olhando;
"É ali!" murmurou: cai-lhe uma lágrima,
Quente ainda, que é fibra derretida
De um coração que ferve em fogo insano;
Com a destra enxuga do martírio a filha,
Anima-se e prossegue: a longa marcha
Não a fatiga ainda; mas no seio
Tanto lhe pesa um desvalido afeto,
Que já seu passo é vagaroso e tardo.
Ao ir soar do sacrifício a hora,
Hesita o mesmo bravo que não treme,
Quanto mais ela que é mulher e amante!

XIII

[377] Roçagante: que se arrasta, que roça.

Com diadema flamante[378] o sol se ostenta
No trono das montanhas; mais uma hora
E o rei dos astros dormirá tranquilo
Do horizonte no leito nebuloso,
E ao colo ardente das houris[379] de fogo.
A cena é majestosa! atrás e aos lados
Montes severos, cujos dorsos mordem
Torrentes que a bramir se precipitam,
Florestas gigantescas, negras penhas,
E em doces vales plácidos arroios;
E ante si vê a Doida um verde bosque,
Donde lhe trazem vespertinas auras[380]
De manacás de baunilha eflúvios.[381]
De mistérios é hora: o bosque fala,
E com o fagueiro sussurrar dos Zéfiros
Com quem barulham as bulhentas folhas
Mistura-se das feras o bramido,
Silvos das serpes, estalar de ramos,
Zumbir de insetos, e gorjeio de aves,
Que se despedem do astro moribundo.
E um hino que entoa a natureza
Da solidão no mágico sacrário.[382]

XIV

Viva só pela dor, morta para o mundo,
E a tudo alheia, vai seguindo a Doida;
Vence o espaço por fim que a separava
Do sítio, altar de bárbaro holocausto;
Para... hesita... reanima-se, e de súbito
Nervoso impulso as forças lhe excitando,
Últimos ramos, que a detém, repele
Com as mãos trementes, surge da floresta,
E ante um límpido lago imóvel fica.

XV

[378] Flamante: avermelhado, brilhante.
[379] Houris: nome dado pelos muçulmanos às belezas celestes que, segundo as promessas do Corão, deveriam recompensar após a morte a virtude e a fé do verdadeiro crente. Elas possuem uma beleza e juventude eternas. Segundo Bouillet, têm a menina do olho negra e o branco do olho é brilhante.
[380] Auras: brisas
[381] Eflúvios: perfumes, aromas.
[382] Sacrário: lugar onde se guardam objetos sagrados.

A abóbada pomposa da floresta
Quebra-se ali e um lago patenteia,
Que reflete do Céu a imagem pura.
Onda serena a face enruga apenas,
Quando aos beijos dos Zéfiros se agasta.
No coração o bosque o lago acouta[383],
Qual o serralho de um sultão zeloso
A dileta odalisca, e gigantescas
Em torno alinham-se árvores soberbas,
Orgulhosas de ver-se retratadas
No cristal puro das tranqüilas águas.
Bordam as margens delicadas flores,
Que embalsamam o ar doce vibrado
Por mil gorjeios de canoras[384] **aves.**
A magia do belo o sítio encanta;
E mais além... no fundo onde viçosa
Macia e nova reverdescente a grama,
Silvestre pavilhão ergue a natura.
De manacás em círculo dispostos
Um grupo vê-se entrelaçando-se os ramos,
Por entre os quais alastram-se em mil voltas
Virentes, delicadas trepadeiras
De verdura eternal forjando um teto,
Onde flores sem conta estão brotando,
Como estrelas no céu brilhantes luzem;
A cúpula florida guarda e zela
De relva um banco - o trono da floresta,
Que só deve ocupar a formosura.

XVI

Tinha a Doida volvido em torno os olhos,
Até que os fita no gramíneo assento;
Estática ficou... pasma, contempla...
Dói-lhe o que vê; mas admira - absorta:
De verde relva no mimoso banco
Por entre as hastezinhas entrançadas
De belas flores, que da verde cúpula
Vem caindo ao acaso vacilantes,
Quais madeixas de um gênio da floresta,

[383] *Acouta*: abriga, ampara, acolhe.
[384] *Canora*: de voz ou canto harmonioso, sonoro, melódico.

1503. Vê-se num abandono voluptuoso
1504. Sentada a meditar mulher ou anjo.
1505. **O primor de um cinzel**[385] **sublime fora,**
1506. Se fora estátua; tão formosa é ela!...
1507. Quando pode a mudez quebrar do espanto,
1508. Torcendo as mãos, murmura a pobre Doida:
1509. "Razão teve de amá-la!..."

XVII

1510. À voz estranha
1511. Ergue-se o belo vulto... um passo avança...
1512. E um abismo de encantos se revela.

XVIII

1513. Sua estatura é alta e majestosa,
1514. Sem que lhe abafe a majestade a graça.
1515. Quieta face de um lago manso e puro,
1516. **Sereno céu de bonança**[386] **aurora,**
1517. Eis sua fronte sossegada e lisa.
1518. Os seus cabelos longos e brilhantes,
1519. Como da tempestade a nuvem negros,
1520. Em bastos caracóis brincando soltos,
1521. Quando assentada, o colo lhe anuviam:
1522. Tão grande negridão, seio tão níveo,
1523. Em desordem furtando a mil desejos,
1524. É como um caos que um mistério esconde:
1525. Olhos negros também, de amor são raios;
1526. Tem uma luz que aos corações é dia,
1527. Tem um fitar que à indiferença é morte.
1528. Ao ver-lhe a breve e graciosa boca,
1529. **Suas madonas retocara Urbino;**[387]
1530. **O bico da trocaz**[388] **rubor mais puro**
1531. Não tem, que os lábios seus, nem mais alvura
1532. Que os finos dentes neve cristalina.
1533. Ao cisne do Uruguai não cede em graça

---

[385] Cinzel: instrumento manual usado para entalhar ou esculpir.
[386] Bonança: tranqüila, calma.
[387] Urbino: cidade italiana onde viveu Rafael Sanzio, autor das madonas. O autor do poema trocou o nome do pintor pelo nome da cidade.
[388] *Trocaz, torcaz*: pomba-trocal; os pombos deste tipo têm o pescoço esverdeado e cortado por um colar incompleto muito branco.

Seu colo altivo e belo, e nem as fadas
A cintura no mimo e delgadeza,
Torneara-lhe os braços gênio amigo,
Tão formosos se mostram! mão de um anjo,
Branca e leve qual pena de uma garça,
Jasmim colhendo por jasmim se houvera;
Níveos dedos coroam rubras unhas,
Quais hastes de cristal pétalas de rosas;
E o lindo pé, que às vezes se advinha,
Quando mergulha na rasteira grama,
Invejariam silfos[389], que só voam.
Oh! tão formosa, custa a crê-la humana!
Parece um anjo que baixara à terra,
Anjo exilado da mansão dos justos,
Peregrinando na mansão dos erros.

XIX

Dói-te a vida que arrasta alma cativa?...
Pesa-te amar debalde?... - não a vejas:
Pede ao céu que desfira um raio ardente,
Que de uma vez te cegue; melhor fôra,
Do que vê-la e morrer de amor por ela,
Quem a viu uma vez, não mais a esquece,
Tantas lhe sobram feiticeiras graças.
O angélico sorrir, que os lábios puros
Lhe adelgaça,[390] alvejando ebúrneos[391] dentes,
E como onda mansinha, que recua,
E mostra núvea praia; ou como a aurora
Despontando num céu claro e formoso;
Ou como dadivosa uma esperança
Na alma se dilatando. Nos seus olhos
Brilham talvez centelhas, escapadas
Dessas que Deus raiou, quando nos dias
Da imensa criação, olhando o espaço,
Criou a cada olhar um sol, um astro.
Da ave amante do céu plácido vôo,
De gracioso batel nado suave,
Que ao luar, em desoras vai tranqüilo

[389] *Silfos*: gênio do ar na mitologia céltica e germânica da Idade Média; espírito elementar do ar, segundo os cabalistas.
[390] Adelgaçar: tornar(-se) delgado, fino.
[391] Ebúrneos: brancos, de marfim.

Lambendo a face do dormente lago;
De meigo sonho a idéia perigosa,
Que como que se arrasta pela mente,
Que de saudosa o seu fugir demora;
Da harpa sonora o som, que vai morrendo
Pouco a pouco entre as auras diluído,
Nem ave, nem batel, nem pensamento,
Nem som da harpa amorosa são serenos
Como o volver dessa mulher formosa,
Quando anda, ou se desliza pela terra.
Oh! não a vejas, que de amor sucumbes.

XX

Oh! Não a escutes, que debalde és cego!
Para matar de amor a voz lhe basta.
Sobeja[392] ouvir o seu falar maravilhoso
Para embeber-se na alma um filtro insano
De indizível doçura repassado.
É nos seus lábios uma frase um hino
Desses que aos pés de Deus modulam anjos.
Se entoa um canto... eleva-se da terra,
E a quem a ouve arrouba em doce enlevo;
É sua voz prodígio de harmonia;
E em cada nota ressoar se escuta
Alma de gênio, e coração de artista.
Sutil perfume de virgínea[393] rosa;
Eco noturno de longínqua flauta,
Que geme aos lábios de amador saudoso;
O primeiro- talvez- que ousa tremendo
Pudica[394] virgem conceder ao amante;
Um gemido de mãe, que ajoelhada
Junto à campa do filho idolatrado
Chora saudades; um adeus extremo,
Que em despedida - o último - se dizem
Já de longe os esposos que se adoram;
Oh! tão ternos não são como seu canto,
Quando fala de amor celeste e puro.
O furor do ciúme interpretando,

[392] Sobejar: suprir(-se).
[393] Virgínea: virgem, virginal.
[394] Pudica:recatada, tímida.

Raios desprende num cantar sublime,
Que o coração em tempestade mostra;
O crime a praguejar é como um anjo
Que o castigo de Deus troveja aos ímpios[395].
Terna, sublime, ardente, é sempre a mesma,
Sempre artista feliz, gênio inspirado.

XXI

Dobra o mistério da beleza o encanto,
Seu nome, a pátria sua, e de onde veio
Ninguém sabe: surgiu inesperada
Naquelas solidões, qual nos céus brilha
Do astrônomo absorto aos olhos longos
Noite primeira incalculada estrela.
Como um arcano no sacrário da alma
Cerrou depois a vida num retiro,
Onde se apraz de se roubar aos homens.
Ali respira amor; mas seus amores
São dois só - harmonias e perfumes;
As aves ama, porque as aves cantam,
Flores cultiva, porque aromas vertem,
E entre cantos e odores frui a vida.
Ela canta, e cantando se arrebata
Levada em vôos às mansões do gênio;
Não que louvores, nem modéstia inculca;
Canta, só porque vive de harmonias.
Suas vestes recendem[396] odorosas[397]
Sempre; quando ela passa, após nos deixa
De indizível fragrância onda suave,
Como vestígio de um passar de fada.
Onde ela mora, desabrocham rosas;
Bela princesa de ridentes vales
Formam-lhe a corte peregrinas flores;
Talvez um *ser* de natureza estranha
Vive só de perfumes e harmonias.

XXII

[395] *Ímpios*: que ou aquele que não tem fé ou que tem desprezo pela religião.
[396] Recender:exalar, espalhar, cheirar.
[397] Odorosas: perfumadas.

Puderam vê-la astutos camponeses
A furto às vezes na solidão do bosque;
Nunca mais a esqueceram; do crepúsculo
Sabem, que apraz-lhe a hora, e mal descamba
Sobre os montes o sol, já pressurosos
De longe ocultos das floridas moitas,
Encantos sorvem com famintos olhos,
Que veneno também incautos[398] bebem.
O que primeiro a vê, arfa de glória,
Aos sócios a anuncia; se não sabem
Da bela o nome, um outro lhe inventarão;
De estranhas plagas[399] lembram-se que é vinda,
E a chamam de concerto a - *Peregrina*.

XXIII

Tão bela criação sempre era humana!
Anjo fora, e na terra não vagara,
Se, milagroso *ser*, mortal fraqueza
Superando, perfeita em tudo, houvesse
Vencido a lei, que a humanidade acanha.
Oh! inda mal que em corpo tão formoso
Se anninha um coração isento e fero!
Menos bela antes fora, e mais sensível!
Do quinto lustro a meta já tocara,
E de amor um olhar...um riso nunca,
Raio da alma ternura se acendera
No angélico semblante; era uma estátua,
Mármore toda, coração não tinha;
Ou então flor do céu não vê na terra
Cultivador que lhe mereça eflúvios;
Divino girassol pende somente
Para o astro de luz, que é seu encanto;
É no mundo em que vive uma estrangeira,
Nada do mundo quer; é pensamento
De piedade cristã, que a Deus se eleva,
Ave altaneira, que despreza os vales,
E vai soberba conquistando as nuvens,
Sumir-se onde não chega a vista humana;
Centelha ardente de sagrada pira,[400]

[398] Incautos: descuidados, imprudentes.
[399] *Plagas*: país; região.
[400] Pira: fogueira, fogo simbólico.

Que foge da terra, e perde-se no espaço;
Coração de amianto, que não arde,
Ou sol, que abrasa o mundo, e não se abrasa.

XXIV

Vacila a Doida tantas graças vendo,
E uns olhos, que rebentam de ciúme
Daquele rosto arranca exasperada;
Flama infernal lhe abrasa a consciência,
E com voz abafada e um rir sinistro
De novo diz: "Razão teve de amá-la !..."

XXV

Atônita ficara a *Peregrina*
A olhar essa mulher, que ali surgira;
Debalde intenta descobrir quem seja;
Figura, vestes, parecer e modos
Estranhos por demais nada lhe indicam;
Espera em vão que fale, e ao vê-la muda,
Olhos fitos no chão, tremendo os lábios
A murmurar imperceptíveis frases,
Aproxima-se dela, e enfim pergunta:
"Mulher, quem és?... por que buscaste o lago?..."

XXVI

A voz de encanto convulsou a Doida;
Recorda o voto, que olvidado estava,
E treme ainda uma vez. Como cumpri-lo?...
Como encarar um rosto e aqueles olhos,
Que em sua formosura o amor lhe matam?...
Como dizer: "Triunfa! é teu, quem amo!
Sê rainha, e a teus olhos, e aos pés dele
Escrava eu seja, que, rojando[401], viva
A gemer desprezada?..." A miseranda[402]

[401] Rojar: arrastar (-se).

Hesita, arqueja, e as mãos emagrecidas
Cruzando no peito, balbucia?
"Ordena-o minha mãe, hoje me disse
Três vezes no piar de ave agoureira;[403]
E num raio do sol, que entrou na gruta
Primeira vez, na rocha tremulando
A sentença ditou-me a *Nebulosa*:
Na fronte está me ardendo a nódoa negra!
Sou reproba de Deus!... cumpra-se o fado."
E de um falso valor súbito acesa,
As vistas ergue, a *Peregrina* arrosta[404]...
Mas ah! que além não pode! em desatino,
De um delírio fatal cedendo aos ímpetos
Deita a correr ao redor do lago;
Suas madeixas pelos ares voam,
De encontro aos ramos fere as mãos e a face,
A capa desenvolta, se espedaça,
Satânico fulgor nos olhos brilha,
E brada enfurecida: "Nunca! nunca!..."
Pára de chofre; uma assassina idéia
Na alma fuzila... volta-se para o lago,
Um salto forma; mas... pendente fica...
Os braços estendidos... lábios trêmulos...
Desconcertado o rosto... o seio arfando...
Estática... pasmada... hirta de assombro.

XXVII

Demônio atroz, que o suicídio inspira,
E só triunfa em mente desvairada,
Ou quando em alma fraca a fé vacila,
A infeliz, que em torturas se estorcia,[405]
Mostrara insano no profundo lago
Um leito, onde se dorme eterno sono.
Deslumbra a Doida do descanso a idéia,
À morte avança; mas no extremo instante,
Em que do abismo já pendia à beira,
A própria sombra na água lhe aparece,
Qual ondinha[406]**, do fundo, olhando a vítima;**

---

[402] *Miseranda*: que inspira comiseração; lastimável, deplorável, infeliz.
[403] Agouro: presságio de acontecimento ou notícia nefasta; sinal que prenuncia algo.
[404] *Arrosta*: enfrenta sem medo ou covardia.
[405] Estorcer: contorcer-se de dor, de desespero, de aflição.
[406] *Ondinha* ou *Ondina* :nas mitologias germânica e escandinava, gênio ou ninfa do amor, que vive nas águas.

Para os braços que estende a desgraçada,
Braços estende mentiroso vulto,
Os movimentos lhe arremeda, e acaso
Aflição, e terror também simula.
Em treda[407] exaltação perdido o espírito
A sombra desconhece a doida, e túrbida[408]
No vacilante vulto os olhos crava,
Espanto radiando, e pavor toda,
Até que rendida a pulso irresistível
Vai curvando os joelhos, mãos cruzadas,
Desprende a voz, que lhe peara[409] o susto,
E fala à sombra com dorido[410] acento:
"Compaixão! compaixão, ó *Nebulosa!*
Reconheço-te aí nas vagas formas,
Como reges o mar, no lago imperas!
Em toda a parte predominam fadas.
Curvo-me a teus decretos, não me punas!
Sou réproba de Deus, sou feiticeira:
Arde-me a fronte! cumprirei meu voto."

XXVIII

E uns olhos, que à terra ainda prendiam
Ciúme, e dor, alonga pela relva,
Até que os suspende a contemplar absorta
Virgínea rosa, tão virgínea ainda,
Que nem de todo distendera as pétalas.
Algum tempo esqueceu-se muda a olhá-la,
Depois como ao fulgir de um pensamento,
Volve o rosto para o lago, e diz baixinho:
"Curvo-me ao fado; cumprirei meu voto;
Hei de falar-lhe sem queimar meus olhos;
A rosa me ouvirá, e a rosa é ela."
Depois chegou-se à flor; com o branco dedo
Toca as pétalas de leve, e suspirando
Desprende a voz, como um gemido triste,
Triste como da rola o triste arrulho.

XXIX

[407] Treda: traidora, traiçoeira.
[408] *Túrbida*: perturbada; turva, escura, sombria, obscura.
[409] *Pear*: prender.
[410] Dorido: doloroso.

"Estas pétalas são páginas de um livro
Que eu leio e compreendo: feia história
Encerrava o botão, que vai se abrindo.
No coração do vale ao pé do lago
Ao mundo oculta se abrigava a rosa,
Qual vergonhoso terno[411] pensamento,
Que arde abafado em alma de donzela;
Mas como os olhos e os sorrisos traem
Aquele meigo afeto, o amor primeiro,
Que nos véus do pudor esconde a virgem,
Assim também aligeros[412] perfumes
Os segredos da rosa atraiçoarão.
Das flores o falar entendem fadas;
E a *Nebulosa*, decifrando aromas,
Fez-me ler, gentil rosa, a tua história;
Vou repeti-la; escuta; e vê se eu minto."

XXX

E prossegue em falar com voz tão doce,
Com tão suave acento, que disséreis
Canto de amores a engenhada[413] fábula.

XXXI

"Nem sempre rosa, linda flor, tem sido
Nem sempre o mimo do secreto lago;
De encanto és presa, de vingança exemplo,
Se agora és rosa, foste já donzela.

Doces aromas que teu seio exala,
Revelam mudos de teu fado a história;
Também sou maga, e desnudei arcanos;
Sei que és donzela, e só no aspecto rosa.
Lembras-te acaso das passadas glórias?...
Tecera a graça em tua face um ninho;
Raios amor nos olhos teus vibrava,
E contendias[414] formosura aos anjos.

---

[411] Terno: afetuoso, lastimoso.
[412] *Aligeros*: que tem asas; ligeiros, velozes, rápidos.
[413] Engenhada; inventiva, criativa.
[414] *Contender*: disputar; rivalizar.

Na voz as fadas te entornaram filtros,
Eras do mundo maravilha e assombro;
Em flor és menos, que em mulher; rainha,
Se hoje és das flores, já das belas foste.

Muitos te amaram: - juras e protestos
Deixaste, surda, que a teus pés morressem;
Deusa impiedosa, só de ti ganharam
Desprezo frio, adorações ferventes.

Nem de um poeta o coração domou-te
O olhar de fogo, e derreteu-se o gelo;
Pobre insensata! nem sequer sabias,
O que é poeta, e que missão o alteia!

Do céu trombeta, que na terra soa
Raio do gênio, vítima da glória;
No céu tem palmas, tem na terra angústias,
No seio a glória, e na cabeça o gênio.

Flor que desponta, quando a natureza
Com santo amor o olhar de Deus fecunda,
Predestinado, que aleitaram fadas;
Mito de pranto e fogo: - eis o poeta.

Impenetrável rocha que desdenha
A linfa pura, que em seu dorso corre,
Assim tu foste, desprezando extremos,
Que ardente poeta desperdiçou contigo.

Pira sublime, recendendo amores,
Alma de fogo derramada em hinos,
Só teve em paga enregelada[415] frase,
Jamais! - a frase, que à esperança é morte.

Dói-se da afronta o desprezado amante;
Transporta o vôo, em que se arrouba o gênio;
Perlustra[416] as nuvens, esconjura as fadas;
E a voz lhe acode a *Nebulosa* amiga.

Primaz[417] das fadas surge de uma estrela,

[415] Enregelar: tornar(-se) frio; causar medo; fazer alguém perder o ânimo.
[416] *Perlustrar*: percorrer com o olhar, observar, examinar.
[417] Primaz: que está em primeiro lugar de importância; hierarquia.

Em cujo seio toda em luz se banha;
Os ares fende, voa e não tem asas,
E vai no espaço derramando encantos.

Profunda a terra e desentranha o ferro;
Do sol com o fogo, e com celeste orvalho
Tempera um gládio[418], que a magia apura,
E diz ao poeta: "Compra amor com louros!"

Tu da fraqueza delicado símbolo,
Flor que embeleces tronco, que te alenta;
Mulher, escuta: amor de um bravo é glória,
E pois que és flor, o bravo seja o tronco.

Raio é terrível de vitória a espada,
Que vibra o amante, louros conquistando;
Perdidos louros, que os rejeita a ingrata;
Quebra-se o gládio; e a *Nebulosa* freme.[419]

Surge iracunda de repente a fada,
Das mãos do poeta arranca a lira e voa;
Rebenta as cordas, que estalando gemem,
E outras apresta, que de encanto enchera.

Volta, e de novo o mágico instrumento
Ufana entrega ao devotado amante;
Na alma lhe acende lúcida esperança,
E diz-lhe: "Canta! que serás amado".

Flor do deserto, que te val[420] perfume
Se o não espalham pelo campo as auras?...
Virgem formosa! tu és flor do poeta
Que em doces cantos eterniza as graças.

Baldado esforço! rompe em vão da lira
Hino em que o gênio fervoroso avulta;
Aos ternos cantos não responde a ingrata,
Ou dura e fera só - *Jamais!*- responde.

Audaz afronta não suportam fadas:
Fulgindo irada a *Nebulosa* em fogo,
Frases sinistras pronuncia e súbito

[418] *Gládio*: espada curta e de dois gumes; punhal.
[419] Freme, Fleme, Flama: chama (fogo); lança (espada).
[420] *Val*: forma poética de *vale*: 3ª p.s. do pres.ind. do v. *valer*, substv.; *val*.

O encantamento da vingança opera.

Gentil donzela, já teus pés se afundam,
Prendem-se à terra, e tornam-se raízes;
Já de teu corpo se enverdece[421] **a cútis,**[422]
Mudam-se em ramos teus formosos braços.

Já tomam corpo teus fatais desprezos,
Espinhos são, e folhas os cabelos;
É seiva o sangue, é flor o que era rosto,
E é rosa agora, quem já foi donzela.

Ingrata! ingrata! nunca o seio virgem
De amor o pranto penetrar pudera,
E hoje, que és flor as lágrimas dos silfos,
Que orvalho choram, banham-te a corola.

De amor a um beijo nunca ardeu-te a face
Em rubras ondas de pudor virgíneo,
E ora os colibris, da inconstância tipos,
E abelhas ágeis tuas pétalas beijam.

Triste suspira a tal castigo o amante;
Move-se a fada, em zéfiro o transforma,
E ainda é suspiro, que é também zéfiro
Pelo infinito um suspirar da terra.

Ao fim triunfa! o desprezado amante
Zéfiro goza deleitosos mimos;
Tem mil amores, vinga-se da ingrata,
E a rosa é dele, como as outras flores.

Lá vem tão belo precedendo a aurora,
Que tremem folhas ao sentir-lhe o vôo;
E tu, que outrora o desprezas-te humana,
Hoje que és rosa, a teu pesar és dele.

Com teus cabelos, que são folhas brinca,
Beija-te a face, e lábios, que são pétalas;
O amor negado em teus perfumes liba,[423]
Depois te queixa, e vai gozar mais flores.

[421] Enverdecer: rejuvenescer; dar ou adquirir vigor; remoçar.
[422] Cútis: pele.
[423] Libar: beber, experimentar, gozar.

Nem sempre rosa, linda flor, tem sido,
Nem sempre o mimo do secreto lago;
Puniu-te o encanto da primaz das fadas;
Se agora és rosa, foste já donzela.

E como as graças murcham da beleza,
As pétalas murcham da mais leda rosa;
Tranças alvejam, como as folhas secam,
E a flor se extingue, como o corpo morre.

Podiam dar-te eternidade as fadas;
Mas a vingança a *Nebulosa* apura;
Já se congela a seiva, que te é vida,
E ressequida o teu rubor desmaia.

Estremo bafo nem perfume expira
Seco pedúnculo[424] **é derradeiro apoio...**
Cai sobre a relva... vês ao longe o Zéfiro...
E, encanto novo, a fala recuperas.

Clamas: "Piedade!" e o zéfiro insensível,
Por ti roçando no rasteiro vôo,
E indo outras flores festejar no bosque,
"*Jamais! Jamais!*... sussurrará com as folhas.

XXXII

Enquanto a Doida fabulava, aos poucos
Chegando-se viera a *Peregrina*,
E apenas ao silêncio a vê tornada,
Com dulcíssima voz assim lhe fala:
"Nem zéfiro, nem rosa; o nome escondes
De uma inocente flor por entre as pétalas:
Entendi seu falar; meu nome é esse;
Mas a que vens, e quem te manda ignoro."

XXXIII

Ainda a custo ou a medo, ainda com os olhos
Pela terra espalhando vagos lumes,
Responde a Doida; mas de ardor crescente

[424] *Pedúnculo*: haste que sustenta uma folha, flor ou fruto.

Acendida depressa, erguendo a fronte,
Na *Peregrina* encara e mais não treme.

XXXIV

A Doida

Trouxe-me aqui o coração sensível,
Que se doeu de um pranto mal chorado;
Completo um sacrifício, em que sou vítima;
Do altar que me devora a pira acendo.
Quem me o inspirou, bem sei; não é da terra,
Não a conheces tu, que o não mereces.
Da lua amiga, pelo céu divaga;
Águia não é, e conquistando os ares
Entre nuvens passeia, como a virgem
Por entre flores meditando vaga;
De amianto não é, e nas estrelas
Banha-se em chamas; luz, e não se queima;
Não é da terra, mas na terra as vezes
Solitária a cismar vê-se de noite
Mistérios decifrando; é bela, é rica,
No fundo mar tem um palácio de ouro;
Hei de lá ir... tu não irás, que és fera,
E é força que te odeie a *Nebulosa*.

A Peregrina

Que dizes tu?...

A Doida

Ela vê tudo; ah! treme!
Tudo vê, e ouve tudo a *Nebulosa*
Incessante velando; há na magia,
Poder, mistérios, supernais[425] **arcanos,**
Que à rainha das fadas só competem.
Quando lhe apraz, simula a forma, ou toma
Do ser que mais lhe agrada, ou mais lhe serve.
As vezes um favônio[426] **vai correndo,**
Nas asas de anjo que invisíveis voam,
A devassar jardins, beijando as flores;
Ah! treme! treme! que o favônio é ela;

[425] *Supernal*: mais alto, mais elevado; superior, supremo, soberano.
[426] Favônio: brisa, vento suave.

1968. E ao grato sopro dobram-se as palmeiras,
1969. **Que ciciando[427] ensinam-lhe segredos,**
1970. Que o silêncio ocultara à sombra delas.
1971. As vezes borboleta, ilusões finge,
1972. Confunde faces de rubor tingidas
1973. Com a rosas que ama, e como em desengano
1974. Das faces cai no seio da donzela
1975. **A perscrutar[428] suspiros. Flor às vezes,**
1976. Sem que o penses a tens nos teus cabelos;
1977. Passarinho do céu; eco de um canto;
1978. Arroio do deserto; vaga sombra,
1979. Que pálida ao luar surgiu de um túmulo;
1980. Raio da lua... matutino orvalho...
1981. Etérea exalação, ou sonho da alma,
1982. Que te perturba, à meia noite, o sono,
1983. Tudo, tudo é talvez a *Nebulosa*...
1984. Ah! treme, treme dela!...

A Peregrina

1985. Desgraçada!
1986. Tão bela, e de loucura assim ferida!
1987. Lastimo-te, infeliz...

A Doida

1988. Tu me lastimas!...
1989. Oh!... podes lastimar-me!... não! não podes:
1990. Doida me chamam, tenho bom juízo!...
1991. **Filha de fada, fada sou; dileta[429]**
1992. **Da *Nebulosa*, gozos mil prelibo[430],**
1993. Que lá me esperam no encantado alcançar.
1994. Mas - quem fala de mim? quem sou, que importa?
1995. Que me lastimas, dizes?... oh! pranteia
1996. Ante essa, que a lei sagrada olvida
1997. - Primeira lei de Deus, - e a um tempo afronta
1998. A Deus, que legislou, e a *Nebulosa*.
1999. Mulher, que abusas de fatais encantos,
2000. Teme o raio de Deus, e teme as fadas!
2001. Criminosa! arrepende-te, que é tempo.

---

[427] Ciciar: sussurrar.
[428] Perscrutar: tentar conhecer, procurar penetrar no segredo das coisas, investigar, examinar.
[429] Dileta: predileta, preferida.
[430] *Prelibar*: sentir prazer antecipadamente ao pensar em (algo); antegozar, antefruir .

A PEREGRINA

Quem criminosa?... eu?...

A DOIDA

Sim; tu não amas.

XXXV

E olhos que amaldiçoam e horror fuzilam
Na *Peregrina* a Doida irada fixa;
E ela por sua vez, tremendo ao fogo,
Que nesse olhar de louca radiava,
Recua um passo e transportada exclama:

A PEREGRINA

Eu não amar!... oh Deus!... eu que no seio
Do mais sublime amor guardo o sacrário!
Eu que vivo de amar... que amor sou toda!...

A DOIDA

Pois tu amas?...

A PEREGRINA

Se eu amo!... escuta; apalpa

Este anelante peito; sente a força
Com que palpita um coração de virgem;
E de amor a cratera que referve;
Que santo amor porém!... dele me ufano!...
Tão alto e nobre, que me arranca à terra,
E me embebe no céu; oh!... cem amores
Reunidos num só, que é mais que todos.
Amo as flores, turíbulos[431] mimosos,
Que ao Criador incenso exalam puro;
Amo as aves, que o bosque, o vale, o espaço
Enchem de doces e inefáveis cantos;
Amo o rochedo, que namora as nuvens;
O arroio, que serpeia em campo ameno;

[431] Turíbulo: vaso em que se queima incenso, incensório.

2027. A torrente soberba, que desaba;
2028. Amo a brisa, que geme no deserto;
2029. A fronte a soluçar manando a linfa;
2030. O prado, o monte, o rio, a serra, e o mar,
2031. Que o infinito arremeda; amo as estrelas,
2032. **Mundo fulgente**[432], **que espalhou no éter**
2033. O Senhor, e que a luz dardejam pura
2034. Que neles acendeu o olhar sagrado;
2035. Amo o sol, amo o Céu, a natureza,
2036. Amo o belo - amo a Deus!

A DOIDA

2037. E um homem?...

A PEREGRINA

2038. Nunca;
2039. No homem amo somente a obra divina;
2040. Ainda nele amo a Deus, e só Deus amo.
2041. Verme do coração, sensual instinto,
2042. Nada sobre mim pode.

A DOIDA

2043. Ave da terra!
2044. Prende-te um laço pelos pés ao mundo,
2045. E as asas bates para voar aos astros!

A PEREGRINA

2046. No cárcere do pó sei que está preso
2047. Meu espírito; embora! os seus anelos,
2048. Ao menos, livres para o Céu remontam.

A DOIDA

2049. E tu que Deus com tanto amor cultivas,
2050. Acaso ignoras que de Deus aos olhos
2051. É o mais belo altar uma alma pura,
2052. E a virtude o incenso o mais exímio?...[433]

A PEREGRINA

[432] Fulgente: brilhante, resplandecente.
[433] Exímio: perfeito, superior.

2053. Minha alma dei-lhe toda; amo a virtude.

A DOIDA

2054. E a gratidão, mulher?...

A PEREGRINA

2055. Acaba!

XXXVI

A DOIDA

2056. Atende.
2057. Duas fadas num antro um dia ouviram
2058. A estranha confissão do amor mais triste;
2059. Já uma delas se furtando ao mundo,
2060. Subiu às nuvens, e no espaço vaga;
2061. Era essa minha mãe: outra ainda vive
2062. Votada a um sacrifício aqui na terra.
2063. **Gênio que ordena, e amor que se holocausta**[434]
2064. Arrastam-na aos teus pés, e é força ouvi-la,
2065. Que a *Nebulosa* nos seus lábios fala.
2066. Sabes, mulher, que o Trovador te adora:
2067. Dez anos, e ainda mais de ardente pranto,
2068. De lágrimas a sede não saciam?...
2069. Oh!... Dez anos de amor te não comovem!...
2070. Que provas te não deu?... dizei, que falta?
2071. Hora fatal, ao ver-te a vez primeira,
2072. Não te falou no êxtase, que é alma
2073. Dos olhos a pender, porque não bastam
2074. **Ao vulcão, que prorrompe**[435]**, a voz e os lábios?...**
2075. Já te não lembras?... dizei.

A PEREGRINA

2076. Sim... prossegue.

A DOIDA

2077. E as flores que espargia, onde os vestígios

[434] Holocausta: neologismo criado pelo autor, significando: renuncia.
[435] *Prorromper*: iniciar com ímpeto; irromper ;manifestar-se subitamente.

Ficavam de teus pés?... acaso ignoras,
Que às flores ternos beijos precederam?...
E esse respeito temeroso e belo
Com que de longe suspirava a olhar-te?...
É santo amor o que o respeito acanha.
E as juras fervorosas, que veemente,
Como se a um Deus orasse de joelhos,
Até fez do amor tão forte, que bastara
A Deus um tal amor?... já te não lembras?...

A PEREGRINA

Lembro-me, sim.

A DOIDA

És porventura cega?...
Que outro mancebo mais gentil já viste?...
O Trovador é belo! a fronte altiva
É qual sereno céu; se a tolda[436] às vezes
Nuvem, que a enruga, é pensamento grave
Que a alma enubla; o Céu tem tempestades.
Seu vulto vence da palmeira a graça;
De sol brilhante os raios tem nos olhos,
E no semblante a palidez da lua.
Fadas o amam! tu, louca, o desprezas!
Quanto por ti ousou, nunca fizera
Amante algum, que extremos inventasse;
Guerreiro deu-te da vitória os louros,
Poeta a glória de sublimes cantos;
Cantos e louros!... que fizeste deles?...

A PEREGRINA

Foram cantos e louros não pedidos;
Esqueci uns; deixei murchar os outros.

XXXVII

A DOIDA

Não és mulher, não és! no peito aninhas

[436] *Toldar*: encobrir; nublar(-se); obscurecer(-se).

De fera um coração. Treme! a vingança
Das fadas é cruel. A *Nebulosa*
Protege amor, e a ingratidão castiga.
Gênios do ar, os silfos invisíveis
Por toda parte vagam; treme deles!
Sabes acaso como os silfos nascem?...
Não sabes o que são?... negros perjúrios,[437]
Falsos votos de amor, sacras promessas,
Que as mulheres volúveis quebram, mentem,
Em silfos se transformam.. ah! são tantos!...
Tantos já, que invisíveis a não serem,
O sol encobriram. Seu destino
É pelo espaço errar, amor vingando.
Treme pois do furor da *Nebulosa*,
Treme! treme, mulher, de irados silfos!
Dos gênios a vingança é, qual a morte,
Inevitável; nada escapa aos gênios.
Impalpáveis girando em toda a parte,
No soluçar da fonte um silfo existe,
No suspirar da brisa um silfo geme,
E em torno de teu leito aos mil volteiam
A preparar-te detestáveis sonhos.
Teme, oh mulher, a *Nebulosa* e os silfos!

XXXVIII

A PEREGRINA

Já me fadiga esse falar de louca.
Demais tenho te ouvido. Volta, e dizes
A quem deu-te a missão, que eu sempre a mesma
A seus votos de amor - *jamais* - me dobro.
Longe a esperança! um desengano frio
Leva-o tu, que extinga aquele fogo
Vero ou fingido, que debalde o queima.
E se a mão do Senhor baixar piedosa
A arrancar-te das garras da loucura,
Mulher, irmã, escuta-me: não ames!
Quando a teus pés um homem curvo, e terno
Jurar amor, chorar pranto de sangue,
Não creias, não, mulher; ele te engana.

[437] Perjúrio: falso juramento.

As lágrimas são galas da mentira,
E o juramento o manto da perfídia.
O homem é rei, que tiraniza, e ao menos
A isenção nos garante a liberdade.
O homem que pede amor, merca[438] uma escrava;
Se agora é flamas[439] todo, em breve prazo
Em gelo se transforma, e desabrido
Ou a despreza sem pudor, ou cedo
Com a indiferença mata-a. Somos flores,
Que enquanto novas de ornamento servem,
E murchas pelo chão rolam pisadas,
Dá-nos vida o desejo, e o gozo a morte.
Os amores da terra todos morrem
De indiferença ou tédio, afora aqueles
Mortos pela traição ao pé do gozo,
E do algoz pela mão. O amor do belo,
O amor de Deus sublime, puro, santo,
Esse sim, e só ele, eterno vive
No mundo, e além na eternidade fulge,
As almas que o cultivam perfumado.
Mulher! irmã! não ames! quando ouvires
Juramentos de amor, comigo aprende
A responder - *jamais*!

XXXIX

E arrebatada,
Qual temerosa corça a *Peregrina*
A correr pelo bosque foge rápida.

XL

Ficara a Doida atônita e surpresa;
E mal tornando a si, brando suspiro
Escapa-lhe do seio, e diz gemendo:
"Que irei dizer ao mísero!...
Ouvi tudo!"
Murmura o Trovador com voz sinistra
Surgindo dentre as árvores: "Terrível

[438] Mercar: comerciar.
[439] Flama: chama (fogo).

Minha sentença foi; embora: ouvi-a.
Vai-te, infeliz, e se te apraz ainda
Ver-me-á última vez, - na *Rocha-Negra*
À meia-noite - adeus!"

XLI

E também ele
Some-se na floresta, enquanto a Doida
Tristemente repete: "À meia-noite!"

CANTO IV

NOS TÚMULOS

I

2182. Num recanto afastado e solitário
2183. Daqueles sítios, de florestas virgens
2184. **E serranias[440] turvas[441] circulado,**
2185. Rompia dentre o bosque altivo monte,
2186. Que não distante devassava a estrada.
2187. **Outrora em seu cabeço[442] mãos piedosas**
2188. Erguido haviam protetora ermida.
2189. O monge que essa luz levara às selvas,
2190. Ao túmulo baixou; correram anos;
2191. Dormiu a fé no coração do povo;
2192. **A incúria[443] religiosa pune o tempo,**
2193. E a casa do Senhor vê-se em ruínas.
2194. Piam agouros fúnebres corujas,
2195. Onde outrora orações ao céu se erguiam;
2196. E o lar sagrado, que os fiéis reunia,
2197. De guarida noturna aos brutos serve.

II

2198. Como na vida humana uma esperança,
2199. Que a luzir e apagar-se nos desvaira,
2200. **Um estreito carreiro[444] e tortuoso,**
2201. Que surge aqui, e ali desaparece
2202. Para surgir e se esconder de novo
2203. Por entre grupos de árvores frondosas,
2204. Vai sinuoso terminar-se humilde
2205. Da velha ermida aos pés. Em torno dela
2206. Se ufana sobre o monte a natureza.
2207. Vegetação hercúlea arrosta as nuvens,
2208. **De aurífero[445] diadema[446] ipês coroados,**
2209. **Quais da floresta reis; sapucaieiras[447]**
2210. **Em coifas[448] cor do pejo[449] a fronte erguendo,**
2211. De espaço a espaço em turmas soberanas

---

[440] Serranias: serras.
[441] Turvas: nebulosas, nevoentas, com pouca visibilidade.
[442] *Cabeço*: cume arredondado de monte.
[443] Incúria: descuido, desleixo.
[444] Carreiro: caminho, trilha.
[445] Aurífero: de ouro.
[446] Diadema: adorno
[447] Sapucaieira: árvore pardo-avermelhada, com folhas rosas quando novas.
[448] Coifa: cobertura, a copa da árvore.
[449] Pejo: cor vermelha (de vergonha).

Ostentam força, e em generoso impulso
Parecem, dilatando os longos braços,
Estrênuos[450] proteger tênues arbustos,
Que ao perto humildes crescem. Pela terra
Vêm rochedos rompendo, como dorsos
De elefantes curvados; negras furnas,
Despenhadeiros turvos lá se afundam,
E além brame[451] a torrente impetuosa,
Que as rochas morde e enfim se precipita
No abismo pavoroso, onde se engolfa
A urrar como um touro embravecido.

III

Sobre o monte no entanto mal se avista
Por entre os braços de árvores frondosas
A ermida moribunda. Largas fendas
Suas paredes carcomidas[452] rasgam;
Da torre, que já pende, o campanário
Conquistam parasitas; já três vezes
Uma após outra vento impetuoso
Do protetor telhado arrancou parte,
Que em pedaços e em monte aos pés ficou-lhe,
Ninho prestando a venenosas serpes;
Aves se aninham em figueiras bravas,
Que no sagrado teto ousadas crescem,
E as andorinhas de aflição gazeiam
Vendo os filhos de Deus deixar ingratos
Que uma casa de Deus assim desabe.

IV

O tempo que atacara o lar da vida,
Da morte o campo respeitar soubera.
Ao passo que em ruínas cai a ermida,
Lúgubre pátio que a seu lado asila
Ileso permanece, ileso o teto
Que cobre rude altar, onde singela
Ergue-se a Cruz sagrada, e ilesa ainda
A lâmpada que exala a flama triste,

[450] *Estrênuos*: valentes; intrépidos; corajosos.
[451] Brame: produz grande ruído.
[452] Carcomida: roída, destruída.

Única luz que luta ali com as trevas:
É da morte a morada; em longas filas
Os túmulos se ordenam; breves frases,
Epitáfios[453], que a mão de amor gravara,
Nobilitando[454] o pó, os mortos lembram.
É o alcaçar[455] da morte, e seu ministro
O tempo recuara ante o jazigo.[456]

V

A ermida é solitária; há longos anos
Morrera o monge, que viveu por ela;
Após ele ninguém fugindo ao mundo
Zelar viera a arca veneranda
Esquecida no monte; quem piedoso
É pois que acende a lâmpada dos mortos?...
Ninguém dizê-lo sabe, e o povo crédulo
Em conta de assombrada tem a ermida,
E do lar do Senhor foge medroso.

VI

Ardente imaginar, que o medo excita,
Criou fantasmas, pavorosas sombras,
Que vagam pelo monte; à noite, dizem,
Abrem-se as campas, erguem-se esqueletos,
E fora do jazigo os mortos velam
Passeando ao luar; alguns pretendem
Ter ouvido um gemer, que humano seio
Dos vivos nunca geme, longo, triste,
Sair do bosque à meia-noite; afirmam
Outros que à mesma hora brancas sombras
Banham-se na torrente, onde não pode
Chegar um homem sem cair no abismo;
Juram enfim que sempre, ou clara lua
Brilhe no céu, ou brama a tempestade,
Ou vente, ou chova, ou denso o véu das trevas
Sepulte o mundo, vai as noites todas
Um vulto de mulher, que traja vestes

[453] Epitáfio: inscrição sobre túmulo, elogio breve e lamentoso a um morto.
[454] *Nobilitar*: tornar nobre; engrandecer.
[455] *Alcaçar*: castelo; fortaleza; palácio real.
[456] Jazigo: sepultura.

Negras, sinistras, sobre as quais alveja
Na cabeça a coroa da velhice,
Em cabelos que a neve em cor igualam
Subindo o monte a visitar a ermida;
Que é ela quem renova a luz da lâmpada,
Que ela é sombra, ou é alma de algum morto.

VII

É noite já; no azul firmamento
Melancólica lua se anuncia.
Reina o silêncio em derredor da ermida;
Só dos gênios da noite a voz se escuta;
Vagueia o mocho[457] em solitária estrada,
Nos leques das palmeiras se embalançam
Sombras da noite a sussurrar queixumes;
É além de tudo silêncio; é triste a hora,
É hora de mistérios; no jazigo
Arde a lâmpada fúnebre, lançando
Vacilantes clarões de espaço a espaço;
Pirilampo dos mortos, luz propícia
Aos filhos do terror, como que surgem
Nos escuros recantos sombras mudas,
Ou sentadas *nos túmulos* meditam.

VIII

Mas quem, ousado, é esse que se arroja
A penetrar dos mortos a morada?...
Quem é esse que vem lento e sombrio,
Com a fronte curva, os braços esquecidos,
Rubra capa arrastando pela terra,
Ao altar do jazigo?... o que pretende?...
Que busca um vivo na mansão da morte?...
Quem é que vem?... o Trovador?... é ele.

[457] Mocho: mutilado, sem um membro.

IX

Respeitoso penetra o seio escuro
Do reino mortuário, e vai direito
Aos pés do altar ajoelhar-se, e reza;
E o sussurrar das orações se espalha
Dos túmulos no campo, frio, sestro[458]
Como um apuridar-se[459] **de finados.**
Orou, e ergueu-se; sempre mudo, e triste
Da lâmpada expirante a luz anima,
E logo após investigando os túmulos,
Um procura talvez, achou-o... é esse;
De dor arqueja, e debulhando em pranto
Outra vez de joelhos cai: piedosa
A fria pedra beija, e soluçando
Com voz entrecortada aflito exclama:

X

"Oh meu pai!... Oh meu pai, que me fugiste,
Que a morte me tem roubado, ouve teu filho,
Que veio dar-te o extremo adeus da vida.
Não tive flores que trazer-te à campa,
Lágrimas choro, lágrimas recebe;
São flores de saudade, e brotam da alma.
Meu pai! meu pai! se acaso a voz de um filho,
Repassada da dor, que rasga o seio,
Por milagre do amor mais puro e santo
Pode acordar-te desse eterno sono,
Meu pai, escuta! mas se o túmulo é mudo,
E nem te aquece o pó de amor o bafo...
Oh! que um anjo nas asas da piedade
À celeste mansão leve o meu pranto.
Oh meu pai! oh meu gênio abençoado,
Oh de ternuras fonte inesgotável,
Protetor vigilante, guia, amigo,
Pai que me davas maternais extremos,
Porque morreste, ou não morremos ambos
Para unidos dormir na mesma campa?...

---

[458] *Sestro*: que anuncia acontecimentos infaustos; agourento, sinistro.
[459] Apuridar: conter o ruído, sussurrar.

Só me deixaste... aqui me tens perdido!...
Tu te lembras, meu pai, daqueles risos,
Que nos meus lábios respondiam tantos
A teus carinhos? já murcharam todos.
Tu te lembras daquelas esperanças,
Que ao ver-me ardente conquistando aplausos
O seio te inflamavam?... desmenti-as.
Tu te lembras daquele ousado arrojo
Com que ao futuro ufano me atirava
Sem jamais tropeçar, por ti sustido?...[460]
Tu me faltaste!... já precipitei-me.
Oh meu pai!... teu amor forjava o encanto
Da minha felicidade, e tu morreste!
Teu amor, que era imenso como os mares,
Como o céu belo, fértil como a terra,
Brilhante como o sol, puro e sublime
Como um olhar de Deus, roubou-me a morte.
Meu pai, sem condutor que pode um cego?...
Tu eras o meu anjo, e me guardavas;
Desvairei-me sem ti; paixão nefanda
Escravo me desonra; achou-me o inferno
Sem o meu anjo, e à perdição me arrasta.
Louco me sinto, e entrego-me possesso
A um crime... horrível, derradeiro apelo.
Não posso mais com a vida! odeio um mundo,
Que nas garras me aperta, e despedaça;
Odeio a terra... não! meu pai, perdoa,
Eu amo a terra, que teus restos cobre!
Eu só destesto a vida; em prazo breve
Desse fardo pesado hei de livrar-me.
Pela última vez o sol no ocaso
Vi-o ainda à pouco; despontar brilhante
Não o verei mais nunca; a noite é esta
Sem termo para mim; a eternidade
Das trevas abafou-me antes da morte.
Oh meu pai! oh meu pai! quebra essa laje,
Abre esse túmulo, estende-me os teus braços!
Chega-me a ti! reparte com teu filho
Da paz o leito!... dormiremos juntos,
Pai e filho, abraçados docemente!...
Não respondes?... é muda a cinza tua?
Não devem misturar-se ossos de um filho
Com os ossos de seu pai? pois bem; lá em cima
Prenderá laço eterno as nossas almas.

[460] Sustir: sustentar, segurar.

Meu pai! meu pai! o extremo adeus da vida
Recebe de teu filho!... adeus... à terra
Nada me prende...
E minha mãe?"

XI

Tremendo
O infeliz Trovador ergue-se aflito;
Com as mãos aperta exasperado a fronte,
Amargo pranto verte[461], geme, arqueja,
Tão preso ao mundo a devotar-se à morte!
Nada iguala as torturas que o trucidam,
Afogado na dor a custo rompe
O lacerado seio um grito ansioso
E "minha mãe!" e "minha mãe!" bradando
Por entre as campas delirante vaga.

XII

Pela nave da ermida soam passos;
Murmuram vozes que o cuidado abafa,
Qual conversar de amigos lastimosos
Junto ao leito de enfermo moribundo
Que descansa a dormir. Enfim se escuta,
Mais distinta que as outras, voz sonora,
Que une a tom senhoril doçura extrema.
"Quero entrar só, a sós orar desejo;
No átrio ide esperar-me." Pela ermida
Dos passos o rumor espalha o eco
Que aos poucos vai morrendo, e todo extinto
Reina o silêncio às orações propício.

XIII

Estranho ao mundo, acabrunhado ao peso
Dos tormentos horríveis que o devoram,
Sem ouvidos para o som, para a luz sem olhos,
Vivo só no sofrer de íntimas dores,
Infeliz Trovador aflito vaga

[461] Verter: derramar.

Pelo campo da morte; fera antítese
Ali a mão do acaso está mostrando
Nesse penar de um vivo ao pé dos túmulos,
Onde dormindo tantos nenhum geme!
Quem é que pensa e não desama a vida?...
Quem não prefere esse dormir eterno
Que olvida[462] as mágoas todas, aos labores[463]
Da vigília fatal, que nos tortura
Com o futuro, que as dúvidas enublam,[464]
Com o presente, que bárbaro flagela;[465]
E com o passado, vasto mar de lágrimas,
Em que a memória o coração afoga?...
Ainda bem que o Senhor doces amores
Na alma nos acendeu; se eles não fossem,
Seria o mundo um báratro[466] medonho:
São esses laços que sustêm a vida,
E fingem tormentosa a morte plácida.

XIV

Mísero Trovador! já lhe não resta
Uma, uma só das ilusões de jovem!
À força de sofrer cerrado e árido
É o seu coração como um sepulcro
De amores e esperanças! mão gelada
De fortuna cruel mirrou-lhe na alma
A força e a paciência: nada espera.
Nada mais quer do mundo insano e fero,
Onde o homem correndo após fantasmas
Abraça a cada passo um desengano.
Pesa-lhe a vida, extremo desvario,
Fatal inspiração do mundo ainda,
Com uma lava de infernal cratera,
Ofusca-lhe a razão, e cego, e louco,
Nas garras do suicídio Deus afronta.
Há de morrer, que o decidiu; piedoso,
(Não para si) no túmulo paterno,
Tudo quanto ainda tinha de virtudes,
Fé, saudade, esperança, amor, coragem,

[462] Olvidar: esquecer.
[463] Labor: trabalho.
[464] Enublar: cobrir, escurecer, entristecer.
[465] Flagela: castiga.
[466] Báratro: abismo, inferno.

Numa lágrima só derramar veio.
Nada falta - Oh que sim! - terna lembrança
Da velha triste mãe, que aflita chora
Pelo filho perdido, a mente assoma
Desse que a raiva da paixão transvia,
E o desgraçado que aborrece a vida
Sente-se ainda encadeado à terra.

XV

Ei-lo vai ansiado e a largos passos
Medindo o campo fúnebre; uma a uma
Em sua alma revolvem-se as delícias
Que ao maternal amor tantas devera.
Carinhos lembra que gozara infante;
Celestes risos que pagavam beijos;
Olhos, olhos de mãe nadando em fogo
Ao contemplar o filho; os mil cuidados;
As noites de vigília repassadas
Em que junto a seu berço como um anjo
Rezava *ela* por *ele*; o som escuta
Da terna doce voz que o está chamando;
Sente a impressão do afetuoso amplexo[467],
Em que o seio materno ardor e vida
Como que passa ao coração do filho;
Depois de horror tomado, hirto[468], tremente,
Advinha essas lágrimas de sangue
Choradas sobre os restos do suicida.
É matar sua mãe matar-se um filho.
O mísero o compreende, e vivo ainda
Do crime que medita a pena sofre.
Agitado cem vezes tem corrido
O pátio já; a noite é fria, e um fogo
Queima-lhe o seio; o ar é puro, e triste
Ânsia sufocado: mas de chofre
Pára, e imóvel os olhos no altar fixa.

XVI

Aos trêmulos clarões da luz dos mortos
O Trovador aos pés da cruz distingue
Um vulto de mulher que ora piedosa.

[467] *Amplexo*: abraço.
[468] Hirto: duro, tenso.

Negras, longas madeixas desenvoltas
Tombam em caracóis sobre as espáduas
Que um leve manto abriga; inesperada
Em horas tais, naquele desalinho,
Essa mulher, tão só, e ali rezando,
É qual sombra de um túmulo saída,
E cismando ao luar pálida e triste.

XVII

O Trovador surpreso a contemplá-la
Extático se deixa; ergue-se o vulto,
E desatando um soluçar magoado
Com as mãos aperta o seio, e dolorosa
Murmura: "Oh! minha mãe!"

XVIII

A voz mal soa,
O Trovador ardente se arremessa
A aquela amante filha; as mãos lhe toma,
A força a leva junto à luz; encara-a;
E ao ver-lhe o rosto, desprendendo um grito,
Recua um passo, avança outra vez logo,
E exclama: "A *Peregrina*!..."

XIX

O sobressalto
Represa a voz à virgem do deserto;
Trêmula e pasma alguns momentos fica,
Até que vai serenando; os olhos volve,
E na cruz do senhor súplice os fita,
Como a pedir socorro.

XX

A flama, o ímpeto
De indomável paixão nos olhos fulge
Do Trovador, que fervido devora
Com famintos olhares radiantes

2518. A mulher que idolatra; voa o tempo...
2519. Do êxtase se arranca; cede a impulso
2520. De irresistível força, a mudez rompe,
2521. O ardor abafa, e diz enternecido:

XXI

O TROVADOR

2522. Ainda bem que o sagrado lenho[469] atentas!
2523. Mulher, que me enlouqueces, não compreendes,
2524. Que essa barreira que entre nós levantas
2525. Só pode ser inspiração do inferno?...
2526. Não vês que a mão de Deus nos aproxima?
2527. Aos pés do altar de Deus não vês que estamos?

A PEREGRINA

2528. Um piedoso dever guiou meus passos,
2529. Fúnebre aniversário hoje me enluta;[470]
2530. Vim chorar minha mãe no altar da morte.

O TROVADOR

2531. Da morte embora, amor o altar aceita.
2532. Contigo, ó Peregrina, no áureo trono
2533. Do mais alto dos reis, na humilde choça
2534. Do mais pobre pastor, no fundo escuro
2535. Do mais medonho abismo, encadeado
2536. Sobre a cratera de um vulcão, nos mares
2537. Solto em frágil baixel,[471] num antro horrível,
2538. Num palácio, num túmulo, mas contigo
2539. Me julgará no céu, pois que és anjo!

A PEREGRINA

2540. E no entanto - *Jamais!...*

O TROVADOR

2541. Oh! não! não digas,

[469] Sagrado lenho: crucifixo, cruz em que Cristo foi crucificado.
[470] Enlutar: cobrir (-se) de tristeza.
[471] Baixel: barco.

Por piedade, ó mulher, não mais profiras
Da maldição a frase; nos teus lábios
De tão puro carmim amor se aninhe,
E uma lava[472] infernal nunca os descore.
Tu não sabes, mulher, que idéia lúgubre[473]
Essa palavra ressecada encerra.
Jamais é o suspiro derradeiro
Que aos ouvidos da mãe, nos braços dela
Em seu agonizar exala um filho;
Jamais é lousa eterna, que para sempre
Esmaga num sepulcro uma esperança;
Jamais é o demônio infecto sopro,
Que extingue a luz da vida; é caos informe,
Em que se perde o coração nas trevas;
Jamais é negro abismo, onde se apaga
Sacro archote[474] **da fé: é morte da alma;**
É do ateísmo inspiração malvada;
É sentença fatal do impenitente,
Que a eternidade vai penar no inferno.
Oh! não digas *jamais*, mulher, não digas!

A PEREGRINA

Um pronto desengano é mais profícuo
Do que falsa esperança

O TROVADOR

E porque falsa?
Onde achará amor que ao meu se iguale?...

XXII

Transluz a compaixão no olhar da virgem;
Mais perto do mancebo ao fim se chega,
E fala, dando à voz um tom que enleva.

A PEREGRINA

Aflige-me esse amor, que te desvaria;

[472] Lava: emoção, pensamento.
[473] Lúgubre: fúnebre, sinistra.
[474] *Archote*: grande vela de cera; tocha.

Não te posso pagar; mas devo abrir-te
Uma vez, uma só, toda a minha alma;
Apraza ao céu que esse fogo, ao vê-la, acabe.
Insensível não sou; a natureza
Um coração me deu, que se arrebata
Aos impulsos de amor; se em flama ardente
Por um homem meu seio se abraçasse,
Minha paixão o mundo espantaria;
Cega, louca, em delírios me perdera.
Meu amado a seus pés cultos rendendo
Ver-me-ia sempre em êxtases divinos.
Se eu sofresse, ocultara as minhas dores
Para não vê-lo sofrer, agonizante
Rir-me soubera disfarçando a morte.
Sempre a seu lado para morrer por ele,
Aos tumultos e à guerra o seguiria
Tão de perto que um golpe ambos ferisse.
Eternamente unidos, nossos laços
Nem a morte quebrara; se a desgraça
Me o roubasse na vida, às horas mudas
Da lutuosa noite sós iria
Penetrar no jazigo, erguer-lhe a campa,
Tomar-lhe ao lado o meu lugar de esposa,
Unir os lábios meus aos seus de gelo,
Fogo emprestando a seu cadáver frio,
E estreitada com ele em terno amplexo
Expirar entre lágrimas e beijos.
Se em meu amor porém traída eu fosse
Uma vez... meu furor... oh! nem pensá-lo!
Toda a paixão se tornaria em ódio,
E igual a ela atroz fora a vingança!
Do amante e da rival no sangue impuro
Saciara um ciúme enfurecido,
E insepultos deixando seus cadáveres
De pasto às feras, tombaria exânime,[475]
Ao rebentar o coração de raiva,
Ao som das maldições de um mundo estulto[476],
E votada por Deus às negras fúrias.

[475] Exânime: desmaiado, desfalecido.
[476] *Estulto*: tolo; estúpido; que não apresenta um bom discernimento; insensato.

XXIII

Redobra a chama que devora o seio
Do infeliz Trovador; luzem-lhe os olhos:
Respira a custo da paixão nas ânsias,
E transbordando a alma em lábios trêmulos
Da peregrina aos pés se atira, e brada:

O TROVADOR

Dá-me pois esse amor!

A PEREGRINA

Jamais! – jurei-o:
Voltei-o a Deus; que o não merecem homens.

XXIV

Levanta-se o mancebo; exasperado
As vistas crava no formoso rosto
Da Peregrina; nunca mais brilhantes
Na presa os olhos embebera um tigre!
Rio infernal cintila; mas sublime
Doma a virtude a inspiração satânica,
E o Trovador o peito comprimindo,
Diz a tremer:

"Ingrata! Ingrata! Eu te amo,
E tu me matas, se este amor não pagas!..."

A PEREGRINA

Jamais! jamais! quisesse embora amar-te,
Prendem-me juras, e a razão me o inibe.

XXV

Segue um silêncio de momentos breves
Dado aos combates íntimos do espírito.

Anélito aflitivo ao peito escapa
Do Trovador; medita triste a virgem,
E um instante depois suspira e fala.

A PEREGRINA

Fui o gênio do mal que transviou-te
Da estrada onde fulge a luz da glória.
Mas ah! não te busquei. Dói-me o teu fado;
Sou a flama[477] inocente que procura a morte.
Mancebo, nunca mais na vida possas
Ver outra vez quem motivou teu dano.
Vou fugir-te, e para sempre; ouve no entanto
Na minha história o fúnebre segredo
Da isenção que jurei. És o primeiro
Que assim me escuta; devo-te esse indulto.[478]

Meu pai não conheci; remorso e lágrimas
O berço anuviaram da inocência
Em que juntas dormiram, gêmeos frutos,
De um desgraçado amor, duas meninas.
Ainda encerradas no materno ventre
Já nos marcara o infortúnio o sê-lo.
Quando, ao nascer, a um tempo dois vagidos,
Eu e mais minha irmã soltamos, logo
Com sinistro piar, presságio infausto,
Agoureira coruja respondeu-nos.
De sangue o laço, um nome de família,
Elo das gerações nunca tivemos.
Era de um crime nossa mãe a vítima,
E o opróbrio seu na solidão sumindo,
Só vivia por nós, morta para o mundo.
Seu pai morrera aos golpes da vergonha,
E com potente voz na extrema hora
Bradara: "Ingrata! a maldição te deixo!
Morrerás desta dor que me assassina,
Das filhas a desonra há de matar-te!"
Esta idéia fatal pungindo eterna,
Seu coração de mãe angustiava.
E em troco, vezes mil, de nossos beijos
Nos afogando em lágrimas, tremente
Entre as suas as mãos nos comprimia,
E em soluços clamava: "Oh! minhas filhas!

[477] Flama: calor, paixão.
[478] Indulto: desculpa, perdão.

O amor dos homens empeçonha[479] as virgens,
Oh! não ameis! *jamais!*"
Volvem-se os anos;
O ardor da mocidade; o viço, as graças
Em nós fulgindo, a mãe zelosa inquietam;
Temendo o ócio, o tempo que sobeja[480]
Ao religioso ensino doa ao culto
Das letras e das artes; no sacrário
Da solidão que habita nos encerra
Como Vestais[481] no reservado templo;
Mas embalde, que a furto os camponeses
Viram-nos já no plácido[482] retiro,
E de uma vã beleza a fama espalham.
Ah! pobre mãe! redobra os teus cuidados,
Que nublado horizonte já troveja,
E iminente anuncia a tempestade.

Aos seus domínios que demoram perto,
Nobre e rico senhor jovem faustoso[483]
Inopinado[484] chega; os cantos soam,
Fervem as festas, jogos e prazeres;
E ao clangor das trombetas, e aos latidos
Dos cães tremem florestas invadidas
Por incansáveis caçadores. Menos
A corça então amedrontou-se aos ecos
Dos tiros que no bosque reboaram,
Do que o materno coração que augura
À prole horrível dano. Esquiva foge
Ao convite que as festas a provoca,
E mais esconde as filhas como as folhas
Na tempestade a sensitiva cerra.
Mas pouco a pouco os regozijos cessam;
Reina o silêncio no palácio, outrora
Pelas funções ruidoso, e solitário
Vive o jovem senhor negado a todos.
A súbita mudança o povo admira,
Que a princípio a murmura e logo a olvida.
O sossego renasce e os dias correm;
Ah! não tarda porém que no semblante

[479] Empeçonhar: corromper, perverter.
[480] *Sobejar*: sobrar; restar.
[481] *Vestal*: mulher virgem consagrada à deusa romana Vesta, encarregada de velar o fogo sagrado perpétuo de seu altar ;sacerdotisa de Vesta.
[482] Plácido: tranquilo, sossegado.
[483] Faustoso: luxuoso.
[484] Inopinado: inesperado.

Da irmã transborde um sentimento oculto.
Seu olhar vaga atônito, perdida
Às vezes fica em mágicos enlevos,
E sempre só, a mãe e a mim se furta.
Se cuidadosa inquiro-lhe o que sofre,
Ou não responde ou suspirando corre.
Gemo por vê-la assim, e a toda parte
Sigo-a de manso para velar por ela.
O arcano enfim desnudo; era uma tarde,
Oh! que sinistra foi! a irmã buscando
Entro no bosque, e à margem de um regato,
De um sassafrás[485] à sombra a seus pés vejo
Transportado um mancebo; ambos se espantam
Ao ruído que faço, o amante foge,
E ela em meus braços cai desfeita em pranto.
Ouço a história de amor, - foi como todas; -
Quero mostrar o abismo a que se arroja
A desgraça, ai dela! estava cega.
- Sabes tu a quem amas?... lhe pergunto;
- Um simples camponês belo e modesto,
Que teme ver desmerecer-lhe extremos
A pobreza que a vida lhe amesquinha. -
- Precautela-te[486], irmã! torno-lhe ainda;
No amor do camponês agouro insídias.[487] -
- Ele me adora! - Intenta seduzir-te.
- Não, que jura ser meu. - Seus juramentos
São artifícios pérfidos. - e o seu pranto?...
Há quem minta chorando?... - O riso, as lágrimas
Sabe tudo fingir a face do homem. -
Ah!, debalde falei; estava surda;
Só escutava amor; só de amor cuida;
Tudo me conta, e impõe logo um segredo
Que selou com seus beijos nos meus lábios.

O que mais sucedeu já tarde soube.
Um dia às horas em que o sol descamba,
E o crepúsculo da tarde a terra encanta,
Minha irmã, que a paixão não mais reprime,
Arrojada penetra o bosque insano;
(Na alma em que ferve amor não há prudência.)
Do sassafrás sentada à sombra espera

[485] *Sassafrás*: árvore, designação comum às plantas do gênero sassafrás, cujas flores são verde-amareladas, comuns no leste da ásia e no leste da América do Norte.
[486] Precautelar: prevenir(-se).
[487] Insídia: cilada, traição.

O amante que já tarda; sem que o pense,
Em doces devaneios se arrebata,
E sonha sem dormir; súbito acorda
De susto a um grito; e os espantados olhos
Lançando em torno, a um lado vê o amante,
Que a espingarda ajustando a fronte pálida
Vai desfechar um tiro, e de outro horrível
Monstruosa serpente erguendo o colo
Prestes a dar o salto sobre a vítima:
Era a morte a seus pés; de pavor cheia:
"Socorro!" brada, o tiro se despede,
A serpe[488] se espedaça, e ainda aterrada
Do amado aos braços a infeliz se atira.
O delírio completa a obra do medo;
Sussurram auras de um profano beijo,
Fere no seio outra serpente a virgem;
E ultrajado da pureza o anjo
Geme fugindo e perde-se ao pé do crime
Logo o remorso, e prestes o castigo.
O falso amante a mascara tirando
Do horrível sedutor a face mostra;
O simples camponês despe a pobreza,
E do jovem senhor as galas traja.
A infâmia se consuma; quando a vítima
Do peito arranca mais cruéis gemidos,
Entoam cantos festivais convivas
Do feliz sedutor, graças louvando
Da rica herdeira, que o himeneu[489] lhe entrega,
Do consórcio fatal rebenta a nova,
Qual raio que fulmina; a irmã desmaia,
E quando em nossos braços torna à vida
(Antes logo morrera) estava louca.
Viveu um ano em dor sem lenitivo
Até que Deus enfim se amerceando[490]
Desse mártir de amor, fez dela um anjo,
Que ao céu o vôo alçou; mísera doida
Reconquistada a razão ao pé do túmulo,
Terna me chama.... chega-me aos seus lábios,
E murmura a chorar: "Irmã! não ames!
O amor dos homens empeçonha as virgens;
Oh! não ames... jamais!" e nos meus braços
O alento[491] derradeiro exala e morre.

[488] Serpe: serpente.
[489] Himeneu: casamento, núpcias, enlace.
[490] *Amercear*: apiedar (-se); condoer (-se).

Ah! mal pude chorar a irmã querida!
Fora o golpe tremendo; enferma e velha
Não lhe resiste a pobre mãe: frenética
A maldição do pai recorda, e ou vele,
Ou durma, na vigília e em sonhos clama:
"Morrerás desta dor, que me assassina;
Das filhas a desonra há de matar-te!"
E uma noite, prevendo o último transe,
Manda que a leve ao túmulo da filha;
Chega, prostra-se, e ora; após erguida,
Brilhante, fixo olhar febril me crava,
E desprendendo a voz convulsa, fala:
"Eu m[illegible]ela me chama... e tu me perdes;
Quero salvar-te ao menos; de joelhos!...
De joelhos, oh! filha, e sobre a laje
Que os restos cobre dessa triste mártir
Jura de tua irmã pelo cadáver,
E pelo meu, que a morte já pressinto,
Jura, sim, que *jamais* nem leve esperança
Darás de amor a um homem; jura, ó filha!"

Pronta me ajoelhei; e sobre o túmulo
Da irmã a destra[492] impondo, fiz solene
O austero juramento; um grito da alma
Rompe de minha mãe; "*Jamais!*" exclama,
"*Jamais!*" e de improviso cai sem vida.

XXVI

Toma um soluço a voz à Peregrina,
E inunda a face doloroso pranto,
Como o orvalho do céu rocia[493] um lírio;
Mas logo a dor sufoca e já tranqüila
Serena erguendo a fronte assim prossegue:

A PEREGRINA

Eterno luto aos olhos meus vestiram
Da minha infância os campos; fugi deles;

[491] Alento: respiração, suspiro (antes de morrer).
[492] Destra: mão direita.
[493] *Rocia*: cobre de umidade.

Quebrado tinha a morte os laços todos,
Que à terra me prendiam; pátrio solo
De horrendo sacrifício altar infame
Servira a um sedutor, e ainda saudades
Chorou-me o coração deixando o berço,
Onde infantis me despontarão graças!
Venço longínqua marcha, e ao fim descubro
Sossegado retiro, em que me esconda,
A ele me acolhi, buscando o olvido;
E em solitária vida esqueço o mundo,
Homens esqueço ou temo, e só me lembra
Da irmã, que expira, a voz em despedida,
Que trêmula murmura: "Irmã, não ames;
O amor dos homens empeçonha as virgens!
Oh não ames! *Jamais!*" e o juramento
Também me lembra dado sobre um túmulo,
E saberei cumpri-lo até que morra.
Ouviste a minha história; em laço fúnebre
Prende meu coração a dois cadáveres:
Deixa-me agora, Trovador, e foge,
Que *jamais* há de amar-te a Peregrina.

XXVII

Presa aos lábios da virgem se deixará
Com os olhos longos a alma do mancebo,
Que a história lhe escutou enternecido,
E só ao termo, quando a vê chegada,
Lhe torna tristemente:

O TROVADOR

Insanos casos
Enlutaram-te a vida, ó Peregrina,
Para o mundo aborrecer razão te sobra;
Mas não punas em mim crimes alheios!
É santo o meu amor!...

A PEREGRINA

E o juramento?

O TROVADOR

Fatal delírio precursor da morte
Juras forçadas validar não pode.

A PEREGRINA

Embora; hei de cumpri-las; devo, e quero.
O amor dos homens empeçonha as virgens,
E mais sublime um outro amor me exalta.
Da terra, em que somente a dor provará,
Meus sentidos alcei ao céu piedoso;
Vi na contemplação o que não vira
Na vida tormentosa; concentrei-me
No mundo íntimo da alma, e seus tesouros
Pouco a pouco explorando, embevecida
O mais profundo, ardente, e belo, e puro,
Brilhou o amor de Deus; oh! sou ditosa!
Deu-me esse amor beatitude[494] e glória.
Vi dos olhos de Deus ao almo[495] fogo
A vida rebentar na imensidade,
E encher a terra, o mar, o espaço, os astros.
Vi no seio de Deus, como em seus olhos
O infinito azul na luz, no amor, na graça;
Vi Deus, a perfeição, o belo eterno,
Todo se dando aos gozos de minha alma:
Goza-se Deus, e o gozo não fatiga,
E no êxtase o gozo beatifica.
Em supremas delícias, Deus amando,
Toda no amado seu se embebe a alma.
É um fogo este amor; mas não devora,
Eleva-nos ao céu antes da morte.
É o nó sagrado de himeneu divino,
Que ao meu amado e meu Senhor me aduna.[496]
É Deus o esposo que a pureza vela
Da virgem que em celeste amor se abrasa;
Quanto mais pura mais esposa é ela,
E eu sou pura! sou dele! a Deus só amo!

O TROVADOR

Mais que nunca te adoro, *ó Peregrina!*
Rutilas[497] como um anjo sacras flamas;

---

[494] Beatitude: plenitude, satisfação, felicidade.
[495] *Almo*: vivificante, benéfico, puro, santo.
[496] Adunar: ligar.

Mas vês que sem que o penses Deus ofendes.
Não das virgens só as alvas frontes
Que cingem coroas da divina graça;
Também Sara e Raquel, também Rebeca,
Flores são do Senhor, e ledas[498] fulgem
No excelso paraíso. A sacra chave
Que abre as portas do Céu é a virtude,
Fonte de amor sublime; Deus acolhe
Ao seio a virgem como acolhe a esposa,
Se a virgem como esposa é digna dele.
Vem! sê minha! sê minha, *ó Peregrina!*
Vem ao templo sagrar eternos laços
Que a Deus são gratos, e a pureza aplaude;
Cumpre a lei do Senhor dobrando o colo
Ao amor, que é do mundo luz e vida.
Ser - filha, - esposa e mãe, eis o destino,
A tríplice missão que à mulher coube.
Deus abre a flor para anunciar o fruto,
E faz que exale amor em seus perfumes!
Oh! Peregrina! atende, é Deus que ordena;
Abranda essa isenção! amor que paga!...

A PEREGRINA

Jamais! Jamais!

O TROVADOR

Escuta: hora solene
É esta para nós ambos. Não simulo
Ardores falsos; tenho na alma o inferno,
E um negro pensamento a obumbra toda.
É solene esta hora, e nela é força
Que ou a morte me dês ou felicidade.
Sem ti não quero a vida; o mundo é orco[499]
Horrível, se a esperança em nós se apaga;
E as esperanças todas tu resumes,
Que me raiavam tantas! sim, decide;
Algoz ou anjo, fala: ou mata ou salva.
Ah! desejo de viver! salva-me, ó anjo!
O teu amor pode encantar-me a vida,
Como aos lábios o riso, aos céus a aurora,

---

[497] Rutilar: brilhar, resplandecer.
[498] *Ledas*: alegres; risonhas; contentes.
[499] *Orco*: a região dos mortos; o inferno; a personificação da morte; o símbolo da morte.

E o teu desprezo ao báratro me atira.
Não vês como te adoro?... nestes olhos
Não falam chamas?... nestes lábios trêmulos
Não falam a convulsão?... no macilento[500]
Já descarnado rosto a dor não fala?...
Não fala mais que tudo esta demência
Que à perdição me arrasta?... *ó Peregrina!*
Nem mesmo eu sei com que paixão te adoro!
Não é da terra, não, que eu sinto nela
A eternidade que é dos céus a essência;
Do céu também não é, que a vejo às vezes
Em raiva transformada, e a raiva é crime.
Oh! talvez que ela seja o amor do inferno,
Se desprezo invencível... não, não deves!
Amo-te muito! não serás ingrata.

A PEREGRINA

Assim falava o camponês fingido!

O TROVADOR

A traição com a virtude não confundas.
Aqui, no altar de Deus, vem que eu te juro
Dedicar-te com amor a vida inteira.
Pelo sol que aviventa[501] a natureza,
Por minha honra enquanto vivo, e morto
Por minha alma que aspira à eterna glória,
De meu pai pelas cinzas que me escutam
Do túmulo em que jazem; pelos seios
De ternura e de amor fontes sagradas,
Onde infante bebi materno leite,
Por Deus enfim! por Deus que lê nas almas,
Por Deus que a meu favor agora impreco[502],
Juro-te amor profundo, infindo e santo.

A PEREGRINA

O camponês fingido assim jurava!

O TROVADOR

---

[500] Macilento: magro, abatido.
[501] Aviventar: reanimar, avivar.
[502] *Imprecar*: pedir, rogar.

Oh! paga-me este amor!

A PEREGRINA

Jamais!

O TROVADOR

É muito.
Basta, que é muito já; de ti me parto
E te deixo, mulher, atroz remorso.
És meu algoz, podendo ser um anjo!
Ainda uma palavra - a derradeira, -
E te depois nunca mais vivo hás de ver-me;
Que morto... pode ser! - não creio ao menos
Que esse amor esfriar consiga a lousa,
E talvez minha sombra triste... pálida
Venha seguir-te na mansão da vida;
Então não a maldigas... não me odeies
Na eternidade já. - Adeus! eu parto;
Minha mísera mãe desamparada
Na terra fica em aflições submersa,
Peregrina, consola-a! tu que és causa
De lhe morrer a prole, se puderes
Chora com ela, que nos transes da alma
O pranto só se adoça com outro pranto.

A PEREGRINA

Tanta fraqueza num cristão é crime.

O TROVADOR

Falas em crime, tu?... mas ah! que importa?...
Sim, criminoso sou; sondei o abismo,
Onde as fúrias que esperam o suicida
Garras estendem já; sou criminoso!
E eterno, como o amor que inspira o crime,
De minha alma o tormento há de punir-me.
Que destino fatal! a paixão nefanda!
Vivo, esse amor que o seio dilacera
Pelo mundo me lança exasperado,

2983. **Qual reprobo[503] Caim que errante vaga**
2984. Da maldição de Deus seguido sempre;
2985. Morto, esse amor atira-me ao demônio,
2986. **Que em hórridas[504] torturas me flagela**
2987. Sem acabar de atormentar-me nunca!
2988. Mulher, triunfa! a perdição cumpriu-se;
2989. Já uma alma de mais deve-te o inferno.
2990. Teus encantos, mulher, insídia ocultam,
2991. De flores são um pérfido tecido,
2992. Que a boca escondem de medonho abismo
2993. Em cujo fundo a morte aguarda a presa.
2994. Acendeu-te Satã o olhar de fogo,
2995. Como tu, também olha a serpe às vezes!
2996. No rir dos lábios teus filtras veneno,
2997. E em deu doce falar canta a perfidia;
2998. Toda inteira és traição, frio egoísmo,
2999. Mentira, hipocrisia! eu te abomino;
3000. Mulher, que me perdeste, horror me causas!
3001. Eu te destesto... vai-te - foge... - oh!... pára!...
3002. Não fujas, não; perdoa ao desvairado;
3003. Peregrina, eu te adoro, muito! oh, muito!
3004. Sempre, cada vez mais, não me repilas;
3005. Peço-te a vida... a vida... eu quero a vida!...
3006. Amor!

A PEREGRINA

3007. *Jamais! Jamais!*

XXVIII

3008. E de improviso
3009. Das mãos do Trovador, que aos pés lhe estava,
3010. Arranca a virgem mal seguras vestes,
3011. E veloz, do temor nas leves asas,
3012. Do mudo pátio arrebatada foge.

---

[503] Réprobo: renegado.
[504] Hórrida:apavorante, horripilante.

XXIX

Ergue-se rápido o infeliz amante,
E, qual após a vida, corre presto
Da virgem fugitiva em seguimento;
Das campas através cego se atira,
Numa lousa tropeça, e cai sobre ela,
Fere a cabeça (tinge o sangue a pedra),
E ainda no desmaiar "amor!" exclama.

XXX

E em vez de amor "Jamais!" responde o eco.

XXXI

Da noite as brisas e o celeste orvalho
Chamam à vida o mísero mancebo.
Pesada a fronte ergueu; apalpa em torno,
E encontra a lousa em pó; sinistra idéia
Em sorrir de ironia se transforma,
Da alma passando aos lábios; pó e lousa!
Irrecusável fim da humanidade,
Da raça humana desengano certo!
A lousa! o mudo asilo do cadáver,
Umbral da eternidade, arca do olvido,
Escura porta de um mistério imenso!
O pó! o corpo do homem, que o homem pisa,
Plebéia origem da criação vaidosa,
Miséria que o pastor e os rei irmana,
Nada tremendo, que é da vida o *tudo*!...
A lousa e o pó - a eternidade e a morte!

XXXII

Os olhos ainda turvos lança em torno
O infeliz Trovador; na dúbia mente
Vão-se as idéias ordenando aos poucos
Como do inverno nas manhãs nublosas
De um mar de cerração, que o sol desmancha,
Surgem montes agora, logo outeiros,
Ilhas verdes num lago cor de prata.

XXXIII

Só, isolado na mansão da morte,
Quase no caos das trevas engolfado,
Pois que apenas soluça triste lâmpada
Vacilantes clarões de luz de angústia,
Como arrancos finais de um moribundo,
O Trovador medita ao pé de um túmulo,
E sobre as campas que ao redor se alinham,
Sentinelas do pó, ficções dos vivos,
Pelos poros das lousas traspassado,
Melancólicas velam mudas sombras.

XXXIV

O meditar sem luz é sempre amargo;
São todos cor da noite os pensamentos;
No entanto irrefletida a alma se deixa
Da tristeza levar, qual flor mimosa
A torrente, em que cai, se abandonando
Arrebatada vai, onde?... nem sabe...
Talvez a um antro, que devora as flores.

XXXV

Longa hora passou, e ainda cismando
Se olvida o Trovador; mas na capela
Outra vez se ouvem passos; pelas fendas
De arruinadas paredes, fraca embora,
Vem uma luz adelgaçar[505] **as trevas;**
Ao estranho ruído os sonhos da alma
Espantam-se, o mancebo volta ao mundo,
Ergue-se a atenta do jazigo a porta.

XXXVI

Um vulto de mulher visita os mortos,
E é qual refere a tradição do povo;
Traja negros vestidos, seus cabelos
Da idade o gelo embranquecera todos,

[505] *Adelgaçar*: tornar menos denso, menos espesso; rarefazer; tornar mais fraco; enfraquecer;diminuir a importância, o valor de; depreciar, menosprezar.

3073. E uma lanterna, que sustem a destra,
3074. Aos pés, que arrastam já, mostra o caminho.
3075. Tinha o povo razão, não mente a crença;
3076. Eis quem acende a lâmpada funérea;
3077. Mas será sombra ou alma de um finado?...

XXXVII

3078. Procura embalde o Trovador conter-se;
3079. Presto e violento o coração palpita;
3080. Não pode - vai; ao vê-lo aproximar-se
3081. O vulto para, e firme espera; um passo
3082. **Apenas entre os dois medeia**[506] **agora;**
3083. Lanterna, que se ergueu, luz no semblante
3084. De um e de outro a um só tempo, e cai por terra;
3085. Morre a chama; dois gritos se desatam;
3086. "Meu filho!!! minha mãe!!!" soluçam ambos
3087. **Mãe e filho abraçados ternamente.**

XXXVIII

3088. Enfim triunfa o coração do pranto;
3089. Perdura ainda o agonizar de lâmpada,
3090. E esses clarões de longo espaço acesos
3091. De amor aos olhos são riquezas agora.
3092. Onde chega mais luz os dois se ajuntam,
3093. E como louca embevecida a velha
3094. Sem falar (que a surpresa a voz lhe toma)
3095. Vai com as trêmulas mãos palpando o rosto
3096. Os cabelos, os olhos, seio e braços
3097. Do amado filho, que também não fala;
3098. Os vestidos lhe beija, as mãos, a fronte,
3099. E de novo a chorar banha-se em lágrimas,
3100. E o abraça outra vez, e afaga e beija.

XXXIX

3101. Alma cheia de amor quer mil caminhos,
3102. Em que o afeto as explosões transbordem;
3103. Não basta o pranto, a voz se desenlaça.

---

[506] Medeia: medida, distância.

A MÃE

Meu filho! és tu, meu filho amado?...
Tu que voltas a meu seio?... o Céu te manda?...
Oh! meu Deus, que fiz para valer tanto?...
É meu filho! ele mesmo... vive ainda!
Oh! dez anos de ausência! - e tu não falas?!
Fala! o nome de mãe soe em teus lábios;
Quero ouvir tua voz... preciso... quero...

O TROVADOR

Oh! minha mãe! melhor do que os meus lábios
Não te responde o pranto que derramo!...
Minha mãe!...

A MÃE

Sim... é ele... a voz é dele!
A voz do filho amado! basta: agora
Não fales mais... escuta-me somente;
Deixa esgotar as falas de dez anos,
Que em silêncio sem ti passado tenho.
O coração, tu sabes, ficou mudo,
A ninguém mais ouviu, ninguém o ouvia.
Ah! porque me fugiste?... onde é que foras,
Que amor como o de mãe achar pudesses?...
Filho! filho! uma mãe (só mães o sentem)
É o símbolo do amor mais puro e santo,
Amor que nunca esfria e sempre avulta,
Qualquer que seja o tempo, o transe, o fado.
Extremosa, nem vê do filho os erros;
É feliz só com a dita de seu filho;
Só desgraçada se a desgraça o fere.
Se um crime o enodou, mesmo no crime
Ama-o sublime, desdenhando o mundo;
Que tem com o mundo? o crime, que lhe importa?
Lá no céu está Deus para perdoá-lo,
E ela na terra para amar seu filho.
E pudestes fugir-me?... assim dez anos
Esquecer tua mãe? ingrato! ingrato!...

O TROVADOR

Ah! minha mãe! perdão!...

A MÃE

Quero eu punir-te?
Punir-te quando voltas aos meus braços?...
Sentes que tens sido ingrato? amo-te em dobro
Agora que volvestes arrependido.
Abraça-me outra vez; oh! são dez anos
Perdidos sem beijar meu caro filho!
Dez anos voam do prazer nas asas;
Quando os dias porém conta a saudade,
Os instantes são anos que se arrastam.
Custam muito dois lustros de amarguras!...
Vê os vestígios seus; olha, meu filho,
Aquelas negras tranças aneladas,[507]
Enlevo[508] **de teu pai, não vês grisalhas?**
Na dor envelheci, coroa-me a neve.
Aquele esbelto corpo onde a magia
Da graça cintilou, não vês curvado?
Tronco velho, quebrou-me a tempestade.
Olha...

O TROVADOR

Não mais; que ralam-me[509] **os remorsos!**
Leio meu crime no materno aspecto.
Sou maldito de Deus! tinha em meu seio
Sagrada flor que Deus ali plantara,
E plantei ao pé dela a flor do mundo.
O seio me envenena a flor profana,
E seus eflúvios[510] **miasmas são pestíferos;**[511]
Está profanado o seio; eu sou maldito!
Esqueci minha mãe, sou réu de infâmia,
Sou maldito de Deus, sou condenado!

A MÃE

És meu filho! por mim Deus te perdoa.
Que temos com o passado? ele é dos mortos;
O futuro é do eterno, e a felicidade

---

[507] Anelada: em forma de anéis; cobiçada.
[508] Enlevo: deleite, prazer.
[509] Ralar: atormentar, afligir.
[510] *Eflúvio*: aroma, fedor.
[511] Pestífero: nocivo.

3169. No presente inebria as almas nossas.
3170. Perpetuemos, filho, esta ventura;
3171. Nunca mais fera ausência nos separe,
3172. E para sempre lançado ao caos do olvido
3173. Esse funesto amor...

O TROVADOR

3174. Ah! que o despertas!...
3175. É um flagelo da alma que incessante
3176. A vida me atribula; é negra sina;
3177. Mão de fogo que dilacera o seio,
3178. Imã da maldição fatal que se mascara
3179. De anjo com o rosto, e num gelado amplexo
3180. Em seus braços de ferro me sufoca;
3181. Embora!... ainda esse amor pode em mim tudo!
3182. **E embalde o tento[512], seus grilhões[513] não quebro.**

A MÃE

3183. E hás de fugir-me?

O TROVADOR

3184. Minha mãe, perdoa!
3185. Pelo que faz o louco não responde,
3186. E é loucura este amor: tremendo golpe,
3187. Sinistro, embora, inevitável sendo,
3188. Cumpre dispor o ânimo a sofrê-lo;
3189. Hoje, amanhã, inesperada, é certo
3190. Que a morte chega a todos nós um dia.
3191. Não é desgraça a morte, é paz eterna;
3192. Não te exasperes pois; morreu-te o filho;
3193. Este que vês aqui é sombra dele.
3194. É viver esperar, - eu nada espero, -
3195. Já não vivo, só falta entrar no túmulo.

A MÃE

3196. Ingrato filho! assim da mãe te esqueces?...
3197. Assim tu me abandonas?... Deus piedoso!
3198. Ai! vou desamparada errar na terra,

---

[512] Tento: conservo, compreendo.
[513] Grilhão: corrente, laço, elo.

Enferma e velha, sem que um braço tenha
A que me arrime[514] **nos cansados anos!**
Morta, os olhos ninguém virá cerrar-me,
Nem rezar por minha alma ao pé da campa![515]
Quem dirá que sou mãe e tenho um filho?...
Ingrato, dei-te a vida e tu me matas!
Oh!... tua mãe!... que já te amava ansiosa
Antes mesmo que a luz visses do mundo,
Invisível sentindo-te no seio!...
Que por ti vezes mil volvera os olhos
De uma esperança dúbia para a morte,
Do seio para o túmulo volvendo-os!
Que ao teu nascer a dor provou suprema;
Que a teu grito primeiro a alma tremeu-lhe;
E a teu primeiro rir chorou de encanto!
Que vivia de olhar-te, e a cada instante
Com seus beijos o rosto te inundava;
Que feliz por te amar, sempre extremosa,
Deu-te o seu leite; que te dera a vida,
A própria salvação, nada pedindo,
Ou só pedindo afagos e sorrisos!...
Oh! filho! e tu me esqueces? tu me deixas?
Queres morrer... matar-me? e por quem morres?
O olhar de uma mulher entranha em tudo,
Talvez um riso ou frase astuciosa
Mais que o materno amor merece e pode!...
Fera contradição! vil natureza,
Que faz de um filho amado um filho ingrato!...
Detesto essa mulher!... e tu comigo
Aborrecê-la deves!... sim, maldita,
Ela que te despreza e que me usurpa
Um coração meu só! és meu!... gerei-te!
Meu filho, ela te odeia, eu te idolatro!...

XL

Da *Peregrina* a bárbara esquivança[516]
Sem o golpe medir a mãe recorda;
E as frases soam na alma do mancebo
Como o tinir dos ferros e cadeias
Aos ouvidos do aflito prisioneiro;

[514] Arrimar: apoiar, sustentar.
[515] Campa: sepultura, túmulo.
[516] Esquivança: desdém, desprezo.

Assoma-lhe com a dor ímpia demência,
Olvida a mãe que chora, e truculento
Nas garras do delírio estrebuchando,
E os dentes a ranger, responde em fúria.

O TROVADOR

Eu sei que ela me odeia, e eu a amo ainda!
A sorte foi lançada, o inferno ganha.
Vês, triste mãe, a lua tão brilhante
Que no Céu se desliza? vês na extrema
Do horizonte a montanha que negreja?...
É esse o abismo em que se afunda a lua:
E esta noite (a sentença está lavrada),
Quando no seio da montanha escuro
A lua se embeber, hei de embeber-me
No mar também, que açoita a *Rocha-Negra*.

A MÃE

Meu filho!...

XLI

Era arrancado das entranhas
Esse brado de mãe; mas de repente
Some-se a lua atrás de negra nuvem,
E a lâmpada, exalando extrema flama,
Extingui-se de todo; aflita a velha
Ia entre os braços agarrar o filho,
Mas na sombra perdida cede ao instinto,
Corre à lâmpada... embalde... reinam trevas.

XLII

O Trovador aos ímpetos do afeto
Vaga de novo em torno dos sepulcros;
Vive ainda ou nem vive, que insensível
Tomado de uma inércia irmã da morte
A poucos passos cai sobre uma campa,
E sentado a sorrir um riso fero,
Que bem coubera aos lábios de um possesso,

3267. Nada vê, nada escuta e nada cuida.

XLIII

3268. Em vão a infeliz mãe procura o filho;
3269. Brada por ele, e só responde o eco;
3270. Ululando a correr estende os braços
3271. Para nas trevas apanhar o ingrato,
3272. E só trevas abraça; arrebatada,
3273. Talvez longe supondo o desgraçado,
3274. E sem que a idade lhe demore os passos,
3275. Rompe rápida em marcha desabrida,
3276. Furiosa, terrível como a tigre,
3277. A quem um caçador matara a prole.

CANTO V

A MÃE

I

A noite adianta; dorme a terra;
Inflamado batel, no Céu resvala
O espaço abrilhantando argêntea lua,
Choram as nuvens lágrimas de orvalho,
E as auras que bafejam perfumadas
Da terra um doce respirar simulam,
Que serena dormindo sonha amores
Embebida na luz propícia às fadas.

II

Sobre colina que avassala em torno
Vales formosos de eternal verdura,
Dentre os bosques assoma, rindo aos bosques,
Da solidão princesa graciosa,
Do deserto ufania,[517] linda casa,
Que aos clarões do luar cândida alveja.
Em roda e pelo outeiro se desdobram
Jardins, cujo cultor só planta e zela
Flores, que odor exalam; nos arbustos
Aves se aninham sonoras todas:
Perto murmura sonolento arroio,
Onde se espelham leques de palmeira,
Que ao bafejar dos Zéfiros balançam.

III

A noite se adianta; dorme a terra;
No solitário lar, flor da colina,
Doce repousa plácida inocência:
Na habitação da paz o sono é fácil.

IV

Insólito[518] labor de um dia acerbo,[519]
Do jazigo a visita, a cena ardente
Representa à face dos sepulcros,
Tudo convida a Peregrina ao leito.

---

[517] Ufania: orgulho.
[518] Insólito: estranho, incomum.
[519] Acerbo: amargo, cruel, triste.

Triste lembrança da materna perda,
Ah! que nem sempre aí mora o sossego,
Que dele sequioso[520] o vivo espera;
Nem sempre varre da alma um sono amigo
Os cuidados que a vida vão mirrando.

V

A casa do deserto é casto albergue
Em que moram somente moças virgens;
Formam donzelas corte à Peregrina,
E em perfumes e cantos engolfadas
Fruem ali o néctar da virtude.

VI

Mas é noite; em seu manto de papoulas
Às donzelas acolhe um brando sono.
Em vasta sala que as janelas abre
Para o remanso de escolhidas flores,
Descansa a Peregrina; em doces ondas
De perfumes fagueiras[521] vêm as auras
Brincar com a telas de virgíneo leito;
Da mãe de Deus a imagem sacrossanta
Em áureo quadro à cabeceira pende;
Dorme feliz a cândida donzela,
E das roupas finíssimas e brancas,
Sob as quais lindas formas se desenham,
Um colo, que no alvor supera a neve,
E um rosto divinal surgem formosos,
Onde estão os encantos pululando
Através das madeixas atrevidas,
Que soltas vão pousar no seio e face,
Nublando graças que paixões acendem.
Um braço nu, que das cobertas foge,
Tipo de perfeição meigo se dobra,
As telas conchegando ao níveo seio,
Instinto de pudor, ainda no sono.
De uma janela aos zéfiros aberta
Vê-se no Céu a lua, e a lua afável
De luz derrama enchentes sobre o leito,
Contemplando, qual anjo adormecido,

[520] Sequioso: desejoso, sedento.
[521] Fagueira: suave, agradável, que afaga.

3343. **Imersa a Peregrina em seus fulgores.**[522]

VII

3344. Ela dorme, e é tão leve o seu alento,
3345. Que ao peito foge e esvai-se imperceptível,
3346. Como se esvai das rosas o perfume.
3347. É da inocência o hálito suave,
3348. Que pelos lábios de carmim se exala.
3349. Dorme feliz... - Mas súbito vacila;
3350. Contraindo-se vão da face os músculos,
3351. Treme-lhe a destra sobre o peito, e aos poucos
3352. Crescendo a inquietação, começa o transe;
3353. De anélito cruel arfa-lhe o seio;
3354. Gotas borbulham de suor na fronte;
3355. Espalha-se no rosto o espanto, ou o medo,
3356. Perdem os lábios o rubor; os braços
3357. Pela aflição debatem-se agitados;

VIII

3358. Mas que é o sonho?... - Às vezes vã quimera,
3359. Brinco da fantasia, o sonho é nada;
3360. É a ilusão, que o acordar dissipa
3361. Como o fantasma de impalpável fumo,
3362. Que ao impulso das brisas se desmancha;
3363. **Mas às vezes também enquanto inerte**[523]
3364. **Ao sono o lasso**[524] **corpo se abandona,**
3365. Em lucidez pasmosa a alma acendida
3366. **Como que invade do futuro as raias**[525]**,**
3367. O sucesso prevê, que é longe ainda,
3368. E denso véu rompendo arrasa e mostra
3369. Arcanos que profundo esconde o fado.
3370. Eis o sonho; um mistério indecifrável,
3371. Que o sábio não resolve, e Deus reserva.

IX

3372. **A Peregrina sonha: - treda**[526] **fada**

---

[522] Fulgor: brilho, luz.
[523] Inerte: imóvel.
[524] *Lasso*: fatigado; abatido.
[525] *Raia:* limite.
[526] Tredo: traiçoeiro.

De feio aspecto e faiscante olhos
Praguenta e má vociferando horrores,
Na câmara penetra e avança ao leito;
Com as musculosas mãos, que aos poucos tomam
Medonhas proporções, crescendo enormes,
Pelas madeixas que enriçara[527] o medo
Agarra a Peregrina; um grito solta,
Sinistra imprecação ao longe ecoa,
E de poder satânico inspirada
Através da janela invade o espaço;
Condor do inferno pelos ares voa,
(Obliquo vai seu corpo) e o braço estira
Pelas tranças levando a Peregrina.
Negra era a noite; um ar pesado e quente
Da arrebatada presa o peito anseia.
A fada voa sempre, rompe as nuvens;
Onde não sobem águias, sobe altiva;
Novo brado desprende, o mundo treme,
Brame um trovão, um raio se desata,
Na longe terra divisada apenas
De assombroso vulcão luz[528] a cratera,
Que em torrentes vomita rubras flamas;
Desencadeia a tempestade as fúrias,
Precipita-se a fada em vão rugindo,
As vestes desenvoltas o ar suspende,
Com os vermelhos cabelos ouriçados,
E os pés para o Céu, e a fronte para o inferno,
Cai no vulcão, que ao devorá-la estoura,
E a mergulha nas fervidas entranhas,
Sulfuroso vapor lançando às nuvens.
Fulge, logo no Céu brilhante a lua,
A natureza bonançosa[529] esplende;
Mas tomada de encanto irresistível,
No espaço abandonada, a Peregrina,
Suspensa como um astro, permanece.
Baixa os olhos à terra: - o mar se estende
Imenso, e entre mil rochas uma avulta
Alta e tão alta que topeta[530] as nuvens,
De cujo cimo contemplando as ondas
O Trovador (é ele!) a morte invoca.
Perto e onde mais clara a praia alveja,

---

[527] Eriçar: arrepiar.
[528] Luzir: brilhar.
[529] Bonança: calma, tranqüila.
[530] Topetar: atingir, alcançar, encostar.

Da Peregrina a sombra, que impalpável
No chão se projetava, pouco a pouco
Levantando-se vai como um fantasma
E imóvel fica; exasperada velha
A breves passos ululando mostra
Na rocha o Trovador: voam nos ares
Anjos mil em desordem comovidos,
E suspensa no espaço, olhando, a virgem
Vê num dos anjos o materno aspecto;
Eles e a velha em lágrimas desfeitos
O rochedo apontando à sombra falam,
Salva-os! clamando, e a sombra fica imóvel;
Vai dar o Trovador o salto horrendo,
Estrebucha de dor a Peregrina,
E à própria sombra grita - *salva-o!* - e ainda
A sombra não se move; ao mar se arroja
O mancebo; - *maldita!* - os anjos bradam,
E esse que a virgem pela mãe tomara,
Voa, na queda o Trovador suspende,
Leva-o nas asas e para o Céu remonta;
Em medonho dragão torna-se a velha,
À sombra se arremessa e a despedaça,
E como se em seu corpo os golpes fossem
Atrozes garras sente a Peregrina
Retalhando-lhe as carnes; fundo abalo
Revolve a natureza... estrondo enorme
Arrebata; do Céu estala a abóbada,
E por entre as imensas fendas jorram
Chamam em borbotões, e chovem raios:
Lua, estrelas no pélago se afundam,
É tudo horror, e horrorizada a virgem
Desperta em ânsias, arrancando um grito.

X

Trêmula e cheia de pavor, os olhos
Volvendo em torno temerosa ainda,
Procura os seres que a dormir sonhara;
Menos aflita enfim do leito se ergue,
Aos pés da mãe de Deus ora fervente,
Encomenda-se a ele, a imagem beija,
E mercê da oração tranqüilizada
Volta de novo e ao sono se abandona.

XI

No sono ainda reflete alguns momentos,
Ligeiros, curtos, porque fácil dorme;
Mas outra vez o espírito agitado
A mesma, toda igual, já vista cena
Aos olhos lhe figura: - a fada horrível, -
O vulcão que a devora, o Céu brilhante,
A sombra, a rocha, o Trovador e a velha,
Os anjos, dentre os quais num reconhece;
Da mãe defunta o rosto compassivo,[531]
E no meio do horror, que tudo abisma,
Acorda ao eco de apressados golpes,
E de um gemer pungente de agonia,
Que do lar solitário à porta soam.

XII

"Batem, senhora!"

A PEREGRINA

Mas quem é? tão tarde!...
"Uma triste mulher que chora e grita.
É desgraçada ou louca; ouvis, senhora?...
De novo bate, e com dobrada força."

A PEREGRINA

E que pretende?
"Entrar e já falar-vos."

A PEREGRINA

Dizes que chora?
"Oh! muito! exasperada
Não sei que seja; ou se perdeu no bosque,

[531] Compassivo: compadecido, com compaixão.

3477. Ou algum malfeitor matou-lhe o filho,
3478. Que a tentar defendê-la..."

A PEREGRINA

3479. Abre-lhe a porta;
3480. Trazei-a depressa, e deixa-a só comigo.

XIII

3481. Rápida e em sobressalto a Peregrina
3482. Toma um leve vestido, e quando intenta
3483. Da noturna visita assustadora
3484. Ao encontro ir correndo, arrebatado
3485. Na câmara penetra um negro vulto,
3486. Que se lançando a ela como em fúria:
3487. Mal respira
3488. "És tu?... és tu?..." pergunta.
3489. A Peregrina, e treme aos olhos tendo
3490. A mesma velha que nos sonhos vira,
3491. No parecer, na idade semelhante,
3492. Nos vestidos também, no olhar de chamas,
3493. Nos modos e na voz... em tudo a mesma.

XIV

A MÃE

3494. És tu?... responde; és tu?... depressa fala!
3495. Ah! não vês que um momento hoje perdido
3496. Pode a vida custar do amado filho?...
3497. A lua está voando!...

A PEREGRINA

3498. Oh! Deus! que sonho!...

A MÃE

3499. És tu a Peregrina?...

A PEREGRINA

Sim

A MÃE

Pois corre!
Vem comigo... que esperas?... tu resistes?...
Pois não tivestes mãe?... mãe que te amava?...
Que para não ver-te morta dera a vida?...
Oh! depressa... eis a lua... está voando...
Sempre tão tarda, tão veloz agora!
Oh! meu filho!... corramos, Peregrina,
Por teus pais, por tua alma, por teu anjo!...
Tem compaixão de mim!...

A PEREGRINA

Nada compreendo...
Não sei quem és, nem sei o que me pedes;
Vejo que sofres; mas quem és?... responde.

A MÃE

A mãe do Trovador...

A PEREGRINA

Oh! sonho! oh! sonho!

A MÃE

É tempo... corre...

A PEREGRINA

Onde?

A MÃE

À Rocha-Negra
Não sabes que é dali que o amor infausto
Nas ondas afogar intenta
Infeliz Trovador?...

A PEREGRINA

Oh! sempre o sonho!
Meu Deus, se acaso foi celeste aviso,
A mente me aclarai![532]

A MÃE

E as horas fogem!
E a morte se aproxima e tu não corres!...

A PEREGRINA

Amanhã...

A MÃE

Amanhã... a eternidade!
Mulher fatal, não te condói meu pranto!...
Pobre velha, ai de mim! só tenho um filho...
Riqueza, glória, luz, vida, esperança,
Tudo, tudo que é meu consiste nele;
- E esta lua que voa!... - Oh! Deus eterno,
Uma hora sequer detém a lua! -
Ah! sufoca-me a dor... nem sei que digo!
Peregrina, meu filho a ti se prende!
Morre por teu rigor... sou mãe.. piedade!
Já me roubaste o seu amor... que me importa?
Fazei-o viver, e seja teu somente...
Salva-o! salva meu filho... ó Peregrina!...

[532] Aclarar: iluminar, clarear.

XV

Entre o receio e a compaixão vacila
A formosa donzela, e angustiada
A pobre velha mãe as mãos lhe aperta,
E olhos onde fuzila o desespero
A despeito do pranto que os inunda
Como os raios do Céu na tempestade,
No rosto lhe cravando, aos pés se atira
Da Peregrina, e de joelhos clama.

A MÃE

Eis-me aqui a teus pés, ó minha filha!...
Não me levantes, não; só para seguir-me.
Vês-me chorando?... estanca-me estas lágrimas;
Podes querendo em risos transformá-las!
Tu és virgem cristã, porque o não fazes?...
Recorda a própria mãe quando me olhares!...
Quem socorre a velhice a Deus venera.
Sou mãe, sou velha... deves ser piedosa.
Está no teu poder salvar meu filho,
Anjo no rosto, cumpre sê-lo na alma...
Oh! salva-o! salva-o!... que serás meu anjo.
Escuta: ele jurou ao mar lançar-se,
E há de fazê-lo, que o jurou... não tarda
Fatal prazo sinistro! - e a lua, a lua!
Ela avança, e com ela avança a morte!
Compaixão, Peregrina!... não me atendes?
Ai mísera de mim! mãe sem ventura...
Não me escutas, mulher? de mim não falo...
Esmaga embora com teus pés meu rosto,
Insulta as minhas cãs[533], **fere o meu peito,**
Despreza a velha, ri das minhas rugas;
Mas condói-te da mãe! sou mãe! piedade!...
Quero meu filho!... sim!... meu filho amado!...
Escuta a religião... ouve a virtude...
Ouve os anjos do Céu que estão bradando:
Salva-o! salva-o!...

[533] *Cãs*: cabelos brancos.

A PEREGRINA

Assim bradavam anjos
"No meu sonho também!"

XVI

Acesa em raiva
Ergue-se a aflita mãe que em vão gastara
Tantas preces e lágrimas; dardejam
Ódio e vingança os olhos seus agora,
E em delírio e furos convulsa exclama:

A MÃE

Tigre que o aspecto de mulher simulas,
Tigre no coração, matas meu filho!
Ei-lo na *Rocha-Negra*, ao pé da morte
Ainda saudoso o nome teu murmura;
A mãe olvida e só de ti se lembra,
De te, que ouvindo tanto ainda não choras!...
Ei-lo que fita no horizonte os olhos...
Some-se a lua... o mísero não treme...
Volta-se e diz extremo adeus ao mundo...
- Adeus, meu filho!... - foi de um salto às ondas...
Morreu! minha esperança o mar submerge;
Tudo... tudo acabou! - ah! nem me é dado
Chorar sobre o sepulcro de meu filho!
Do infeliz o cadáver insepulto
Já os peixes carnívoros devoram,
Enquanto colhes tu da vida as flores!
O escarnado esqueleto é praia ignota[534]
Arroja o mar em ondas de desprezo,
Enquanto te sorris de glória aos sonhos!
Pois bem, mulher, triunfa, zomba e mata;
Mas treme, que não dorme a Providência
E é certa sempre a punição do crime.
Quando no sono tormentoso vires
Embalde a bracejar com feras vagas
Em ânsias de afogado te afogando
Um mancebo infeliz, treme, que é ele!

[534] Ignota: desconhecida, ignorada.

Quando em desoras e ao luar formoso
Frente a frente de ti por toda parte
Do bosque à beira, em solitário campo
Ou à porta do lar sinistra, imóvel,
Vires pálida sombra melancólica,
Será ele outra vez! - ou dia ou noite
A dormir ou velar constante sempre
Verás do Trovador a imagem triste
Teu crime a recordar, e a morte sua;
Foges?... em vão o fazes; rezas?... choras?
Já tarde vem as orações e o pranto;
Em vão... em vão... não acharás piedade;
Quando em lágrimas toda, as mãos cruzadas,
De joelho caída, a alma nos lábios
Ao Céu, à sombra, a mim perdão pedires,
Dos remorsos na voz o Céu falando,
Gemendo a sombra em sussurrar de brisas,
E num grito de morte e de vingança
A mãe baixando ao túmulo - em mútuo acordo
Hão de em resposta uníssonos bradar-te:
"Sê maldita!..."

A PEREGRINA

Maldita!... oh! não foi sonho,
Foi a voz do Senhor em sono ouvida!

XVII

Como numa alma em reflexão submersa
Dentre dúvidas mil surge a verdade,
Que a mente esclarecendo espanca os erros;
A lua, que encobriram densas nuvens,
De repente brilhou num Céu mais limpo,
Toda terra envolvendo em luz suave;
Ao senti-la estremece a mãe, que a teme,
À janela se lança, e clama: "A lua!...
Lá vai... sempre a voar!"

XVIII

No entanto aflita

Recorre a Peregrina à Santa Virgem;
Ajoelha-se e reza; acaso embora
Ou milagre do Céu que talvez fosse,
Então da lua um raio mais brilhante
Vem refletir na sacrossanta imagem;
Da mãe do Salvador resplende o rosto,
Onde respira o amor dos infelizes,
Um não sei que de divinal[535] influxo[536]
De seus olhos lampeja; o quadro é mudo,
Mas parece falar nos seus fulgores.

XIX

Súbito ergueu-se em pranto a Peregrina.
Inspirada do Céu o ardor a exalta,
Compreendeu o falar da Mãe do Eterno,
É toda amor e compaixão sua alma,
E à triste velha que ainda impreca[537] à lua,
Exclama soluçando "Deus o mando!...
Eia! corramos! salvarei teu filho."

XX

A noite já vai alta; o bosque mudo
Não ressoa ao cantar das aves canoras;
Erma estrada arenosa alveja à lua,
E as árvores frondosas que a ladeiam,
Como a espelhar-se em transparente lago
Retratam-se mercê de luz e sombras
Em crivos[538] de mil raios sobre a areia.
Como ao luar se ostenta a natureza!...
Mais vale assim que ao sol resplandecendo:
Quanto se pode ver belo se mostra,
E o que se envolve em sombras, se advinha
Talvez mais belo do que o fora aos olhos!
Tal a modesta pudibunda[539] virgem,
Que em dobro encanta quando um véu a eclipsa.

---

[535] Divinal: divino, relativo a Deus.
[536] Influxo: influência, estímulo.
[537] Imprecar: pedir, rogar.
[538] Crivo: peneira.
[539] Pudico: tímido, envergonhado.

XXI

É tarde; é hora em que o silêncio reina,
Hora de sono e paz, em que na terra
O amor, o crime e a dor somente velam.

XXII

Mas quem são essas duas que tão tarde
E tão velozes agitadas correm?...
Uma de vestes negras marcha à frente
De cansaço ofegando e de amargura;
De branco outra vestida soluçando
À veloz companheira segue perto;
Vão como loucas ambas pela estrada
Que leva ao mar; os olhos levantados
Fitos os tem na lua, que serena
Vai no Céu resvalando indiferente
A quanto sofre o mundo que esclarece,
Como fera beleza foge esquiva,
Insensível a amor que inspira e olvida.

XXIII

Ai miseras! são elas; a extremosa
Mãe tribulada,[540] **que rebenta em ânsias**
Ao só pensar na perdição da prole,
E essa da solidão donzela ingrata,
Que tantas esperanças extinguira,
E que somente arrependida agora.
Vai - tão tarde! - a correr salvar o amante,
E talvez, infeliz, chegar tão tarde!
Ah! mal de ti, nem compaixão mereces;
Por teu rigor foi a desgraça urdida;[541]
És causa deste mal, e o Céu te pune;
Mas esse coração, que aí vai chorando,
Ah! essa alma de mãe!... Deus a sustente;
Não podem homens, não; morte de um filho

[540] Atribular: atormentar, afligir.
[541] Urdida: conspirada.

Consolação não acha em seio humano;
Dor, que devora a mãe que o filho perde,
Eterna punge[542] e não se apaga nunca;
É talvez o infinito na agonia,
E só Deus o infinito compreende.
As lágrimas das mães recolhem anjos,
Ao Céu pertencem; que as tornou sagradas
A Virgem, também mãe, aos pés vertendo-as
Do Deus homem no Gólgota[543] expirando.

XXIV

Ei-las vão; fazem dó!... quiçá prevendo
O esforço inútil da violenta marcha,
Já não sustêm o pranto que as inunda;
A moça vezes cem as mãos encruza,
Pedindo a Deus que o remorso a livre;
Volve do Céu à terra de contínuo,
A velha então, coitada, os olhos doidos
Do Céu vendo o que resta à lua célere,
E da terra o que falta a seus pés tardos,
Que tardos são, embora corram leves,
Para levar a tempo a vida ao filho.
Às vezes de um cruel ressentimento
Cedendo ao vivo impulso, o olhar sinistro,
Vesgo olhar, onde luz vingança e fúria,
Vai arrojar à Peregrina, e ao vê-la
Como ela a correr, chorar como ela,
Em borbotões de lágrimas se afoga.
Às vezes na alma aflita assoma a idéia
De prostrar-se no chão e a Deus orando
Pedir que a mão potente a um leve aceno
Suspenda o curso ao bárbaro planeta,
Que ao filho há de apontar da morte o prazo;
Mais não para; rejeita o pensamento
Que uma demora impõe; reza correndo,
Entrecortando às orações soluços.
Oh! que horríveis, tremendas agonias
Aquela estrada erma esconde ao mundo!
São duas agonias - velha e moça,
Mãe e amada - desgraçadas ambas.

[542] Pungir: atormentar, mortificar.
[543] Gólgota: lugar de suplício, calvário.

XXV

A dor redobra o lúgubre silêncio,
Que só gemidos quebram; correm mudas
As duas infelizes, como ovelhas,
Que se esqueceram do curral amigo,
E tarde fogem do pavor nas asas,
Escutando o bramir da onça faminta.
Uma frase sequer não trocam elas!
Uma palavra só da alma esperança
Não tem, não balbucia a Peregrina,
Tirando alentos da ilusão de instantes.
E que dirá a triste mãe?... não corre?...
Que mais fará?... não faz de mais tão velha?...
Lá vai... sempre em silêncio; a longo espaço
Exclama apenas com bradar pungente:
"Meu Deus!... a lua!..." e a lua não a escuta,
E em seu nado sereno as nuvens rompe.

XXVI

Quanto da noite o astro mais avança,
Mais aumenta a aflição que despedaça
Aqueles corações; e já bem perto
Da montanha fatal que negrejava
Na extrema do horizonte a lua brilha.
Pouco falta a vencer da noite a lâmpada,
E muito de caminho às duas falta.

XXVII

Com olhar que desvaira o desespero,
E de terror desconcertado o rosto,
Inquire[544] **a velha o espaço limitado,**
Que entre a lua e a montanha ainda media.
"- Dois palmos só! - "exclama angustiada,
Convulsos tendo os braços, que estendera.
Com a boca aberta devorando os ares
Pela estrada veloz se precipita
Como doida a fugir, e em tal carreira

[544] Inquirir: indagar, perguntar.

Mal pode acompanhá-la a Peregrina,
Que, delicada e fraca, em vão deseja,
Asas de amor de mãe nos pés não acha.

XXVIII

Lá vai! mísera velha! as negras vestes
Despedaçadas já em tiras voam;
Brancos cabelos pelo vento erguidos
Na rapidez da marcha se desfraldam;
Oh! quem a vira assim, turvo o semblante
Pela dor contraído, os olhos rubros
De chorar, e em tão grande desespero,
De assombro e de piedade se exaltará.
Que horror de vulto, e que beleza da alma!...
Fora uma fúria, se não fora um anjo.

XXIX

Ai! nada mais! metade já no túmulo
Sua extrema esperança está decidida;
Tocou a lua da montanha o cimo,
A terra pouco a pouco se anuvia...
Resta só baça luz... mais um momento...
Velha e moça sustêm-se, e horrível grito
Ambas a um tempo soltam: - Desgraçadas!
A esperança acabou! sumiu-se a lua.

CANTO VI

HARPA QUEBRADA

I

Dos sábados a noite as fadas amam;
Vagam então mais livres e atrevidas
Dos maleficios a colher o fruto.
Nadando pelo ar, silfos agora,
Salamandras[545] depois do Céu no fogo
Em meteoros ígneos lampejando;
Ondinhas finalmente em claro lago
Na torrente ou no mar dançando à lua,
Dos sábados a noite as fadas amam.
E então, ai do mortal que as vê, que as sente,
Mesmo de longe em duvidosa forma;
Qual miasma, sutil o maleficio
Corrompe o sangue, o coração perturba,
Antes que este palpite emane aquele:
Ninguém lhe escapa; em toda parte existe;
Nos vestígios que deixa em fina areia
A fada que passou; na branca espuma,
Que uma onda que foge, e outra que avança
Ao se enlear borbulham, como a rir-se;
No ruído de uma aura da floresta,
Que simula a gemer perdida virgem;
No silvo de uma serpe, ou no mugido
Da catadupa[546], que desaba ao longe;
No mocho, que no trilho ermado, à noite
Piando agouros lúgubre vagueia;
Na luz que entorna a lua, no das flores
Hálito embalsamado, em tudo paira,
Respira, geme, ou ri, se esconde ou fala
Nas noites da cabala o maleficio.
Repele idéias tais o sábio incrédulo;
Mas das crenças o rei, o povo as ouve,
Nos sortilégios crê, receia as fadas.

II

De um sábado era noite; na enseada
Uma barquinha só vagar não ousa;
O pescador mais bravo foi trancar-se

[545] Salamandras: lagartos; trabalhadores de caldeiras.
[546] Catadupa: catarata, cachoeira.

Na humilde choça ao lado dos filhinhos,
Que trêmulos de medo e boquiabertos
Da mui sabida avó, a quem rodeiam,
De magias escutam longa história.

III

Gigante de granito debruçado
Sobre o mar, que a rugir mesmo em bonança
Vem a seus pés quebrar-se, a *Rocha-Negra*,
Turva sinistra e nua ali campeia.
É o feio senão do ameno sítio,
Que luz aos raios de encantada lua;
É num céu de jasmins nuvem de chumbo;
E na alma de um cristão atro[547] **remorso;**
É o terrível maculando o belo;
É o esqueleto no banquete egípcio:
Gemido, que perturba o rir da festa;
Realidade, que evapora os sonhos;
Trono da morte na mansão da vida;
Fantasma da enseada - a *Rocha-Negra*.

IV

Já se aproxima da agonia o prazo;
Não tarda a *meia-noite*, hora tremenda;
De horrível sacrifício altar medonho,
A *rocha* ergue-se ali, fria, impassível;
O mar, que será túmulo, tranqüilo
Dorme, certo da presa, ressonando;
Cronômetro da morte, algoz[548] **funesto**
Que o fúnebre momento apontar deve,
Vai plácida no Céu brilhando a lua.
Altar, algoz e túmulo estão prontos;
Falta a vítima só: ei-la se mostra.

V

Do Trovador o vulto majestoso
Surge na praia, e sobre a *Rocha-negra*.

[547] *Atro*: triste; sombrio; negro, escuro; medonho; funesto.
[548] Algoz: carrasco.

Nua traz a cabeça, e em dom às brisas
Dera os cabelos bastos[549] e anelados;
Purpúrea capa em dobras cai do braço,
Como de um vencedor romano a toga;
Serena, altiva fronte ao Céu levanta,
Nos olhos brilha a flama do delírio
E em ondas de fulgor se ateia o rosto;
O passo é gracioso, nobre e ousado,
Qual o do bravo, que a vitória aclama,
Subindo o carro triunfal da glória;
O braço que enroscada envolve a capa,
Curvo deixa que a mão pouse na ilharga[550];
Abraça o outro a companheira e amiga
Harpa, sócia de amor, do vate[551] esposa,
Que em silêncio reclina-se mimosa
No ombro daquele que lhe entende as faltas;
Assim garboso e radiante avança,
E ao cimo do rochedo chega e pára.
Como um conquistador, que rei se coroa,
Por sobre a multidão que o vitoria,[552]
Grave olhar de senhor despede ufano,
Ele volvendo em derredor os olhos
Com os lábios dos heróis pertence,
Contempla o Céu, depois o mar e a terra,
Até que altíssona voz desprende, e clama:

VI

"Vão teatro da vida, ao fim deixei-te!
Eis-me pisando o umbral[553] da eternidade.
Mansão das ilusões, mundo! estou livre,
Águia do inferno, o cisne te assoberba.
Salve, morte piedosa! eterna amiga,
Que enxugas sempre do infeliz o pranto;
Vingança do oprimido, audaz recurso,
Anjo da glória, que coroa o gênio,
Inimiga do mundo, que arrebatas
Das garras desse tigre nobres vítimas;
Abismo em cujo fundo a paz habita,

[549] Basto: espesso, abundante.
[550] *Ilharga*: quadril; parte lateral e inferior do baixo-ventre.
[551] *Vate*: poeta.
[552] Vitoriar: saudar.
[553] Umbral: limiar, entrada.

Salve, doce mistério! salve, ó morte!
Caluniadora vida em vão pintou-te
Hediondo[554] esqueleto: - a vida mente! -
Tu és pálida virgem compassiva,
Que de uma vez a dor num sopro acabas;
Enviada do Céu, soltas o espírito,
Que em cárcere de pó escravo geme;
Aos teus olhos de amor iguais são todos;
Em teu regaço que o sossego aninha,[555]
É tão doce o dormir, que quem lá dorme
Não mais desperta para sofrer de novo;
Ave serena, que em silêncio voas,
Em tuas asas vão prender-se as almas
Que dos vales da dor ao Céu remontas;
Por ti se regenera o pobre escravo
Condenado a arrastar injustos ferros;
Por ti vinga-se o herói da pátria ingrata,
Por ti zomba da sorte o desgraçado;
Por ti vence o pudor, salva-se a honra,
E em ti somente a liberdade existe.
Já dos anos ao peso, no teu seio
A fronte pousa e dorme eterno sono;
O fogo das paixões no moço apagas,
E abre-lhes, em troco de um porvir[556] sombrio,
De paz segura infindos horizontes;
O infante, anjo ainda, ao Céu que é dele,
De Deus a um rir de amor donosa[557] elevas.
Oh! maldito o primeiro dos humanos,
Que deu-te por semblante uma caveira!
Que assinala esse horror que à morte emprestam?
O transe da agonia?... - ainda é da vida.
Os gemidos que move?... - o túmulo é mudo.
O cadáver que resta?... é do pó do mundo.
Salve suave néctar[558] soporífero[559]
Que das flores do éden anjos destilam!
Rainha do silêncio, morte augusta,
De sigilo e de olvido arca sagrada,
Desencanto do pó, assomo da alma,
Porta solene que se fecha ao mundo
E se abre à eternidade, salve!... salve!...

[554] Hediondo: horrível, repulsivo.
[555] Aninhar: abrigar, confortar.
[556] Porvir: futuro.
[557] Donosa: graciosa, generosa.
[558] Néctar: solução açucarada produzida pelos vegetais; bebida dos deuses.
[559] Soporífero: narcótico, sonífero.

3934. Salve papoula dos jardins do Eterno!"

VII

3935. "Humano coração, harpa da vida,
3936. Em que são notas lágrimas e risos,
3937. Com tuas glórias teus pesares mede,
3938. **Compara com teus hinos os teus carmes**[560],
3939. Consultas as vibrações das cordas tuas!
3940. Quantas mil vezes tens chorado em troco
3941. De um riso só, que te brincou na face?...
3942. **A vida é a charrua**[561] **trabalhosa,**
3943. Que o homem pela terra a custo arrasta;
3944. A vida é nossa cruz, calvário o mundo.
3945. Viver é ver do túmulo no abismo
3946. Ir caindo um a um nossos amores.
3947. Tu, mísero mortal, tu que estremeces
3948. Ao só pensar na morte horrorizado,
3949. Vive muito... envelhece... e ao fim tocando
3950. Tarde o termo fatal, introvertido
3951. O livro da alma lendo na memória,
3952. Tristezas só terás - flores da vida!
3953. É teu passado um vasto mar de lágrimas;
3954. Do moribundo pai viste a agonia,
3955. Da carinhosa mãe cerraste os olhos,
3956. Viste à campa descer a esposa amada,
3957. Rasgou-te o coração penar dos filhos,
3958. O seu morrer, o dos irmãos e amigos,
3959. E afogando no meio de esqueletos,
3960. **Coveiro infausto**[562]**, herdeiro de agonias,**
3961. Convidam-te os pesares para o jazigo.
3962. Oh! feliz de quem morre! ai de quem fica!..."

VIII

3963. "Vasta rede de insânias[563] e artifícios
3964. Mil funestas paixões na terra estendem;

[560] *Carmes*: composições poéticas.
[561] *Charrua*: arado, por derivação lavoura, trabalho de campo.
[562] Infausto: infeliz, desventurado.
[563] Insânias: loucuras, demências.

Contra o homem o homem conspirando
A cada passo um precipício escava,
Prepara um crime, e um infortúnio tece;
Morde do benfeitor o seio a víbora
Da ingratidão; o crédito do justo
Vil calúnia atassalha[564]**; a emagrecida**
Inveja não tolera alheia dita;
A prepotência aos pés esmaga o pobre;
Áureo[565] metal do chão desentranhando
Vence a virtude, que é celeste flama;
E a hipocrisia infame em toda parte
O riso da traição nos lábios tendo,
E no horrível semblante o véu do crime,
Ou da perfídia a máscara nefanda,
Abusando da fé, imola o crente;
E lutareis em vão, se a tanto ousardes;
Toda a luta é perdida, e queda é certa;
O mal triunfa; o mundo escravo é dele,
E a um só tempo são vítimas e algozes
Os homens pelo mal, que loucos forjam,[566]
Num flagelo tornando a vida humana.
Contra inimigo tal só Deus e a morte;
Salve, portanto, ó morte compassiva!
Salve, ó morte, que a Deus nos aproxima!
Salve papoula dos jardins do Eterno!"

IX

Aqui parou; da terra e Céu desvia
Olhar seguro que afundou nas ondas;
Sinistro longa hora o mar contempla
Sondando um túmulo nesse imenso abismo.
Paixão infrene[567] **que turbou-lhe a mente,**
Da loucura aos impulsos o abandona;
E ele, um cristão, em desespero acaba;
Ele, um bravo, desonra-se covarde;
Tão virtuoso, e ao crime se arremessa,
Na extrema perdição vendo um recurso!...
Oh! que fraqueza e que miséria humana!

[564] *Atassalhar*: provocar sofrimento moral; atormentar, torturar;caluniar.
[565] Áureo metal: antiga moeda de ouro portuguesa.
[566] Forjar: criar, inventar.
[567] *Infrene*: desenfreada; incontida.

Para eximir-se às tormentosas lidas
Da vida transitória, em desatino
O suicida se expõe a eternas penas,
E louco troca o mundo pelo inferno,
Os homens por Satã, e a Deus ultraja!...
Eis das paixões ao que nos leva o excesso.

X

Menos sombrio, mas agora aflito,
De novo o Trovador rompe o silêncio;
Um suspiro profundo ao peito arranca,
Estende um braço enfim, com dedo firme
Aponta o mar que às plantas lhe rebenta,
E doloroso exclama:
"Eis o meu túmulo!
Nele ninguém virá chorar saudades;
Nem minha mãe... ai triste!..."

XI

Inopinadas
Sulcam-lhe as faces lágrimas sentidas,
E terno, soluçando, a voz lhe escapa:
"Anjo de puro amor, mãe desditosa,
Perdoa ao filho, involuntário ingrato,
Que te abandona arbusto ressequido
Em solo estéril sem cultor que o vale.
Ah! que remorso atroz me pesa na alma!
Arranco infindo acerbo pranto àquela
Que o próprio sangue me infiltrou nas veias;
Cubro de luto em anos de velhice
A quem da infância me vestira as faixas;
Dou morte ao seio que me dera a vida;
Oh! minha mãe! oh! anjo de amor puro!
Tudo te roubo... até o meu cadáver,
Da extrema dor consolação extrema!
Meu Deus! de minha mãe compadecei-vos!
Negai-me o Céu, meu Deus, mas dai-lhe amparo."

XII

Sufocado em soluços, cai-lhe a fronte
Nas mãos trementes; longo aflito geme,
Mas como para furtar-se ao doce império
Do maternal amor arrebatado,
A longos passos pela rocha vaga,
Até que pouco a pouco alma invadindo
Diverso pensamento, o miserando
Com a capa envolve o corpo inteiro, e turvo[568]
Segue, dizendo com medonho acento:

XIII

"Por minhas mãos em vida me amortalho![569]
Mais uma hora e de um salto hei de afundar-me
No báratro que aos pés aberto vejo.
Morro bem moço - no vigor dos anos, -
Com árvore frondosa ao chão lançada
Pelo choque violento da borrasca;
Tão moço ainda, e no sofrer tão velho!"

XIV

Gemeu então, as mãos torce raivoso,
E irônico prossegue e desabrido[570]:

XV

"Ufano[571] **jovem que saudaste a vida**
Com cega confiança e ardor veemente,
Visionário que em sonhos deleitosos
Áureos futuros desenham na alma,
Vaidoso lidador[572] que a fronte erguias
Em desafio ao mundo e a seus rigores,
Fervendo em ânsias de travar peleja,
Qual ginete[573] **de guerra alça a cabeça,**

[568] Turvo: agitado, alterado, confuso, perturbado.
[569] Amortalhar: vestir a mortalha, aniquilar, morrer.
[570] *Desabrido*: áspero; rude; grosseiro.
[571] Ufano: orgulho, honra.
[572] Lidador: lutador.
[573] Ginete: cavaleiro armado de lança.

4060. E a coma[574] encrespa intrépido, escutando
4061. O clangor[575] da trombeta belicosa;
4062. Poeta do passado, onde os teus sonhos?...
4063. Onde a glória, os triunfos, as coroas?...
4064. Como no mar soberbo a nau altiva,
4065. Teu coração ousado se arroja
4066. Às ondas inflamadas da esperança;
4067. A esperança!... a ilusão da mocidade!
4068. Foi ela o teu farol; ígnea[576] mentira,
4069. Sonho da vida inteira, que somente
4070. Desfaz-se ao pé da morte... oh! a esperança!
4071. Volúvel namorada enganadora,
4072. Que com um sorriso agora nos encanta,
4073. E logo foge esquiva e nos desvaira;
4074. Que ao perto às vezes quase que a abraçamos,
4075. E pronta nos escapa, e ao longe para
4076. Dadivosa brilhando para excitar-nos;
4077. Oh! a esperança se mostra lindas galas,
4078. Com rosto de anjo e formas encantadas,
4079. Sempre a vencer e a seduzir com as graças,
4080. Jamais doando e prometendo sempre!
4081. A esperança! ai de quem nela confia!
4082. Anos espera, e um dia só não goza;
4083. Quando os braços lhe estende ela se evade;
4084. Um século zomba, se o homem vive um século;
4085. E apenas quando a morte, a rival sua,
4086. A vítima lhe rouba, ante o sepulcro
4087. Se desencanta a virgem proditora:[577]
4088. Ei-la! o rosto formoso era uma máscara,
4089. Eram de fumo as roçantes vestes;
4090. Caiu a máscara, as vestes se evaporam,
4091. E esse que a vida consumiu seguindo-a,
4092. Toca-a por fim - quimera enregelada...
4093. Esqueleto fatal! - eis a esperança!"

XVI

4094. "Flor das flores da vida a mais dolosa,
4095. Flor que veneno nos perfumes verte,
4096. Flor que um espinho em cada pétala esconde,
4097. A esperança falaz[578], eu fui plantá-la

[574] *Coma*: cabeleira farta.
[575] *Clangor*: som forte.
[576] Ígnea: ardente (como o fogo).
[577] Proditora: traidora.

Num frágil vaso furta-cor, e vario
Que é à luz exposto, iriante[579], muda as cores
Sempre a cada volver, a cada instante.
Plantei no seio da traição a insânia,
Num peito de mulher minha esperança.
Oh! pois bem! colho os frutos da loucura;
Minha esperança agora está num crime;
E essa mulher que eu adorei, com a destra
(Que ainda hoje mesmo eu preferiria a um espectro)
Abre-me a porta que conduz ao inferno."

XVII

E por novas idéias impelido
Sobe da rocha a ponta mais altiva,
Cai de joelhos, ergue em fogo os olhos,
Fixa-os no Céu, as mãos eleva e clama:

XVIII

"Perdão, meu Deus! perdão! incauto[580] eu era,
Mancebo ainda - o cego da fortuna;
Estava em anos de fé, e na minha alma
Via a mulher como um divino raio
Por ti vibrado para dar luz à terra;
Como orvalho do Céu por ti mandado
Para suavizar-nos a aridez da vida;
Como o íris[581] de plácida[582] bonança,[583]
Que às borrascas[584] do mundo o termo aponta;
Acreditamos ouvir e ver um anjo,
Caí nos laços que Satã forjara;
Perdão, meu Deus, perdão, se dei sacrílego
A essa mulher adoração divina!
Da beleza o aspecto deslumbrou-me,
Louco olvidei que as serpes são brilhantes,
E o brilhar de uma serpe seduziu-me;
Meu Deus, são testemunhas Céu e terra,

---

[578] Falaz: enganadora, ilusória.
[579] Iriante: que iria, brilha, que é capaz de produzir um conjunto de cores similar ao do arco-íris.
[580] Incauto: descuidado, imprudente.
[581] Íris: arco-íris.
[582] Plácida: tranqüila.
[583] Bonança: tempo calmo.
[584] Borrasca: contrariedade, perturbação; tempestade.

A lua, o sol, o bosque, o lago, as flores,
De quanto ardor minha alma incendiava!
Perdão, meu Deus, perdão; mas dos teus anjos
Ser mais puro que o meu o amor não pode;
Amei como um poeta, amei um sonho,
Amei nessa mulher um impossível;
Sangue, futuro, glória, o amor sagrado
De minha mãe, do anjo que me destes,
Tudo, meu Deus, sacrifiquei à ingrata;
E em troco a tanto amor só tive escárnio,
Frio desprezo, indiferença horrível.
Oh! mereço o castigo que me espera,
Mereço a pena que flagela os ímpios;
Mas à ingrata, meu Deus! vingança eterna!"

XIX

Do Trovador transborda o desespero,
Ergue-se em fúria e delirante corre
A saltar pelas rochas exalando
A imensa dor em violentos brados.

XX

"Morrer! morrer! é um fardo enorme a vida!
Um suicídio... um crime horrendo... embora!
Vá cair sobre o algoz o peso dele.
Céu e terra, vingai-me! exemplo horrível
Dai-me ao mundo punindo a crueldade.
Céu de Deus! despejai todos os raios
Contra o monstro que amor insulta e nega!
Terra do homem! mergulha-te nas trevas,
Mirra teus frutos, murcha as flores tuas,
Teus rios seca; diria, estéril, negra,
Ante seus passos sarças[585] agermina.[586]
Mundo! retorna ao caos; mas só para ela,
E ela que o saiba, e que debalde o chore;
Meu Deus! dai que essa ingrata seja eterna,
E fazei que num vôo os anos volvam;
Envelheça a cruel, grisalhas fiquem
As negras tranças; que seu rosto enrugue,

[585] *Sarças*: arbustos espinhosos.
[586] Germinar: brotar.

BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

4164. Morram-lhe as graças, dobre o corpo esbelto
4165. **E feia, hirsuta**[587]**, hedionda, abominável,**
4166. Constante viva aborrecendo a vida,
4167. De todos desprezada e de si própria!
4168. Mulher fatal, eu morro, e por legado
4169. A dor de minha mãe na alma te deixo.
4170. Ao som de maldições vaga na terra;
4171. Adormece em terror temendo o sono.
4172. Sonha com meu espectro, e despertando
4173. A voz de minha mãe sinistra escuta,
4174. Que em pragas mil, arroja-te ao demônio.
4175. Eu morro, sim; mas não terão teus olhos
4176. Os meus restos por pasto da vaidade;
4177. Fera, que as feras arremedas todas!
4178. Tigre! meu coração despedaçaste;
4179. Tigre! fui teu na vida; morto, oh! nunca!
4180. Abutre! não terás o meu cadáver.
4181. **Eu corro à morte... adeus, terra nefanda!**[588]
4182. Fica orgulhosa dessa flor impura;
4183. Adeus, ó mundo! ó minha mãe! perdoa!
4184. Eu morro! eu morro! adeus!

XXI

4185. E em fúria indômita[589]
4186. A capa longe atira exasperado,
4187. Corre lançar-se para morrer nas ondas;
4188. Mas de improviso pára; alonga os braços,
4189. Banha-lhe a face o pranto da saudade;
4190. E enternecido exclama:
4191. "E tu, minha harpa?
4192. Nem um adeus a ti, constante amiga?
4193. Oh! não! não sou ingrato, vem! cantemos
4194. O adeus da despedida, hino de morte."

XXII

4195. Sobre o peito reclina a harpa querida,
4196. Doce lhe afina as cordas, e mais doce
4197. Dedilha harpejos que no espaço entorna,
4198. E entoa um canto que do seio arranca,
4199. Repassando de dor e de amargura.

[587] Hirsuta: descabelada, maltratada.
[588] Nefanda: abominável, execrável.
[589] Indômita: indomada.

XXIII

E ao frio sopro das noturnas brisas
Do sonoro instrumento as cordas gemem;
Uma rebenta já ressentida;
Mas, embalde, o cantor a voz despende.

XXIV

I

"Minha harpa, saudemos o instante da morte,
Que é lúcida aurora de eterna vitória;
O túmulo para os vates é trono de glória,
E a vida é o jugo[590] **do inferno e da sorte.**
O jugo quebremos, ao trono subamos;
É belo o triunfo, minha harpa, morramos!"

E como pelo canto enternecida
Da harpa dedilhada uma das cordas
Rebentando soou como um gemido

II

" O vate é proscrito[591] **que vaga na terra,**
Bem poucos lhe entendem o estranho falar,
Qual rocha batida das vagas do mar
Suporta dos homens tormentos e guerra;
Dos vates a pátria no Céu achar vamos,
Deixemos o exílio, minha harpa, morramos!"

E nova corda estala; outro gemido
Que sai dos seios da harpa, e é dado às brisas.

III

"A morte é o sono que à dor sucedeu,
Do qual se desperta no Éden do Senhor;

[590] Jugo: vínculo, opressão.
[591] Proscrito: exilado, degredado.

É da alma um arroubo em ânsias de amor,
É o túmulo é a porta dos átrios do Céu.
A morte é o sono, minha harpa, durmamos;
O Céu nos espera, *minha harpa, morramos!*"

E outra corda rebenta, e sobre as ondas
Longo soa também outro gemido,
Que triste esvanecendo[592] **aos poucos morre.**

IV

"Minha harpa não gemas, que o mundo é traidor,
Asila a perfídia[593] **no grêmio**[594] **fatal,**
Não vale as saudades de um peito leal,
Nem temos suspiros de uma harpa de amor;
Não gemas, exulta, que ao Céu subir vamos;
A vida é sinistra, *minha harpa, morramos!*"

Ainda uma corda estala, e geme ainda,
Como profunda queixa que exalada
Do lúgubre cantor responde ao hino.

V

Esposa querida, minha harpa, vem cá!
A hora enfim soa do nosso himeneu;
A pira é a lua, que fulge no Céu;
O tálamo[595] **virgem nas ondas será;**
A pira flameja! esposa, corramos!
Aos gozos! à glória! minha harpa, morramos!"
E a derradeira corda enfim rebenta!

Gemido extremo foi de moribunda,
Última flor que de um mirrado arbusto
Em murchidão precoce cai na terra.

XXV

Lágrima ardente escapa aos olhos áridos
Do Trovador, que enternecido abraça
E beija a sócia dos passados cantos;

[592] Esvanecer: esvair, dissipar, desaparecer.
[593] Perfídia: deslealdade.
[594] Grêmio: seio, regaço, colo.
[595] Tálamo: leito nupcial.

4252. E como se falará a um ser humano,
4253. Assim lhe diz com voz apaixonada:

XXVI

4254. "Não posso, oh não, abandonar-te aos homens,
4255. Qual órfã triste que mendiga amparo;
4256. Oh! não te deixarei tão só no mundo,
4257. Para que te vibre quem te não mereça;
4258. Talvez, quem sabe?... algum cantor profano,
4259. Que adulador desonre a harpa orgulhosa,
4260. E varra com a poesia os pés dos grandes,
4261. A missão do inspirado rebaixando.
4262. Harpa de vate e escudo de guerreiro
4263. Um canto só, e um mote só proclamem.
4264. Minha harpa, hás de seguir-me até na morte;
4265. Teu destino é o meu; morramos juntos;
4266. Os teus harpejos, que eu amei, não sejam
4267. De mais ninguém no mundo; harpa querida!
4268. Não te reclinarás sobre outro seio;
4269. Sou teu esposo, acabarás comigo:
4270. **Esposa do Indostão[596], teu dono segue:**
4271. Muito te amei, oh muito! mas é força,
4272. Que morra a amada pelas mãos do amante."

XXVII

4273. "Adeus, minha harpa! oh! doce companheira,
4274. Eco fiel de meus sonoros hinos!
4275. Amiga, que com risos respondias
4276. Ao meu prazer e ao pranto com gemidos!...
4277. Nunca mais te ouvirá um mundo ingrato,
4278. Nunca mais perderás divinos cantos
4279. Aos pés vertidos de uma fera humana.
4280. Adeus, oh sim, adeus, fada mimosa,
4281. Que o doce orvalho de um consolo terno
4282. **Tanta vez espargiste[597] em teus harpejos**
4283. Sobre a minha alma consumida e triste!
4284. Adeus, meu anjo de amorosas falas!
4285. Adeus, meu gênio de almas harmonias!

---

[596] *Indostão*: nome indu, nome dado à região da Índia, hoje conhecida como Paquistão. Nessa região, a esposa segue o marido, que se torna seu dono.
[597] *Espargir*: espalhar, disseminar, difundir.

4286. Adeus, oh! rosa, de quem fui favônio;
4287. Minha irmã, minha esposa, amiga, filha,
4288. Harpa, harpa de amor, adeus! acaba!
4289. Morre por minhas mãos... adeus, minha harpa!...

XXVIII

4290. Foi seu último adeus um grito da alma;
4291. Um passo recuou, e em fortes braços
4292. Sobre a cabeça erguendo a harpa inocente,
4293. Três vezes contra a laje arremessou-a,
4294. E três vezes bradou: "Adeus, minha harpa!..."

XXIX

4295. **Hei-la em pedaços sobre a rocha esparsa;**[598]
4296. Emudeceu para sempre o *amor que fala*;
4297. E o Trovador, qual pai que ajunta os ossos
4298. Do filhinho na terra jazigo,
4299. Um a um vai colhendo os pobres restos
4300. Do instrumento querido, ao peito os une,
4301. Aos lábios, que em mil beijos se despedem,
4302. E ao coração, que palpitando arqueja.

XXX

4303. Sucede enfim à dor o abatimento;
4304. Das mãos inertes cai-lhe a *harpa quebrada*;
4305. Como insensível fica; estanca o pranto;
4306. Os soluços que a voz lhe entrecortavam
4307. O coração absorve, e a fronte erguendo
4308. Mísero Trovador, fugindo à terra,
4309. Onde não mais lhe fulge uma esperança,
4310. No Céu esquece uns olhos já sem brilho,
4311. E com mágoa indizível balbucia:

[598] Esparsa: espalha

XXXI

"Vate sem harpa é alma sem idéia;
Harpa quebrada coração sem vida,
Tudo pois consumei, agora à morte."

XXXII

Estático se deixa espaço longo,
Depois, como de um sono despertando,
Num profundo suspiro a dor exala,
Assenta-se na rocha, esconde o rosto
Entre as mãos, e abismado no silêncio,
Derradeiro cismar concede à vida.

XXXIII

Dentre os vastos sendais[599] do fino orvalho
Notívago[600] batel no entanto surge,
Que alveja à lua nas cerúleas[601] águas,
Como no campo verde o branco lírio.
Nas brancas asas de faceiro Zéfiro
Vem plácido e sereno resvalando
E à *Rocha-Negra* dirigindo o vôo.

XXXIV

Alvacenta barquinha graciosa,
Amor das brisas, pérola das ondas,
Que entre os fulgores do luar te mostras
Ao longe duvidosa, e já tão bela!
Serás tu da esperança mensageira,
Que traga a um triste inesperado alento?...
É da ventura benfazejo sopro
A que a vela te enfuna[602] aura suave?...
Linda filha do mar, a quem vestiram
Com as brancas vestes, que a donzela estima,

[599] *Sendais*: veredas; caminhos.
[600] Notívago: que anda à noite, que fica acordado à noite.
[601] *Cerúlea*: que tem a cor azulada do mar ou do céu em dias claros ; azul.
[602] *Enfuna*: retesa (vela de embarcação) com cordas, para que se encha de vento; infla.

Que quer dizer esse candor?[603]**... não sabes,**
Que o vestido da noiva em cor iguala
A mortalha da virgem?... não te lembra
Que da donzela a coroa se desfolha
Num tálamo de amor, ou no sepulcro?...
É véu de noiva, ou virginal mortalha?...

XXXV

E tu, ó Trovador, tu, que, em delírio,
Do desespero escravo, a morte evocas,
E nas garras do crime a vida afogas;
Tu, que ímpio ousaste contra a negra rocha
Em pedaços fazer a harpa do gênio;
Tu, que no mundo a mãe tão carinhosa
A sós deixaste em hórrida [604] **orturas;**
Tu, que a pátria esqueceste[illegible]ura e virtude,
E o próprio Deus no suicídio ultrajas;
E tudo e tanto porque cego aos raios
De beleza cruel, em paixão louca,
Da ingratidão o fel tragaste horrível;
Trovador, Trovador, tu que experimentas
Quanto é fero esse amar sem ser amado,
Que dirias se inesperada visses
Aos olhos teus, qual tu, votada à morte
De teu rigor uma extremosa vítima?...
Trovador, Trovador, ergue a cabeça,
As lágrimas enxuga, o mar contempla,
A barquinha que ao perto já se avisa,
Pergunta se também tens sido ingrato.

XXXVI

Desgraça imensa, como imensa dita
A alma absorve e o coração preenche;
Nada mais fora dela ocupa o homem.
Tem muito que chorar as próprias dores,
Não enxerga o infeliz mágoas alheias:
O Trovador, da ingratidão ferido,
Mede por seu amor a desventura,

[603] Candor: brancura, alvura.
[604] Hórrida: horrenda

4372. Geme ultrajado por cruéis desprezos,
4373. E todo em aflições sempre submerso,
4374. Nem viu, nem vê, nem mesmo ao pé da morte
4375. Advinha, sequer, o afeto ardente,
4376. Que abafado, no peito de uma mártir,
4377. Funesto amor, lhe dilacera o seio.

XXXVII

4378. Aos poucos se aproxima alva barquinha,
4379. Já se apercebe o murmurar das ondas,
4380. Que ela serena e doce vem cortando;
4381. O Trovador no entanto, que engolfado
4382. Em longo meditar olvida o mundo,
4383. Nem ouve o murmurar, nem vê a barca.
4384. Quando aos vôos de espírito se abandona
4385. **O homem que sofre, o espírito doideja**[605];
4386. Zombaria ou piedade, acasos forja,
4387. Glórias simula, e momentâneos gozos
4388. **Liba**[606] **o triste, que cedo outra vez prova**
4389. Reais tormentos, que revivem sempre.

XXXVIIII

4390. O Trovador medita, e sem que o pense,
4391. Doces mentiras devorando exulta,
4392. De seu pensar acerbo a alma triunfa;
4393. Asas brilhantes pouco a pouco abrindo
4394. A fantasia, das formosas penas
4395. Ao suave mover a dor se abranda,
4396. E vai no coração adormecendo.
4397. Em liberdade o espírito remonta
4398. Ao vago espaço, que povoam sonhos,
4399. E o mísero embalado por quimeras
4400. Não dorme, e sonha; encantadora vida
4401. Vem-lhe sorrir festiva e dadivosa;
4402. A Mãe, extremos toda, alegre o chama,
4403. Acena-lhe que espere, corre e foge;
4404. Depois trajando de noivado as vestes

[605] *Doidejra*: enlouquecer, desatinar.
[606] *Libar*:provar, experimentar; beber.

Brancas, tão alvas como o branco lírio,
Ela... ela mesma, do passado a ingrata,
Carinhosa se mostra a Peregrina.
Que olhar o seu! que riso o de seus lábios!
Quanto amor nesse riso e nesses olhos!
Presa à doce visão a alma deixa,
Esquece tudo, só da imagem cura,
Embevecida, como aos pés de um anjo,
Breves instantes rápidos voaram;
Mas de improviso o Trovador desperta,
Sente um ruído, ao lado os olhos volve,
E ao ver trajando de noivado as vestes
Brancas, tão alvas como o branco lírio,
Junto de si uma donzela... ergueu-se,
E suspirando exclama:
"És tu?..."
Não era;
E sentindo acordado a realidade,
Maldiz um sonho, que quebrou-lhe as mágoas,
Fingindo o gozo de anelantes glórias.

XXXIX

Estava a Doida, que aportar viera
Na formosa barquinha à *Rocha-Negra*,
Como noiva vestida; em seus cabelos
Via-se a coroa que engrinalda[607] a virgem,
E preso a eles vinha aos pés cair-lhe
Branco véu que a pureza simboliza.
Não lhe acende o rubor do pejo as faces,
Sempre de bela palidez; mas brilham
Com sinistro fulgor seus negros olhos,
E é mais viva também da fronte a nódoa.

XL

Longo tempo em silêncio, e com ternura
Indizível, a Doida apaixonada
O Trovador contempla docemente;
Enfim a mão lhe aperta, e alegre fala.

[607] Engrinaldar: colocar grinalda, adornar.

XLI

A DOIDA

Vês bem que não faltei; é meia-noite.
Esperavas-me tu?...

O TROVADOR

Não; flor da terra,
Julguei-te presa ao mundo, que detesto.

A DOIDA

Deste mundo não sou; bem te o dizia;
Minha alma dele foge, e altiva, e nobre,
Vaga em mais alta esfera; dos encantos
Dona, me fez das fadas a rainha;
Já te o jurei; mostrei-te a negra mancha
Que me deixou da *Nebulosa* o beijo,
E não quisestes crer-me!... a razão tua,
Como o teu coração somente é cega.

O TROVADOR

Que intentas explicar?...

A DOIDA

Direi-te lá embaixo,
No fundo mar que habitaremos juntos,
A menos que da vida à cruz pesada
Abraçado outra vez...

O TROVADOR

Não! quero a morte!
A mais louca esperança concedida
Só falta a hora...

A DOIDA

Unidos morremos.
Oh! ao menos para mim, doce consolo!
Será o transe derradeiro!

O TROVADOR

Que intento é esse?

A DOIDA

Inspiração de fadas.
Por cem bocas falou-me a Nebulosa,
Marcando o prazo de eternal vitória.
Escuta: quando a noite o manto opaco
Sobre a terra estendeu, vinha eu no bosque.
Sabes que fala o gênio da floresta
Do vento no gemer?... das catadupas
No bramido, e no silvo[608] das serpentes?...
Pois eu ouvi-lhes, traduzi-lhas falas,
E em coro me diziam: "morre! morre!"
Entro na minha gruta, e resplendente
De estalactites[609] na muralha escrita
Leio a sentença amiga: "*Morre! morre*!"
Saio, e os olhos erguendo ao Céu formoso,
Lá vejo minha mãe num trono aéreo
De brancas nuvens; sua voz escuto,
Ela me chama e brada: "*Morre! morre*!"
Corro ao mar, sobre o dorso trazem ondas
Uma faixa de espuma cor de neve,
Onde com o dedo álgido[610] e invisível
Traçara a Nebulosa: "*Morre! morre*!"
Trovador, Trovador! não vês que eu rio?...
É do triunfo a hora que me soa;
Do bosque o gênio, a luz que acendem fadas,
Minha mãe lá do Céu, do mar na espuma
A primaz Nebulosa, alçam meu hino,
Meu canto de vitória: "*Morre! morre!*"

[608] Silvo: sibilo, assovio.
[609] Estalactite: forma pendente do teto das cavernas ou subterrâneos, resultante da precipitação de bicarbonato de cálcio, trazido em dissolução na água.
[610] *Álgido*: muito frio; gélido.

XLII

Rosas inflama comoção sublime
Naquele rosto de jasmins eternos;
Fulgem-lhe os olhos, e o virgíneo seio
A custo abafa pudibundo, arcano;
Nunca tão linda se mostrará a Doida.
O Trovador atônito se chega;
Surpresa e compaixão enchem-lhe alma;
Entre as suas mãos da Doida aperta;
E logo exclama:
"A tua destra é gelo!...
Tu padeces!..."

XLIII

Sorriu-se a miseranda;
Marmóreo dedo o coração aponta,
E diz tremendo:
"Aqui se encerra o fogo!"
Volta os olhos depois, indaga a lua:
Vai em breve sumir-se, e negras nuvens
Encrespam-se no Céu:
"Ouve, ela torna;
Da morte o prazo em breve tocar vamos,
E prestes vai rugir a tempestade;
Leio no Céu o anúncio da borrasca;
Dos trovões ao bramir, e à luz dos raios
Iremos ter com a Nebulosa. É tempo;
Encha o encanto o que da vida resta;
Oh! fazei-me chorar eu amo as lágrimas,
Peço-te um canto; acorda o amor que fala.
Oh!... fazei-me chorar!...

XLIV

"Harpa!...oh! minha harpa!..."
Exclama o Trovador, e arreda um passo,
Mostrando os restos do instrumento amado.

XLV

Recua a Doida espavorida, e treme,

Depois avança; e curva e de joelhos
Contempla a harpa quebrada.
"Ah! que fizestes?..."
Diz ela enfim se desfazendo em pranto;
"Que sacrílego impulso armou teu braço
Para matar o anjo dos amores?...
Não te obrigastes num piedoso voto
À morte em doces cantos deleitar-me?...
Oh! que és muito cruel!... muito! nem pensas,
Que extrema tem sido a crueldade tua!...
Pobre amor que falavas, já não falas!...
Matou-te aquele por quem só vivias!..."

XLVI

Breves momentos refletiu a Doida;
Depois mais terna e mais sentida ainda,
E às vezes soluçando assim prossegue:
"Somos irmãos, *amor que já não falas*!
Igual destino nos fadara[611] **um gênio,**
Que vida e morte deu-nos semelhante.
Tivestes por encanto a voz de um anjo,
E eu devo encantos à primaz das fadas;
Tu já morreste, eu morrerei bem cedo,
E a mão que ousou matar-me vai bem cedo,
E a mão que ousou matar-te vai matar-me;
Num ponto só nos distinguira a sorte;
Tu foste amor de apreciados cantos,
E eu sou amor de lágrimas perdidas;
Ambas harpas de amor, eu só mais triste.
Oh! minha irmã... não ficarás na terra!
No fundo mar há um palácio de ouro,
Que habita a *Nebulosa*: ela te aceite...
Tu lá me espera... viveremos juntas,
E assentadas ao lar de imortais fadas
Do nosso fero[612] **algoz nos lembraremos.**
Ó harpa! ó anjo de celestes hinos,
Que adormecem a dor nos seios da alma;
Interprete fiel de afetos puros,
Levem-te à *Nebulosa* ondas amigas,
E as mesmas voltem para também levar-me."

[611] Fadar: predestinar.
[612] Fero: feroz.

XLVII

Disse, e os fragmentos da harpa reunindo,
Em movimento rápido os arroja
Ao mar, que os leva amante à flor das ondas.

XLVIII

A Doida ouvindo, o Trovador pasmara;
Esclarece-lhe a mente luz brilhante;
Lembra o passado, rompe-se um mistério,
E os próprios males esquecendo, inquire,
Que dor é essa, que um gemer tão doce
Quase à força exalou a seus olvidos.

XLIX

O TROVADOR

Que dissestes, infeliz?... ardente raio
Os meus olhos feriu... acaba, fala!
Devo eu também levar à eternidade
Além de atroz desgraça ainda um remorso?...
Oh! que o peso é demais!...

A DOIDA

Morrer juraste;
A jura cumprirás!...

O TROVADOR

Já tarda a morte.

A DOIDA

Eu sou fada, e não temo; tu... quem sabe?...
Talvez ainda a esperança...

O TROVADOR

Ah! não; mais nada;
Já disse extremo adeus ao mundo insano;
De agonia cruel traguei acerba
A hora que precede ao passamento;[613]
Nada me resta agora, e se não falas
Depressa e já, não te ouvirei por certo.

A DOIDA

Morres?... eu também morro, oh! glória exímia![614]
Falar me é dado ao fim! abra-se o dique,
Transborde o coração: ouve; os encantos
Podem prestar sublime influxo às fadas,
Mudar-lhes as formas, requintar-lhes os gozos,
Sábias fazê-las predizer futuros,
Ao seu império sujeitar os seres,
Os homens, as paixões; mas ah! não podem
Nem mesmo encantos supernais[615]**, aqueles**
Que a Nebulosa sublimada[616] **excita,**
Do amor, paixão divina, libertá-las.
De Deus, que os mundos fez, e os mundos rege,
O amor é doce emanação excelsa[617]**,**
Que do universo à criação da vida;
E ante amor, que é de Deus, dobram-se as fadas;
Amam; e quando amor arde em seus peitos,
É fogo eterno, que as devora e mata.
Sina funesta! amor que tudo alenta,
Às fadas sempre traz desgraça e morte!
Oh! Trovador! não me entendeste ainda?...
Sou fada, e vou morrer... porque?... não sabes?...
Cego, nunca me viste! agora ao menos
Abre os olhos, contempla a moribunda!
Trovador! eu te amei nos belos anos
Da infância, e não sabia então que amava;

[613] Passamento: morte.
[614] Exímia: perfeita, escolhida, reservada para o sacrifício.
[615] *Supernais*: muito elevados; superiores; supremo, soberano.
[616] Sublimada: tornada sublime, elevada, superior.
[617] *Excelsa*: que é sublime, eminente, elevada.

Foi, das flores na idade amor tão puro,
Róseo botão no seio desabrochando.
Moça te amei, e em sonhos deleitosos
Aditava à minha alma tua imagem;
Escravo de outro amor, tu me feriste
Com a indiferença enregelada e fera;
E eu te amei ainda mais! segui teus passos
A toda parte; inebriei-me[618] ouvindo
Teus doces cantos; fiz-me a confidente
Do terno afeto, que era o meu suplício;
Com minhas mãos nos braços te lançara
Da Peregrina, se eu pudesse tanto;
E mais não te pedira que um sorriso
De gratidão, sequer para mim tão triste!...
Amei, chorei, votei-me a um sacrifício;
E tu, oh! Trovador, não viste nada!!!
Ah! se te amei! e como te amo ainda!...
Trovador! Trovador!... amo-te sempre,
Como a aura ama a flor, aves a aurora,
O heliotropio[619] o sol, e ao Céu os anjos!
Tua voz tem um eco no meu seio.
Dos teus olhos no fogo os meus se abrasam:
Amei-te, oh! muito! como ninguém ama!
Dei-te a minha alma, dera-te o meu corpo,
Assim me expondo a desencanto horrível!
A *Nebulosa* e minha mãe o sabem;
Uma no fundo mar ouve-me as vozes,
Outra de sobre as nuvens lá me escuta.
Amei-te muito! amo-te ainda, oh! muito!

L

E a mísera entre as mãos, que o pranto ensopa,
Esconde o rosto que o pudor devora.

LI

De joelhos, chorando enternecido,
O Trovador a soluçar murmura:
"Santa consolação, não me aproveitas!...

[618] Inebriar: sentir enlevo; arrebatar(-se), deliciar(-se), extasiar(-se).
[619] *Heliotrópio*: girassol.

Brando orvalho do Céu cai num deserto
Estéril, seco, que não mais vegeta;
Terno grito de amor tardo se escuta
No meio do Oceano, e não tem eco.
Mirrado coração, quanto hás perdido!
E essa ingrata, que amei, quanto me rouba!..."

LII

Suspira, e breve instante se interrompe;
Depois mais doce ainda fala à Doida:
"Celeste pomba dos amores puros!
Vive, e desabre teus serenos vôos
Na terra, em que te deixo; esquece o cego,
Que te não viu no mundo tão formosa!
Vive, e me olvida; e se um sinistro voto
Pode vibrar a alma da inocência,
Maldizes o monstro, que tornou em cinza
O coração, que um trono te devia.
Celeste pomba dos amores puros,
Vive e me esquece, que te não mereço!..."

LIII

Da Doida os olhos flamejaram[620] raios;
O Céu, a lua, o mar convulsa observa;
Tremem seus lábios num febril sorriso,
Troar ouvindo súbita borrasca;
Nas faces rubras chamas lhe rebentam,
Que a paixão lhe usurpou do sacro pejo;
E com fervente voz exclama ousada:

LIV

"Não vais morrer?... pois morrerei contigo.
Sê meu na morte! um encantado tálamo
Nas ondas nos espera; vê! sou bela!
Tenho o fogo nos olhos negros!
Vê! sou bela! meu rosto é cor da neve,
Meus lábios cor de rosa, e o seio é puro!

[620] Flamejar: brilhar intensamente.

4675. Esperam-te mil beijos nestes lábios,
4676. Amplexo deleitoso entre meus braços!
4677. Sou bela, e serei tua sobre as ondas!
4678. Coroa de noiva orna-me a fronte;
4679. E trago para as núpcias graciosa
4680. Véu de donzela, e vestes de noivado.
4681. Vem, sou bela! sou virgem! serei tua!
4682. Espera-nos o mar! esposo! corre!
4683. Vem! a lua escondeu-se atrás do monte,
4684. Ribomba a tempestade; vem! sou bela!
4685. Dar-te-ei encantos, divinais deleites,
4686. Ainda mais puros que os botões das flores!
4687. Vem! sou bela! sou virgem! serei tua!
4688. Não receies a morte; o gozo é certo;
4689. A Nebulosa nos prepara um leito
4690. De rosas e jasmins entretecido
4691. No fundo mar, no seu palácio de ouro;
4692. Esposo, corre! o tálamo nos chama!
4693. Ao triunfo! ao amor! à dita! à glória!"

LV

4694. **Era um anjo a fulgir[621] a Doida em fogo.**

LVI

4695. O Trovador atira-se nos braços,
4696. Que lhe estendia a amante desvairada;
4697. Ambos se apertam, misturando alentos,
4698. Unem os lábios, e trocando um beijo,
4699. Um desses beijos que uma vida pagam,
4700. Sem que morra o pudor, delícias libam,
4701. Mas um momento só; que delirantes
4702. Enlaçadas as mãos, ambos correndo
4703. À extrema fatal sobem da rocha,
4704. E às ondas furiosas vão lançar-se.

LVII

4705. E o Céu rebrame, e ruge o mar terrível,
4706. Fuzila o raio, que incendeia os ares;

[621] *Fulgir*: brilhar ou fazer brilhar; resplandecer.

Troa o trovão, desaba a tempestade;
Abalada estremece a natureza,
Envolve a *Rocha-Negra* horrenda nuvem;
Tudo é trevas... horror... borrasca, e morte.

EPÍLOGO

I

4711. **Coro jucundo**[622] **de sonoras aves,**
4712. Incensos dos turíbulos das flores,
4713. Terra viçosa despertando em risos
4714. A luz saúdam, que dá vida ao mundo.
4715. Purpureiam no Céu rosas da aurora;
4716. Mansa suspira a brisa, e o mar sereno
4717. As praias beija murmurante apenas,
4718. Cadenciando festivais cantigas
4719. Do pescador, que ao perto sulca as ondas.

II

4720. Sucede à tempestade alma bonança,
4721. E o céu que luz, e a terra que desperta
4722. Entre perfumes úmida de orvalho,
4723. E a praia alvejante e o mar sereno
4724. Em doce paz o horror da noite esquecem.

III

4725. Ninguém mais da borrasca se recorda;
4726. Mas, oh não! que dali rompem correndo
4727. Humanos vultos dois: - angustiados
4728. Acham asas na dor, e aflitos voam.
4729. Duas mulheres são, e espavoridas
4730. A *Rocha-Negra* em desespero buscam.

IV

4731. Uma, que avante marcha, esparsos leva
4732. Cabelos cor de neve, e ensangüentados
4733. Os pés descalços, rotos os vestidos;
4734. Seus magros braços estendidos tremem,
4735. Em fogo os olhos tem, e aberta a boca
4736. Respira com estertor afadigada.

[622] *Jucundo*: alegre; aprazível.

V

Essa não chora, mas às vezes brame.

VI

Segue-lhe a outra, moça e tão formosa,
Que a despeito da mágoa e desalinho
Deslumbra o astro que no Céu esplende.

VII

Essa não brame nunca, e sempre chora.

VIII

Da *Rocha-Negra* toca enfim a extrema
A velha exasperada; afunda os olhos convulsiva
As mãos alçando ao Céu brada: "Meu filho!"

IX

Um grito lhe responde; volta e corre
A Peregrina, que na praia ulula;[623]
Mas não chega; de súbito sustem-se;
Vê de longe em pedaços sobre a areia
A terna harpa de amor, que ainda quebrada
Aos pés da ingrata as ondas arrojaram.

X

Da velha o rosto decompõe-se horrível;
Rubros olhos revolvem-se nas órbitas;
Eriçam os cabelos alvejantes;
Seu vulto se agiganta; um braço eleva,
E com sinistra voz, rouca, e medonha,
Exclama em fúria: "Ingrata! sê maldita!..."

XI

Qual ferida de um raio, a Peregrina

[623] Ulular: gritar, berrar lamentosamente.

4758. Cai com os lábios de encontro à *harpa quebrada*.

XII

4759. E a velha, pobre mãe, da dor no excesso,
4760. Sobre a rocha fatal tomba sem vida,
4761. E aberto um golpe na rugosa fronte,
4762. Banha o sangue materno o altar da morte.

FIM

Parte III

Fortuna Crítica: *A Nebulosa*

Fortuna Crítica Século XIX

O poeta cria, o crítico sente.
Não pode haver verdadeira apreciação do belo sem esta revelação dupla:
aquele revela o pensamento, este o sentimento!..."

José Rodrigues Coelho
Revista Literária e Recreativa, 1857

A Marmota. Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1857, nº 877, p.2.[624]

A Nebulosa

Este poema-romance do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, está a concluir-se, e é mais uma bela produção da mimosa pena do delicado romancista, que vem abrilhantar a literatura. Preparem-se as nossas leitoras para ouvirem falar de amor e de paixão, como deve falar quem verdadeiramente ama!

Deus queira que a filha predileta do Byron Brasileiro não tenha a sorte de tantas outras que por aí (tão belas!...) vivem, tão pouco amadas dos seus e da fortuna!...

* * *

Diário do Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1857.

FOLHETIM

O RIO DE JANEIRO

Sexta-feira, 25 de setembro de 1857.

(...)

Quarto fato. Estou cansado, minhas leitoras.[625]

P.S. – Neste momento acabo de receber a Nebulosa do Sr. Dr. J. M. de Macedo: - tenho assim o prazer de dar-vos conta do mais lindo fato da semana.

L.a.

* * *

[624] Enquanto era divulgada essa nota, o poema estava no prelo. Basta observar pelas notas publicadas no mês seguinte que o livro é apresentado no IHGB, impresso, em 25 de setembro de 1857, quase um mês depois.

[625] Nesse artigo o folhetinista divaga sobre o amor, dá notícias do Rio de Janeiro relacionadas a teatro e sociedade e, como quarto fato importante elencado por ele, comunica o recebimento d'A Nebulosa.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1857

NOTÍCIAS DIVERSAS

Celebrou-se anteontem o Instituto Histórico a sua 9ª sessão, honrada com a augusta presença de S.M.I.

Compareceram os Srs. Visconde de Sapucay, Dr. Lagos, conselheiro Cândido Batista, Dr. Macedo, J.Norberto, Dr. Fontes, Coruja, Dr. Carlos Honório, Dr. Jardim, conselheiro Melo, Drs. Thomas Gomes e Cláudio Luís da Costa.

O Sr. Dr. J.M.de Macedo fez presente de um exemplar nitidamente impresso do seu poema-romance *A Nebulosa*.

* * *

Diário do Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1857.

FOLHETIM

O RIO DE JANEIRO.

Quarta-feira, 30 de setembro.

Para que não se pense que morri, como alguém pensou a semana passada, em que dei o meu folhetim somente na sexta-feira, venho esta semana mais cedo, embora receie de ir encontrar a leitora ainda cansada ou enjoada da leitura do meu folhetim passado.

Foi um cumprimento que lisonjeou o folhetinista, mas que de alguma sorte feriu o indivíduo.

Que importa porém, minha pena, que valhas mais do que eu! Em última análise, tuas glórias são as minhas, todas as minhas pequenas felicidades vêm de ti, tu és minha alma, eu sou o teu corpo, formamos enfim uma única existência, um só ente.

Não tenho ciúmes de ti; foi um pequeno ressentimento que passou com a reflexão, uma brincadeira para ver-te arrufada um momento comigo, bem o sabes o que tenho de mais doce em minha vida, a única afeição que me sorri, que me promete flores, que me acompanha nesses longos momentos de tédio em que minha alma boceja enjoada da vida e do mundo; és o meu futuro, minhas esperanças, a estrela pálida do meu horizonte nublado.

Não pense que te dirijo um epigrama nessas minhas palavras. O que me tens dado até hoje, me perguntarás. Nada, é verdade; mas não creias que te recrimino por isso. Continua a brincar, a escrever folhetins; enquanto cada fio da tua rama não for um cabelo branco, embora pudesses descobrir uma nova gruta de Fingal, ou um mundo novo, não acreditariam em ti; quanto mais, não é preciso dizer-te, que nada disso podes fazer. Tu que nem só menos tens o matiz e os arabescos coloridos da pena do beija-flor, como poderias ir onde vai o vôo da águia?! Poderias tu ir onde vai a *folha de rosa* ou o *perfume da violeta*, ao coração de tuas leitoras, era já muito, terias feito o que não se faz todos os dias.

Continua pois a brincar. Só quem é Byron, Raphael, Chatterton, Gilbert, ou um desses gênios que morreram aos vinte anos deixando seus nomes gravados em um mármore imperdurável, tem direito de merecer fé. Não há meio termo: aos vinte anos ou deve-se ser um gênio ou coisa alguma ainda.

Mas, dir-me-ás, porque Rousseau, por exemplo, começou a escrever tão tarde, segue-se que só tão tarde a inteligência do homem seja capaz de alguma coisa?! Que queres? Esquecem-se que Rousseau foi lacaio, e que passou grande parte de sua vida ocupado em escovar botas ou em segurar cavalos, o que sem dúvida tira a quem quer que seja, mesmo a Rousseau, o tempo de ler e de estudar.

Nem o exemplo de Deus vindo ao mundo como homem, para como homem praticar e ensinar a religião verdadeira,nem esse exemplo de Jesus Cristo, repito, que morreu aos 33 anos deixando completa a obra de deus, nos tem convencido que não é na volta da vida que se deve confiar no homem.

A vida é como uma montanha íngreme: enquanto subimos, avistamos o céu; quando descemos, só vemos o chão que se assenta na base da montanha. A semelhança material torna ainda mais completa esta comparação: o passo do homem que sobe é cheio de esforço para progredir; o do homem que desce é cheio de esforço em sentido contrário: ambos marcham, mas o primeiro atira-se; o segundo escora-se; mas é a imagem do progresso lutando com a estabilidade: o outro é a imagem da estabilidade lutando com o progresso.

Veja se Lamartine, por exemplo, descendo a montanha: não vê mais o céu, esse céu que muitas vezes só ele viu tão brilhante; vê só diante dos olhos o chão para onde anos o vão carregando; parece querer parar o mundo, porque não pode mais esperar. Entretanto é um velho de boa fé; não é da ordem das coisas que as idéias da volta sejam diversas das idéias da ida; é o verso e o reverso da medalha da vida, em tudo, tanto em matéria de inteligência como de sentimento, como de sentimento; a velhice é a quadra da degeneração das idéias, em vez de ser a de sua depuração. A marcha da alma neste mundo é a mesma marcha natural do corpo.

Nem todos porém pensam assim, minha pena; se Metternique hoje não tem mais a reputação que teve é porque a sua grande idade já tornou-o quase caduco; senão ainda a teria como teve ainda ontem, em que já dava por paus e por pedras como já começa a dar lord Palmerston, que ainda passa como um dos primeiros políticos da Inglaterra.

Tu sobretudo, além da tua nulidade, não tens licença para debaixo dessa aparência de frivolidade de folhetinista possuir alguma coisa de sério; não tens licença para ter um pensamento grave, para compreender a discrição, o dever, nem ao menos como os outros.

O estilo é o homem, dizem; mas não se lembram que há estilos de ocasião, como há olhares, sorrisos, cumprimentos e palavras. Demais, dizer que o estilo é o homem é o mesmo que dizer que o timbre da voz é a pessoa; isto é, que pela voz chega-se a conhecer a pessoa.

Foi o que quis dizer Buffon, e mais nada; pelo romance, pelo drama, pelo livro, pelo jornal, pelo folhetim, isto é, por todos estes gêneros de escrito de estilos diferentes, chega-se a conhecer o seu autor; há um estilo no estilo. É o mesmo caso do ator que representa diversos papéis; por melhor caracterizado que esteja, por melhor que represente o papel de rei ou de mendigo, de salteador ou de Degenais, revela-se sempre no timbre de sua voz; é o rabo do macaco que o denuncia mesmo vestido de casaca e de calça preta.
Nem Bufon podia querer dizer isso que no seu estilo elevado e elegante reconhecia-se os seus calções de corte e a sua farda de veludo com que sentava-se à mesa para escrever. Shakespeare foi puxador de vistas do teatro; já citei Rousseau que foi lacaio; podia citar muitos outros.

Quantas vezes também não é filho de um esforço o humor do folhetim! Há certos dias sobretudo em que o folhetinista faz-me lembrar de uma confidência de M. Mars sobre a vida da artista: diz ela: - muitas vezes tive de enxugar minhas lágrimas para entrar em cena no papel de Celimene, isto é, no papel de uma mulher que tinha o coração seco como uma esponja; tive muitas vezes com os olhos ainda vermelhos e as mãos ainda trêmulas da emoção que havia

recebido nos bastidores, de fazer esse jogo de leque e de fisionomia da *coqueterie* elevada à quinta essência da *coquete* daqueles tempos.

Há apenas a diferença que existe entre o coração da mulher e o coração do homem. Se o homem é um crocodilo que não chora e nem estremece de emoção, tem contudo seus dias de profunda tristeza ou de tédio profundo.

Se pois nesses dias ele vos desse em folhetim seus pensamentos tristes, ou mesmo colorisse-os ligeiramente com o reflexo de suas idéias negras, julgai, minhas leitoras, pela dificuldade com que me tendes acompanhado até aqui, que folhetim insuportável, que folhetinista aborrecido e monótono não seria.

O folhetinista não é um homem; é o confeiteiro que fabrica a vossa caixinha de pastilhas; deve fazê-las bem doces, quebrando a doçura de algumas com o ácido do limão, com a hortelã pimenta, colori-las de cores variadas, brancas, azuis, cor-de- rosa, embora não goste de pastilhas.

Ele não diz o que sente; diz o que os seus leitores podem sentir. Nem se deve tratar de achá-lo nos seus folhetins: ele quando escreve completa de si, tem o leitor ou a leitora do outro lado da mesa em que se escreve, não é mais do que uma pessoa qualquer necessária para entabolar a conversação.

Desculpai-me, porém, esse ar que tomei aqui; vou deixar o lugar vago à minha pena, que também tem a sua explicação que dar, e ela que continue.

A explicação é esta. No meu folhetim passado censuraram-me de ter achado semelhança entre uma senhora e uma gata.

Se a semelhança desagradou, a culpa não é minha, é do mau gosto e da delicadeza refinada daqueles que me censuraram. Em Paris é uma carícia, até mesmo de amor, chamar-se a uma moça *ma chatte*: quanta menina casada de novo chama a seu noivo, muitas

vezes mais feio que um urso, *mon petit chat* . É uma expressão inocente, doce mesmo no meu modo de entender, mas que acharão áspera; é a censura.

Que criatura põem mais mimosa há neste mundo, a não ser a mulher, do que a gata? A gata mimada que dorme no colo de sua dama, alva como a mão que a acaricia, de pata aveludada, de pelo fino e macio como esses fios brancos e lindos que flutuam no ar nos belos dias de verão, e que se chamam fios de virgem, porque a poesia descobriu que são fios que se escapam da roca de Nossa Senhora.

Se não se suporta essa comparação, como se suportará as comparações líricas de Bernardim de S. Pierre e de Chateaubriand, as comparações bíblicas da escritura?! No cântico dos cânticos o esposo diz à esposa: "vossos cabelos são como rebanhos de cabras que se espalham sobre a montanha de Galaad; vossos dentes são como rebanhos de ovelhas tosqueadas...; vosso pescoço é como a torre de Davi, que é edificada em boulevards, mil escudos aí estão suspensos, e todas as armas dos mais valentes".

Se eu dissesse que cada um de vossos cabelos é uma cabra, que cada dente vosso é uma ovelha tosqueada, que vosso pescoço é uma torre, faço idéia como não arrepiarão os censuradores da minha comparação.

Mire-se neste espelho, Sr. Macedo; a comparação do seu poema entre o trovador e o novilho há de fazer um mau efeito.

Demais, quereis palpavelmente ver a semelhança que há entre uma moça e uma gata mimosa? Vede-a brincando com um ratinho. Não achais em tudo, no seu jogo, nos seus movimentos, nas torturas que faz sofrer ao pobre animalejo, como um menino a quem se entrega um pombo ou uma borboleta, uma semelhança imensa com todas essas psiques modernas, que como a psique antiga tem nas

mãos a alma do seu amante, um amor sério, um coração delicado que não sabe como se brinca com as afeições puras e santas?

Não com intenção às vezes, é preciso acrescentar (estou agora muito escrupuloso) na gata que brinca com o ratinho, como a moça que brinca com a afeição que se lhe vote, não há maldade, há apenas o instinto da raça; o ratinho por fim escapa-se.

Muitas nem com isso se contentam; colocam a pobre peixinho em um canto da casa, quando estão fatigadas de brincar, e conservando-o em distância dizem-lhe com os olhos – *agora espere, sem fugir nem mugir* . se ele, vendo-a distraída com outras coisas, com uma barata, por exemplo, crê que já é tempo de ir-se escamando, ela com um simples olhar o detém no seu posto.

Finalmente, concluindo sobre este ponto, lembrarei as minhas leitoras que a gata foi em algum tempo, e talvez ainda seja algum dia, o animal da moda; ainda hoje a gata é a companheira das velhas.

Como os deuses e as calças largas, as gatas passarão; também passou a tartaruga pequena para os salões de Paris, e assim há de passar entre nós o sagüi e o King-charles.

Talvez que em pouco tempo cada uma das leitoras tenha o seu elefante, ou esse urso do poema de Heine, que dançava a gaivota, sua dança favorita, como a Romero não será capaz de dançar.

Quem sabe se madame Labariére, pela curiosidade que está produzindo, não é a enviada da moda em matéria de bichos, como a Bloomer o foi em matéria de vestidos? Tem pelo menos por si ou por suas feras um grande elemento da moda, que é a novidade da idéia ou a renovação da antigualha.

Não me admirará, Diana, a deusa rival de Vênus em beleza e em amor, ela, por causa de quem Adonis foi transformado em anêmone, a flor de que se destila a água de colônia, Diana tinha por amiga íntima uma pantera. Não me admirará que neste século, e entre nós,

a doçura, a beleza e o amor se liguem à argúcia e à sagacidade malévola e cruel. Há já mesmo mais de um exemplo. Como porém eu gosto das antiguidades, o que já mostrei na minha comparação da mulher com a gata, vou buscar ainda desta vez um exemplo do princípio do mundo,e recordar-vos-ei que Eva ligou-se com a serpente.

Dir-vos-ei ainda, a propósito de madame Labarrère, que a curiosidade de ver seus gatos maltezes vai se tornando maior no rio de Janeiro do que a que houve a Stoltz, Thalberg, Tamberlik, e mesmo ultimamente de ver o príncipe austríaco incógnito, quando se soube que havia surgido um nestas paragens.

Teve lugar na segunda-feira no teatro lírico [ ].

As suas expressões; desde a sua expressão mais brilhante, mais doce, mais sublime, mais imperial, até à sua expressão mais humilde. Ainda mais; desde a caridade em crinolina aristocrática e elegante até à caridade em balão burguês; desde a caridade de casaca preta e de óculos dos camarotes até a de paletó modesto da platéia de 3ª classe; desde a linda caridade de olhos negros ou de cabelos louros até a caridade em figura de coruja ou de morcego; desde enfim madame Laborde e Arthur Napoleão, até a corista mais desajeitada e mais desafinada.

Isto não quer dizer que não faltassem muitos moldes elegantes da caridade, muitos desses lindos beija-flores em que ela se encorpa, muitos desses lindos olhos que às vezes se parecem os olhos de caridade ou da borboleta.

Faltavam. A caridade coruja preenchia a sua falta.

(...)

Pelo mesmo motivo também de escrever para a leitora devia hoje falar-vos da *Nebulosa* do Sr. Dr. Macedo, como prometi-vos a

semana passada, porque esse poema é todo vosso. Mas ainda não tive tempo de estudá-lo todo para dar-vos conta dele.

Não obstante, vou dizer-vos alguma coisa para que se ainda não o lestes, formeis uma idéia vaga dele.

É um belo livro de versos, e ninguém pode negar que é um poema; é um poema fantástico de assunto impalpável, cuja cor, cujo perfume tão essencial em uma poema desse gênero, é brilhante e vivo, e lembram a escola romântica antiga.

É uma bela fábula sem alegoria, cheia de lindas imagens e contada em versos fluentes e perfeitos; salvo um ou outro em que a transição de palavras, ou o verso cortado, tira a melodia do verso para não sacrificar a sua harmonia.

Mas isto é um defeito talvez para mim, só porque entendo que há frases em todas as línguas já formadas para o verso e que o trabalho de descobri-las e de tê-las à mão para exprimir os pensamentos poéticos, é o grande trabalho do poeta. A transposição tira a naturalidade da linguagem, o verso cortado em certos lugares tem o mesmo inconveniente.

Demais, como disse, isso não avulta no poema.

Os exigentes poderão censurar na Nebulosa a falta de atualidade. Mas isto quanto a mim é uma censura que toca o autor, mas que deixa o poema intacto. Na verdade a atualidade, em matéria de poesia, é quanto a mim ainda a escola de Byron e de Goethe, continuada por Musset, Henri Heine e Vítor Hugo.

Ainda não temos uma literatura nossa; educamo-nos com a literatura européia, acompanhâmo-la; enfim, o fato incontestável é que o nosso gosto atual em literatura é o da escola dominante na Europa. Nem podia ser de outro modo.

É certo que hoje essa escola dominante não é a pura escola Byroniana, mas um pouco modificada por Chateaubriand. Não se

pode porém dizer que a Nebulosa pertence a essa escola, mas sim a escola fantástica alemã. A Nebulosa é um conto de Hoffman, um poema de lirismo germânico, mas não brasileiro.

Lêde-o, minhas leitoras; haveis de desejar muitas vezes ter os encantos que a imaginação rica do Sr. Dr. Macedo derramou na Nebulosa, na douda, na peregrina; mas se sois nervosa não lede até o fim.

É tudo quanto vos posso dizer hoje ao correr da pena.

L.a.

* * *

Correio Mercantil, 4 de outubro de 1857
PÁGINAS MENORES
Rio, 4 de outubro

(...)

Assevero-te com toda a franqueza que cada vez meapaixono mais pela doutrina moral de Epicuro, que seja dito de passagem nada tem de comum com o cinismo embrutecedor e grosseiro dos [ ] que desceram. Aquele grande Ateniense pregava que o homem nascera para gozar, mas principalmente pelo espírito e pelo coração. Sustentava ele que era esse o verdadeiro destino do homem, e que para tal fim deviam tender todos os seus esforços.

Não sei, leitor, se és rico ou pobre, questão muito séria para o caso. Se és pobre, tenho dó de ti porque, além das privações, hás de ter de aturar caprichos de uns, as exigências de outros, a má vontade deste, o desprezo daquele, e tudo isso calado, silencioso, atento como eu te aturo a ti, estimável leitor, quando estás aborrecido e dás de presente ao diabo as minhas divagações, ou te apraz notar-me

faltas de espírito, opiniões absurdas, quando o *spleen* ou os *blue devu's* te puxam pelos cabelos.

Suponho, pois, para lisonjear-te que és rico, que na tua habitação reina o luxo e o confortável.

Estás estendido sobre larga otomana, digo mal, sobre uma pele de urso branco do Norte, macia, aveludada, voluptuosa como um colo de moça, semelhante àquela que se vê numa loja da rua do Ouvidor e que os nossos Cresus deixam aí ficar com um desdém digno deles.

Tens na mão uma caçonha de ouro cinzelada por mão de mestre, donde se exala um perfume suave e delicado.

Parecer-te-á extravagante a idéia de chamar gozo o estar deitado de barriga para o ar, segurando um perfumador de metal. Leitor, empreguei a linguagem figurada.

Esse perfumador que preceupa o teu espírito obtuso é um poema impresso em formato de oitavo francês; esse poema é *A Nebulosa* , de que é autor Joaquim Manoel de Macedo, a quem tiro o título honorífico de – senhor- por supô-lo bastante ilustre para dispensar os europeis sociais.

É um político que faz versos, e que versos? Fluentes, sonoros, cheios de sentimento e de harmonia.

Político e poeta são coisas incansáveis; é por isso que o poeta, tendo superado o político, não passou este de simples deputado provincial, no entanto que as nulidades parvas e vaidosas aí vão com vento fresco navegando aos pares pelo mar do estado, cobrindo os primeiros cargos, monopolizando os primeiros lugares, cortando com suas vistas de pigmeus pelo futuro do país.

O poeta, esse fizeram dele um mestre de meninos; douraram-lhe a pílula, chamando-o de história. Leitor, diz-me em consciência o que é ensinar história a crianças de sete e oito anos? A não querer pregar

aos peixinhos, o tal professor fica reduzido a glossar o vivo de datas e nomes.

A Nebulosa é um fruto sasonado do autor do *Cego*, de *Kobé*, de *Rosa* e de tantos outros mimos literários que o público leu com prazer. Suponho, porém, que será o último que dará essa pena tão casta, tão suave e tão original.

Cansado de belas ilusões, de doces promessas, o poeta abandona a musa do sentimento para não profaná-la; em vez de lira tomará um latego, e *A Carteira de Meu Tio* não tardará a ter continuação.

Foi embebido na leitura desse poema que passei os dias que tu, estimável leitor, supuseste consagrados a um repouso injustificável.

Quinze dias, vás tu dizer, quinze dias para ler um poema em seis cantos! É muito cronista, é muito!

Pára, leitor, que o bom vinho e os manjares de alto sabor não se devoram, saboreiam-se trago a trago; assim fazem os que os têm para pão cotidiano, quanto mais nós que na nossa terra só come ave de arribação nos aparecem tais gulodices literárias.

Demais, não consumi todo o meu tempo a deixar-me embalar pelas canções da *Nebulosa*, fui ver a *Viagem por mar e terra* do poeta português F.Palha, a Mme. Labarrère e suas feras, finalmente fui cumprir um dever sagrado acompanhando um sábio no último jazigo. Convém que a quinzena foi cheia.

Esperas talvez leitor que te diga o que é esse poema de que estou falando, que deves ler e que te dará algumas horas de verdadeiro deleite?

Não o farei por dois motivos. Talvez não saibas que o autor é para mim mais do que um amigo, é um irmão; que há muito tempo a sua mão leal aperta a minha sempre que um sofrimento me acurva; que entre mim e ele há uma dessas alianças do coração espontaneamente formadas, que dificilmente se quebram.

O elogio do seu livro feito por mim poder-te-ia parecer suspeito tanto o achei bom e completo; demais, leitor, não faltariam malévolos para te insinuarem esse pensamento se por ventura não te ocorresse naturalmente.

Juiz mais competente e perfeitamente imparcial te dará breve conta do valor literário dessa romântica legenda contada em formosos versos, dos quais te ofereço aqui um specimen. É uma descrição que se encontra logo ao começar do quarto canto.

Como na vida humana uma esperança,
Que a luzir e apagar-se nos desvaira,
Um estreito carreiro e tortuoso,
Que surge aqui e ali desaparece
Para surgir e se esconder de novo
Por entre grupos d'árvores frondosas,
Vai sinuoso terminar-se humilde
Da velha ermida aos pés. Em torno dela
Se ufana sobre o monte a natureza,
Vegetação hercúlea arrosta as nuvens,
D'aurífero diadema ipês coroados,
Quais da floresta reis; sapucaieiras
Em coifas cor do pejo a fronte erguendo,
De espaço a espaço em turmas soberanas
Ostenta força, e em generoso impulso
Parecem, dilatando os longos braços,
Estremos proteger têmues arbustos,
Que ao perto humildes crescem. Pela terra
Vêm rochedos rompendo, como dorsos
De elefantes curvados, negras furnas,
Despenhadeiros turvos lá se afundam,

E além brame a torrente impetuosa,

Que as rochas morde, e enfim se precipita

No abismo pavoroso, onde se engolfa

A urrar como um touro embravecido,

Que tal te parecem estes versos, estimável leitor? Não admiras a verdade da descrição e das comparações, a cor local, a versificação? O livro é todo assim.

* * *

A Marmota, 9 de outubro de 1857, nº 889, p. 2

"A Nebulosa, poema romance do Sr. Dr. J M de Macedo publicou-se e vende-se na Rua do Ouvidor nº 70, loja do Sr. Brandão, preço de 3 mil réis.

Breve publicaremos um judicioso artigo sobre esta mimosa produção do nosso delicioso romancista.

A Nebulosa é uma personagem misteriosa, filha da *neve* ou da *neblina*, uma espécie de Fada, mas que ninguém sabe quem é; que tem filhas, que não podem amar, mas que, todavia, uma delas é amada, e muito amada por um *Trovador*.

A pureza da dicção; a beleza das imagens; a harmonia e cadência dos versos; o conceito das sentenças e das máximas; a propriedade dos termos; a facilidade da rima; onde o poeta a julgou necessária, tudo isso torna *A Nebulosa* digna de ser amada, porque só podem bem compreendê-la os que amam, os que sentem os efeitos da paixão, aqueles que mais dotados são de natural sensibilidade.

Na *Nebulosa* tudo é arbitrário; a imaginação do poeta voou até onde ao gênio foi possível bater asas, e como o poeta é bom, honesto, delicado, verdadeiro homem de bem, a sua produção saiu daguerrotipada por sua alma: ele, sempre ele o Sr. Dr. Macedo!... e isto basta para seu completo elogio e para total crédito de sua nova composição."

* * *

Correio Mercantil, terça, 13 de outubro de 1857.

Notícias Diversas

O Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, um dos mais estimados de nossos poetas modernos e o primeiro romancista brasileiro, acaba de ser agraciado com o oficialato da Rosa. É uma distinção animadora para os que cultivam na nossa terra o ingrato mister das letras.

Todos os apreciadores do talento do Sr. Dr. Macedo aplaudiram aquele ato como altamente merecido.

* * *

A Marmota,13 de outubro de 1857, nº 890.

Poesia brasileira.

A poesia não está morta em nossa terra. No meio da indiferença que nos enregela, surgem às vezes talentos arrojados que nos vem comunicar nessa admirável linguagem dos deuses os delicados sentimentos de suas almas. Agora é o Sr. Magalhães com a epopéia dos *Tamoyos*, sobre a qual ou contra a qual muito se tem escrito, mas ainda não apareceu um juízo crítico, como merece esse monumento, levantado à pátria; logo, é o Snr. Gonçalves Dias, que

da Europa, onde está peregrinando, nos manda uma coleção das suas poesias tão brasileiras na melodia, como na alma que as inspira; já é o Sr. Macedo que nos dá a sua *Nebulosa*.

Falemos unicamente desta, pois os limites desta folha nos não consentem, como quiséramos, apreciar devidamente todas as belezas, e fazer sobressair as nódoas que achamos nessas composições.

A Nebulosa é um poema de amor, porém de que amor! Tão puro, tão heróico, tão desinteressado que o poeta bem compreendeu que o devia colocar numa região de mistério, além do mundo dos humanos. A fábula do poema, se não é natural, é pelo menos poética e nas condições da poesia explicável; há nela entrecho, ação, desenvolvimento, trágico desenlace, enfim, todas as partes essenciais de um poema, que não é, como muitos pensam, um simples enfiada de versos, arbitrariamente dividida em cantos.

E essa ação é dramática como a dos melhores poemas que temos lido; há nela cenas em que o poeta arrasta o leitor e o leva ofegante, sem lhe dar tempo de respirar, até o fim, como as belas cenas dramáticas de Dumas!

Se alguns descuidos de estilo se lhe podem notar, é incontestável que a linguagem do poema é rica de colorido, digna do assunto; é especialmente repassada dessa sensibilidade que nos parece ter de ser o caráter da nossa poesia; pois transborda nos nossos corações... quando somos jovens, quando os anos não tem começado, no moral como no físico, a ossificar as suas fibras.

Esse poema não pertence à escola clássica; se quisermos saber em que linha o colocaremos, a que família o ligaremos, Byron e Lamartine (especialmente Byron) serão os seus padrinhos.

O Snr. Macedo deve o seu nome à posteridade: tudo quanto tem ele em verso e prosa escrito até aqui (e pouco não tem sido de certo)

pode-o ele considerar como os ensaios como os primeiros exercícios de sua pena. A pena está hoje amestrada; da *Nebulosa* deve ele datar a sua glória.

* * *

Diário do Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1857.

FOLHETIM.

O RIO DE JANEIRO.

15 de outubro de 1857.

Dizia Mme. de Stael que a mais linda expressão da língua inglesa era *never more*.

Lembro-me que quando li esta descoberta de Mme. de Stael pensei que não passasse de um capricho apenas.

Mme. de Stael, apesar de sua opinião que o gênio não tem sexo, não deixava de ser mulher desde os pés até a cabeça, isto é, uma criatura essencialmente caprichosa.

Ela, sobretudo, foi a mais caprichosa das mulheres; caprichosa no amor, na amizade, na idéia, no gosto, em tudo; seu coração foi um ninho de caprichos, de lindos caprichos é verdade, beija-flores dourados, salvo um ou outro que tinha as asas pardas da extravagância, filhos da contrariedade: os morcegos da imaginação. Sua inteligência, embora poderosa e brilhante como era, revelava não obstante a cada momento a saia, isto é, o capricho.

Esse belo pensamento, por exemplo, que há pouco citei, foi filho de um capricho do momento. Ide – intimava ela ao escudeiro que tinha vindo dizer-lhe que Napoleão não podia recebê-la naquela ocasião, porque estava no banho, - ide dizer ao imperador que o

gênio não tem sexo. Não sei se o imperador mandou lhe observar que, se o gênio não tinha sexo, devia ao menos ter vergonha.

- O que é o espírito - ? Fez ela um dia esta pergunta de improviso, diz Henri Heine, ao tímido professor Bouterweek em Gothinge, pondo sua perna carnuda nas coxas delgadas e trêmulas de pudicície do pobre professor.

Odiou Napoleão, depois de tê-lo amado com paixão, porque respondera-lhe um dia que encarava como a maior mulher de seu tempo aquela que tivesse dado mais filhos ao mundo.

Desse modo Mme. de Stael vinha a ser a mais insignificante mulher da França, na opinião do imperador.

Que devia importar-lhe porém isso? Napoleão aborrecia as duas coisas de que mais se gosta neste mundo, a mulher e a música.

[...]

Esse amor e esse ódio pois foi ainda um capricho.

Tenho interesse de deixar bem provado que ela foi essencialmente caprichosa; pouco mais me será preciso dizer-vos para isso, parece-me.

Sabeis de onde vem a sua admiração por Schiller e a sua falta de entusiasmo por Goethe?!

Schiller era nervoso: Mme. de Stael tinha o hábito, quando discutia, de levar a enrolar entre os dedos uma espécie de corneta de papel: isto causava vertigens a Schiller, vertigens de agastura; o poeta então nessas ocasiões lançava olhares vertiginosos sobre a branca e bela mão que desenhou a beleza italiana de Coriane. Mme. de Stael na sua vaidade tomava esses olhares de impaciência por olhares de admiração.

Quanto a Goethe, todos os seus defeitos para ela provieram da frieza e da sequidão com que ele sempre tratou-a.

Enfim, diz ainda Heine em outros termos, Mme. de Stael amou Schelegel, desta vez sim, gênio sem sexo e sem brio, e verdadeiro alemão em tudo; no pé, na mão, na cara, na alma e na porcaria.

Assim pois, tende para mim que a vida de Mme. de Stael foi uma série de caprichos, (e por isso tratei com tanto interesse de prová-lo) pensei como vos disse que a sua opinião sobre *never more* era ainda um capricho. Esqueci-me até disso, e nunca me dei ao trabalho de ver se aquilo era exato.

Parecia-me até então, e continuou-me do mesmo modo a parecer daí em diante, que a mais linda expressão da língua inglesa era rostbeef; assim como que a mais estúpida era Bill Abardeen; a mais enfatuada lord Palmerston; a mais excêntrica love (amor); a mais grotesca Milady; a mais terna my horse (meu cavalo); a que mais falava à alama, beer (cerveja); e as mais inglesas spleen, god saven Keen e plumpudding.

Há poucos dias porém, não sei em que maré de espírito estava que, ouvindo o Trovador, recordei-me de novo do que Mme. de Stael havia dito sobre *never more*.

Vou dizer-vos como: no momento em que o Bolcione dizia non te scordar de me, muito olho de luneta, traduzindo as palavras italianas, parecia repetir, dirigindo-se ao camarote que fitava, a mesma súplica do coração em português, não te esqueças de mim.

De te scordar-me! exclamava Mme. Dejean: nunca! Respondia igualmente na borboleta de luz que voava dos camarotes, os belos olhos ou as belas estrelas a quem se havia erguido aquele grito da alma.

Então, pensei comigo, *nunca* é a mais linda palavra da língua portuguesa; era o resultado da impressão que havia recebido de todos aqueles olhares repetindo a resposta de Leonor.

Foi aí que lembrei-me do *never more* de Mme. de Stael; decididamente o meu nunca estava no mesmo caso. Terminou o espetáculo.

Ao sair, perguntei a um amigo que tratava de meter os braços nas mangas de seu sobretudo – qual seria a razão por que Mme. de Stael havia dito que *never more* era a mais linda expressão da língua inglesa.

- Não sei; mas por que me fazes esta pergunta? Disse-me ele, olhando com curiosidade.

- Por que desejava saber se era pela mesma razão, porque acho que *nunca* é a palavra mais bonita da nossa língua.

- Nunca?

- Sim.

- É a mais feia, ao contrário, para mim.

-Talvez pensasse como tu até ainda pouco; mas agora – nunca – simplesmente é na minha opinião um poema.

- Pode ser, mas um poema cheio de lágrimas.

-Não, cheio de sorrisos também.

-Não te entendo.

-É porque tua vida é cheia de flores; é porque nunca tivestes necessidade de pedir um *nunca* aos lábios de uma mulher; é porque nunca o recebeste desses lábios como o único beijo que ela te pudesse dar.

- Quem sabe! Não creias nas aparências; há uma lágrima muitas vezes oculta nas folhas de rosa dos sorrisos. Desconfia sempre dessa alegria com que um moço aos vinte anos atravessa todos os dias os salões; é filha da indiferença, nunca do amor nem da felicidade; é o tédio da alma, quando não é a dor que toma as asas da alegria.

- Não exageres também tanto; se a alegria dos vinte anos é fictícia, então quando poderá ela ser verdadeira!?

-Pode muito bem ser que em nenhuma quadra da vida; mas aos vinte anos a felicidade não acredita em si mesma; é uma dúvida, um anseio da alma; é, quando muito, a esperança na vida que não se viveu ainda. É a quadra em que se chora mesmo sem dor, em que o sorriso não tem serenidade. Sabes por que? Porque nessa quadra o amor, mesmo feliz, tortura; porque o amor, nessa quadra, é a paixão; é cego, louco, impetuoso, horrendo de devotamento. O coração nessa idade é a imaginação; a mulher que se ama não é uma mulher, é uma criação da fantasia, que tem as asas do anjo, a forma da flor, a vida das estrelas, mas que não tem nada da mulher. Isto faz com que o amor aos vinte anos seja a insaciabilidade, o que dá-lhe uma figura pálida e sombria. A alegria então vem a ser uma máscara.

-Pois bem, mas nada disso prova que estejas no caso que acabei de apontar, no caso do amor infeliz em que então terias compreendido logo o que vale um *nunca* dos lábios de uma mulher.

-Estamos então no mesmo caso, não podes compreendê-lo também.

-Mas eu compreendo-o com a cabeça tão bem como os que o compreendem com o coração.

-Pode ser; mas lembra-te que , quando se trata de matéria do coração, a cabeça é sempre estúpida. O que compreendes, por exemplo?

- Compreendo que *nunca* é a eternidade do amor, a sempre-viva da alma; que para o coração que o diz, é a saudade infinita que atravessa a vida, acompanhando-o sempre tanto no meio dos prazeres como nas horas isoladas; para o coração que o recebe é a imortalidade da esperança, o raio de sol que ilumina o passado, ao mesmo tempo que é a estrela que promete brilhar sobre a lousa do nosso túmulo. Compreendo enfim que nunca é mais do que sempre.

- Como?

- Conheces a lenda do Vergismeinicht, a florzinha azul das poesias alemãs?

" À borda de uma corrente passeava um dia, ao braço de seu amante, uma dessas lindas Cydlys dos poemas de Klopstok, uma dessas criaturas aéreas e vaporosas como as flores douradas das margens do Rheno – o rio sagrado.

"tenhas em mente, por exemplo, neste momento a beleza divina da imperatriz da Áustria: cabelos loiros cinzados, olhos de Vergismeinicht e ombros de neve.

"Passava levada pela corrente uma flor azul, delicada e mimosa; os belos olhos da moça lançaram-lhe um adeus, quase uma lágrima. Foi isto bastante: o moço atirou-se à corrente e quis salvar a flor. A corrente porém foi mais forte que ele; quebrou-lhe as forças e envolveu-o em um lençol d'água sob o qual ele desapareceu um momento. Pouco depois pôde surgir à tona d'água; vinha com a flor na mão, é verdade, mas já quase um cadáver. Arrastado então pela corrente, exalou o último suspiro, soltou em um esforço supremo, com os braços estendidos para a moça que o contemplava chorando, esse grito do coração, que deu nome à flor – Vergismeinicht, - *não te esqueças de mim*.

"A moça ajoelhando-se, volveu os olhos ao céu como que acompanhando a alma daquele corpo que acabava de desaparecer de diante deles, acenando-lhes o último adeus de amor. As lágrimas brilhavam em suas pálpebras divinas como gotas de orvalho retidas no seio de uma sensitiva.

"Cada uma dessas lágrimas dizia nunca."

- Pois bem é o que eu dizia: - *Nunca* é uma lágrima.

-Mas o que é a lágrima nesse caso senão um sorriso?

-Nesse caso; mas às vezes é a voz da fatalidade como o jamais do trovador da *Nebulosa*; e então *nunca* não é a palavra mais linda do coração.

-Concedo, mas na minha hipótese o é, e é quanto me basta.

Tínhamos chegado a um canto de rua, onde cada um devia seguir o seu caminho diverso para recolher-se à casa, e despedimo-nos.

No dia seguinte recebi dele os versos que ides ler com estas palavras:

- Depois que nos separamos, continuei a pensar em nossa conversa. Abri Alfred de Musset, e em face do *Rapelle-toi* do grande poeta, escrevi para ti esta poesia, que tem por título Nunca, e por epígrafe um verso da página perdida do Octaviano.

Ela te pertence pelo título: aí a tens.

NUNCA.

Quando no coração a vez primeira
Um puro sentimento predomina,
Em silêncio de tímido respeito
Adora-se a mulher que nos fascina.

F. Oct.

Não te esqueças de mim! Se o sofrimento,
Os anos, a saudade e o afastamento,
Não poderão fazer-me esquecer;
Oh não receies amar-me! Ama-me ainda,
O que te peço pra esta dor infinda
Não te fará sofrer.
Escuta à tarde isolada
Na mão a face apoiada,
Minha voz dizer-te assim:
-Pelo teu primeiro amor,
Em paga de tanta dor,

Lembra-te às vezes de mim.

Minha alma consumi na dor extrema
E derramei a lágrima suprema
Da última esperança desse amor
Já não peço-te mais a [ ]
O que peço-te agora é uma saudade
Que adoce minha dor.

Escuta à noite sentada,
Só por flores rodeada
No meio do teu jardim,
Minha voz que docemente
Te pedirá tristemente
Que não te esqueças de mim.

—

Não te esqueças de mim, lembra-te ao menos
Que tornaste-me assim tão desgraçado;
Sem pátria, sem amor e sem família,
Errante sempre por ter te amado.
Quis fugir-te, quis ver se te esquecia,
Se esquecia a lembrança do passado;
E adeus ainda, assim quiseste, é tarde,
Já não posso viver mais a teu lado.

Mas sejas sempre feliz,
Eu não te quero infeliz
Como eu sou, oh nunca assim!
E de longe te amarei
De saudades viverei,

Oh não te esqueças de mim.

—

Não te esqueças de mim quando pra sempre
Meu triste coração adormecer,
Quando a pálida flor do isolamento
Junto à cruz do teu túmulo nascer.
Não te esqueças de mim, quando meus olhos
Não puderem, cerrados, mais te ver;
Quando todos no mundo me esquecerem
Não te esqueças de mim... quando eu morrer.
Então minha alma irradia
Sempre com a mesma agonia
Virá dizer-te sem fim:
Só a ti amei no mundo,
Foi um afeto profundo,
Nunca te esqueças de mim.

—

Pare aqui sobre este ponto; não quero que digais que eu vos dei por folhetim uma palavra.

(...)

L.a.

* * *

Correio Mercantil, 18 de outubro de 1857.

Na *Marmota* lê-se o seguinte:

"CONDECORAÇÃO"

"O nosso amigo o Sr. Dr. J.M.de Macedo, tendo publicado o seu poema-romance – A NEBULOSA- foi agraciado com o oficialato da Rosa. A linda flor assenta perfeitamente sobre o peito esquerdo do

ilustrado e talentoso itaborahyense! E nós aplaudimos a honra que lhe foi feita (e por muitos e valiosos títulos merecida) pela tríplice bateria da ordem, por três diferentes motivos: por ser literato, por ser jornalista, e por ser nosso amigo.

"Deus queira que, após destas, chovam sobre o Sr. Dr. Macedo outras graças não menos importantes, à proporção que delas se for tornando digno por seus escritos, por sua probidade e honestidade, por seu patriotismo e firmeza de caráter, enfim, por todas as nobres qualidades cívicas que parece terem-se reunido na pessoa do Sr. Dr. Macedo para o tornarem um complexo de todas as virtudes."

"O Sr.Dr. Macedo é joio sem trigo."

* * *

Correio Mercantil, 18 de outubro de 1857.

Páginas Menores

O Demônio Familiar

A inveja é um mau sentimento- bem o sei e no entanto começarei confessando-vos que tenho inveja.

Nada arrisco desse segredo convosco, porque me acho entre cúmplices e não entre juízes insuspeitos: e desde já vos digo que nunca me deram rebate, nem me levaram os olhos as posições eminentes empanadas [ ] por nuvens efêmeras que de longe parecem gigantes; nem esses sepulcros tradicionais da ciência que apenas encerram ossos imprestáveis.

Mas quando leio um dos mais belos poemas dos tempos modernos, a *Nebulosa*, onde a esplêndida fantasia do poeta rivaliza com o abundante tesouro de seu coração; quando leio os fragmentos do *Colombo*, essa epopéia soberba em que um artista exautorado por decreto, por não poder ser vencido em combate, restaura a

glória do descobridor da América; quando admiro a eloqüência de Mont'Alverne, a ciência de Freire Alemão o botânico, de José Maurício: o anatomista, e de tantos outros que valeriam muito dos países dispenseiros de grandes honras literárias e que no Brasil, carcereiro delas, quase nada valem, - confesso que tenho inveja.

Por que hei de senegar-me a este sentimento, se é uma homenagem ao talento, ao saber e ao engenho criador?

(...).

* * *

Jornal do Commercio, 23 de outubro de 1857.

LITERATURA

Poesia Brasileira

A Nebulosa.

Por mais que o digam pessimistas, a nossa pátria, a nossa época não é tão anti-literária como eles proclamam. Não apresentamos movimento poético e literário igual ao da França; mas também a França tem mais de trinta milhões de habitantes e sua língua é conhecida em todo o mundo; enquanto somos apenas alguns milhões nós os que de cá do Atlântico falamos a língua portuguesa, e pouco comércio literário temos com os que de lá do Atlântico falam a mesma língua; e ainda assim esses são igualmente em número muito reduzido. Para esperar ser conhecido no mundo literário escrevendo em português cumpre ser um Camões, e nem isso basta; Camões não seria conhecido se o não recomendasse o prestígio dos séculos.

Entretanto, tão forte é o gênio literário do Brasileiro, que rompe por todos os obstáculos, na certeza de pouquíssimos leitores, e portanto de pouca glória, de mesquinho galardão, lá nos apresenta

um verdadeiro poeta uma epopéia sobre coisas da pátria; outro reúne em coleção primores de melodia e de sentimento; aí enfim aparece o Sr. Dr. Macedo e dá-nos a sua *Nebulosa*.

O erro geral do brasileiro é querer produzir à pressa; não se lembra que a mangueira, o cambucareiro, carecem de anos para dar os seus frutos deliciosos, enquanto o capim cresce depressa, dá cinco ou seis cortes por ano. Não se recordam que Virgílio, esse discípulo de Homero e mestre de todos os poetas que após ele vieram, consumiu dez anos com a sua Eneida, e ainda ao cabo de dez anos tinha tanta convicção das incorreções de sua obra, que se pejava de aparecer com ela perante a posteridade, e ao morrer determinara que fosse queimada.

Dessa precipitação resulta parecer que têm eles pouco fôlego, daí a multiplicidade de odes, de sonetos, de liras, de glosas, trocos miúdos em que dissipam o seu cabedal poético. Quem poderá dizer que de engenhosas inspirações, que de lindas e graciosas composições têm-se assim perdido, em dano da literatura nacional?

Não quis que lhe fizessem igual censura o Sr. Joaquim Manoel de Macedo; se tem ele selado com a delicadeza do seu sentimento, com a graça de sua inspiração, uma profusão de composições miúdas, vimo-lo exercitar o seu espírito e a sua pena em novelas, em dramas, até que por fim amestrado, ei-lo que se abalança à empresa do maior momento: um poema em seis cantos.

Há muito que nos não ocupamos de crítica literária; qualquer que houvesse sido a inclinação do nosso espírito para este ramo de estudos, ou para essa espécie de recreio, tivemos de violentá-la em bem de convicções de outra ordem, a cujo serviço consagramos quanto podíamos, quanto valíamos, quantas horas tinham os dias de nossa mocidade.

Este tempo está passado; essas convicções, cessando de estar em antagonismo, deram-nos folga... infelizmente já tarde... e agora que queremos dar às letras o nosso tempo e o nosso estudo, só lhes podemos oferecer uma pena cansada, um espírito frouxo, depauperados restos de contendas políticas.

O poema do Sr. Dr. Macedo foi para nós uma boa fortuna; lêmo-lo, tornamo-lo a ler, e peguntamo-nos: Por ventura nos ilude a afeição que temos no autor, que tão belo achamos o seu poema? Então lêmo-lo outra vez, e mais de espaço, desconfiando de nossas próprias intenções, procurando erros, esgravatando versos frouxos; depois de uma leitura, assim adrede malévola, concluímos: não nos fascina a afeição, não nos arrasta a estima em que temos o autor; afeiçoamo-nos à obra do seu talento, arrastam-nos as belezas que nela deparamos; o poema tem senões; mas ainda, feito com indulgência amplo quinhão para eles, o que resta de beleza faz lamentar que a língua em que o poeta o escreveu não deixe que possa ser apreciado pelo número de leitores que merece. Corram porém os anos, cumpra o Brasil os seus destinos, e o poema do Sr. Dr. Macedo será uma riqueza com que brindará ele a posteridade.

O poema é todo ideal: suas personagens não têm nome nem pátria, a ação não se passa em lugar algum positivo e conhecido; o poeta o escreveu todo com a sua imaginação, é uma verdadeira criação sua, é um poema em toda a força etmológica da palavra.

A ação é das mais simples; despidas dos atavios poéticos, reduz-se ao seguinte: um moço apaixona-se por uma moça que, premunida contra os homens pela desgraça de sua mãe e de sua irmã, vítimas da sedução, não cede aos votos de seu amor; embalde buscou ele cativá-la conquistando a glória militar, ela a desdenhou; embalde ao louro de Marte juntou ele o louro de Apolo; guerreiro, fez-se poeta; à glória do poeta foi a moça tão insensível como à do guerreiro.

Condenando-se então ao isolamento da misantropia, a sós com a sua paixão, o mísero vivia em alcantilado rochedo à beira mar, e aí soltava aos ventos e às ondas os melancólicos queixumes de sua alma.

Esse amante infeliz tinha igualmente inspirado um amor infeliz, uma moça, filha de uma feiticeira, pobre, louca de paixão e de crença supersticiosa, amara-o desde que na infância o vira, quando fora ele, nas angústias de sua paixão, consultar a velha feiticeira sobre os meios de conquistar o coração que o desdenhava; amava-o desde então; concentrava porém no peito a amargura desse amor que sabia não poder ser correspondido. Entretanto leva-o a ponto de querer a felicidade do mancebo ainda com sacrifício seu, e de tentar todo o poder de suas exortações e dos seus conselhos para abrandar o coração daquela a quem ele adorava.

Baldados porém são todos os esforços. Se não é insensível ao infortúnio, se se compadece das mágoas do seu amante, não se resolve a amá-lo. Motivo poderoso lhe impõe resistência inabalável. Ela o explica em um fortuito encontro que tem com o seu amante. O moço tinha ido a esse fúnebre sítio para, na sepultura de seu pai, buscar forças, não com que vencesse a paixão que o mata, porém com que se desprendesse dessa terra a que quer fugir recorrendo ao suicídio. Ela igualmente lá tinha ido para rezar junto ao túmulo de sua mãe e de sua irmã, míseras vítimas de um amor fementido, a quem jurara resguardar-se eternamente do amor.

Esse juramento ela o dera à sua mãe, neste mesmo lugar em que há o fúnebre encontro, na sepultura de sua irmã.

À mesma hora no cemitério se achava a velha mãe do moço; aí a trouxera o pio cuidado que a si tomara de conservar sempre acesa a lâmpada que iluminava o arruinado altar da ermida.

Desamparada de seu marido que morrera, e de seu filho de quem não tinha notícias, e que o amor lhe arrancara, a aflita vem constante buscar resignação e consolo na religião da sepultura. Aí encontra seu filho; mas suas palavras de mãe, se o comovem, não curam o seu amor, não lhe fazem renunciar à horrível cegueira de sua alma.

Ele foge do cemitério, subtrai-se aos braços de sua mãe, volta ao seu rochedo onde à meia-noite tem de consumar o sacrifício da sua existência.

A mãe não desanima,; cumpre-lhe salvar o filho; as suas súplicas comovem a amada, decidem-na salvar o moço e com a esmola do seu amor conservá-lo para sua mãe.

Ei-las pois aí vão apressadas ao alcantilado retiro do amante; é tarde; vão apressadas... não chegam.

Como resolvera o moço, matara-se à meia-noite, nos braços da louca, que com ele morrera depois de lhe revelar o seu amor tão dedicado e terno.

O moço é conhecido no poema pelo título de Trovador, a amada pelo de Peregrina; a outra é a douda, a outra a mãe; não há mais personagens; onde está então a Nebulosa, que dá seu nome ao poema? Perguntar-nos-á o leitor.

A Nebulosa é uma fada que a tradição conta haver residido no lugar em que se passa a ação do poema; um dia essa fada sumiu-se, tragada pelas ondas, e a tradição diz que ela ainda senhoreia esses lugares e essas águas.

A Nebulosa é a fada de quem a mísera douda se persuade ser escrava e protegida, como o fora sua mãe. A Nebulosa não entra pois na ação do poema, porém domina-o sempre, como que representada, continuamente lembrada pela douda; influi em todo ele, prestando-lhe o seu caráter de fantástico e de ideal.

A simplicidade desta ação, com que o poeta enche seis cantos, faz pressentir a riqueza do desenvolvimento de pormenores poéticos a que teve de recorrer. Com efeito, multiplicam-se estes de página em página, sem nunca fadigar a paciência, sem nunca obrigar o leitor a precipitar a leitura para chegar ao fim; pensamentos engenhosos, estilo quase sempre harmonioso e apropriado, admiráveis inspirações de sensibilidade, expressões poéticas que constituem achados felizes, prendem-no e satisfazem a exigência do seu espírito.

Os caracteres das personagens estão perfeitamente desenhados; vê-se que o poeta os compôs com esmero, com amor, um por um; o Trovador, desde o primeiro verso em que é apresentado em cena, é sempre o mesmo mancebo exaltado de entusiasmo, cuja vida, a permanente embriagues de um amor que mais reside na cabeça do que no coração, em vez de desfazer-se no pranto da angústia, de retemperar-se no maternal amplexo, concentra-se na desesperação, e acaba de orgulho tanto pelo menos como de paixão.

Guerreiro e poeta, tem na alma todo o fogo por essas profissões exigido; mas não igual ternura. Tal sentimento só o mostra quando se lembra de seu pai. Esse pai, que muito o amou, que o amou com maternal carinho, já de há muito jaz na campa; faltou-lhe no dia em que a sua voz severa poderia tê-lo salvo repreendendo os primeiros arrastamentos da paixão. Em grão muito inferior é a afeição que consagra à sua mãe, e por isso a não ouve, não lhe atende, e a deixa como deserdada de todo poder, diante da influência que o cativa.

E entretanto essa mãe mais merecia; o poeta como que adrede, para tornar mais saliente a veemência da paixão do seu herói, fez dela o verdadeiro tipo de mãe indulgente, dedicada. Para os erros do filho, para o esquecimento em que deixa a sua velhice, para esse plano de suicídio, que nem recua diante da certeza da dor que repassará a alma de quem lhe prodigalizou os primeiros carinhos,

diante desse suicídio, que assim é ao mesmo tempo um parricídio, a mãe não acha uma exprobação, uma censura; na religião do sacrifício, tudo lhe perdoa, tudo esquece, a tudo se acomoda, contanto que seu filho viva, e tudo faz, tudo suporta, tudo resignada aceita.

O caráter da Peregrina não é menos feliz: concentradas todas as suas faculdades de amar em Deus e na criação, foge dos homens, que assim o prometeu em um dia de luto e dor profunda à sua mãe; foge dos homens, cuja perfídia lançou no infortúnio e no opróbrio toda a sua família; foge dos homens e tem razão de fugir-lhes quando sabe que a linguagem hipócrita da sedução pouco difere da linguagem verdadeira da paixão, e a inexperiência as não distingue. Talvez o Trovador a aubjugasse, se o trovador a amasse com o coração tanto quanto a ama com a cabeça, se na sua alma houvesse tanta ternura quanto ardor e entusiasmo; a Peregrina é mulher dessas que se vencem com lágrimas e não com explosões.

Com o caráter que o poeta lhe dá, e teve razão de dar-lhe-o, pois é o verdadeiro tipo da mulher digna de ser amada, o Trovador que se faz guerreiro, que se faz poeta para ter glória e pela glória conquistá-la, que assim conserva-se dez anos ausente dela, não podia deixar de perder a partida; conservasse-se nesses dez anos ao pé dela, inglório e amante, e de certo a abrandaria; pois a Peregrina há de amar com o coração, amar em paga de amor, nunca amar com a cabeça, amar por orgulho e vaidade, fazendo do seu amor prêmio de valor, conquista da glória.

Do contraste desses dois caracteres nasce a beleza magistral do poema; é ele mais saliente na cena do cemitério; aí o Trovador é sempre o Trovador, entusiasta, arrebatado; seu amor devia meter medo a essa menina delicada, já tão predisposta a tudo recear de entusiasmos, a ver por baixo deles a frieza da hipocrisia. Mostrasse-

se o Trovador simpático às dores da filha e da irmã; olvidasse um momento de si para colocar sua alma na linha do sofrimento, na vizinhança da alma da Peregrina e talvez consorciando-se as suas dores, delas brotasse o amor no coração da moça. Mas o Trovador o não percebe, a sua alma dominadora quer domar, quer conquistar essa que lhe resiste e tem boas razões de resistir-lhe, perde-a, pois, e perde-se.

Das quatro personagens , porém, pelo poeta inventada, a que ele mais ama é evidentemente a sua Douda; o que a poesia tem de mais delicado nos matizes do sentimento, na riqueza da expressão, é por ele consagrado a pôr em realce essa misteriosa donzela fadada ao amor ingênuo, profundo, devotado, e a todos os transvarios de uma razão que se perde no mundo das tradições e da fábula. Pelo sentimento que nos deixou a leitura, parece que, na primeira concepção do seu poema, o Sr. Dr. Macedo destinava a essa Douda, e não ao Trovador, o principal papel do poema; devia ela ser a Nebulosa; ao depois sem dúvida o desenho melhor se formulou; a Nebulosa ficou pairando sobre todo o poema, ente sem realidade, filho da imaginação dos homens de outras eras, perpetuado, enfeitado pela tradição popular, e a Douda, sacerdotisa dessa deidade mística, ficou sendo uma personagem real do poema.É ela toda poesia; na expressão, no sentimento, é ela toda amor, porém amor casto, que nunca fala de si e em tudo se revela, amor que não quer satisfazer-se, e só espera no sofrimento, só se deleita na dedicação.

Pago assim o tributo de louvor devido às personagens e à fábula do poema, cumpre fazer sobressair um defeito que infelizmente tanto se prende à ação que não pode ser dela arrancado.

Compreendemos a personagem do Trovador: um moço que sente mais pela cabeça do que pelo coração, que tem mais entusiasmo do

que ternura, deve amar assim, nem seremos tão exagerados moralistas que condenemos o seu suicídio; o Trovador está semi-louco, e o suicídio é a loucura; nem pensemos que, como Werther de Goethe, tenha ele bastante influência sobre os amantes para determinar com o seu exemplo muitos suicidas.

Mas quando o poeta nos põe esse mancebo, de quem quer fazer um tipo de poéticas virtudes, em presença dessa velha mãe, viúva há mais de dez anos de todas as suas afeições, o Trovador fica um tanto odioso; não é só um amante louco, é um mau filho, é um egoísta em cujo coração não há uma só corda que vibre. Cumpria não fazê-lo encontrar-se com a mãe. Mas nesse caso perdia o poema a sua melhor cena.

Sim, que a sua melhor cena é essa em que a velha mãe, para salvar o filho, vai arrancar ao leito em que descansa a mísera donzela; comove-a com o seu pranto, a ela que não se comovera com o fogo abrasador da paixão; e a leva e vai com ela, vai, sem embargo do tempo, da idade, da fadiga; vão ambas rápidas, mudas. O poeta aí é tão poeta, tão dramático se assenhoreia do leitor, que o leva consigo ofegante, entre a esperança e o medo, leva-o precipitado, sem lhe dar um momento de folga, até o desfecho. É o fim do quinto canto; só ele basta para conceituar um poema, para recomendar um nome de poeta.

Não é também sem defeitos essa personagem do Trovador: já fizemos notar a frieza do seu amor filial; agora censuraremos a sua misantropia. Tudo lhe corre admiravelmente, teve um pai que o amou com maternal desvelo e carinho; tem uma mãe, toda dedicação, qual a apresenta o poema: dos homens não apresento injustiça alguma; quis glória militar, e as sua proezas não lhe foram contestadas, deram-lhes os homens a glória militar; quis a glória de poeta, e os homens não foram indiferentes aos seus versos, deram-

lhe a glória poética. Nenhuma grande iniqüidade pairou sobre seus dias; só um infortúnio; quis que uma mulher o amasse, e como não soube conseguí-lo, como, levado pelo seu gênio, tomou caminho errado para penetrar nesse coração tímido e amante, ei-lo que maldiz de si, do mundo, de todas as suas afeições, e mata-se.

O Trovador, para ser justificado no seu ódio, devia, a par do seu amor desdenhado, apresentar-nos o seu coração chagado pela indiferença ou pela iniqüidade dos homens e da sorte. Órfão desde a infância, não devia ter conhecido o amor de pai e de mãe; cheio de talento, deveria ter lutado embalde com a indiferença dos homens; seus versos deveriam ter sido desprezados, suas proezas difamadas pela calúnia. Então sim, repelido por toda parte, não tendo uma afeição a quem se prendesse, então sim, seria justificado o papel que lhe empresta o poeta. Como está concebido, o Trovador só tem por si os belos versos que o poeta lhe põe na boca, e isso não basta para excitar e prender o interesse, que dele, herói do poema, passa todo para sua mãe e para a louca.

Cheguemos agora à parte, por assim dizer, material do poema, o estilo e os versos.

Em um poema todo ideal, o tom não podia deixar de ser constantemente lírico, tanto mais quando o lirismo é o tipo do talento do Sr. Dr. Macedo. Se quiséssemos indagar de onde ele procede, não iríamos buscar a sua filiação entre os clássico, entre os Virgílios e os Homeros; o poeta brasileiro procede quase que diretamente de Byron e de Lamartine, é essencialmente romântico; e sabemos que o lirismo é tão inerente a essa escola, que até nas composições dramáticas, que mais lhe parecem repugnantes, V. Hugo o não dispensa; Hernani, Ruy Blas, são disso testemunhos.

O lirismo porém do poeta brasileiro nada tem de afetado, nasce da posição, do caráter das personagens; é sempre de boa lei. O seu

estilo poético raramente desmerece; se às vezes não abusasse do direito de emitir na circulação de palavras novas seladas com o seu próprio cunho, direito que Horácio, com toda a sua severidade prosista e clássica, para si reivindicou e para os mais poetas, pouco diríamos; infelizmente porém o poeta nunca recua diante do neologismo; quando a composição de uma palavra lhe sorri, aceita-a, sem muito examinar se a língua carece dessa esmola; se não tem palavra que o mesmo exprima, e que torne escusada a dádiva do poeta.

É verdade que essas suas palavras têm em geral boa procedência, são verbos formados dos substantivos cognatos, substantivos derivados de verbos conhecidos; não basta porém esse título de legitimação, é necessária a intervenção da grande justificadora, a necessidade; e tanto mais quanto para o poeta essa necessidade não é tão limitada como para o prosador, não se dá somente quando à língua falta a expressão que se quer, basta que seja pouco harmonioso o vocábulo conhecido, o poeta acha-se então autorizado para substituir-lhe alguma outra palavra que satisfaça a grande lei da harmonia. Por mais rica que seja a língua, aceita essas dádivas, pois em nada se assemelha com essa língua francesa que Voltaire chamava "pobre vaidosa", a quem cumpria dar esmola, violentando-a para recebê-la. O poeta gosta de comparações, e as multiplica; é a figura de que mais usa; não abusa porém; as suas comparações, em vez de as desenvolver em pequenos painéis, ele as concentra, contenta-se com indicá-las em um só verso, em meia dúzia de palavras.

O poeta escreveu o seu poema em hendecassílabo solto; foi porém adrede que rejeitou o consoante, e não que lhe pesasse essa condição, talvez indispensável na poesia das línguas modernas, pouco prosódicas. Raros são os poetas a quem o consoante mais

fácil e naturalmente obedeça; no poema há trechos em que o poeta muda de ritmo, trechos rimados e até de consoantes dobradas, e nunca se conhece se esta ou aquela palavra foi exigida pela obrigação do consoante.

Acham-se no poema alguns versos duros, alguns prosaicos, os que porém não censuram ao grande Camões centenares e centenares de linhas de prosa que se multiplicam entre os seus versos, os que têm admiração profunda pelo famoso:

Depois de procelosa tempestade
Noturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade, etc.

esses não podem ser muito severos em repreender o poeta moderno, que descai algumas vezes em versos prosaicos, ou que, querendo prender nas suas onze sílabas um pensamento, vê-se obrigado a desatender as exigências do ouvido.

Não façamos tão difícil a arte da metrificação que seja impossível escrever em verso, e quando se nos oferece uma abundância de belos pensamentos revestidos de bela linguagem, cadente e harmoniosa,não passemos por alto essas belezas para só reparar em um ou outro defeito.

Reconhecemos todavia que esses senões no poema do Sr. Dr. Macedo não acusam negligência estudada, nem falta de capricho; acusam talvez essa rapidez de produção, que entre as mil ocupações que lhe roubam o tempo, é condição inevitável do seu trabalho literário.

Dissemos que sendo o poema todo ideal, como suas personagens não tinham nome nem pátria, assim a ação não se passava em lugar algum positivo e conhecido. De feito assim é; basta porém ler as suas primeiras páginas, quando o poeta descreve o porto e o rochedo sobre o qual aparece o trovador para perceber que,

Brasileiro antes de tudo, o poeta se inspirou com o nosso Rio de Janeiro, e quase que o descreveu. Assim também a ermida abandonada, o cemitério no mato, é uma inspiração da pátria, é um desses gritos da alma que lamenta o estado de ruína da maior parte de nossas casas de Deus.

Assim, por mais que se procure subtrair ao realismo, o homem nunca de todo consegue insular-se e repelir de si a influência da realidade.

Entre as belezas que mais nos encantam no poema, e delas falamos para concluir este já extenso ensaio crítico, é a mais notável a visita da Louca à Peregrina. É o assunto do terceiro canto. Esse canto é talvez um tanto prolixo. Esse defeito porém é de sobejo resgatado por belezas da primeira ordem, entre essas a seguinte.

A Douda quer repreender e aconselhar a Peregrina, não se atreve porém a fazê-lo diretamente: então dirige-se a uma rosa e narra uma metamorfose; a rosa nem sempre foi flor; houve tempo em que era gentil donzela; insensível porém desprezou o amor, assim irritando o poder das fadas, o poder da Nebulosa, foi castigada; a donzela tornou-se flor, os seus rigores tornaram-se os espinhos; e então o Zéfiro, amante desleal, beija-a, afaga-a, abandona-a, vai a outras flores levar os mesmos carinhos; e com a sua inconstância flagela a flor ciumenta, outrora moça insensível.

Esse pequeno episódio é quanto conhecemos de mais delicado e engenhoso; o poeta ainda o fez sobressair pela arte e cadência da metrificação; destacou os versos quatro a quatro como cópias, deu-lhes um tom de melancolia, que transluz na simplicidade da expressão e na monotonia do ritmo... quem escreve uma metamorfose como essa pode nada mais escrever; é poeta.

Quiséramos poder mais de espaço e pelo miúdo indicar algumas expressões felicíssimas que abundam no poema; mas já vai mais

extenso do que presumíamos este ensaio crítico; apenas pois notaremos o nome que a Douda quer que o Trovador dê à sua harpa. Em vez de harpa, palavra que nada diz, quer ela chamar-lhe amor-que-fala, e essa expressão tão bem achada, que anima, que dá vida ao instrumento da harmonia, presta-se no fim do poema a desenvolvimentos de profunda sensibilidade. Quando a mísera repara nos pedaços da harpa que o Trovador quebrara antes de matar-se para que nada dele ficasse no mundo, ei-la que pranteia o destino o amor-que-já-não-fala, identifica-se com ele, revela-lhe os segredos do amor do seu coração; harpa e donzela morrem às mãos do mesmo ingrato a quem ambas amaram.

Achados destes são achados que só fazem os poetas.

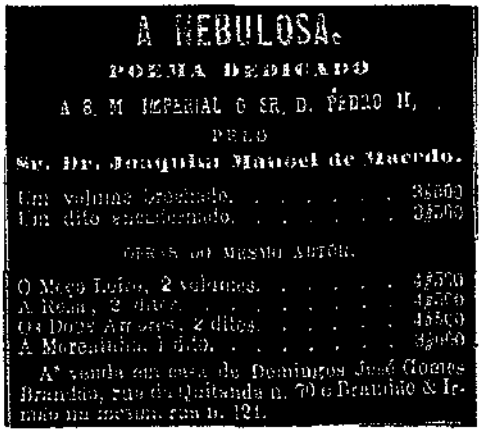
E terminamos. Um poeta é uma riqueza da pátria; se a ingratidão e o ciúme dos coevos podem pagar-lhe com injustiça, um dia chegam em que calam-se ciúmes e ingratidão; a Homero, que cego e abandonado esmolava o pão e sofria desdéns à porta do rico, a Grécia devia uma compensação; sete cidades disputaram entre si a glória de ter-lhe dado o berço; Camões ainda hoje é a ufania da Lusitânia; à França os seus Racines e os seus Corneilles e os seus Voltaires, e com eles e após eles essa miríade da literatos que aí pululam, deram o domínio intelectual do mundo.

O poema do Sr. Dr. Macedo é nosso; é um dos títulos de nossa pátria; não há de ser ele o último que devamos ao seu gênio, e de certo o seu exemplo despertará outros e outros que o imitem. Ufanêmo-nos dele e preparêmo-nos para igualmente de outros ufanar-nos.

J.J. da R.

* * *

Correio Mercantil, quinta-feira 29 de outubro de 1857.



A NEBULOSA.

POEMA DEDICADO

A S. M. IMPERIAL O SR. D. PEDRO II,

PELO

Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

Um volume brochado. . . . . 3$000
Um dito encadernado. . . . . 3$500

OBRAS DO MESMO AUTOR.

O Moço Loiro, 2 volumes. . . . . 4$000
A Rosa, 2 ditos. . . . . 4$000
Os Dous Amores, 2 ditos. . . . . 4$000
A Moreninha, 1 dito. . . . . 2$000

A' venda em casa do Domingos José Gomes Brandão, rua da Quitanda n. 70 e Brandão & Irmão na mesma, rua n. 124.

* * *

Revista Literária e Recreativa, 3 de dezembro de 1857, V.I, p. 7 e 8.

IMPRESSÕES DE LEITURA

A NEBULOSA

I

No estado dúbio, em que caminha a nossa literatura, na falta de uma expressão conveniente, que a caracteriza, bem difícil se torna a nossa pena o manifestar as impressões sobre a – NEBULOSA.

Não é rigorista este nosso princípio: de há muito, conhecemos o seu acanhamento, e a falta de vitalidade que se manifesta em todas as nossas produções!

Houve talvez uma época de transição favorável, ou por outra, uma reação agradável sobre os preconceitos da escola antiga. Houve um gérmen, que se poderia desenvolver debaixo das influências propícias; mas que esterilizou-se diante de um exclusivismo pernicioso.

A escola clássica e a escola romântica chegaram uma à sua linha estacionária, outra ao seu ponto de partida. Então uma nova época se autolhava cheia de benéficas influências! Era o cinismo; mas o cinismo aspirando às convicções livres do espírito; era a estética compreendida em suas aspirações ao infinito. Aí apareceu o Sr. Gonçalves Dias!

Essa fase passou rápida como o meteoro. Diante do novo modelo muitos espíritos acanhados ou retrógrados conservaram-se indiferentes!

Duas coisas porém concorrem para cairmos nesse exclusivismo, que bem a propósito censuramos.

O abandono da língua nacional; a fusão de muitas literaturas na literatura brasileira. E como não ser assim?! Um povo que fala a língua, que desconhece; um povo que pensa pela cabeça de outros povos deve dar em sua expressão – que é a literatura – a frieza do pensamento, o acanhamento da imaginação, o transtorno do sentimento!... "Lá ou il n'y a pás de mot, la pensée meurt, au naîte embarassée et confuse dans ses langues, diz Lamartine".

Rabelais, Aristófanes, Montaigne, Amyot, Ponsard modificando por diversas formas a língua, formaram os elementos, com que a língua francesa hoje se ufana!

Não é porém somente da poesia, que podemos esperar a regeneração completa. Um bom orador sagrado ou um jurisconsulto, assim como o poeta, podem formar a língua de um século; Bossuet com seu estilo profético, Madame de Sevigné com a delicadeza de sue sentimento, entregaram à França a língua, que se tinha perdido na imitação servil dos modelos Gregos e Romanos! Molière é original, porque pintou os costumes de uma sociedade em sua nudez, serrando ouvidos a Terêncio, Menandro e Planto.

Spenzer e Shakespeare formaram uma nova língua, criaram uma nova escola! Assim fácil é notarmos o influxo, que tem Victor Hugo, Lamartine, Byron, Dante, Shakespeare, Martinez de la Rose, Bocage e muitos outros na nossa literatura.

Há mesmo quem prefira fazer uma imitação tosca destes autores, do que deixar-se guiar pela força do seu sentimento, pelas belezas de sua imaginação, pela expressão de nossa língua e eis porque vemos na nossa literatura um composto de frases às vezes obscurecendo a idéia que se pretende enunciar. Eis porque a nossa poesia tem caído nesse marasmo, nessa rapsódia repreensível, onde se transtornam ambas as escolas, onde o pensamento parece querer erguer-se às regiões do infinito, e entretanto desce envolto nos andrajos mesquinhos da linguagem; onde a idéia sagrada exprime-se pela linguagem e comparação profana!

A literatura brasileira do século 18 podia desprender-se dos autores portugueses e franceses; mas expirou nos últimos cantos do Uruguay, já tínhamos atravessado na época primitiva o seu cinismo; tínhamos mesmo querido alcançar a época pensadora e narrativa, ensaiávamos a epopéia.

Ensaios apareceram, e apareceram periodicamente para manifestar-nos, que o Brasil é fecundo, que os gênios existem; mas que estes modelos desapareceram porque ama-se e estuda-se a literatura estrangeira. A harpa gemedora, o cântico de Tupi, a balada de Tibyriçá e outros, inspirações do Sr. Cardozo de Menezes, são revelações de um gênio eminentemente poético e nacional. As inspirações do Claustro é um livro primoroso da nossa literatura. Álvaro de Azevedo, o Byron americano, no dizer do Sr. Calazans, não deixou de apurar pelo seu grande sentimento a nossa língua!

Entretanto estes e outro modelos dormem nas estantes, e são lidas – au délasser – da tarde, não como estudo, mas como recreio?

II

Não foi intempestivamente, que nos demoramos em considerações, quando era nosso fim principal falar na – NEBULOSA.

Mais tarde faremos aplicação delas ao nosso assunto, e veremos pela extração, que fizemos de suas belezas, que as letras pátrias, com obras tais, podem sair dessa morosidade em que caminham.

Bem agradáveis reminiscências tínhamos da história literária da índia, onde filhos de suas tradições místicas, debaixo de suas formas góticas, nasceram o – Ramayana – e o Mahabarata, respirando aqui, acolá essa serenidade da inocência primitiva, essa ternura dos primeiros bardos tirando de suas liras ao espetáculo sedutor da natureza, desferindo seus cantos envolvidos em suas lendas.

Era como um hymeneu desses hinos, desses gritos d'alma dos tempos de Lino e Orfeu!

A vida do coração e da imaginação, o sentimento em seu nascer íntimo e a poesia desse povo. A sua literatura é grande e divina, diz Lamartine, respira-se nela um não sei que de santo, de terno e triste.

Pois bem, essas reminiscências dormiam; hoje elas se agrupam, invocam uma expressão.

Não nos enganamos; - a Nebulosa operou esse fenômeno físico-literário!

Da imaginação e do coração nasceu o poema-romance do Sr. Dr. Macedo -. O poeta não contemplou o quadro da humanidade positivo e real; mas achou na vida do coração o seu assunto.

Nesse criar mistério, há talvez uma superioridade; - é que é mister mais sensibilidade, mais vida, mais belezas!...

As primeiras páginas da – Nebulosa – lembram aquela tradição índia do – Seta.

O mancebo Trovador e – Nala – sentado no bosque sombrio carpindo as saudades de Damayanti.

A seis cantos sujeitou seu assunto. Não podemos designar a ação local do poema; há mais de etéreo, de celeste, do que de terreno.

O poeta foi feliz na unidade, e nos caracteres, que dão às suas personagens.

As suas descrições são cheias de belezas e animação poética, suas comparações têm imensa naturalidade.

No primeiro canto, quando o Trovador medita, lemos a brilhante apóstrofe:

"Ó natureza, minha dor insultas!
Na tua placidez leio um sarcasmo;
Abomino-te assim, amo-te horrível
Que quer dizer um mar; que não rebrame,
Uma terra que nada em luz de encantos,
Um céu que tormentoso não ribomba,
Quando no coração temos o inferno?"

Ainda no primeiro canto sobressai aquele episódio animado- o Trovador e a Douda -. Depois de ter ouvido os sons da lira,

(Continua)

LEMBRANÇA DE JOSÉ ANTONIO.

Publicou-se esse interessante volume de prosa e engraçadas poesias, de que devem gostar os apreciadores: vende-se na loja desta oficina, praça da constituição n. 64.

Tip. De Francisco de Paula Brito – 1857.

* * *

Correio Mercantil, 6 de dezembro de 1857.

Páginas Menores

6 de dezembro

Não é debalde que muita gente não acredita na pretendida pobreza dos poetas.

Quem é pobre não dá presentes como o que acaba de oferecer a S.M. o Imperador o Sr. Gonçalves Dias.

Já lestes os primeiros cantos dos Tymbiras?

Se ainda não o fizestes, apressai-vos; nunca é cedo para saborear um fruto sasonado, cujo perfume e cores nada recorda do que conheceis.

É um poema americano, bem nosso, exclusivamente nosso; é um episódio da história da raça indígena do Brasil idealizado pelo poeta, de suas desgraças, de suas guerras, de seu heroísmo. Está contado em magníficos versos que só podia inspirar a nossa natureza e esse sol fecundo que nos alumia.

De todos os festejos do dia 2, discursos, felicitações, cortejos, aplausos, vivas, hinos e saudações, nenhum sem dúvida agradou mais ao ilustre protetor das letras pátrias do que a oferta do poeta.

É o terceiro poema que no espaço de um ano tem sido dedicado a S.M. o Imperadador: - os *Tamoyos*, a *Nebulosa* e agora os *Tymbiras*.

A posteridade que não olha nem para as prevenções, nem para as inimizades pessoais; que não leva em conta nem ódios, nem invejas, dirá que, quem dedica obras de tanto vulto ao monarca de um povo livre, é porque reconhece nele, não um poder a quem se bajula para lhe arrancar favores, mas uma inteligência culta e elevada, que ama

as letras sem precisar delas, e que por isso merece os cultos dos que como ele as estimam e respeitam.

Deixando a cada inteligência a direção de seu vôo, o imperador acolhe todas as produções literárias ou científicas com a mesma cordial complacência, dando um elogio ao vencedor para que redobre do esforço, dando um consolo ao vencido para que não desanime na senda do trabalho, verdadeira musa dos mais inspirados como dos menos favorecidos.

* * *

Publicado no Suplemento Literário ao Tomo XX da *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1857.

Manuel de Araújo Porto-Alegre, 12 de dezembro de 1857

"Ouvi que o Sr. Macedo recebera de S. M. o Imperador a mesma honrosa distinção que antes dele obtivera o Sr. Dr. Magalhães, sendo chamado a ler o seu poema ainda inédito perante S. M em uma das salas da imperial residência de S. Cristovão, onde estava reunida boa parte da corte: e que o Imperador, com a delicadeza, urbanidade e finíssimo gosto artístico, que todos brasileiros respeitam e admiram, se dignara de fazer ao poeta durante a leitura algumas observações, e reparos judiciosos, que foram para logo adotados. A dedicatória do poema foi por S. M. retribuída, mandando conferir ao autor o oficialato da Ordem da Rosa".

* * *

Correio Mercantil,17 de dezembro de 1857, p. 2. Manuel de Araújo Porto-Alegre.

[Em 15 de dezembro de 1857, aparece em forma de discurso, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, esse comentário sobre *A Nebulosa,* como parte do relatório anual lido pelo primeiro secretário Manuel de Araújo Porto-Alegre. Em 17 de dezembro de 1857, todo o discurso é publicado no *Correio Mercantil.* Convém salientar que o fato do jornal publicar o discurso inteiro e não ter dado apenas uma nota superficial, como era comum, dá-se pela importância daquela sessão, que comemorava 19 anos de existência desde a inauguração do IHGB].

> "(...) Estávamos nas regiões das lágrimas e dos combates, fronteiros às imagens sangrentas de milhares de vítimas, ofuscados pelas chamas de tantos incêndios, e aturdidos pelo som das bombardas lusitanas, que derrocaram um solo novo e saudavam nele o triunfo da cruz guerreira e civilizadora; estávamos estáticos diante da imagem veneranda de Anchieta, desse homem anjo, quando apareceu a *Nebulosa* do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo! Das harmonias de Haydin, do Miguel Angelo da música, como o denomina o Sr. Contu, passamos às melodias do Bellini; das regiões do Purgatório às regiões de Beatriz; às do amor divinizado por uma forma desconhecida pela antiguidade.
>
> A *Nebulosa* é uma visão em seis cantos, é o poema do amor, da beleza, e do ideal; é uma inspiração, uma Odisséia de amor, em que a musa fluminense, às semelhança do Visná da India, toma as mais formosas e variadas encarnações, para nos conduzir através de nuvens irisadas, de torrentes de harmonia, de jardins que falam, de túmulos emanam lágrimas melodiosas, lágrimas que sobem e se condensam em duendes adoráveis; de rochedos exarados de inscrições fugazes, povoados de espectros erguidos da espuma do mar; e para nos conduzir ainda por um vergel de delícias inefáveis

nos dá duas mulheres, o som de uma harpa que se denomina *Amor que falla*, e o conjunto dessa triada que se revela no *Trovador*, na *Louca* e na *Peregrina*, que decifra amores no perfume das flores.

Nesta viagem de emoções, nesse itinerário amoroso, onde se chora como na dor materna, onde se delira como no desespero, onde se arrouba como na alegria inesperada, e onde se caminha por vias risonhas e sombrias, com os olhos fitos na lua que descamba, o leitor é arrastado por uma força mágica a caminhar como o homem que marcha entre a esperança e a morte.

No conjunto do painel, nas suas partes, revela-se a todo o instante o grande artista.

Vultos gigantescos e graciosos, roubados a Phidias e Raphael, tintas usurpadas à Ticiano, sons arrebatados a Beethoven e Pergolesi, e Phrases como aquelas flores que mostram um paraíso desconhecido. A palavra, o invólucro sonoro das idéias, gira num contínuo círculo de harmonias, transluzindo imagens formosas, como as flores de gemas e filigramas de um caleidoscópio radiante.

Em cada personagem há um tipo de perfeição estética, em cada flor um cântico, em cada planta uma nova hamadriada, trajando, não a lunicopalio da Grécia, mas o sendal variegado dos filhos do sol americano; em cada estrela que nos aponta o poeta, está uma das filhas de Phorcys, uma daquelas virgens lucifugas, de cabelo cor de neve, que amavam a noite e voavam pelo ether azulado nas horas do silêncio dos homens e do sono da natureza. Por toda a parte aparecem as graciosas visões de Flaxmann, os sonhos eróticos de Girodet, e os nevoeiros animados de Gerard, os que coroavam a fronte do Bardo caledônio quando evocava as sombras dos heróis e os via como Homero, e os desenhava como Milton! Ali se encontravam esses diálogos entre o homem e a natureza, entre a vida espiritual do ser pensante e a da planta muda, que só cresce. Esse

consórcio do coração com o perfume das flores, essa alma, essa voz, esse amor entre o móbil e o imóbil, que tanto se admira na poesia idostamica ali se encontram no mais admirável conjunto.

A musa do Sr. Dr. Macedo é uma dessas apsaras formosas do Himalaia que vive fruindo o perfume das flores, e que depois de o haver modificado em seu seio apaixonado o derrama sobre a terra, sobre o bálsamo delicioso, ou entre os lábios de dois corações que voam ao extremo da ventura; é uma ninfa do deus Indra que adeja musicalmente, e em cada zona que perpassa, com um sonho venturoso, se reveste de um novo esmalte.

Eu vos agradeço meu Deus, de ter sido companheiro no labor da vida e amigo particular de um tão belo engenho!

Não, Imperial Senhor, não haveis de comparecer na mais remota posteridade como um vulto radiante e isolado, como um sol sem planetas: a vossa corte futura, o vosso séquito luminoso há de ser grande, há de coroar-se daquela auréola que os séculos imortais rutilam no itinerário da humanidade, e que serve de baliza e farol ao espírito humano.

Ai daqueles que medem a grandeza dos astros pelos seus dedos, e que inscientes das leis óticas crêem que o anel de Saturno mal entrará em seu index, circulado de trevas! O país que tão altamente se revela não desmente sua extensão. Olhai, senhores, para o que M. Saint-Hilaire disse há 40 anos: "*No Brasil tudo é grande, exceto o homem!*" Foi a verdade do tempo, mas essa verdade caiu diante da grande verdade do Ipiranga.

Ainda repletos das harmonias do ilustre fluminense, ainda suspensos entre esses sons acusmáticos que nos seguiam nos trabalhos diários, como imagens danosas, como fagueiras delícias nos veio d'além mar os primeiros cantos de um novo poema do Sr. Gonçalves Dias intitulado *Os Timbiras*."

* * *

Revista Literária e Recreativa, 24 de dezembro de 1857, vol. 1, p. 678.

IMPRESSÕES DE LEITURA

A NEBULOSA

(Continuada do n. antecedente)

"Beija as mãos do mancebo e as cordas da harpa,
Uma... cem... vezes mil, como em delírio,
E a rir ainda e a chorar exclama:

Douda

Oh! basta! é muito! eu mais não posso!
No excesso do prazer a alma se afoga!
Deixa beijar-te as mãos! tens mãos de anjo
Movendo o canto deste amor – que fala!

Trovador

E tu que és fada,
Que dos encantos a ciência ostentas,
Não descobris-te ainda um filtro amigo,
Que no seio afogue amor tão fero?!

Douda

Eu matar este amor?! Que mãe já pôde
O filho que causou-lhe horríveis dores,
Que rouba-lhe o sossego, a paz, o sono,
Que quando sofre, a faz sofrer em dobro,
E que depois ingrato a desampara,

Velhinha e pobre – despregar da alma?
Oh!.. quanto mais padece, mais o adora!
Tal é o amor: no coração se infiltra,
Mais se aprofunda, quanto mais nos punge
Com a vida se mistura... é nossa vida

No segundo canto, quando o poeta traça o – DOUDA – é original nestes versos:

"Muda, imóvel, estátua julgareis,
Ou corpo inerte, que a alma abandonara,
Se anhelito aflitivo não provasse
Em vez da paz da morte,
A dor da vida!

O retrato da – PEREGRINA – é digno de atenção. É um tipo verdadeiramente romântico, de formas graciosas, de olhar encantador, tez expressiva e boca sedutora. O poeta tinha nas mãos pincéis de hábil artista.

O princípio do terceiro canto é todo inspirado, principia por uma descrição.

Como na vida humana uma esperança,
Que a luzir e apagar-se nos desvaira,
Um estreito carreiro tortuoso,
Que surge aqui, ali desaparece
Para surgir e esconder de novo
Por entre grupos d'árvores frondosas
Vai sinuoso terminar-se humilde

Da velha ermida aos pés. Em torno dela
Se ufana sobre o monte a natureza
Vegetação hercúlea arrosta as nuvens
D'aurífero diadema ipês; sapucaeiras
Em coifas cor do pejo a fronte erguendo,
De espaço a espaço em turmas soberanas
Ostentam força, e em generoso impulso
Parecem, dilatando os longos braços,
Estrênuos proteger tênues arbustos,
Que ao perto humildes crescem. Pela terra
Vêm rochedos rompendo, como dorsos
De elefantes curvados; negras furnas,
Despenhadeiros turvos lá se afundam,
E além brame a torrente impetuosa,
Que as rochas morde e enfim se precipita
No abismo pavoroso, onde se engolfa
A urrar como um touro embravecido.

O quarto canto é todo sentimental. Que ternura, que suave melancolia não ressumbra em todas aquelas palavras do – Trovador e da Peregrina?! – Em que elevações se perde a alma dela, quando despregando-se do amor da terra deposita-se toda no seio da Divindade?! É uma daquelas passagens, em que o poeta deixa nos enlevos do seu pensamento respirar a mais casta filosofia expressas pela boca da mulher:

Embora; hei de cumpri-las; devo, e quero.
O amor dos homens empeçonha as virgens,
E mais sublime um outro amor me exalta.
Da terra, em que somente a dor provará,
Meus sentidos alcei ao céu piedoso;

Vi na contemplação o que não vira
Na vida tormentosa; concentrei-me
No mundo íntimo da alma, e seus tesouros
Pouco a pouco explorando, embevecida
O mais profundo, ardente, e belo, e puro,
Brilhou o amor de Deus; oh! sou ditosa!
Deu-me esse amor beatitude e glória.
Vi dos olhos de Deus ao almo fogo
A vida rebentar na imensidade,
E encher a terra, o mar, o espaço, os astros.
Vi no seio de Deus, como em seus olhos
O infinito azul na luz, no amor, na graça;
Vi Deus, a perfeição, o belo eterno,
Todo se dando aos gozos de minha alma:
Goza-se Deus, e o gozo não fatiga,
E no êxtase o gozo beatifica.
Em supremas delícias, Deus amando,
Toda no amado seu se embebe a alma.
É um fogo este amor; mas não devora,
Eleva-nos ao céu antes da morte.

.....
.....
E eu sou pura! Sou dele! A Deus só amo!

A alma do mancebo se perde na dor! Não é o amante, que pálido e trêmulo de gozo anseia pela frase terna, para subir de contentamento às delícias indefiníveis da esperança. Não é o coração, que palpita diante do relancear apaixonado de uns olhos, que falam pela alma; não é um desses quadros frios, em que todas as emoções se exaltam para se exalarem num suspiro, e os lábios se entreabrem na expressão da alegria! Não; o poeta fez a vivisecção, a

autópsia do coração confrangido na luta do amor e descrença da mulher; repercutiu os ais do mancebo; fez mais, abalou todas as fibras do sentimento, e deixou por elas correr eletricamente até aos lábios estas expressões:

TROVADOR

Escuta: hora solene
É esta para nós ambos. Não simulo
Ardores falsos; tenho na alma o inferno,
E um negro pensamento a obumbra toda.
É solene esta hora, e nela é força
Que ou a morte me dês ou felicidade.
Sem ti não quero a vida; o mundo é orco
Horrível, se a esperança em nós se apaga;
E as esperanças todas tu resumes,
Que me raiavam tantas! sim, decide;
Algoz ou anjo, fala: ou mata ou salva.
Ah! desejo de viver! salva-me, ó anjo!
O teu amor pode encantar-me a vida,
Como aos lábios o riso, aos céus a aurora,
E o teu desprezo ao báratro me atira.
Não vês como te adoro?... nestes olhos
Não falam chamas?... nestes lábios trêmulos
Não falam a convulsão?... no macilento
Já descarnado rosto a dor não fala?...
Não fala mais que tudo esta demência
Que à perdição me arrasta?... *ó Peregrina!*
Nem mesmo eu sei com que paixão te adoro!
Não é da terra, não, que eu sinto nela
A eternidade que é dos céus a essência;

Do céu também não é, que a vejo às vezes
Em raiva transformada, e a raiva é crime.

No quinto canto o poeta abriu Young; aquele reflexo pálido, que se derrama em todas as descrições lembrara aquelas páginas – DAS NOITES – em que o poeta tão melancólico deixa correr às vezes uma lágrima no esforço de sua meditação!

O sonho poderia ser descrito em maior número de versos, se por ventura o Sr. Dr. Macedo não tivesse alcançado o segredo de frases, que por si só revelam grandes pensamentos:

Mas que é o sonho?... - Às vezes vã quimera,
Brinco da fantasia, o sonho é nada;
É a ilusão, que o acordar dissipa
Como o fantasma de impalpável fumo,
Que ao impulso das brisas se desmancha;
Mas às vezes também enquanto inerte
Ao sono o lasso corpo se abandona,
Em lucidez pasmosa a alma acendida
Como que invade do futuro as raias,
O sucesso prevê, que é longe ainda,
E denso véu rompendo arrasa e mostra
Arcanos que profundo esconde o fado.
Eis o sonho; um mistério indecifrável,
Que o sábio não resolve, e Deus reserva.

O amor materno é um lance ainda brilhante do quinto canto; o poeta coloca a mãe no exausto do sentimento pedindo – no amor – a vida de seu filho: o patético foi manejado aí com um resultado feliz:

A MÃE

Vem comigo... que esperas?... tu resistes?...
Pois não tiveste mãe?... mãe que te amava?...
Que pra não ver-te morta dera a vida?!...
.....
.....
.....
Por teus pais, por tua alma, por teu anjo!..
Tem compaixão de mim!..
.....
Eis-me aqui a teus pés, ó minha filha!
Não me levantes, não; só pra seguir-me,
Vês-me chorando?.. estanca-me estas lágrimas;
Podes, querendo, em risos transformá-las!..
.....
Mas condóe-te da mãe! Sou mãe! Piedade!..
Quero meu filho!.. sim!.. meu filho amado!..
Escuta a religião... ouve a virtude!..

O sexto canto é o desenlace final do poema; é igualmente cheio de belezas e animação: quiséramos porém, que terminasse de uma outra maneira.

O TROVADOR – novo Chatterton – abandonado de esperanças, devorado nas angústias da paixão, é cético; abandona o mundo, porque um só ente não o soube compreender; pragueja a existência; passa a olhos fechados pela morada celeste, e extasia-se ao espetáculo de infernais torturas; quer uma eternidade de sofrimentos, e não um só instante de vida sem ela... jura suicidar-se!

Porém a mãe, que vem desgrenhada, pálida, ululante como essas sombras de Ossian, espavorida como Atala do deserto, que traz fel no coração, e a desesperação no semblante... que é feito dela?!

Por que não chega para suspender a queda maldita desse mancebo, para suspender o desígnio infernal, como outrora o Anjo à espada que tremulava sobre a cabeça de Isaac?..

Seria um lance mais tocante, teria a alma do leitor respirado diante desse quadro sublime.

Entretanto o suicídio duplo se realiza. E um só momento bastou para que a Douda o sentisse em seus braços, para que se anuviasse a imagem daquele por quem ia morrer!..

Devia realizar-se esse lance final?.. Creio que não A – NEBULOSA – tem sua influência imediata na confissão da Douda; poderia a- Peregrina – reconhecer nesse amor mais império, e ser a vítima, afastando dessa arte o suicídio, triunfando o amor materno!..

A Peregrina, dirá alguém,- revelava a história da mulher consumida em sentimentos ascéticos, insensível para o poder do homem: mas com que fim foi ela em busca do Trovador?!..

A nosso ver não deveria o poema-romance ser estreitado pela morte, e ser terminado nesse ciclo lutuoso.

E não era mais tocante ver-se essa pobre mãe, num amplexo fervoroso, arrancar seu filho à morte, do que contemplá-lo exangue por terra, vítima de sua própria dedicação?!..

III

O Sr. Dr. Macedo é um verdadeiro discípulo da escola romântica; afastou-se da região das entidades sobrenaturais; compreendeu o belo em suas aspirações ao infinito; não reflete Homero, ou Virgílio;

mas representa Byron, suspira com Lamartine, e pende-se em contemplação com Victor-Hugo!!..

O assunto pouco vulgar de seu poema torna-o digno de estudo.

A sua metrificação é pura, em muitos poucos versos podemos encontrar desarmonia; os pensamentos se amoldam à essa escala misteriosa, que tão bem foi percorrida pelo autor.

As suas comparações e figuras são originais; a pureza, com que manejou a linguagem o estilo casto com que revestiu as suas idéias, leva-nos a fazer a aplicação dos nossos princípios, e a dizermos, que com obras tais prende-se um elo poderoso à máquina impulsiva, que tem de conduzir a nossa literatura!... Lembra-nos as palavras de Pope:

..... tanght to join
The varying verse, the full resounding line,
The long majestic march, and energy divine.

E fraco o nosso juízo, confessamos ingenuamente, e para aqueles, que seguem o princípio de que só o poeta pode avaliar o poeta, cometemos uma falta; entretanto Milton não era poeta dramático, e decidiu sobre as obras de Shakespeare.

E como não ser assim?

O poeta cria, o crítico sente. Não pode haver verdadeira apreciação do belo, sem esta revelação dupla: aquele revela o pensamento, este o sentimento!..

Rio de Janeiro, novembro de 1857.

José Rodrigues Coelho.

Tip. De Francisco de Paula Brito – 1857.

* * *

Francisco Innocêncio da Silva. *Dicionário Bibliográfico Português*. 1858. 2ª edição 1924.

Francisco Inocêncio da Silva, 1858.

1853 A *Nebulosa* (Poema-romance). Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. Villeneuve & Cia. 1857. 4º de VI – 293 pag., e mais uma no fim sem numeração contendo a errata. – É dividido em seis cantos e um epílogo, e escrito em versos hendecassílabos soltos.

O autor, já vantajosamente apreciado pelos seus compatriotas como um dos melhores romancistas do Brasil, conseguiu com a Nebulosa um lugar distinto entre os primeiros poetas da sua nação. Vej. O que a respeito deste poema expendeu o secretário do Instituto, o Sr. M. de A. Porto-Alegre, no seu relatório anual, lido na sessão de 12 de dezembro de 1857, e inserto no suplemento ao tomo XX da Revista trimestral, a pág. 54 e 55. – Ouvi que o Sr. Macedo recebera de S.M. o Imperador a mesma honrosa distinção que antes dele obtivera o sr. Dr. Magalhães, sendo chamado a ler o seu poema ainda inédito, perante S.M. em uma das salas da imperial residência de S. Christovam, onde estava reunida boa parte da corte: e que o Imperador, com a delicadeza, urbanidade e finíssimo gosto artístico, que todos os brasileiros respeitam e admiram, se dignara de fazer ao poeta durante a leitura algumas observações e reparos tão judiciosos que foram para logo adotados. A dedicatória do poema foi por S.M. retribuída, mandando conferir ao autor o oficialato da Ordem da Rosa.

* * *

A Atualidade, 04 de fevereiro de 1860, nº67, p.2 e 3.

PARTE LITERÁRIA

A Nebulosa, poema do Sr Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

O Sr.Dr. Joaquim Manoel de Macedo, que já tinha revelado o seu talento, e conquistado um nome ilustre na literatura pátria por seus romances e comédias, deu-nos também em 1857 um poema do gênero fantástico, intitulado a Nebulosa.

Não sabemos, que alguém se ocupasse em dar uma análise ampla e completa desse poema; apenas vimos nas colunas de um jornal diário um esboço rápido de sua fábula, com algumas frases vagas de elogio. O poema, entretanto, com seu aparecimento fez alguma sensação, e é digno de que dele nos ocupemos mais de espaço; procuraremos pois preencher aquela lacuna, formulando sobre ele um juízo desenvolvido.

Para esse fim cumpre-nos antes de tudo esboçar em traços rápidos o assunto dele. São quatro apenas os personagens que intervêm na ação do poema – o trovador, sua mãe, a peregrina e a douda; nem as pessoas nem os lugares são designados por nomes próprios: são conhecidos por apelidos.

A Rocha Negra, vulto imenso de granito, que se elevava à entrada de uma tranqüila e profunda baía, tinha entre o vulgo reputação de encantada, e era o terror dos barqueiros que vagavam por aqueles mares, contava-se a história de uma fada, - a Nebulosa – gênio das trevas, que aborrecia o sol e só amava a lua, e que costumava pairar em torno da Rocha Negra, sobre a qual todos os dias ao romper d'alva baixava uma nuvem densa, em cujo seio a fada se embebia. Mas uma noite em que ao lançar ao mar esqueceu-se de pronunciar certas palavras cabalísticas, quebrou-se-lhe o encantamento e ela afogou-se ao pé da Rocha Negra. Desde então o

seu fantasma habitou essa rocha, que ficou sendo um lugar de encantamentos e feitiçarias, - a rocha de má sina -. Quem lá fosse por três noites sucessivas de luar, podia contar como certa alguma catástrofe.

É esta lenda popular, real ou imaginária, que serve de ponto de partida ao poema do Sr. Macedo. Vejamos agora como se desenvolve a sua ação principal.

Havia um mês que os pescadores assombrados viam surgir no topo da rocha Negra um vulto misterioso. Ninguém sabia quem era, de onde vinha, nem que mister ali o trazia constantemente. Fugia a todo trato humano, andava envolto em um manto rubro e na destra sustinha uma harpa. Era um trovador, que ali vinha cismar, chorar, maldizer sua sorte ou cantando expandir suas mágoas aos ventos da solidão. Um amor infeliz era a causa de sua profunda melancolia e desse seu viver de misantropo. Amava uma cruel, de cujos lábios nunca ouvira senão um frio e implacável – jamais -. Foi ter com uma feiticeira célebre, a pedir-lhe filtros ou conselhos para render o coração da ingrata. Esta receitou-lhe – louros. O trovador entendeu, voou aos campos de batalha e voltou repleto de louros, que depôs aos pés da senhora de seus pensamentos: debalde, que encontrou-a ainda a mesma, sempre com o seu altivo e inflexível – jamais. Voltou ainda ao covil da feiticeira, que dessa vez aconselhou-lhe – cantos. O trovador travou de uma harpa, seus cantos ressoaram pelo mundo, a auréola da glória cingiu-lhe a fronte, e ele foi depor aos pés da amada sua coroa de poeta; e ainda ouviu dos lábios dela aquele frio e inexorável – jamais. Quando voltou pela terceira vez ao antro da feiticeira, já esta era morta. Entregue ao desespero, buscou aquele escabroso fraguedo para nele esconder sua dor, resolvido a terminar suas tormentas pelo suicídio.

Quem era entretanto aquela mulher tão desdenhosa, qual o motivo de sua fera isenção? – mistério, que depois se desvendará.

Uma barquinha branca aporta ao pé do rochedo sinistro; um vulto de mulher pálida e gentil, que única a dirigia, sabe dela, o galga a rude encosta; é a primeira criatura que ousa perturbar o trovador em sua misteriosa solidão. É uma douda, que se crê fada e protegida da Nebulosa: pratica longamente com o trovador, fala dos encantos e do der da Nebulosa; conta-lhe sua história em termos vagos e mostra-se sabedora da causa dos tormentos do trovador. Maravilhado este de que ela saiba os mistérios de seu coração, a história daquele tremendo – jamais – arroja-se-lhe aos pés, e suplica-lhe com instância um filtro, que ponha termo aos desdéns da peregrina. Entretanto esta douda era filha da feiticeira, que aconselhara ao trovador louros e cantos; vira-o as duas vezes que foi ter com sua mãe , concebera por ele ardente e inestinguível amor e enlouquecera. O trovador a ignorava; a douda, por um sacrifício sublime, resolve a ir interceder pelo trovador junto à peregrina. É esta em resumo a matéria a matéria dos dois primeiros cantos.

No terceiro o poeta narra por que modo a douda desempenhou a terrível missão de que se encarregara. Vai à habitação da peregrina, e faz os esforços a seu alcance para ver se acorda no peito da peregrina alguma compaixão por esse trovador, que ela mesma adora, mas que ainda não ousou confessar seu amor. Foi tudo em vão; um frio e altivo – jamais – foi ainda a resposta da peregrina. Esta cena teve lugar em um jardim, o trovador a presenciara oculto entre as árvores ; ele e a douda separaram-se, emprazando-se para a meia-noite na Rocha Negra.

O quarto canto ainda consta de súplicas para vencer a teimosa isenção da peregrina, mas agora é o próprio amante que fala à sua amada num longo tete-a-tete, que o acaso lhes preparou. Conduzido

a esmo pelo desatino do desespero o trovador achou-se em um cemitério abandonado, junto a uma ermida em ruínas, onde conversou largamente com as cinzas dos mortos; ali deparou inopnadamente com a peregrina, que orava sobre a campa de sua mãe; como bem se prevê, aproveitou-se da ocasião, falou, rogou, suplicou, fez protestos, juras, imprecações, gemeu, bramiu, esterceu-se, e não obteve como resposta senão o eterno – jamais. Foi então que a peregrina contou-lhe sua história. Nascera gêmea com uma outra irmã, eram filhas do crime, sua mãe fora vítima de um sedutor. O pai desta morrera de vergonha, amaldiçoando-a. As duas gêmeas cresceram belas e donosas; mas sua mãe cautelosa as escondia aos olhos do mundo, e de contínuo aconselhava-lhes que não acreditassem no amor dos homens; não obstante, uma delas caiu nos laços da sedução, enlouqueceu e morreu; a mãe não pôde resistir a esse golpe; no momento de morrer levou a filha que restava – a peregrina – ao túmulo da irmã, e aí fê-la jurar eterna isenção.Era pois pela força de um juramento solene que ela repelia o amor dos homens e se entregava a uma vida ascética, consagrando-se somente ao culto e ao amor da divindade. O desengano era completo! Feita esta revelação, parte, e deixa o trovador a sós nos túmulos. Daí a pouco entra uma mulher idosa, que também vem orar e acender a lâmpada dos túmulos. Era a mãe do trovador, queixa-se ela do isolamento em que vive o filho, lastima sua sorte e seu malfadado amor e suplica-lhe que não sucumba á sua dor. Mas este, pungido pelo desespero, sopêa os impulsos da ternura filial, resiste aos carinhos e angústias de sua mãe, e acaba por declarar-lhe, mui resolutamente, que nessa noite, à meia-noite, porá termo a seus dias. No auge da angústia e do desespero, a velha mãe corre à habitação da peregrina a ver se com suas súplicas consegue salvar seu filho.

Essa entrevista constitui a principal matéria do 5° canto. Era já noite, e a peregrina dormia quando a velha lhe bateu à porta; tinha de ouvir ainda súplicas, imprecações e lágrimas; a peregrina sonhava; os seus sonhos eram como advertências do céu, que a repreendia por sua crueldade; o aparecimento da velha, suas palavras, suas queixas e exprobações, o que diz a respeito do filho, coincidiam perfeitamente com o sonho; era o sonho reproduzido em realidade. A peregrina ainda se escusa, mas enfim, de joelhos ante a imagem da virgem ora e cede a uma revelação do céu mais clara e positiva: ambas correm para a Rocha negra, com os olhos na lua, que escondendo-se por detrás da serra, devia marcar a meia-noite, prazo fatal, em que o trovador jurara despenhar-se nas ondas. Era já tarde; antes de poderem galgar a rocha, alua se sumira. Não obstante, ei-las que vão desalinhadas e anelantes correndo para o fatal rochedo.

O 6° e último canto é destinado a narrar o fim sinistro do trovador. Do alto da Rocha Negra ele ainda se ocupa largo tempo em recordar-se de seu pai, que jaz n o túmulo, de sua mãe, que deixa sobre a terra em angustiada solidão, em dizer seu último adeus à ingrata, e a vida, em exalar seu desespero em terríveis imprecações, em bramidos e contorções de dor. Ia arrojar-se ao mar, mas lembra-se de sua harpa e entoa um longo e sentido adeus, e a cada estrofe que canta vão-se-lhe rebentando uma por uma as cordas, até que a última estala. Então erguendo sobre a cabeça o inocente instrumento, três vezes o arremessou contra o rochedo, e o fez em pedaços.

Fiel ao prazo dado, a douda chega ao rochedo sinistro; é então que ela revela ao trovador atônito o amor imenso que este lhe inspira. O trovador em delírio arroja-se nos braços,que ela lhe

estendia, e assim abraçados despenham-se dos píncaros da Rocha Negra nos abismos do oceano.

Ao romper d'alva a mãe e a peregrina chegam esbaforidas à extrema da rocha: nada encontram senão os fragmentos da harpa, atirados à praia; reconheceram que a catástrofe estava consumada! A velha estende o braço descarnado e amaldiçoa a peregrina, cai fulminada com a fronte sobre os fragmentos da harpa; a mãe, exausta de dor e cansaço, cai e fendendo o crânio em uma pedra, banha com seu sangue o altar da morte. Eis um fiel transumpto, posto que sucinto e descarnado da matéria do poema; desenvolvê-la mais seria dar uma variante do mesmo.

A ver o título da obra, e essa espécie de legenda de encantamento e lhe serve como de pórtico, o leitor fica persuadido que o acordem dessa fada é o móvel principal, que põe em ação todos os personagens e preside a todos os acontecimentos do poema. Nada disso; a nebulosa é apenas uma crença da douda, e de modo nenhum intervém na ação principal: os pontos centrais da fábula em nada dependem dessa tradição popular; se a Nebulosa desaparecesse da cena, o todo do poema se conservaria o mesmo, despido apenas de um ornato. O trovador desdenha os terrores do vulgo a respeito das tradições da Rocha Negra; a peregrina, quando a douda lhe fala da nebulosa, sorri-se de compaixão; a mãe do trovador nem ao menos profere esse nome; e em toda a série de acontecimentos não há a menor interferência do poder da Nebulosa. É apenas um episódio ligado à noção principal por um laço bem fraco: serve sim para dar um interesse mais vivo, uma cor mais fantástica à loucura de uma mulher, que em nada se entende com as demais personagens nem com o todo da ação. A figura da Nebulosa não paira portanto, como alguém já disse, sobre todo o assunto do poema; paira apenas sobre a imaginação da douda.

Wieland, é verdade, dá o título de – Oberon – ao poema, em que conta as aventuras de Hugo e de Nézia. Mas o poder sobrenatural do condão de lírius e da taça encantada de Oberon e Titânia se fazem sentir em todo o decurso dele. Esses dois gênios tomam aquele por debaixo de sua proteção, velam incessantemente sobre sua sorte, aparecem mesmo em cena de tempos a tempos e dirigem os seus destinos. A figura do rei dos gênios com seu cetro de lírios paira sobre todo o poema de Wieland, como um símbolo do destino, ou da providência, que preside a todos os acontecimentos humanos. Não assim no poema do Sr. Macedo; a Nebulosa é a crença de uma douda e nada mais. O título pois desse livro é uma mentira, que prepara uma decepção ao leitor, pois faz esperar um poema de um gênero a que absolutamente não pertence. Com mais prosperidade se deveria intitular – o Trovador – a Peregrina – ou – a Rocha Negra.

Mas o título que importa? Tenha o poema mérito em si, que essa leve falta ficará amplamente compensada.

É o que procuraremos analisar em outro artigo. (continua)

* * *

A Atualidade, 11 de fevereiro de 1860, nº 68, p.2

PARTE LITERÁRIA

A Nebulosa, poema do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

(continuação do nº 67)

Seria uma empresa admirável, senão superior às forças do talento humano, escrever um longo poema, como esse que o Sr. Macedo ideou e executou, cuja leitura empenhasse continuado interesse e não fatigasse.

A ação desse poema é pouca, os incidentes são raros, são os sentimentos, ou antes as tempestades da alma que o poeta se propõe a descrever; desde o começo até o fim fala-se a linguagem a mais exaltada das paixões; os atores que nele figuram estão sempre a bramir de desespero, a entorcer-se nas ânsias da mais estranhável angústia. É uma continuada tortura de corações, um brado de desespero e de agonia em seis longos cantos.

São quatro criaturas excepcionais, inteiramente fora das condições da vida comum, todas envoltas em um véu de sinistros mistérios, que aparecem e se encontram como que por encanto já entre brenhas e penedias solitárias, já numa espelunca de feiticeiras, já entre as campas de um cemitério abandonado, sempre em sítios lúgubres e medonhos, exalando gemidos e imprecações que cortam o coração.

Não são criaturas humanas, são duendes que vagueiam nas trevas em lugares sinistros, ululando e espalhando o terror em torno de si; que só se encontram para trocarem entre si amargas queixas e tremendas maldições, e que enfim vão morrer todos desesperados, mutilados, ensangüentados nessa rocha fatal, pela qual vagavam como espéctros. O contínuo martírio desses pobres entes prolongado por tão largo tempo acaba por embolar a sensibilidade do leitor. Por mais brilhante e fecundo que fosse o engenho do poeta, por mais rica e harmoniosa que fosse a sua linguagem, a leitura de um tal poema não podia deixar de se tornar fastidiosa por sua monotonia e fatigante por sua contínua exaltação.

Para dar algum repouso a atenção do leitor, para refrescar-lhe a imaginação desses monólogos furiosos ou sombrios, desses diálogos delirantes, dessas cenas despedaçadoras de paixão e martírio, o poeta os interrompe com longas e freqüentes descrições. Mas, abusando desse expediente, só consegue tornar o seu livro mais

longo, mais monótono e mais fastidioso. Nenhum ator entra em cena sem uma comprida e minuciosa descrição; a cada nova situação, nova descrição; os sítios são pintados à larga, mas as cores são sempre as mesmas, a perspectiva pouco varia: é sempre, ou essa Rocha Negra, em cuja pintura o poeta tanto se compraz , em que tanto gasta o seu pincel, elevando-se com seu aspecto sinistro e carrancudo por sobre um mar tranqüilo, com todo esse cortejo de imagens que os poetas costumam entornar às mãos cheias em quadros dessa natureza; ou algum sítio escuro e misterioso, cercado de montanhas e escondido em brenhas. São longos entreatos em que o autor pacientemente se esmera em ensaiar o gesto, compõe o traje de seus atores, em preparar o cenário, e que entretanto não deixam de impacientar bastantemente aos espectadores.

Um poema com esse que o Sr. Macedo concebeu, em que só ressoam os acentos patéticos da dor e do desespero, não poderia ser bem sucedido, senão reduzido a muito menores proporções; ou a querer conservar-lhe essa extensão que tem, deveria o poeta dar-lhe mais ação e movimento, mais variedade nas cenas e povoá-lo de maior número de personagens.

Um exemplo temos muito notável e muito conhecido que serviria para pôr patente a exatidão dessa nossa observação. O Sr. A. F. de Castilho compôs dois poemas igualmente admiráveis – A Noite do Castelo- e Ciúmes do bardo. Em ambos estes poemas o autor tem por fim pintar os efeitos de uma paixão violenta e profunda- o ciúme. Um é rápido, simples, sem episódios nem incidentes; é a última explosão de um bardo, entregue às fúrias do ciúme, que geme, maldiz, blasfema, impreca e busca a morte no meio de um lago entre os horrores de uma tempestade. Consta apenas de algumas páginas; mas cada uma dessas páginas vale volumes. É um fogo luminoso e ardente, que em si resume quanto há de sombrio,de

pungente, de feroz e violento nessa paixão funesta; é um breve e vislumbrante painel, desenhado com traços de fogo.

O outro é mais extenso; consta de seis cantos; é talvez da extensão da Nebulosa, ou menor. Mas nesses seis cantos, que variedade de cenas, que diversidade de situações, que brilho e profusão de cores nas descrições?... E é no meio dessas cenas de vida e de movimento que mais sobressai a figura merencória e sombria do nobre paladino Henrique, que em sua alma concentra um inferno de sofrimento e de ciúme. Se o Sr. Castilho tivesse tido a mesma inspiração que o sr. Macedo, isto é, se tivesse isolado o seu Henrique em sítios lúgubres e solitários, em contato apenas com dois ou três personagens, a despeito de todo o seu gênio, não teria feito senão uma longa e enfadonha série de monólogos, diálogos e descrições, que faria descer frouxas de sono as pálpebras do leitor.

Mas a figura de Henrique, atravessando misteriosa e sinistra pelo meio de tantas e tão animados episódios da vida real, parece um fantasma, e é uma realidade, entretanto, que o trovador lá em cima de sua Rocha Negra, com seu manto vermelho e sua harpa sobraçada, sua linguagem ultra-romântica, suas atitudes solenes e com todo esse seu viver misterioso, nem nos parece um espectro e nem tampouco é uma realidade. Não fascina a imaginação e nem satisfaz a razão.

O poema do Sr. Macedo roça sem dúvida alguma pelo gênero fantástico ; as pessoas não tem nome, abstrai-se de tempo e de lugares; os costumes não pertencem à época nem à nação alguma. Melhor seria entretanto que o Sr. Macedo tivesse transportado seus personagens para uma esfera inteiramente fantástica, para a região das fadas e dos encantamentos. Revestido desse indulto o poeta poderia entregar-se mais livremente aos caprichos de sua imaginação, dar aos seus personagens o caráter, costumes e

linguagens que quisesse sem ofender a verossimilhança. Entretanto tal qual é, esse poema não é uma pura fantasmagoria, porque sua fábula não repousa sobre crença alguma de potências sobrenaturais, como fadas, gênios, nigromantes, nem é também uma realidade, porque esses caracteres e costumes bizarros, inteiramente estranhos ao meio de viver da atual sociedade, estão completamente fora da esfera da verossimilhança.

(Continua)

* * *

A Atualidade, 18 de fevereiro de 1860, nº 69, p.3

PARTE LITERÁRIA

A Nebulosa, poema do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

(Continuação do nº 68)

O principal assunto da Nebulosa consiste nos esforços empregados sucessivamente pela douda, pelo trovador e por sua mãe para vencer a rebeldia do coração indômito da peregrina; é uma série de assaltos e escaladas contra um rochedo inacessível que, altaneiro, zomba de todos esses vãos esforços. A repetição de situações idênticas ou análogas e o longo desenvolvimento que lhes dá o poeta, deviam necessariamente exaurir os seus recursos e a monotonia era uma escolha difícil de evitar.

Sendo as interlocuções inesgotáveis em discursos intermináveis, com razão devia ela enfastiar-se com tão compridas e imprevistas visitas, que sempre lhe vinham inesperadas e de sobressalto. Os garrulas duendes da Rocha Negra vinham sempre surpreendê-la já passeando tranqüilamente em seu jardim, já orando em santo

recolhimento sobre a lousa de sua mãe, já dormida em seu leito nessa confortável habitação, em que morava com suas donzelas, entregue a uma vida contemplativa e religiosa, tal qual uma abadessa dirigindo o seu convento.

Ainda a douda no desempenho de sua missão junto à peregrina não deixa de interessar pelos matizes fantásticos que dá a seus discursos sua crença de fadas e encantamentos; é mesmo encantadora a lembrança que teve de dirigir-se a uma rosa do jardim e dar-se a entender a peregrina sob o vôo de uma transparente alegoria para não queimar seus olhos na luz daquela beleza que a fazia rebentar de ciúmes. Esse gracioso episódio repousa um pouco o coração e o espírito do leitor das longas declamações de que está cheio o poema. Porém mesmo assim a peregrina impaciente a interrompe, dizendo-lhe:

Já me fadiga essa fala de louca...

mas após a douda surge-lhe ainda o próprio trovador , que em longos discursos dirige-lhe súplicas, queixas, imprecações e esgota sua eloqüência a pedir-lhe amor. Por fim vem a mãe ainda cercá-la de súplicas, lágrimas, imprecações; felizmente desta vez a peregrina cedeu, não porque a mãe do trovador fosse mais eloqüente que os outros, mas porque a peregrina tivera em sonhos um aviso do céu ; porém já era tarde.

Deixemos agora as considerações gerais e desçamos a analisar o poema do Sr. Macedo nos pormenores de sua execução.

Deixando de parte a descrição com que se abre o poema, descrição que entre algumas belezas não deixa de encerrar graves senões, e a história da Nebulosa, que é descrita com graça e simplicidade, passemos ao trovador, que em seguida se apresenta em cena. O poeta se compraz em nô-lo descrever longamente: seus gestos, sua figura, sua aparição misteriosa, de tudo se nos dá

misteriosa conta; além disso são notadas todas as modificações por que vão passando seus pensamentos e sua fisionomia, todas as suas mudanças de atitude.

Meia-noite!...ei-lo está!...talvez disséreis
Num trono de granito o desespero
Pelo vento estendida a rubra capa
Sobre o negro penhasco lembra a idéia
De sangue e morte em alma de assassino.

O segundo verso deste trecho faz lembrar outro do Sr. Castilho,em que pinta Henrique solitário e merencório sobre a esplanada de uma torre do castelo,

Qual a estátua da dor em frase eterna.

Mas tudo pode ser elo nessa pintura do vulto do trovador, menos essa capa vermelha, que traz a idéia de sangue e morte. Que razão teve o Sr. Macedo para dar essa cor, antes que qualquer outra, ao manto de seu herói? De certo o trovador não é, nem pretende ser um assassino, não tem que verter sangue, nem vingança alguma a tomar, só medita a sua própria ruina. Não era melhor portanto que se lhe desse um manto negro?. Não era essa a cor que mais quadrava com a situação da alma do trovador? Porém talvez um manto negro parecesse coisa muito comum ao poeta e o prurido de originalidade o fez envolver seu herói em manto rubro, embora com isso de algum modo se arriscasse a expô-lo ao ridículo.

O trovador estréia seu papel na Rocha Negra com uma apóstrofe violenta contra a natureza que, com seu aspecto tranqüilo e sereno, parecia insultar a sua dor. São as primeiras palavras que se vão ouvir

das falas desse homem, que se diz trovador, e que já cingira a fronte com os louros da glória; por certo não devem ser palavras comuns, mas marcadas pelo selo de ardente e elevada inspiração.

Citemos alguns versos:

Oh! Natureza! Minha dor insultas!
Na tua placidez leio um sarcasmo;
Abomino-te assim, amo-te horrível.
Que quer dizer um mar que não rebrame?
Uma terra que nada em luz de encantos
Um céu, que tormentoso não ribomba,
Quando no coração temos o inferno?...

E segue-se por diante uma pintura dos horrores da natureza, abalada por uma tempestade, tal qual a desejaria então o trovador. É um ruído de palavras estrepitosas, que pouco pintam, um montão de expressões exageradas, que revelam que o trovador, apesar dos louros que lhe ornam a fronte, ainda é bem novo na arte das musas, pois confunde o sublime com as ênfases de uma declamação fofa e bombástica.

Logo em seguida aos versos citados, deparam-se os seguintes:

Apraz-me ver em guerra a natureza
Abalada em seus elos mais profundos.

Se – elos- significam os anéis de uma cadeia, é bem difícil conceber que imagem quis o poeta traçar nestes dois versos. *A natureza abalada em seus mais profundos elos* é uma expressão ininteligível, que roça pelo galimátios.

O trovador exclama depois:

Eu sou como esta rocha, estéril, negra,
Zombaria do mar, exposta às vagas.

Não há quem não sinta, como aquela *exposta às vagas* é fraca, quanto se acha mal colocada no fim daquele verso. Não serve para completar nem dar energia ao pensamento; parece que só veio para encher a casa do verso; é uma sinonímia de enchimento, escolhida a dedo para apagar o efeito de uma idéia ou de uma imagem. Um trovador tão afamado nunca deveria ter tão indesculpáveis descabidas.

Mais adiante diz ainda o trovador:

Sim! O raio! A serpente do horizonte,
Que coriscante morde e rompe as nuvens;
Os trovões a bramir, tigres do espaço;

Parece que o trovador, a despeito de todo o seu desespero, das angustiadas preocupações em que andava embebido, ainda tinha tempo e pachorra suficiente para excogitar metáforas esquisitas a guindadas, como estas que faria inveja ao próprio Gôngora. O raio, *serpente do horizonte* e os trovões *tigre do espaço* são expressões tão alambicadas que em parte alguma deviam ser interadas e muito menos nos lábios do infeliz trovador, onde assentam muito mal esses brincos de espírito, esses esforços de imaginação para atingir a originalidade.

Depois o trovador fala no ímpeto dos ventos atirando aos ares os gigantes da floresta, que vão açoitar as nuvens com seus ramos, que foram orgulho das vetustas selvas.Os troncos das florestas arrojados às nuvens! Já que o trovador só queria imagens gigantescas e

descomunais, melhor seria que esses ventos levassem uma vez pelos ares o globo da terra e o atirassem de encontro a Saturno, à Júpiter ou a outro qualquer planeta; assim ao menos ninguém mais, no arrojo da hipérbole lhe poderia levar a palma.

Estas exagerações enfáticas, estas difusas declamações do trovador nos trazem à lembrança a exclamação tão simples, tão curta, mas tão enérgica do Henrique da *Noite do Castelo*, que em si resume todo o pensamento que o sr. Macedo espraiou nessa tirada do trovador.

Que vento este tão tépido, tão frouxo!
Que o me dera tufões, tufões gelados
Grossa chuva em torrentes: talvez fora
Um refrigério à dor senti-las novas.

Depois de longa pausa, as idéias do trovador vão descaindo dessa exaltação febril e violenta que lhe inspirara a apóstrofe fulminante de que falamos; tranqüiliza-se um pouco e começa a filosofar ou antes a moralizar. Ouçamo-lo ainda:

Menino grande, o homem de erro em erro
Passeia a terra, maus caminhos cegue,
Tropeça e cai, o mundo o amaldiçoa,
O fado culpa e a si nunca se acusa.
Que é o fado?... um sonho; vã quimera.
Deus em nossa alma a liberdade acende;
O resto a nós compete; a inteligência
Do falso discrimine o verdadeiro;
Prudente estude o bem, e livre o siga
O homem na vida; tropeçar na estrada,
Tombar no abismo prova só fraqueza;
Demonstra um erro, imprevidência ou crime.
Feitura nossa, e não filha do acaso
É a desgraça.....

Assim, das alturas daquela exaltação febril o trovador voltou a explanar uma preleção de filosofia moral em estilo rasteiro e descorado, tal qual o faria um aluno de colégio. Como poeta o trovador já não foi bem sucedido em sua estréia, mostrou-se um grande amplificador, de estilo túmido e difuso, sem inspiração nem energia; como filósofo as suas idéias não tem um vôo elevado, como convinha a um poeta; o seu estilo não diverge em nada de qualquer dos mais rançosos compêndios de filosofia. Chamar o homem de *menino grande* é uma antítese de mau gosto e que prova mais uma vez o decidido gosto do trovador pelos conceitos alambicados. De certo o trovador é do tempo da influência perniciosa da escola de Gôngora e de Marini.

(Continua)

* * *

A Atualidade, 25 de fevereiro de 1860, nº 70, p.2 e 3.

PARTE LITERÁRIA

A Nebulosa, poema do Sr. Joaquim Manoel de Macedo.

(Continuação do nº 69)

O segundo canto da Nebulosa é todo consagrado à douda, e é sua entrevista com o trovador na Rocha Negra. Na pintura dessa mulher, possuída de singular monomania, escapam às vezes ao poeta algumas pinceladas felizes e traços bem característicos, mas no meio destes, quantos indesculpáveis descabidos, quanta imagem falsa, quanta frouxidão de estilo e incorreção de frase!

Para comprovar a exatidão de nossas asserções, façamos algumas citações. Descrevendo o físico da douda diz o poeta:

.....De neve o são

De neve os braços, de cristal os dedos
E a mão, que alveja como os pés mimosa...

Qual a razão por que, sendo de neve o seio e os braços dessa gentil criatura, o poeta dá-lhes dedos de cristal? Para que essa diversidade de matérias na composição de um corpo, sendo ambas destinadas a representar uma só idéia, a alvura, transparência e delicadeza da tez? A mão e os pés que também alvejam, tão mimosos um como o outro, pela construção da frase é difícil saber se eram de neve ou de cristal; parece que o poeta falando de mão e dedos separa estas duas coisas para pintá-las diversamente, e portanto só os dedos devem ser de cristal; de outra sorte o poeta diria simplesmente a mão.

Para pintar a alvejante palidez dessa moça, o poeta não tem outro recurso senão percorrer-lhe todos os membros de alto a baixo derramando por eles à mãos cheias neve e cristal.

No descrever o vestuário da douda existe uma tal incorreção de frase que coloca o leitor em grande confusão.

Longa túnica azul que a cor imita
De um céu todo bonança, trás vestida,
Na cintura uma fita ao corpo a une,
Cai-lhe do colo e pelo chão se arrasta.
Sandálias calça; sobre a simples veste
De ofuscante candor lança uma capa
Vasta, que sobra para envolvê-la toda.

Neste trecho há a notar mais de uma incorreção.

O que é que *cai-lhe do colo e pelo chão se arrasta*, é a túnica ou a fita? A contração gramatical dá a entender que é a fita; mas a

interpretação lógica diz-nos que é a túnica, porque a fita apertava-lhe a cintura e portanto não podia cair-lhe do colo.

A quem compete o epíteto *de ofuscante candor* ?- à veste ou à capa? O sentido literal nos indica que é a veste; mas o autor já nos disse que essa veste era uma túnica azul; portanto, aquele epíteto deve pertencer à capa.

O poema do Sr. Macedo oferece muitos outros exemplos de expressão ambígua, de frases obscuras ou mal construídas, por exemplo logo duas páginas adiante dos versos que acabamos de citar, lêem-se estes outros:

Demais confias no poder das fadas.
Não vás tentar de uma ilusão cativa
Ouvir um morto; que loucura indica.

Não é preciso entrar em análise para fazer sentir ao leitor quanto é viciosa e obscura a construção dessa frase.

Se quisermos agora um exemplo de requebras de estilo e da mais refinada afetação ao conceito, leiamos os seguintes versos em que a douda exprime sua admiração pelos acentos da harpa do trovador:

São suas frases vibrações sonoras
Que n'alma entornam mágicos deleites
Se o favônio falasse, era um favônio
A derramar finezas sobre as flores.

Dizer que as vozes de uma harpa são vibrações sonoras é asseverar um fato muito sabido, é uma proposição que nada exprime nos lábios da douda, que tanto se esforçava por amplificar a beleza dessas vozes; os dois últimos versos põem são de uma fineza de

conceito que por mais tratos que demos ao espírito não podemos atinar com o seu verdadeiro sentido. Temos visto muita vez a suavidade de uma voz comparada com o rumorejo do favônio, aura ou zéfiro; suponhamos que o favônio tinha uma voz, produzia algum som; mas a douda, que diz que ele não fala, como pôde saber como seria a sua voz, se falasse?... e *o favônio com sua voz a derramar fineza sobre as flores*??! Parece-nos isso a quinta essência das expressões alambicadas.

Muita gente opina que repugna a imaginação e ao bom senso acreditar na exagerada simplicidade da douda, que torna os acentos da harpa pelo canto da voz humana, e insiste em crer que o trovador tinha em sua companhia alguma criatura, anjo ou mulher, que assim cantava, até que viu com os próprios olhos a harpa ressoando sob os dedos do trovador. É com efeito difícil de imaginar como essa mulher, que assim era absolutamente louca e que apenas tinha a monomania de se crer fada, pudesse confundir uma coisa com outra; como era possível que nunca tivesse ouvido o som de uma harpa, ou de outro instrumento qualquer, para que julgasse que só a voz humana é capaz de desprender acentos harmoniosos. Entretanto , o caráter de exaltação e delírio dessa mulher, as circunstâncias extraordinárias e misteriosas em que ela vive, bem como os demais personagens do poema, são bastantes para justificar até este ponto esta concepção do poeta. A douda não era uma criatura humana; era um duende que vagava pelo mundo sem o compreender, e quase estranha a ele; portanto seus atos não estavam sujeitos às leis da verossimilhança humana.

E que diremos nós da lembrança que teve a douda de cismar com o apelido de – amor que fala – a harpa, cujo nome não achou bonito?

Na Alemanha a imaginação popular costuma criar para certos objetos nomes compostos de muitas palavras e que exprimem uma frase inteira, e os poetas as empregam freqüentemente em suas obras; mas a índole da sua língua, bem como a da grega, prestam-se admiravelmente a essas composições; não acontece o mesmo com a nossa, que em vez de um vocábulo composto, só pode dar-nos uma oração que tendo de entrar freqüentemente na frase só serve para embaraçá-la e tirar-lhe toda graça e elegância. As cordas do amor que fala -, inclinar o amor que fala,- desperta esse amor que fala são frases com que um gosto delicado não pôde se acostumar. Portanto essa imitação da literatura germânica não pode ser introduzida entre nós com feliz sucesso: é uma planta exótica que não pode aclimatar-se em nosso solo.

Demais parece-nos que a douda não foi muito bem inspirada na escolha desse nome que deu à harpa: *amor que fala*! – pois qual é o amor que não fala, o amor que é mudo?...Ainda se ela chamasse - amor que canta -.

Se não fosse longo e fastidioso, ainda nos ocuparíamos minuciosamente da narração do trovador,referindo à douda a causa de seu infortúnio. Mas para não tornarmos interminável esta análise, somos obrigados a deixar de parte muitas reflexões que nos sugere a leitura do poema, para só demorarmos na apreciação de alguns pontos mais notáveis, a de algumas belezas e defeitos mais salientes que formos encontrando.

Entretanto diremos que o estilo do trovador peca aí, como quase sempre por enfático, difuso, alambicado e incorreto. Em uma só citação, em um trecho em que o poeta pretende elevar à mais alta gama o tom de sua inspiração, talvez não nos seja impossível achar exemplos de todos esses vícios.

Pintando o trovador o assombro de que se achou possuído ao ver pela primeira vez a peregrina, exprime-se do seguinte modo:

..... aproximei-me;
Vi... - novo encanto! - duvidei da terra,
Da vigília... e de mim; mas nem foi sonho,
Nem me achava no céu; era um prodígio;
Era uma virgem de esplendor divino,
Um sorriso de Deus humanizado,
Que Deus mandara, por milagre ao mundo.

Em primeiro lugar – duvidar da terra e da vigília – está longe de exprimir precisamente o mesmo que duvidar se está no céu e se está acordado; e se não fossem as palavras que se seguem talvez o leitor não pudesse adivinhar em que sentido era concebida essa dúvida. Há nisto grave incorreção ou antes indesculpável erro de dicção. A nossa língua tem precisão e clareza, tem uma fraseologia já determinada e sancionada pelo uso; não se deve adaptar inovações senão aquelas que a necessidade reclamar, ou que trouxerem o cunho de uma feliz inspiração; ir alterando e invertendo sem necessidade e por mero capricho da linguagem estabelecida é fundar uma liberdade fatal, que trará em resultado uma linguagem confusa, anfibológica e ininteligível, e colocar-nos nas mesmas conjunturas em que se acharam os operários da torre de Babel.

Prodígio, milagre, esplendor divino, sorriso de Deus, que deus mandou ao mundo – eis as palavras que enchem os três últimos versos citados e que provam que os últimos versos do trovador é túmido e palavroso, e supre com expressões enfáticas a deficiência de idéias.

São graves senões na verdade, porém desaparecem à vista desse verso, que vem como que servir de cúpula ao edifício de ênfase e de alambicamento do trovador:

Um sorriso de Deus humanizado.

Este verso é um monumento tão extraordinário de mau gosto que o leitor pára surpreendido, como se desse com os olhos em alguma esfinge.

(Continua)

* * *

A Atualidade, 03 de março de 1860, nº 71,p.3

PARTE LITERÁRIA

A Nebulosa, poema do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

(Continuação do nº 70)

Passemos ao terceiro canto, e vejamos o poeta ocupado em desenhar longamente com todo o esmero e minuciosidade a beleza da Peregrina, figura proeminente do painel, em que o pincel do autor parece demorar-se com especial predileção. Cerca de dez páginas são exclusivamente consagrada à pintura dos encantos dessa mulher, tão formosa era ela!...

Ainda quando o colorido desse retrato fosse o mais animado e brilhante e distribuído com o melhor gosto possível, ainda que os seus traços fossem da mais pura e severa correção, parece que não convinha dar-lhe tamanha dimensão. A vista se perde nas vastas proporções do painel, sem que seja possível apanhar-lhe o todo.

Prescindamos porém desse incoveniente e vejamos como se acha executado esse retrato em que o poeta tanto se esmerou.

Nada achamos ali senão um montão de todas essas comparações vagas, sutis e exageradas que se tem tornado insípidos lugares comuns de todos os versejadores de nossa moderna escola da – liberdade romântica - , e desses conceitos aéreos, vaporosos, que ecoam sonoros aos ouvidos e deixam a imaginação do leitor vazia e às vezes o bom senso mal satisfeito.

Sobre os cabelos da Peregrina exprime-se assim o poeta:

Os seus cabelos longos e brilhantes
Como da tempestade as nuvens negras,
Em bastos caracóis brincando soltos,
Quando assentada, o colo lhe anuviam:
Tão grande negridão, seio tão nível,
Em desordem furtando a mil desejos,
É como um caos que um mistério esconde.

Os cabelos lhe anuviam o colo quando sentada; e por que não quando estiver em pé? A que se liga também aquela expressão – em desordem? – deve ser necessariamente aos cabelos: uma acha-se colocada tão fora de seu lugar que torna a frase completamente ambígua e confusa. Um caos escondendo um mistério revela um caos na imaginação do autor e coloca o espírito do leitor na confusão do caos; o desejo de sair do comum e do trivial faz cair no extravagante e no galimatias.

In vitium ducit culpoe fuga.
Os olhos da Peregrina
Têm uma luz que aos corações é dia
Têm um fitar, que à indiferença é morte.

Este conceito a este trocadilho parecem produtos genuínos e de mais fino toque da escola de Gôngora.

Torneara-lhe os braços gênio amigo
Tão formosos se mostram! Mão de um anjo
Branca e leve qual pena de uma garça
Jasmim colhendo por jasmim se houvera
Ao ver-lhe a breve e graciosa boca
Madonas retocara Urbino.

Urbino é uma cidade da Igreja, célebre por ser pátria de Rafael, o primeiro dos pintores do mundo. Julgamos porém que a liberdade do estilo figurado não pode chegar a ponto de tomarmos a pátria de um homem célebre por esse mesmo homem, e assim como não se diz nem se pode dizer – Veneza ou Mântua – em lugar de Horácio ou Virgílio, também não é permitido dizer Urbino em vez de Rafael.

Pelo simples fato de serem os braços da Peregrina torneados por um gênio amigo não se pode concluir que fossem de tal beleza, que arrancassem a exclamação que se segue- tão formosos se mostram! é difícil ou talvez impossível descobrir o fio lógico que liga estas duas frases. Mão de um anjo, perna de uma garça são galicismos em que a cada passo cai o Sr. Macedo, galicismos que só servem para desfigurar a linguagem, tornando-a frouxa e arrastada.

Quanto à comparação da mão da Peregrina com uma pena de garça, deixamos ao juízo do leitor apreciá-la e decidir em sua consciência se é ou não de bom gosto.

Os dedos e as mãos são pintados nos dois seguintes versos:
Níveos dedos coroam rubras unhas,
Quais hastes de cristal pétalas de rosas.

Dedos de neve coroados por unhas vermelhas não podem fazer muito belo efeito; comparando ao verso seguinte essas unhas com pétalas de rosas, o autor não pode destruir a cor carregada que lhes dá o epíteto - rubras; além disso, esse verso, se não é errado, é o mais áspero e ingrato aos ouvidos que pôde cair da pena de um poeta.

Explique quem puder, et crit mihi magnus Apollo- o seguinte trecho:

E o lindo pé, que às vezes de adivinha,
Quando mergulha na rasteira grama
Invejariam silfos, que só voam.

Não se pôde ser mais sutil!...é mesmo difícil imaginar o que seria esse pé, que às vezes se adivinha; nós confessamos essa fraqueza, que ainda não a adivinhamos, e até nos parece que a Peregrina não tinha pés.

Quereis ver como são descritos os olhares da Peregrina? Lêde os seguintes versos:

.....os seus olhos
Brilham talvez centelhas, escapadas
Dessas que deus raiou, quando nos dias
Da imensa criação, olhando o espaço
Criou a cada olhar um sol, um astro.

Quão magníficos e esplêndidos deveriam ser os olhos dessa mulher! A luz de um cometa, os fulgores de uma aurora boreal, o clarão de um vasto incêndio nada seriam em comparação ao efeito vislumbrante e gracioso que deveriam produzir os olhares da

Peregrina, pois tudo isso devia ficar muito aquém da idéia que devemos formar dos olhares da divindade criando sóis e astros. Este modo de descrever os olhos da beleza é original e novo.

O andar da Peregrina é como o vôo de uma ave, como o sereno deslizar de um batel, como a idéia preguiçosa de um sonho que se arrasta pela mente; e é também – quem o diria?- como o som de uma harpa que vai morrendo diluída entre as auras. Em todas essas imagens poderá haver muita delicadeza, muito arrojo e originalidade de construção, mas cumpre confessar que aí a imaginação do poeta requinta de sutileza e embebe-se, como quase sempre, em um fantástico vaporoso, que muito o afasta da natureza.

Esse andar tão sutil e tão sereno, que parece um batel a resvalar sobre um lago tranqüilo, um sonho que se espreguiça pela mente, ou o som de uma harpa que se esvai nas auras, esse andar que parece excluir qualquer balanceio, qualquer inflexão graciosa do talhe dessa mulher, que parece privá-la de todo o jogo de seus membros, esse andar por certo não podia servir para realçar-lhe os encantos; o garbo e elegância de movimentos é um dos primeiros atrativos da beleza; esse deslizar tão sereno traz-nos à imaginação uma mulher que não anda com os pés, porém move-se sobre roldanas ou por meio de arames, como boneca de presépio. É entretanto uma qualidade que o Sr. Macedo muito se compraz em dar às filhas de sua imaginação. Também a douda não anda – *é deslizar da sombra o volver de seu vulto.* Será esse o andar das fadas, mas a Peregrina não era uma fada.

Também a voz da Peregrina é amplamente descrita e torna-se para o poeta um manancial inesgotável de comparações; mas em todas elas reina esse mesmo gosto pela exageração e alambicamento, que já tantas vezes temos notado.

As figuras da Peregrina e da douda em quase nada divergem; o poeta traçou o retrato dessas duas mulheres quase com as mesmas cores, as mesmas formas e o mesmo porte. No andar ambas deslizam como sombras; ambas são de alta estatura e de extrema e transparente alvura; com ambas o poeta prodigaliza a neve e o cristal;ambas diferem-se pela cor dos cabelos e em ser a douda extremamente pálida e delgada; não se nos diz, é verdade, se a Peregrina também o era; mas é de crer, pelas condições de vida em que se achava, que fosse algum tanto mais nutrida e corada. Por que razão o Sr. Macedo não diversificou mais os seus tipos? Tudo parecia convidá-lo a isso. Primeiramente, com isso de destruía algum tanto essa uniformidade de cores que constitui um tão grave defeito de seu poema. Em segundo lugar, não conviria melhor ao caráter, ao modo de vida, à origem da douda, que fosse ela uma linda morena, de cabelos pretos, de olhos escuros e ardentes, e que tivesse, por exemplo,a figura de uma linda camponesa ou de uma gitana espanhola, e que só a Peregrina tivesse essa vislumbrante alvura de mármore, neve ou cristal, cabelos castanhos e macios, olhos azuis, verdes ou pardos, ao arbítrio do poeta. A douda era filha de uma miserável feiticeira, nascera num antro, passara vida quase selvática entre florestas e fraguedos; a Peregrina, pelo contrário, nascera na abastança, vivia sob tetos confortáveis, deslizava os dias em meio de jardins, inebriando-se de cantos e de aromas.Era pois natural que a primeira tivesse a cor algum tanto crostada, e a segunda fosse alva e delicada. Uma era dotada de temperamento cálido, de viva sensibilidade e de imaginação tão forte que degenerava em delírio; outra era mulher de razão calma e serena, que sabia sopear com mão firme os impulsos da ternura e da sensualidade e que até aos vinte e cinco anos pudera preservar seu coração do contato das paixões

mundanas. Tão profunda diferença nos caráteres devia naturalmente trazer alguma divergência no tipo exterior dessas duas criaturas.

Ainda quando estas considerações não prevaleçam, a variedade, ou um poema em que só há dois tipos de mulher a descrever, era sobejo motivo para que o poeta desse toques de mais pronunciada diferença.

Mas o Sr. Macedo parece ter predileção pela cor alva, ainda mais que Lamartine tem pela cor azul.

(Continua)

* * *

A Atualidade, 17 de março de 1860, nº 72, p. 2 e 3.

PARTE LITERÁRIA

A Nebulosa, poema do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

(Continuação do nº 71)

No quarto canto passam-se as cenas todas entre os campos de um cemitério em sítios ermos juntos às ruínas de uma ermida; e para tornar a cor lúgubre do painel a mais carregada que fosse possível, a noite cobre de espessas trevas esse tremendo recinto, que vai servir de teatro dos mais misteriosos encontros, de cenas despedaçadoras e sinistras. O protagonista do poema aí aparece em primeiro lugar arquejando, vociferando, estorcendo-se nas vascas do desespero, como sempre.É ainda o mesmo personagem na mesma situação com diferenças acidentais; aqui a diferença consiste na diversidade do teatro e em achar-se o trovador por um modo inesperado e misterioso face a face com a peregrina. É o trovador que desce desse altaneiro pedestal de granito, onde ia entronizar seu desespero, para

vir rojar-se de um modo lastimoso aos pés dessa mulher sempre fria, severa, inflexível, bradando entre convulsões de desesperos – amor! Amor por piedade – e ela sempre impassível a responder-lhe – jamais! Jamais!

Em verdade não deixamos de achar a personagem do trovador por demais humilde, suplicante, chorosa; a sua teima em arrastar-se, pedindo amor aos pés dessa mulher, que por espaço de dez anos o tratava com o mais altivo e frio desdém, repugna ao orgulho do homem e ao bom senso de um espírito superior. Não nos admira a perseverança de seu amor, mas sim em sua obstinação em pedir de joelhos a essa mulher um amor que ela não queria ou não podia dar-lhe. Em uma alma enérgica essa paixão já se teria extinguido no gelo do desengano, ter-se-ia transformado em outro qualquer sentimento e o drama teria tido um desfecho feliz ou sinistro.A fraqueza do trovador parece-se com a pusilaminidade do paciente, que de joelhos pede ao carrasco suspenda o golpe, que sabe tem de ser inevitavelmente desfechado.

Esse amor assim, esse frenesi de lutar continua e obstinadamente contra o desengano, ou antes contra o destino com as armas da súplica e do pranto, não deixa de ser um pouco humilhante para o caráter de um trovador guerreiro; por isso nos fatigamos de o ouvir chorar, bramir, estorcer-se convulsivo aos pés daquela ingrata, que nem ao menos lhe volve um olhar de piedade. É muita fraqueza; a altivez do coração humano revolta-se com tal espetáculo. Poderá isso ser natural, mas não é belo.

Ainda mais: o Sr. Macedo não contente de prolongar de um modo insólito e suplício moral do trovador, de o mostrar chorando e estrebuchando em um desespero quase infantil, ainda o molesta fisicamente de um modo despiedoso. O trovador ao ver escapar-se-lhe das mãos a Peregrina, que cansada dos seus rogos julgara mais

prudente esgueirar-se a fugir, atira-se como um cego através das lápides, em seguimento dela, tropeça, cai de encontro a uma laje, fende o crânio e desmaia. Pois não eram bastante as lágrimas ardentes do desespero com que regar esse recinto? Ainda era mister que o banhasse com o seu sangue, e em conseqüência de um desastre tão vulgar e quase cômico? A malícia humana é sempre inclinada a rir-se de quem tropeça e cai, embora quebre a cabeça.

Ao desmaiar o trovador exclama ainda – amor!

E em vez de amor – jamais- responde o eco!

Singular e extraordinário devia ser o eco desses lugares, que não reproduzia os últimos sons e dava respostas diferentes por sua própria conta! Pode-se imaginar que essa resposta fosse dada pela Peregrina, que ia fugindo, mas isso seria adivinhar o que não está escrito, não seria uma interpretação, mas uma retificação feita no espírito do leitor. A Peregrina não é o eco, nem é possível tomar uma dessas coisas por outra. Ainda uma outra cena igualmente longa, igualmente angustiosa e pungente vai passar-se nesse mesmo cemitério entre o trovador e sua mãe. Se o trovador face a face com a Peregrina parece perder algum tanto de nossa simpatia por sua humildade e obstinação em suplicar por seu contínuo estrebuchar em um desespero infantil, agora nos revolta por um injustificável rasgo de insensibilidade e de dureza para com sua mísera e velha mãe. Era defeito esse trovador uma criança sem energia e sem dignidade, a quem a paixão fazia postergar os mais santos deveres e calcar aos pés os mais nobres e suaves sentimentos da natureza. Ninguém pode ler sem desgosto os seguintes versos:

Da *Peregrina* a bárbara esquivança
Sem o golpe medir a mãe recorda;
E as frases soam na alma do mancebo

Como o tinir dos ferros e cadeias
Aos ouvidos do aflito prisioneiro;
Assoma-lhe com a dor ímpia demência,
Olvida a mãe que chora, e truculento
Nas garras do delírio estrebuchando,
E os dentes a ranger, responde em fúria.

A figura do trovador se nos antolha nesta ocasião hedionda e repulsiva como um abominável possesso. A imaginação do poeta não poderia, sem alterar em fundo o plano de sua obra, conceber outro meio qualquer de desenlaçar esta situação, que não por uma tão desagradável e repugnante cena?

Não exprimimos ainda a nossa opinião a respeito do belo e interessante episódio em que a Peregrina conta sua história e a de sua família e explica ao trovador os motivos de sua inflexível isenção.É um dos trechos mais bem pensados e melhor executados de todo o poema, e se bem que se ressinta dos defeitos gerais de estilo do poema , é todavia um repouso bem grato ao leitor, fatigado das eternas e enfáticas declamações e das contínuas contorções de dor e estrebuchamentos de desespero do trovador.

No quinto canto o Sr. Macedo traça alguns painéis mais felizes. A descrição da peregrina adormecida em seu leito, o sonho sinistro que teve nessa noite fatal são trechos escritos com mais naturalidade e com mais alguma graça e vigor de inspiração. Desse sonho a peregrina é arrancada pela mãe do trovador, que lhe vem bater à porta e implorar misericórdia para seu filho. São por demais extensas as súplicas e imprecações que a velha dirige à amada de seu filho; ela, que nessa ocasião devia dar tanto valor a um minuto, ela que espiava com angustiosa inquietação o curso da lua, que em breve ia marcar o prazo fatal em que o trovador jurara despenhar-se da Rocha Negra, por que perde tanto tempo em discursos de copo

de água?... Se ela fosse mais concisa, se condensasse em frases mais enérgicas e curtas o que tinha de dizer à peregrina, teria mais depressa tocado o seu coração, mais inclinado à misericórdia, teria poupado tempo, e talvez, quem sabe? Teria salvado seu filho. Pela garrutice perdem-se de ordinário os fantasmas da Rocha Negra: quando tomam a palavra e encetam um discurso, não há mais ver-lhe o fim.

E a carreira da peregrina e do trovador, esse galope infernal em que ambas arrancam já tão tarde demandando os cumes da Rocha Negra?! Nada por certo mais doloroso, nada mais aflitivo! Uma pobre moça delicada e frágil e uma desgraçada velha alquebrada pelos anos e pelas angústias a correrem, a correrem como doudas... a ponto de perder o fôlego por veredas ásperas e solitárias faz dó... mas, - talvez nos enganemos – esse espetáculo aflige o coração, porém nada tem de nobre, nada que enleve a imaginação. Já o dissemos e ainda o repetiremos; o Sr. Macedo, que traz os seus personagens sempre a bramir nas garras do desespero, ainda se compraz em infligir-lhes os mais terríveis suplícios físicos, já fazendo-as cair entre pedras e tingi-las com o sangue de sua fronte, já, como agora, obrigando as mais frágeis e delicadas criaturas a uma marcha forçada por veredas íngremes e escabrosas.

(Continua)

* * *

A Atualidade, 28 de março de 1860, nº 74, p. 2 e 3.

PARTE LITERÁRIA

A Nebulosa, poema do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

(Continuação do nº 72)

É o sexto e último canto da Nebulosa: a noite vai alta; o trovador firme em seu projeto de suicídio lá vai galgando os cumes da Rocha Negra. Vede, com quão gentil donaire, com quão garboso porte, com que graciosas atitudes não vinga ele os escabrosos tergos do rochedo sinistro!... seus anelados cabelos em formoso desalinho esvoaçam à mercê das brisas; traz a fronte erguida com altivez nobre e serena; um dos braços, em que traz dobrada a púrpura capa como a toga de um conquistador romano, curva-se, e deixa que a mão pouse na ilharga com o mais primoroso chiste: com a outra abraça a harpa, que mimosa se inclina sobre o ombro; seu passo é gracioso e nobre, como o de um guerreiro vitorioso que sobe no carro triunfal: diríeis que marcha a passo de dança e ao som de músicas.

Com mais galardia não pisa o palco um corifeu da cena trágica. Se o visse então a peregrina, antes dele matar-se por amor dela, ela teria morrido de amores por ele.

Nós pensávamos que o trovador, ao ir consumar o sacrifício da sua vida, devia ter a alma agitada pelas mais horríveis tribulações; que teria portanto o olhar turvo e cabisbaixo, ou dardejando sinistros lampejos, o passo incerto, os movimentos desordenados, os cabelos revoltos e eriçados e as feições contraídas por um sorrir convulsivo e satânico. Mas não; - o trovador apresenta-se em cena lesto, garboso e desempenado, como um perfeito dandy.

De onde porém lhe provinha esse ar sobranceiro, esse gesto elegante e altivo, esse olhar de conquistador e esse sorriso de herói? De onde lhe provinha tão orgulhosa galhardia? Era algum herde que se ia imolar pela pátria? Era algum mártir que ia verter seu sangue pela fé? Era alguém que se ia sacrificar por alguma idéia grande ou algum sentimento generoso? Oh! não; era um fraco que devia ser tão miserável aos olhos da própria consciência como aos dos outros; era um filho desnaturado, que ia matar-se sacrificando sua mãe, a quem

legava o desespero e a angústia. Por conseguinte, em vez de ostentar esse ar tranqüilo e altaneiro, como o de um herde, em lugar de marchar soberbo como um rei, gracioso e elegante como um dandy, devia andar cabisbaixo e e acabrunhado ao peso da vergonha, da dor e do remorso.

Depois de assim apresentar-se no cimo da Rocha negra com esse ar formalizado e elegante, como um ator, que acaba de estudar nos bastidores seus gestos e atitudes, o trovador desprende a altíssona voz, e começa a falar aos ventos do deserto. Dez vezes toma a palavra, dez vezes cala-se para tomar fôlego, colocar-se em nova atitude, ou dar às suas reflexões nova direção. Não o acompanharemos em todas essas tiradas mais ou menos longas; só diremos, que em todas elas reina a ênfase, a difusão, o alambicamento de estilo, e a incorreção da frase: o trovador mostra-se tão pretencioso em sua linguagem guindada, prolixa, e enfática como nesses gestos e posturas elegantes, que parecem estudados.

Todavia não podemos deixar de fazer alguma observação sobre um desses discursos, proferido pelo trovador a correr e a saltar por entre as rochas; é o sétimo, e não é dos mais curtos. *Orlando Furioso* corria, saltava, rolava, pelo chão, mordia a terra, enfurecido pelos desdéns de Angélica. D. Quixote de la Mancha, na serra Morena, pôs-se nu, e desatou a virar cambalhotas, e a praticar mil sandices e extravagâncias por amor de Dulcinéia de Toboso. Mas, quando isto faziam, estavam mudos, e se soltavam alguns sons, eram ais e gemidos eram apenas interjeições ou bramidos inarticulados. O trovador porém levou-lhes a palma nas demonstrações de seu amor, pois que a correr e a saltar entre rochedos, como um possesso, conseguiu produzir um longo e bem deduzido discurso.

Depois desse discurso frenético, em que solta as mais horrendas pragas contra uma mulher inocente, discurso de que dificilmente

daria conta pela maneira singular por que teve de proferi-lo, correndo e saltando às escuras entre rochedos, o trovador corre furioso para a horda do precipício, lá vai precipitar-se... mas lembra-se de sua harpa, a quem ainda não disse adeus, volta-se para ela e lhe dirige as mais amorosas e derretidas falas.

Não era por certo muito grande o amor do trovador para com a peregrina: se o fosse, esse amor lhe encheria a alma inteira e não deixaria tamanho lugar para uma pobre harpa.

Oh! Romantismo! A quanto não obrigas os corações ainda os mais apaixonados!... o que não fazes desse pobre trovador, que se esquece de sua amante, de sua mãe, de sua alma e de deus, para desmanchar-se em finezas e requebros diante de um miserável pedaço de pau!

Embora essa harpa simbolize o gênio, a poesia e a glória; o que é a glória, a poesia, o gênio em vida de um amor que nos leva ao suicídio?

Vede se a poesia, a glória e os versos preocupam tanto assim o bardo do Sr. Castilho. O bardo do Sr. Castilho nem tinha mais harpa, ou se a tinha dela nem mais se lembrava; sem dúvida a tinha esquecido pendurada a um canto ou a tinha quebrado em algum marco do caminho, de sorte que ela não o incomodou nos últimos instantes de vida, e nem tem de fazer-lhe tão compridas despedidas. Se algumas vezes o ciumento bardo se lembra de poesia ou de versos, é de relance, e exprime-se desta maneira:

Versos que ela inspirou, que ela cantava,
Fugi, despedaçai-vos; - tu, com ele,
Vai-te ao lago, e perece, indigna trança!

É que o bardo do Sr. Castilho, sentia a sua existência, e a sua felicidade aniquilada pela traição de uma mulher, e o trovador do Sr. Macedo apenas sentia a sua vaidade de poeta desatendida pela peregrina.

E como são ternas, mimosas, adocicadas e derretidas as expressões que o trovador dirige à sua harpa!... *Minha companheira, minha fada, meu anjo, meu gênio de amorosas falas, minha rosa, minha irmã, minha esposa, minha amiga, filha,* - eis os epítetos com que a brinda. Diríeis que o trovador ia morrer de amores, não pela peregrina, mas pela harpa.

Porém, em vez de morrer por ela, o trovador ia dar-lhe a morte por suas próprias mãos. Depois de a ter coberto de carícias, de lhe ter dirigido os mais requebrados protestos de amor, levanta-a sobre a cabeça, e a descarrega por três vezes contra o rochedo.

E três vezes bradou: - *Adeus, minha harpa!...*

Cruel trovador! Porque assim quebraste esse instrumento inocente de tua glória, essa harpa, fiel consoladora de tuas mágoas? Não era melhor que a deixasses, coberta de flores, não sobre o teu túmulo, que o não tiveste, mas em algum arvoredo solitário, ressoando ao vento da meia-noite, senão como um gemido de maldição, que ecoasse eternamente aos ouvidos daquela ingrata Peregrina? Mas tu eras um ingrato, e quiseste deixar despedaçada a tua harpa; como deixaste despedaçado o coração de tua pobre mãe... Ou antes tu eras um homem excêntrico, que querias tornar-te notável por atos esquisitos e extraordinários. Não consultaste o teu coração, mas sim a tua fantasia, pervertida pelo Romantismo.

Do sublime ao ridículo não há mais que um passo. Não pode haver aforismo de maior exatidão.

Querendo elevar a exaltação do trovador ao mais alto grau do sublime o Sr. Macedo o atirou de golpe nos abismos do ridículo.

Os motivos, que o trovador previamente alega para justificar esse atentado não são satisfatórios; esse ato, que não tem explicação, só pode ser considerado como o desatino de um louco furioso; a imaginação não lhe acha encanto; a razão o condena e o bom gosto dele se arrepia.

Esta queda por si só era bastante para aniquilar o trovador. Mas ainda temos de vê-lo precipitar-se em corpo e alma do cimo da Rocha Negra nos abismos do oceano.

Cuidais por ventura que vai morrer daquela, por quem morre?

Não; - uma barquinha aloja lá ao longe entre as neblinas do mar; é a douda que navega em direção à Rocha Negra... ei-la, que aposta,e sobe, como a druida das florestas gaulesas, a esse penedo, que ia servir de altar a um abominável sacrificio. Quem a vês desoras em tão ermo sítio poderia resistir aos encantos daquela figura tão cheia de beleza, de mocidade, de amor e de celeste magia! O trovador praticou com ela longo tempo e ouviu-lhe por fim a declaração de um amor longo tempo abafado nos seios da alma, não pôde resistir, atirou-se nos braços que lhe estendia essa mulher radiante de formosura, de delírio e de amor; seus hálitos se confundem, movem-se os lábios e trocam um desses beijos que resumem uma existência inteira; e assim estreitamente enlaçados precipitam-se nas ondas.

O sacrificio foi profanado; o trovador traiu morrendo esse amor de que por dez anos fizera tão ardentes protestos aos pés da peregrina.

Pobre peregrina! Tu, que em companhia dessa velha e miseranda mãe, corrias nesse momento anhelante e sufocada de cansaço, lacerando tuas roupas, magoando teus delicados pés nos zorzaes e asperezas do caminho, para salvar esse homem, se chegasses a

tempo de presenciar essa cena, se o visses antes de morrer, entregar-se nos braços de outra, libando nos lábios dela um longo, ardente e delicioso beijo... ah! Como não recuarias de horror, como não amaldiçoarias mil vezes o momento em que te lembraste de ser sensível, e como não exclamarias de uma vez para sempre –

Jamais?

Mas infelizmente para ti, chegaste tarde, e não presenciaste essa feia aleivosia; julgaste que o sacrifício foi sem mancha; e por isso caíste fulminada sob o peso da maldição da mísera mãe. Ah! E de que modo horrível te faz morrer o poeta, caindo, e esbarrando com a mimosa e encantadora boca de encontro aos pedaços da harpa! E com que verso bárbaro e furiosamente desentoado exprime ele esse teu último e doloroso transe!

Qual ferida de um rario [sic], a peregrina
Cai com os lábios de encontro a harpa quebrada.

A pobre mãe é a última vítima, que nesse sinistro altar é imolada de um modo miserando; cai morta de cansaço e de dor, e a queda – vede a barbaridade do Sr. Macedo – a pobre velha arrebenta o crânio em um rochedo, e o inunda de seu sangue.

Descansai agora em paz pobres e inocentes vítimas do desgrenhado e furioso Romantismo de um insensato trovador! A memória desse homem, que vos votou o tão desastroso fim será sempre odiosa; e as mães que vierem sobre elas derramar flores ou lágrimas censurarão as suas filhas ao dizer – jamais – a quem quer que traga entre as mãos a harpa do Romantismo.

Desculpe-me o Sr. Macedo o tom da franqueza e da severidade de nossas censuras; a vista da profunda indiferença que reina entre

nós pela cultura das letras , julgamos fazer um serviço aos poetas e literatos chamando ao campo da discussão o mérito de suas obras. Se acaso esses nossos pobres escritos são lidos e conseguem despertar algum interesse pelos produtos da nossa literatura pátria, a Nebulosa será mais procurada e lida com mais atenção e cuidado; e não faltará campeão que se incumba de mostrar a improcedência de nossas censuras. Pela nossa parte teríamos grande prazer se as víssemos por alguém vitoriosamente repelidas..

O poema do Sr. Macedo já foi qualificado pela hábil pena de um jornalista que também é poeta e literato distinto, - como um dos mais belos poemas dos tempos modernos. Mas esse juízo, proferido dogmaticamente, não foi desenvolvido nem justificado. Que prazer para nós, que glória para o Sr. Macedo e para as letras brasileiras se ele for agora confirmado!...

FIM.

* * *

Pinheiro, Cônego Fernandes Pinheiro. *Curso de Literatura Nacional.* 1862

LIÇÃO XLIII
ESCOLA ROMÂNTICA BRASILEIRA

Na galeria dos poetas cujos perfis toscamente esboçamos impossível seria deixar de contemplar o Sr. Dr. Joaquim Manuel de Macedo. Indesculpável descuido tem sido deixar esparsas por essas publicações destinadas à efêmera existência suas mimosas e faceiras poesias; de sorte que difícil nos sendo colecionar todas elas, teríamos o desprazer de nada citar do nosso espirituoso colega, se

não possuíssemos um poema cheio de vida, de brilhante colorido, e de melódica versificação. A *Nebulosa* é uma composição fantástica, no gosto desses poemas orientais que encantam pelos arabescos da imaginação. Ninguém o lerá uma só vez: ninguém deixará de sentir a necessidade que experimentamos de abrir suas perfumadas páginas para retemperar nossa alma nas fontes do belo, sempre que nos sentirmos arrastados para o estéril terreno do positivismo.

Ainda que não localizasse o Sr. Dr. Macedo a ação do seu poema é ele inteiramente brasileiro; porque só um brasileiro poderia destarte descrever os sublimes horrores da natureza tropical:

> Como duas colunas de guerreiros,
> Gigantes feros que avançando irados
> Param ambos a um tempo antes da luta,
> Deixando ao turvo olhar espaço breve,
> Duas filas de rochas escarpadas
> Tinham rasgado o pélago raivoso
> Frente a frente estacado: inabaláveis
> Os pés fincavam no profundo abismo,
> Em suas frontes remoinhavam nuvens
> Quais da vingança tenebrosos planos.

Ao lermos a imprecação do Trovador contra a placidez da natureza que contrastava com a agitação que dentro de seu peito turbilhonava, vieram-nos à mente as páginas incandescentes que a vulcânica pena de lord Byron legou à posteridade. Transcrevendo-a aqui, esperamos associar o leitor ao juízo que acima formulamos:

> Oh Natureza! Minha dor insultas!
> Na tua placidez leio um sarcasmo,

Abomino-te assim, amo-te horrível
Que quer dizer um mar que não rebrama,
Uma terra que nada em luz de encantos,
Um céu que tormentoso não ribomba
Quando no coração temos um inferno?
Oh! Mil vezes o horror e a tempestade:
Apraz-me em guerra ver a natureza,
Abalada em seus elos mais profundos;
A terra, o céu, o mar, rugindo a um tempo.
Do mundo escárnio, preso aos pés do mundo,
Eu sou como esta rocha estéril, negra,
Zombaria do mar, exposta às vagas;
Desgraçado, aborreço a dita alheia
E ouço meus hinos no chorar dos homens!
Sim, o raio, a serpente do horizonte,
Que coriscante morde e rompe as nuvens;
Os trovões a bramir, tigres do espaço
As montanhas ao pego embravecido
Nas praias se quebrando e branca espuma
Do rochedo atirando à face turva,
O vento impetuoso em mil refregas
Gigantes da floresta, arrebatando
Pelos ares que raios incendeiam
Para açoutar as nuvens com seus ramos,
Que orgulho foram da vetusta selva;
Sim, o raio, os trovões... o pego... os ventos...
Ao som da tempestade alçam meus hinos.

Com o pincel de Sanzio e as cores brasileiras desenhou o poeta o seguinte mimoso retrato da *Peregrina*:

Ao ver-lhe a breve e graciosa boca
Suas madonas retocara Urbino;
O bico da trocaz rubor mais puro
Mão tem que os lábios seus, nem mais altura,
Que os finos dentes neve cristalina,
Ao cisne do Uruguai não cede em graça
Seu colo altivo e belo, e nem às fadas
A cintura no mimo e delgadeza.

Pode servir de resposta à virulenta acusação que ao sexo feminino o Bardo do Sr. Castilho a seguinte apóstrofe, que contra os homens dirige a *Peregrina* do Sr. Dr. Macedo:

Mulher, irmã, escuta-me; não ames
Quando a teus pés um homem curvo e teso
Jurar amor, chorar pranto de sangue,
Não creias, não, mulher, ele te engana.
As lágrimas são galas da mentira,
E o juramento manto da perfídia;
O homem é rei que tiraniza e ao menos
A isenção nos garante a liberdade.
O homem que pede amor merca uma escrava:
Se agora é flama todo, em breve prazo
Em gelo se transforma, e desabrido
Ou a despreza sem pudor, ou cedo
Com a indiferença mata-a. Somos flores
Que enquanto novas de ornamentos servem,
E murchas pelo chão rolam pisadas.

Copiado ao natural é o papel da mãe: é uma verdadeira fotografia: e nenhuma (cremos nós) existirá que deixe de reconhecer-se nestes belíssimos versos:

> Filho! Filho! Uma mãe... (só mães o sentem)
> É o símbolo do amor mais puro e santo,
> Amor que nunca esfria, o transe, o fado.
> Extremosa nem vê do filho os erros;
> É feliz só com a dita de seu filho,
> Só desgraçada se a desgraça o fere;
> Se um crime o nodoou mesmo no crime
> Ama-o sublime, desdenhando o mundo;
> Que tem com o mundo? O crime que lhe importa?
> Lá no céu está Deus para perdoá-lo
> E ela na terra para amar seu filho.

Veda-nos o nosso plano de prosseguir no inventário das belezas deste inimitável poema, que, como a estrela d'alva, fulgura no céu das brasílias letras.

O autor da *Nebulosa* é também notável romancista e conceituado dramaturgo.

* * *

Ferdinand Wolf. *O Brasil Literário*. 1863

Macedo publicou, sob o título de "A Nebulosa" (Rio - 1857) um poema que produziu grande sensação; apesar de suas partes épicas e dramáticas, é preciso enquadrá-lo na poesia lírica, descritiva.

Este poema se compõe de seis cantos e de um epílogo em decassilabos brancos.

O canto primeiro (A rocha negra) começa com uma descrição do teatro da ação. Numa baia, sobre os lados da qual parecem pender ameaçadoras, fileiras de rochedos iguais a gigantes petrificados, eleva-se entre os blocos, cujo ápice ultrapassa o nível do mar, um rochedo mais alto que os outros, de aspecto árduo e sombrio. É o teatro de uma velha tradição. Ali morava uma mulher louca, "sabida em mágicas tremendas". Conservava-se sempre jovem e bela; os que a viram não se esqueciam mais dela e consumiam-se por seu amor. No entanto, não podia suportar a luz do sol; à primeira aparição da aurora, envolvia-se de nuvens espessas de que seu poder mágico envolvia a rocha. É por isso que a chamavam de Nebulosa. Nas noites de luar, via-se-a, vestida de branco, preparar sobre as vagas bebidas mágicas com chamas que os seus olhos acendiam e o orvalho do sol à meia noite, caminhava sobre o mar e sem molhar os pés, sentava-se sobre a rocha negra e penteava as tranças de ouro, que se balançavam ao vento; cantava e ria no mar até a volta da luz, que a fazia retornar a sua morada de nuvens. E assim viveu por muito tempo, sempre jovem e bela. Mas Deus puniu-a. Um dia encaminhou-se para a água, esquecendo-se de pronunciar "*as da cabala Satânicas palavras*", quando se lembrou já era tarde; seus pés molham-se, ela já se sente afogar-se. Em vão procura reter os braços, a tempestade cerca-a, rugidora, o mar ergue-se, e as vagas espumantes lançam-na contra a rocha negra. Procura agarrar-se mas suas mãos deslizam; olha o céu e vê despontar o dia que torna inútil sua força mágica; o véu de brumas se dissipa, o abismo a devora e sepulta ao pé da rocha negra. Ninguém não viu seu cadáver; sua morte foi tão misteriosa quanto a sua vida. No entanto, conta-se que nas noites de luar, vê-se sobre a ponta deste rochedo um fantasma

que suspira profundamente e que um frio extremo envolve. É a Nebulosa; ela canta e chora; seus acentos enganadores atraem os imprudentes que se aproximam; tomados de loucura súbita, precipitam-se no mar onde por "negros contratos" se submetem ao fantasma.

Eis porque a rocha negra passa por maldita. Infeliz o que a subir sucessivamente durante três noites de luar; cedo ou tarde perecerá miseravelmente. Os que se aproximam arriscam a vida, porque o mar tranquilo é como uma ebulição em torno. Os pescadores evitam-no, persignam-se e imploram a Deus que os guarde do poder de "A Nebulosa".

Dois pescadores por uma noite clara passavam perto deste lugar; vêem de repente uma forma humana destacar-se da margem, saltar de pedra em pedra, atingir enfim o ápice da rocha negra e aí ficar contemplando o mar. "É ele" gritam os barqueiros, "é ainda ele". É o homem que tinha vindo um mês antes à casa deles e quis habitar sua cabana, pagando grande soma de dinheiro; traz sempre uma harpa e chamam-no de "Trovador". O desconhecido não responde a ninguém, esconde-se a todos, e oculta o seu nome. Jovem e belo, é no entanto sombrio e impenetrável; seu olhar queima, seu sorriso só exprime o desprezo e a dor. Visita sempre a baia e passa as noites sobre a rocha negra, embora os pescadores o houvessem advertido dos perigos da Nebulosa. Procura ocultar uma dor imensa ou um crime terrível, de que não procura consolar-se, mas que ele quer enterrar nas profundidades do mar. às Vezes, nos grandes cataclismos da natureza que ele ama acima de todas as coisas, rompe em imprecações mas não fala nenhum nome que o eco possa trair. Às vezes, durante as noites tranquilas em que a lua brilha com todo o esplendor, rompe em queixas melancólicas, e sua harpa parece seguir-lhe os pensamentos. Na noite de que o poeta fala, ele assim

exala sua dor, quando viu uma barca aproximar-se da rocha; ela encerra uma forma vestida de branco, que não aparta os olhos dele e se aproxima cada vez mais. "Pescador, disse ele, que te fazem minhas queixas e minhas insônias? Minha dor é um segredo que o mundo não saberá jamais!" "Tua dor é segredo que o mundo não saberá jamais, mas que eu descobrirei!" responde o fantasma, repetindo as últimas palavras como um eco.

O "Trovador" reconhece então que não é um pescador mas uma barca, a pessoa que se aproxima dele três noites consecutivas, e que é a voz de uma mulher que lhe respondeu, zombando. Para enfrentá-la, o Trovador recomeça a cantar, mas o fantasma repete seus sinistros pressentimentos. Quando ele quer descer do rochedo encontra-se de repente em presença desta mulher misteriosa; quer segurá-la, mas a figura branca que tem diante de si adverte-o de não fazer nada, pois que ela é encantada: depois, apontando o mar com seu dedo de cristal, ela grita: "Pertenço à Nebulosa!"

O segundo canto tem por título " A Douda". É o fantasma que "O Trovador" viu durante três noites. Sua mães, sem recurso e repelida em toda a parte, tinha chegado um dia àquela paragem e a tinha dado à luz, numa caverna da baia, mas seu filho, tão belo, havia perdido a razão. Então, "A Nebulosa" apareceu-lhe e prometeu dotá-lo de força mágica, de desvendar-lhe o futuro e de revelar-lhe todos os seus segredos, se ele quisesse prometer-lhe obediência completa e consagrar-lhe sua filha. A desgraça desta pobre mulher levou-a a consentir nisto e "A Nebulosa" tinha selado o pacto com um beijo de fogo que deixou na fronte da mãe e da filha um sinal negro. A primeira tinha se tornado uma feiticeira temível, a Segunda uma fada e a favorita da Nebulosa. Enquanto permanecer na terra, continuará jovem e bela; o sinal que aparece em sua fronte, será mesmo um dia arrebatado pela espuma do mar, quando depois de

sua morte fizer sua entrada no reino de "A Nebulosa" e de sua amiga, a lua, para levar como uma ondina uma vida de alegrias e prazeres. Em troca, sua vida terrestre deve passar na tristeza e em lágrimas; todo o mundo a supõe louca, não obstante o seu juízo contrário. "A Douda" perdeu sua mãe; desapareceu de repente, segundo uns numa nuvem que para puni-la gira em torno da lua, segundo outros, precipitou-se no mar do alto do rochedo negro.

Mas "A Nebulosa" tomou a órfã sob sua proteção particular; acompanha-a por toda a parte, dá-lhe ordens e conselhos que ela escreve sobre as vagas com raios de lua.

"A Douda" aparece ao Trovador como um fantasma, como um ser do outro mundo. Ela pede-lhe de início que cante com ele: "Não é a voz de um homem, nem a de teu amante, porque eu a conheço; esta voz, doce como a de um anjo, enche-me de volúpia indizível." "O Trovador" diz-lhe que é uma harpa e a pobre fada grita: "Não é nem harpa nem mulher, nem anjo que se deve chamá-la, mas amor que fala".

Encantada, ela escuta os sons da harpa e conjura o Trovador a fazer falar este amor na sua hora última, na hora de seu triunfo porque eles morrerão juntos; ela quer morrer embalada por esta doce harmonia. Depois ela conta a sua história ao estrangeiro, cujo espanto cresce e pede-lhe que também conte a sua. Mas este não quer atendê-la; então a fada declara sabê-la quase toda e saber que ela se resume na única palavra "nunca". O "Trovador" treme de ouvi-la, e como persiste em guardar silêncio, a fada lhe diz: "Não hesite mais em comunicar seus tormentos a quem quer que os compreenda. Também amo, conheço os desejos do amor que enchem toda a natureza e aos quais as fadas são igualmente submetidas. Conheço as dores que causam e não quero curar-me deste amor, como uma mãe conserva sua afeição por seu filho,

mesmo quando ele paga com gratidão". O coração do "Trovador", abre-se então; quer dizer a sua sorte à companheira de dores que o Céu lhe envia, contar-lhe o amor que o seu pejo até então havia ocultado. "Atrás da negra floresta está um belo vale. É lá que eu vivo e vi o dia. Cresci na fartura, amei meus pais, afastado do mundo e abandonado aos sonhos de minha imaginação. Uma primeira desgraça me atingiu: perdi meu pai. Uma noite – já contava mais de vinte anos – fui além do fim comum de meus passeios; de repente uma voz chocou meu ouvido, tão embriagadora que nada se lhe podia comparar; esta voz era de uma jovem, bela como o sorriso de Deus; apaixonei-me dela. Mas minhas súplicas foram vãs, ela não respondeu a meu amor, não me deu mesmo uma esperança e me respondia sempre com o fatal nunca... ela via meu desespero, podia calcular os estragos que a paixão exercia sobre minha vida, e compadecia-se de mim mas repetia sem cessar o terrível "nunca". Recorri então a uma feiticeira que morava numa gruta vizinha, e lhe perguntei como poderia alcançar o amor inexorável. Depois da haver por longo tempo refletido, a feiticeira respondeu: "Louros". Neste momento, "a Douda" pergunta ao Trovador, se não tinha notado alguém à entrada da gruta. "Sm, disse ele, uma pobre menina de dez anos que me ouvia chorando". Depois continuou seu relato: "Deixei minha mãe para procurar combates, obtive vitórias, ganhei a glória e tive louros, que pus aos pés de minha amada. Porém ela respondeu: Jamais. Voltei então à casa da feiticeira, recriminei-lhe os infrutíferos conselhos e reclamei um filtro mais poderoso. Depois de Ter refletido por longo tempo, ela disse: Cantos. A "Douda" interrompe de novo o Trovador, perguntando-lhe se não notou alguém perto da feiticeira. "Sim" disse ele "uma jovem de quinze anos que me contemplava a vida". "Assim é", grita a Douda. O trovador continuou: "fiz-me então trovador, meus cantos celebram minha

amante, encantavam todos os homens, mas ela só respondeu-me com o eterno jamais. Fui procurar pela terceira vez a feiticeira porém ela estava morta". "Mas, gritou a Douda, ouviste uma voz dizendo: Teus males são sem remédio. Morrerás deste amor, mas alguém morrerá contigo; era minha voz".

O Trovador suplica então à Douda que lhe prepare um filtro que ganhe o coração de seu amante. "Há dez anos" disse ele, que eu não vejo minha mãe; não sei mesmo se ela vive ainda. Meu amor fez que eu me esquecesse dela, meus grandes feitos, minha glória de trovador, minha vida e a salvação da minha alma; sinto mesmo que este amor é uma vergonha e leva-me a crime, mas sou fraco demais para rompê-lo. Escuta, mulher, que ninguém te chame de louca! Não és louca. Sê por mim um anjo ou uma fada, inventa uma bebida mágica, contenta meu amor, e tudo o que possuo é teu. É em vão que a Douda responde que ela é fada, estigmatizada e réproba de Deus; ele persiste em sua súplica. Coberta de dores, cai a seu joelhos e grita: "Cedo ao destino. A Nebulosa predisse-me, escreveu sobre as vagas, ela que não mente nunca, que não há remédio aos teus sofrimentos e que as fadas possam preparar. No entanto, quero fazer uma tentativa de que ninguém me poderá pagar. Não podes conceber o que ela me custa; sinto-o e Deus o sabe. Irei encontrar a mulher que adoras, falar-lhe-ei, e se eu conseguir comovê-la, tanto melhor para nós dois". O Trovador cai de joelhos, mas a Douda fá-lo levantar-se e diz-lhe, tristemente, despedindo-se: "Não te humilhes assim, nem mesmo diante de uma fada; é só diante de Deus que um homem deve dobrar os joelhos. Ao crepúsculo, irei ao vale que conheces, e lhe falarei. A lua precipita-se em seu curso, eu parto. Adeus. Faz-me ouvir o amor que fala". A Douda subiu então à sua barca.

O Canto Terceiro "A Peregrina" descreve a morada da amada do "Trovador". Chama-se assim porque ela apareceu sozinha por ali (*vive só de harmonia e perfumes*) – sua residência é um vale delicioso, envolto de florestas sombrias, um "silvestre pavilhão", no meio encontra-se um lago. A Douda chega aí ao por do sol e vê a peregrina repousando sobre a relva; é tão bela, seus encantos são tão poderosos que a Douda não pode deixar de gritar, não obstante o seu ciúme: "Na verdade é ela que eu deveria amar". A esta exclamação, a Peregrina, ergue-se e pergunta espantada à Douda que ela é e o que procura às margens do lago. A louca, abismada na contemplação da estrangeira, perturba-se com esta pergunta e recorda-se do fim para que veio. Lembra-se de sua promessa, o desespero a retoma, foge em torno do lago, quer precipitar-se nas ondas; porém aqui percebe sua imagem que ela toma pela da Nebulosa, irritada de sua hesitação; e se submete contra a sua vontade. No entanto, ela não pode dirigir-se diretamente à Peregrina. Cheios de dor e ciúme, seus olhos circundam-na, a esta flor que ela falará, a estrangeira lhe parece Ter tomado esta forma, a rosa a ouvirá. Ela faz então soar um canto de amor doce e lamentoso.

"Nem sempre rosa, linda flor, has sido
Nem sempre o mimo do secreto lago;
De encanto és presa, de vingança exemplo,
Se agora és rosa, foste já donzela.

Doces aromas que teu seio exala,
Revelam mudos de teu fado a história;
Também sou maga, e desnudei arcanos;
Sei que és donzela, e só no aspecto rosa.

Lembras-te acaso das passadas glórias?...
Tecera a graça em tua face um ninho;
Raios amor nos olhos teus vibrava,
E contendias formosura aos anjos.

Na voz as fadas te entornarão filtros,
Eras do mundo maravilha e assombro;
Em flor és menos, qu´em mulher; rainha
Se hoje és das flores, já das belas foste.

Muitos te amarão: - juras e protestos
Deixaste, surda, que a teus pés morressem;
Deusa impiedosa, só de ti ganharam
Desprezo frio, adorações ferventes.

Nem de um poeta o coração domou-te
O olhar de fogo, e derreteu-te o gelo;
Pobre insensata! Nem sequer sabias,
O que é poeta, e que missão o alteia!

Do céu trombeta, que na terra soa
Raio do gênio, vítima da glória;
No céu tem palmas, tem na terra angustias,
No seio a glória, e na cabeça o gênio.

Flor que desponta, quando à natureza
Com santo amor o olhar de Deus fecunda,
Predestinado, que aleitarão fadas;
Mito de pranto e fogo: - eis o poeta.

Impenetrável rocha que desdenha
A linha pura, que em seu dorso corre,
Assim, tu foste, desprezando extremos,
Qu'ardente poeta esperdiçou contigo.

Pira sublime, recendendo amores,
Alma de fogo derramada em hinos,
Só teve em paga enregelada frase,
Jamais! – a frase, que à esperança é morta.

Com efeito, a Peregrina ouviu este discurso e referiu-se a sua pessoa; no entanto, pergunta à Douda, porque veio e quem foi que a mandou. Esta responde então, antes tímida, e hesitante; depois ergue os olhos para ela e a encara atenta: "Vim por ordem da Nebulosa para sacrificar-me por alguém que sofra. Treme, diante de seu poder sempre presente". A Peregrina lastima então a Douda, cujo estado ela reconheceu a este discurso, mas esta grita: "Não me lamentes, sou a encantada, as alegrias me esperam. Tu, sim é que eu quero lastimar, tu que violas a lei de Deus, e ousas irritar a Nebulosa. Arrepende-te portanto que é tempo ainda; és uma criminosa, pois fechas o coração ao amor". A Peregrina responde-lhe então que está tomada de um santo amor pela natureza, por Deus, pela divindade do homem, pela virtude, por um amor livre de sensualidade. A Douda diz-lhe em tom ameaçador: "O reconhecimento também é uma virtude; o trovador que te deu tantas provas de amor e abnegação, tem direito ao teu reconhecimento. Teme a vingança da Nebulosa, teme a perseguição dos silfos; são os espíritos das mulheres que te fizeram falsos juramentos de amor; eles te envolverão sempre".

O estrangeiro interrompeu então o discurso, e respondeu tranquilo e orgulhoso: "Não extravagues mais; dize a quem te envia, que persisto no meu nunca; quanto a ti, evita o amor; o amor dos homens traz a desgraça; o de Deus é o único que dura e dá a felicidade". Após estas palavras fugiu como um cervo assustado.

Enquanto a Douda pensava na maneira por que responderá ao Trovador, este sai da mata e declara ter ouvido tudo. "Pronunciei minha sentença", disse ele se quiseres rever-me, "apareça à meia noite na rocha negra". Depois desapareceu e a louca repetiu tristemente: "A meia noite".

O quarto canto nos conduz aos túmulos. Num canto apartado, envolto em sombrias florestas de negras montanhas, eleva-se uma montanha que domina todas as outras. No seu ápice um solitário tinha outrora construído um eremitério; o monge morreu, sua casa estava em ruínas; o altar somente eregido no pórtico, ao meio das numerosas tumbas, se havia conservado; a lâmpada não se apagava nunca e foi a única luz que dissipou as trevas. Ignora-se quem alimenta a chama, no entanto conta-se que um espectro de mulher, de roupas negras, de cabelos alvos como a neve, subia todas as noites à montanha para manter a lâmpada acesa.

Na noite que se seguiu ao colóquio da Peregrina com a Douda, viu-se aparecer ao raiar da lua um homem caminhando entre túmulos, e que se ajoelha e reza... é o Trovador. Depois se ergue e procura um túmulo, o de seu pai. Atira-se de joelhos, invoca seu espírito, queixa-se dos males que sofre e despede-se dos despojos terrestres do autor dos seus dias. Ao tombar da lua, o Trovador quis por fim à existência que ele não pode tolerar por mais tempo. Pensa também em sua mãe; cheio da dor mais profunda, grita: "Ah, minha mãe!" e desaparece e erra como um possesso em meio aos túmulos. Mas de repente, escutam-se vozes que partem da entrada do

cemitério; uma diz com tom imperativo, porém muito doce: "Quero entrar sozinha, rezar sozinha, espera-me à porta." Por muito tempo, o Trovador caminha junto à montanha afundado na lembrança de sua mãe; enfim ergue os olhos, encara o altar, onde vê uma mulher aos pés da cruz e rezando com fervor; depois se levanta, põe as mãos no peito e grita dolorosamente: "Ah, minha mãe" O Trovador precipita-se sobre ela para assisti-la, ele segura-lhe as mãos, leva-a quase com violência à luz da lâmpada, encara-a e solta um grito: é a Peregrina.

Por um instante, mostrou-se aterrada; logo mais, no entanto, se refaz e encara a cruz que a deve proteger. O Trovador também, assaltado pelos sentimentos mais diversos, permanece a princípio silencioso; finalmente diz num tom de censura, afetuoso: "Encara apenas a santa cruz, mulher que me arrebatou os sentidos! Não vês que a barreira, que puseste entre nós dois não passa de uma inspiração do inferno? Não vês que a mãos de Deus nos conduz para aqui? Não vês que estamos ao pé de um altar?"

A "Peregrina" diz então que veio para rezar ao túmulo de sua mãe no dia de sua morte. O Trovador suplica-lhe que de novo o escute, que consagre este altar ao amor, e ele responde o terrível nunca. No entanto, a piedade que se apodera dela fá-la consentir em explicar ao Trovador que razões e juramentos a forçam a persistir na recusa. "Tu és o primeiro, diz ela, - que sabe o segredo de minha existência; saberá porque eu desprezo o amor dos homens. Minha mãe foi vítima da sedução; deste episódio nasci eu e uma irmã gêmea. O pai de minha mãe morreu de desespero; no seu leito de morte, amaldiçoou a filha: Possa também ela morrer de dor, a dor que me arrebata a existência! que a vergonha das filhas seja a morte da mãe" – Para esconder sua desonra e impedir o efeito da maldição, a infeliz retirou-se ao mais fundo da floresta. Crescemos afastados

de todos os homens, mas isso não impediu que se espalhasse a fama de nossa beleza. Um jovem de alta linhagem apareceu na região. Começou por dar festas esplêndidas, que evitamos; depois partiu para voltar disfarçado em camponês. Chegou assim a insinuar-se no coração de minha irmã; e esta foi vítima da sedução; o pérfido abandonou-a para casar-se com uma mulher de sua classe. Minha mãe enlouqueceu, mas a morte logo veio para por fim à desgraça. No seu leito de morte, recobrou a razão e conjurou-me de nunca mais escutar palavras de amor ditas por homem. A maldição de seu pai cumpriu-se assim sobre a minha mãe; ela logo morreu de dor. À agonia fez-me jurar que repeliria qualquer declaração de amor, que nunca daria a nenhum homem a mínima esperança. Prometi e minha mãe morreu repetindo nunca. Depois deste acontecimento, deixei esta região de dores e dirigi-me para esta paragem ainda solitária para manter fidelidade ao meu juramento. Devo dar-te a resposta fatal: não posso mesmo fazer-te esperar que eu te atenda um dia." Foi em vão que o Trovador suplicou à Peregrina ; ele protestou a pureza de seu amor; ela não quis dar lugar no seu coração ao que não fosse amor de Deus e do que há de divino na natureza; sente-se feliz com estes sentimentos. Desesperado, o Trovador, anuncia-lhe que se ela se recusa de ser seu anjo, ela será seu carrasco, que sua dureza o levará ao suicídio. Diz-lhe adeus e pede-a de consolar sua mãe, chorando com ela.

A Peregrina censura então o Trovador por seus pensamentos criminosos, sua fraqueza tão pouco digna de um cristão; este mostrou-se presa de um acesso de amor, do qual a peregrina se evade pela fuga. Atira-se em seu encalço, choca-se de encontro a um túmulo e afasta-se todo sangrento.

Desperto de seu desmaio, pelo ar fresco da noite e o orvalho, o Trovador encontra-se só, envolvido de túmulos e poeira; só a

lâmpada espalha alguma claridade. Tudo recorda a morte e o seu coração parece disposto a padecê-la. Abandona-se a este pensamento e abisma-se por completo em sombrias meditações. De repente, começam a ouvir-se passos na capela, a chama se reanima, ele percebe uma mulher como a que a tradição descreve a manter a lâmpada. O "Trovador" sente-se arrastado para a aparição que para com o objetivo de esperar; um passo os separa, a lâmpada ilumina seus traços, reconhecem-se. "Meu filho! Minha mãe!" gritam, precipitando-se um no braço do outro. Mas aquele encontro depois de dez anos de separação, em tal lugar, e em tal oportunidade, e semelhante futuro, uma separação bem mais longa em algumas horas! A alegria da mãe é curta; a voz do filho só lhe anuncia o desespero, a sua resolução de por fim a uma vida insuportável. É em vão que ela devolve toda a eloquência, de que o amor materno é capaz, é em vão que lhe dirige ao seu filho as recriminações mais ternas e lhe mostra o seu desespero, e ele, preso de uma fúria de amor, anuncia-lhe sua decisão irrevogável: "Quando a lua ainda brilhante desaparecer atrás das sombrias montanhas, eu me precipitarei do alto da rocha negra, no mar espumante." Nuvens espessas ocultam então a lua, a lâmpada se apaga, e trevas profundas passam a envolver toda a região. A mãe procura reter seu filho com ansiedade, e foge como um furioso; Só o eco responde a seus gritos de dor; com a força do desespero, atira-se nas trevas, à sua procura.

O quinto canto tem por título "A Mãe". Descreve os esforços do amor materno para salvar o filho. A mãe do "Trovador" encaminha-se em meio das trevas par a casa para a casa da "Peregrina", na esperança de que a dor de uma mãe desesperada acabasse finalmente por tocar o coração de uma jovem. A "Peregrina" tinha visto em sonhos repetidos a vingança da "Nebulosa", os sofrimentos inauditos da mãe do "Trovador"; um pavor crescente a despertou. Ouviu

batidas na porta, e a "Peregrina" viu entrar esta desgraçada, como um sonho lh'a havia descrito. Esta procura persuadi-la ora pelas preces as mais tocantes, ora pelas imprecações as mais terríveis, a salvar seu filho e segui-la à rocha negra, antes do tombar da lua; como em sonho, dirige-se à "Peregrina", dizendo-lhe: "Salva-o". Profundamente comovida a "Peregrina" atira-se de joelho, diante da imagem da madona para pedir-lhe conselho; ergue os olhos, e vê a lua inundar de seu doce brilho a Virgem que a encara e parece convidá-la à compaixão. "Sim, é a ordem de Deus. Salvarei teu filho, apressemo-nos" disse enfim à mãe do "Trovador".

Ambas correram à porfia com a força que dá o amor. De tempos em tempos, encaravam ansiosas a lua, como se suas preces e seus olhares pudessem retardar seu curso; mas o astro das noites avança tranquilo e sereno: vai mais depressa do que as duas mulheres. À sua chegada à rocha negra, a lua desaparece no horizonte.

O sexto e o último canto, a "Harpa quebrada" descrevem a morte do Trovador, cuja harpa se quebra como o coração.

À meia-noite, ele chega ao rochedo que ele galga como um triunfador, a harpa a seu lado. Chegado ao ápice, alivia o coração num longo monólogo; pensa na morte, na esperança, no amor, na paixão. Depois dirige os pensamentos para sua mãe, e sua amada. Os sentimentos de orgulho ofendido e de amor desprezado apoderam-se dele, com uma força sempre crescente; rompem em maldições terríveis contra a ingrata. Mas a visão de sua harpa o abrandou; despediu-se desta amiga; entoa com ela seu canto de cisne (Hino de morte, em estrofes de seis versos rimados, com estribilho; ao fim de cada dístico uma das cinco cordas da harpa se quebra.) Esta companheira querida, eco de sua alma, não deve ser profanada por nenhuma voz estrangeira; de morrer por suas próprias mãos; o "Trovador" grita: "Adeus, minha harpa!" balança-a três vezes acima

de sua cabeça a atira-a com violência contra o rochedo que a destrói. Depois, como um pai reúne os ossos do filho, o cantor recolhe os fragmentos da harpa quebrada, beija-os, aperta-os até que se escapem de suas mãos cansadas. "Vate sem harpa é uma alma sem idéia", grita o "Trovador" com a voz sufocada.

"Vate sem harpa é alma sem idéia;
Harpa quebrada coração sem vida
Tudo pois consumei agora à morte".

No entanto, repousa ainda uma vez sobre o rochedo – a lua não tinha ainda desaparecido. E silencioso, abismado em seus pensamentos, e pela última vez pensa na vida.

De repente, vê uma canoa deslizar sobre as vagas que o astro das noites ilumina. Aproxima-se do rochedo, de que sai uma mulher de vestes resplandecendo brancura, alva como o véu de uma noiva, ou como um sudário. Ela galga o rochedo, aproxima-se do "Trovador", detém-se diante dele e encara-o com olhos apaixonados. Mas o cantor não a vê; sua própria dor fá-la esquecer-se da que ela causou aos outros; a ingratidão da "Peregrina" encheu-o de tal modo que não teve a menor idéia de que estivesse incidindo na mesma culpa. (O poeta apostrofa aqui "Trovador" censura-lhe o egoísmo de seu amor, e a cegueira de sua paixão. Esta passagem nos parece tão importante para a apreciação do poema e de sua tendência, que a transcrevemos:

E tu, ó Trovador, tu, que, em delírio,
Do desespero escravo, a morte evocas,
E nas garras do crime a vida afogas;
Tu, que ímpio ousaste contra a rocha

Em pedaços fazer a harpa do gênio;
Tu, que no mundo a mãe tão carinhosa
A sós deixaste em hórridas torturas;
Tu, que a pátria esqueceste, honra e virtude,
E o próprio Deus no suicídio ultrajas;
E tudo e tanto porque cego aos raios
De beleza cruel em paixão louca
Da ingratidão o fel tragaste horrível.
Trovador, Trovador, tu que experimentas
Quanto é fero esse amar sem ser amado,
Que dirias se inesperada visses
Aos olhos teus, qual tu, votada à morte)
De teu rigor uma extremosa vítima?...

No momento em que a aparição se reencontra com ele, pensa na felicidade que o esperava se a sua amada o escutasse e aparecesse diante dele para confessar-lhe seu amor. De repente, ergue a cabeça, vê o fantasma branco, acredita o seu sonho realizado, levanta-se e diz: "És tu?" Mas não era ela; era a Douda, enfeitada como uma noiva, estendendo-lhe a mão e dizendo: "Vês bem que eu acabo de falar; já é meia-noite. Esperavas-me? Vim para morrer contigo, de acordo com minha promessa. Segui a voz de meu coração, as ordens da Nebulosa, e o apelo de toda a natureza: o céu, o mar, a floresta, tudo pronuncia a palavra fatal: Morre! Chegou a hora de meu triunfo; a lua vai desaparecer, iremos para o Império da Nebulosa. Queria no entanto chorar mais uma vez ainda, antes de morrer; faze que eu ouça as doces harmonias da harpa, do "amor que fala". O "Trovador" mostra-lhe tristemente os restos deste instrumento. A Douda rompe então em queixas e censuras:

N'um ponto só nos distinguiria a sorte:
Tu foste amor de apreciados cantos,
E eu sou amor de lágrimas perdidas
Ambas harpas de amor, eu só mais triste.

"No fundo do mar, no palácio de ouro da Nebulosa, junto às fadas imortais encontrarei a harpa, *Do Nosso féro algoz nos lembraremos*, as vagas levar-te-as até ali, depois voltarão para levar-me também." A estas palavras a Douda atira os fragmentos da harpa no abismo.

Reconhece então o "Trovador", apavorado, que ele não respondeu a este amor, que não chegou mesmo a notá-lo que o coração da Douda estava também partido e corria ao encontro da morte tal qual ele; vê que cometeu para com a pobre moça a falta que imputa à Peregrina; a Douda suportou até aqui a dor sem se queixar, sacrificou-se por seu amante, que não duvidava de nada; mas enfim falou: "Saiba que ninguém mais me impõe o silêncio. O poder das fadas é grande porém não pode contra o amor. Ele emana de Deus que anima o universo, elas são submetidas a esta paixão, elas amam e quando o fazem é para a eternidade; amor é-lhes um fogo devorador e só lhes traz desgraça e morte. Ó "Trovador"! não me compreendes ainda? Sou fada e vou morrer. Porque? – Não o sabes? Cego, jamais me observaste, abre ao menos os olhos, beija uma moribunda! Criança, já te amei sem que eu o soubesse, jovem, tua imagem mostrava-se a mim em meus sonhos, mas tu, escravo de outro amor, não me mostraste mais que uma fria indiferença. Eu te amei ainda mais, segui-te por toda a parte, embriaguei-me com os teus cantos, tornei-me a confidente de teu amor, que me fez mártir; se eu o tivesse podido, eu vos teria reunido com minhas próprias mãos. Nunca te pedi mais que um sorriso de agradecimento, cheio

de mágoa por mim. Amei, chorei, e sacrifiquei-me; e tu, ó Trovador, não viste nada! Portanto, eu te amo sempre, como o ar ama a flor, os pássaros a aurora, o tornasol o sol, os anjos, o céu. Tua voz acorda ecos em meu seio, meus olhos brilham ao fogo dos teus. Eu te amei como ninguém ama! Dei-te minha alma e ofereci-te meu corpo; expondo-me a castigo terrível. A "Nebulosa" e minha mãe o sabem; uma no fundo do mar escuta minha voz, outra escuta-a acima das nuvens. Amei-te apaixonadamente, amo-te ainda com toda a força de minha alma!"

Tarde demais, o "Trovador" reconheceu o que perdera, o que uma paixão cega lhe havia arrebatado; tarde demais, porque o seu coração está seco, e semelhante a um deserto que o orvalho do céu desconhece. Pede no entanto à Douda que viva e esqueça. Mas esta grita em êxtase, enquanto o trovão anuncia a tempestade e a lua desaparece: " é contigo que eu morrerei, sou tua noiva, tu me verás em toda minha beleza, o leito nupcial já está pronto no império da Nebulosa; despertemos. Ao triunfo! ao amor! à felicidade! à glória!"

Ternamente abraçados, exalando suas almas num beijo, o "Trovador" e a "Douda" precipitam-se no mar.

A tempestade rompe. A natureza está em revolução. Uma horrenda nuvem envolve a rocha negra... (*Tudo é trevas... horror... borrasca e morte*).

O epílogo descreve a manhã seguinte a esta noite monstruosa. A tempestade se acalma, o mar é tranquilo, o céu sem nuvens, a natureza inteira respira paz e alegria; ela parece renascer. Só dois infelizes aproximam-se da rocha negra; sua ansiedade, seu desespero feroz, formam um contraste chocante com o que os envolve. A mãe do "Trovador" e seu amante chegaram muito tarde; é em vão que a primeira chama seu filho. Os soluços da jovem são a única resposta a estes acentos. Ela encontrou, à margem da praia, os restos da harpa;

beija-os e cai acabrunhada. De repente, a mãe do Trovador grita-lhe: "Ingrata! Maldita sejas!" Depois se afasta com o coração partido de dor.

Vimos acima que classificamos este poema na poesia lírica descritiva; cremos que só deste ponto de vista é que podemos apreciá-lo convenientemente e compreender seu sucesso. (V.I.Fr.Da Silva, Dicionário, SV, p127).

A análise precedente basta para provar-nos que nem o assunto nem a maneira pela qual é tratado são épicas. O primeiro é tão simples – vemos aparecerem quatro pessoas cuja solução muda só um pouco – que conviria melhor a uma balada ou uma novela. A forma é antes a do drama; o poema compõe-se quase que todo de monólogos e diálogos, entre os quais são intercaladas partes narrativas; só as descrições de cenas da natureza e as reflexões dos poetas ocupam aqui às vezes um espaço um pouco maior. (Vê-se aqui o poeta arrastado para a forma que agradava entre todas a seu talento dramático. Podemos mesmo dizer que com alguns cortes e um certo número de mudanças pouco importantes, poder-se-ia ter feito da Nebulosa um drama lírico muito bom e digno de emular com "Norma"). Mas o tom e os caracteres são essencialmente líricos; estes atingem todo o seu desenvolvimento, não podem ir mais longe, são antes os representantes de uma afeição da alma dada, de um sentimento dominante, de sorte que se aproximam da prosopopéia.

O "Trovador" é a personificação do amor desprezado com seu egoísmo e suas paixões excitadas ainda pelo orgulho ferido; vemos o wfwito que produz sobre o homem. Em "A Douda" o autor nos mostra este mesmo sentimento agindo sobre um coração de mulher, onde se traduz numa resignação e numa devoção que chegam à loucura. Acreditamos que este contraste é o traço dominante do poema e o próprio autor confirma-o na apostrofe o "Trovador"

citada acima. (Assim o "orador" do Instituto Histórico e Geográfico (Revista, XX, supl., p.54-56) numa revisão das produções poéticas de 1857, louvou a "Nebulosa" com um tom de panegírico tão forte, que se deve atribuir grande parte de suas palavras ao exagero, tão frequente nos discursos acadêmicos. Em troca, caracterizou muito bem o poema, dizendo: "*A Nebulosa é uma visão em seis cantos, e o poema do amor da beleza, e do ideal; é uma inspiração, uma Odisséia de amor*", etc.)

Teríamos preferido ver o poeta dar à sua obra o título de amor desprezado, ou outro parecido; chamou-a "Nebulosa" por ser com efeito um ser nebuloso, de que fala tantas vezes, mas que não tem influência sobre os caracteres e o desenvolvimento da ação e cujo poder não se manifesta. É absolutamente e apenas o fundo de cena. Parece-nos mesmo que o autor não compreendeu bem a natureza e a ligação da "Nebulosa" com seu assunto e seus caracteres, que teriam ganho se tivesse afastado este aparelho fantástico, que só existe na imaginação de "A Douda". Ora, com efeito, esta aparição nebulosa e as que lhe prestam homenagem são representadas como fadas desprezadas por Deus e marcadas de um sinal de opróbrio; ora são fadas vingando o amor desprezado e recompensando-o com uma vida futura cheia de alegrias e de que elas próprias gozam: seres heterogênios, desconhecidos para a verdadeira poesia popular, que distingue com muito mais exatidão as fadas boas e más. Acreditamos poder atribuir o colorido misterioso e terrível do quadro, a este falso Romantismo que os franceses puseram na moda, e que vê o seu verdadeiro elemento no horrível, no fantástico e no misterioso.

O elemento lírico, a pintura dos afetos da alma é o lado brilhante do poeta, coisa tanto mais meritória que se torna facilmente monótono. Ele soube fazer progredir e aumentar sentimentos sempre idênticos no fundo; leva-os até o êxtase, no sexto canto, no seu final

principalmente. As descrições não são menos dignas; notem-se particularmente as das regiões em que a ação se processa; o poeta toma aqui naturalmente por modelo a beleza selvagem e luxuriosa da natureza de sua pátria. É preciso levar à conta da imaginação dos países tropicais numerosos quadros cujo colorido é exagerado para o nosso gosto. (P. ex. a descrição da beleza da "Peregrina".)

É precisamente esta cor patriótica, são estas, provas manifestas de um grande talento poético, do encanto de uma dicção florida e de uma versificação melodiosa que deram a "Nebulosa" sucesso tão enorme."

* * *

Machado de Assis. *Semana Literária. Joaquim Manuel de Macedo: O Culto do Dever.* 16 de Janeiro de 1866.

" (...) Em geral, as personagens [de *O Culto do Dever*] estão apenas esboçadas; o espírito não as retém; ao fechar o livro dissipam-se todas como sombras impalpáveis; como elas não comovem, o coração do leitor não conserva o menor vestígio de sensação, a menor impressão de dor.

Faltariam ao poeta as tintas necessárias para traduzir uma obra melhor? Sinceramente, não; contestando o merecimento d'*O Culto do Dever*, seria ridículo negar o talento do Sr. Dr. Macedo. O que desejamos, sobretudo, é que os talentos provados, os talentos reconhecidos, tenham sempre em vista o interesse da sua glória, e não se exponham ao desastre de produzir um livro mau.

O Culto do Dever é um mau livro, como *A Nebulosa* é um belo poema. Esta será a linguagem dos amigos do poeta, a linguagem dos

que amam deveras as boas obras, e almejam antes de tudo o progresso na literatura nacional.

O que esses desejam sinceramente é que o Sr. Dr. Macedo, nos lazeres que lhe deixar a política, escreva uma nova obra, evocando a musa que outras vezes o inspirou; as letras ganharão com isso; o seu nome receberá novo lustre, ficando-nos o prazer de registrar nestas mesmas colunas o esplendor da sua nova vitória.

Isto em relação ao poeta.

Pelo que diz respeito às letras, o nosso intuito é ver cultivado, pelas musas brasileiras, o romance literário, o romance que reúne o estudo das paixões humanas aos toques delicados e originais da poesia, - meio único de fazer com que uma obra de imaginação, zombando do açoite do tempo, chegue, inalterável e pura, aos olhos severos da posteridade."

* * *

Silvio Romero. *Literatura, História e Crítica*, 2002.[626]
Silvio Romero, *A Literatura Brasileira e a Crítica Moderna*, 1880.

O Sr. Alencar, como o Sr. Macedo, não teve fisionomia própria e original. O último tem escrito uma série de romances ligeiros, cujo fundo e cuja forma são sempre os mesmos, isto é: o mesmo estilo pálido opilado, cobrindo o mesmo enredo sem animação, falho de toda vida. A Moreninha e todos os seus filhos posteriores formam uma série de romances que um espírito cáustico chamou romances

[626] Segundo o organizador da edição, Luís Antônio Barreto, os textos que compõem esta obra são extraídos de *A Literatura Brasileira e a Crítica Moderna*, de 1880, cujos ensaios saíram na Revista Brasileira e em outros periódicos esparsos do país.

de balaio! Tais são; só podem fazer as delícias de costureiras bem pouco lidas.

Não acho o Dr. Joaquim Manoel de Macedo mais feliz no seu poemeto-romance a – Nebulosa. A forma métrica, por isso que não lhe é familiar, mas bastante embaraçosa, devia obrigá-lo a ser um pouco mais pensado...

* * *

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1882.

(...)

Também na poesia devia ensaiar-se o distinto escritor. A *Nebulosa*, apesar de tudo, é um ensaio bastante meritório e não duvidamos que ao menos certas partes finquem assento permanente em nossa literatura.

Este livro pode considerar-se como a última corda de sua lira, como o último trabalho que ele fez dominado unicamente por preocupações literárias.

* * *

Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1882.

Como romancista e- o que é mais- como romancista de uma época viciada, Joaquim Manoel de Macedo subscrita livros como *Rosa* e *Juca*, como *O Moço Loiro*, como *O Forasteiro* (incompleto), *Dois Amores*, *Moreninha*, *Sineta Mágica*, *Vicentina*, *A Carteira de Meu Tio*, *Vítimas Algozes*, *Mulheres de Mantilha*, *Namoradeira*, *Nina*, *Romances da Semana*, *4 Ventos Cardeais*,

Baronesa do Amor. Na poesia Macedo firma *As Nebulosas* (sic); no teatro, ele deixa o seu nome ligado a grandes peças – *Luxo e Vaidade*, *Fantasma Branco*, *Lusbela*, *Torre em Concurso*, *Novo Otelo*, *Cincinato* quebra-louça, Ano Biográfico. Lente do imperial Colégio Pedro II, o literato transforma-se repentinamente e assina um pequeno resumo da História Nacional.

Se, diante da responsabilidade literária do escritor, as suas obras, no geral apressadas, não satisfazem inteiramente a uma exigência retilínea, a crítica moderna, transportando-se ao tempo de que faz parte o literato que desaparece, há de necessariamente justificar a popularidade que adquiriu.

* * *

O Binóculo, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1882.

(...)

J.M.de Macedo, no romance, no poema, no drama, na comédia e até no folhetim, revela-se-nos como uma capacidade intelectiva brilhante e multiforme, e como um talento de complexidade pouco vulgar.

Atentemos para o período mau em que iniciou ele os seus tyrocínios; não nos deslembremos das situações mesológicas, tão debilitantes então para o espírito dos escritores; e depois disso façamos-lhe justiça. Se em Macedo não vemos, por exemplo, uma séria preocupação dos processos artísticos, e a seus trabalhos em geral faltam essas exterioridades formulísticas de hoje, contudo o *Cobé*, *A Nebulosa*, o *Luxo e Vaidade*, a *Torre em Concurso*, as *Memórias da Rua do Ouvidor*, *O moço Loiro*, *A Moreninha*, *Rosa*, *Os Dois Amores*, as *Vítimas Algozes* e uma longa série de romances

de costumes e de obras de diferentes gêneros denunciam nele essa vasta multiplicidade de manifestações e essa fecundidade numérica, com que já um crítico português caracterizou perfeitamente o gênero de Walter Scott. J.M. de Macedo tem em todo seu grande edifício literário a sua própria defesa, sólida, mássica e inconcussa.

* * *

Silvio Romero, *História da Literatura Brasileira*,1888.

"O poema da *Nebulosa*, que será oportunamente apreciado, pertence àquela primeira fase, pela data, pelo estilo.

Mas como *O cego, Cobé, Sacrifício de Isaac, A Nebulosa*_são escritas em versos, nomeadamente endecassílabos não rimados, pode-se dizer que a tal ou qual ênfase que se lhes nota na forma era realmente devida à influência indicada de Magalhães e do autor das Brasilianas . felizmente na prosa, no romance, na comédia, no drama, nos pequenos escritos, o autor do *Moço Loiro* não teve aqueles guias, porque o pouco que escreveram em prosa não teve influência nenhuma na literatura brasileira.

As obras de filosofia de Magalhães são da última fase de sua carreira e sempre foram pouco lidas; as comédias de porto-Alegre ou não foram representadas ou o foram sem a mais leve repercussão, e as que saíram impressas não foram lidas. As suas críticas de arte e seus discursos no Instituto Histórico passavam quase despercebidos.

Destarte, descubro a influência dos *Suspiros Poéticos* , de *O Poeta e a Inquisição*, das *Brasilianas* na fatura do verso, no *tour* da frase, na colaboração geral do estilo das mais antigas produções de

Macedo – no Cego, em Cobé, na Nebulosa... e não descubro influxo daqueles prógonos nos escritos em prosa do escritor de Itaboraí."

* * *

Alfredo Taunay (Visconde de Taunay). *Memórias.* 1890.

"Neste ano de 1858 foi que apareceu a *Nebulosa*, e o Miguel José Tavares lia-nos trechos com indizível entusiasmo. Por causa desse poemeto, prodigiosamente mediocre, recebeu o Macedinho o oficialato da Ordem da Rosa e isto nos pareceu a consagração de um talento *hors ligne*, credor da admiração de toda a culta Europa.

Pobre Macedo! Vi-o, depois, tão ludibriado pelos *novos* que iam chegando, depreciado em todos os seus livros, repelido pelos editores.

Tinha contudo legítima veia literária, e os seus discursos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, proferidos com voz clara, pausada e um tanto plangente, produziam impressão compatível com aquele sonolento local, cuja influência tive, depois, de experimentar no caráter também de orador".

* * *

BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. *Anthologia Nacional.* 1895, p. 13.

"Romancista popular, não se esmerava na forma e principalmente brilhou como pintor dos costumes nacionais. Foram suas mais notáveis produções neste gênero: *A Moreninha*, *Rosa*, *Vicentina*, e *O Moço Loiro*. No Teatro apresentou peças, algumas das quais

ainda com aplauso são levadas à cena, e entre outras nos ocorrem: *Cobé*, drama, *O Fantasma Branco*, ópera, ou antes comédia ornada de canto; *A Torre em Concurso*, comédia, etc. *A Nebulosa*, poema-romance, é a mais importante composição poética de Macedo".

* * *

Blake, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Biobibliográfico Brasileiro*. 1898, p 183.

Sacramento Blake, 1898.

A *Nebulosa*: poema-romance em seis cantos e um epílogo. Rio de Janeiro, 1857, 299 pags. In.4º - É escrito em verso endecassílabo solto, e oferecido ao Imperador. " A Nebulosa, disse M. de A. Porto-Alegre, depois Barão de Santo Ângelo, é o poema do amor, da beleza e do ideal; é uma inspiração, uma odisséia de amor em que a musa fluminense, à semelhança do Visná da Índia, toma as mais formosas e variadas incarnações para nos conduzir através de nuvens irisadas, de torrentes de harmonia, de jardins que falam, de túmulos que manam lágrimas melodiosas, lágrimas que sobem e se condensam em duendes adoráveis; de rochedos exarados de inscrições; fugazes, povoados de espectros erguidos das espumas do mar; e para nos conduzir ainda por um vergel de delícias inefáveis, nos dá duas mulheres, o som de uma harpa que se denomina *Amor que falla*, e o conjunto dessa triada que se revela no *Trovador*, na *Louca* e na *Peregrina* que decifra amores nos perfumes das flores... A musa do Sr. Dr. Macedo é uma dessas apsaras formosas do Himalaya que vive fruindo o perfume das flores e que, depois de o haver modificado em seu seio apaixonado, o derrama sobre a terra, sobre o thálamo delicioso ou entre lábios de dois corações que voam

ao extremo da ventura; é uma nympha do deus Indra que adeja musicalmente e em cada zona, que perpassa como um sonho venturoso, se reveste de um novo esmalte".

* * *

A Nebulosa no Século XX

Romero, Silvio. *Compêndio de História da Literatura Brasileira*. Edição Comemorativa. 2002, p.242-243

Silvio Romero, 1909[627]

Quem estuda Joaquim Manuel de Macedo somente em suas obras dramáticas e em seus romances não o conhecerá completamente se não apreciar nele o poeta.

Além dos dramas escritos em verso, de muitas poesias líricas que correm em avulso, deixou o vate fluminense o poema d'*A Nebulosa*.

Se Máxime du Camp disse do *Ahsverus*, de Edgar Quinet, *qu'il est peu-être l'oeuvre la plus lyrique et la plus forte du romantisme*, podemos nós dizer que a Nebulosa, em peculiar sentido, como obra de fantasia, de imaginativa, onde abundam irisados sonhares, nevadas aparições, vibrantes descritivas, é o mais forte produto, na poesia, do Romantismo brasileiro. O poema está cheio de trechos magníficos, e como exemplo baste-nos repetir os que lhe servem de pórtico:

Deixando ao turvo olhar espaço breve;
Duas filas de rochas escarpadas

[627] Luís Antônio Barreto, organizador, informa que a edição reproduz a de 1909, que diverge da primeira, de 1906, pela retirada dos autores vivos e inclusão de outros nomes, e "pelo cuidado de não provocar polêmicas", como afiançaram, em 1909, os editores.

Tinham, rasgando o pélago raivoso,
Frente a frente estacado; inabaláveis
Os pés ficavam no profundo abismo,
E em suas frontes remoinhavam nuvens;
Quais de vingança tenebrosos planos.
Curta passagem concedida às águas
Entre os pétreos colossos se estreitava;
Fora rugia o mar, e além das rochas
Mansa e bela enseada se escondia;
Pela estreita garganta se escoavam
Para o seio abrigado ondas serenas
Do oceano traidor fugindo a medo,
Com piedosas inspiradas virgens,
Que no mundo escapando, o claustro asila.
Dentro estava a enseada; em frente as rochas
Como atalaias de mansão vedada;
Níveas praias, que as ondas galanteiam,
Os flancos lhe engraçavam; densos bosques,
Florestas seculares, altos montes,
A campinas ridentes sucedendo,
Por encantada terra se entranhavam.
No sítio infiltra a solidão magias;
Breves passos do mar via-se apenas
De um pescador cabana preguiçosa.
E ali por entre as ondas se desdobra,
Qual um Tritão que debruçado aferra,
Meio na água submerso e todo em sono,
Longo espinhaço de troncuda rocha.
Para no meio de outros que o semelham
Peças mil que ou de essência são vizinhas,

Ou já penhasco enorme um só formaram,
Que o tempo em cem penhascos dividira;
Mais alto do que os outros, sobranceiro
Ao pego que raivoso aos pés lhe atira
Ondas bravas de cólera espumando,
Um rochedo elevado, áspero e negro,
Velho pai da família de granito,
Audaz, se arroja à frente, o vulto eleva
Sobre o mar que a rugir lhe açoita as plantas,
Enquanto afogam-lhe o cabeço as nuvens.

O poema é todo neste tom grandioso e exuberante.

* * *

José Veríssimo. *História da Literatura Brasileira.* 1963, p. 175.

José Veríssimo, 1916.

"É autor de um poema romântico, no gênero um dos melhores produtos literários dessa época.

Deixou mais de vinte romances, quase outras tantas peças de teatro, poesia e aquele poema romântico em seis cantos, livros de história e corografia do Brasil, quatro grossos volumes de biografia, obras didáticas, discursos acadêmicos e políticos, além de estudos históricos, folhetins e artigos diversos de sua colaboração em jornais e revistas. Afora os romances, o teatro e aquele poema, o resto é de somenos valor.

Num momento de feliz inspiração escreveu Macedo **A Nebulosa**, poema não só romântico de intenção e de escola, mas minimamente romanesco. Não obstante a sua sensibilidade lamurienta, e o aparelho ultra-romântico da ação, cheia de maravilhas de mágica, há

neste único poema de Macedo, grandes belezas de poesia e de expressão. Mais de um trecho seu ainda nos impressiona pela força de emoção que lhe pôs o poeta. Mas ainda para o tempo demasiava-se o poema em indiscretos apelos ao patético e sentimentalidade que fazem que hoje não o leiamos sem enfado."

* * *

Ronald de Carvalho. *Pequena História da Literatura Brasileira.* 1922, p. 282.

Ronald de Carvalho, 1922.

"Na *Nebulosa* do Dr. Joaquim Macedo, sentiu a 'vulcânica pena de Lord Byron' , e ainda 'o pincel de Sanzio' ".

* * *

Carlos José dos Santos. *Bernardo Guimarães na Intimidade.* 1925, p. 197.

Carlos José dos Santos, 1925

Bernardo Guimarães não foi, em seu tempo, muito aplaudido nos círculos literários do Rio de Janeiro, porque criticou, com muito espírito, a "Nebulosa" do Macedo, a mais importante composição desse escritor.

Ora, Macedo era o oráculo daquele tempo e apesar da grande amizade que o grande artista dramático João Caetano votava ao poeta foram baldados os seus esforços. Os dramas de Bernardo foram sempre rejeitados pelo Conservatório Dramático do Rio, por influência de Macedo.

* * *

Basílio de Magalhães. *Bernardo Guimarães*. 1926.

Basílio de Magalhães, 1926

Quarta Crítica [628]

A Nebulosa", poema-romance de Joaquim Manuel de Macedo, em seis cantos e um epílogo, foi editada no Rio de Janeiro, em 1857. Sobre essa produção já se havia manifestado encomiasticamente a imprensa indígena, e, entre os juízos que mais a cumularam de gabos, contava-se o de Manuel de Araújo porto-Alegre, cantor do "Colombo". Bernardo Guimarães entendeu de divergir dos demais críticos e traçou da obra do seu companheiro de letras e até de partido uma rigorosa e estirada apreciação, que se encontra na "Atualidade", nºs de 4, 11,18 e 25 de fevereiro, 3, 17 e 28 de março de 1860.

A análise é extensa, não em conseqüência do número de jaças patenteadas pelo censor, e sim porque fez este uma súmula minuciosa de todo o poema, que não é pequeno (Além do resumo de Bernardo Guimarães, só vi outro de igual minudência em F.Wolf.). Acabado esse resumo, que argue conscienciosa leitura, diz o crítico: - "Como poeta, o trovador já não foi bem sucedido em sua estréia: mostrou-se um grande amplificador, de estilo túmido e difuso, sem inspiração nem energia; como filósofo, suas idéias não têm aquele vôo elevado, que convinha a um poeta, e seu estilo não diverge em nada de qualquer dos mais rançosos compêndios de filosofia".

[628] Basílio de Magalhães comenta as quatro críticas elaboradas por Bernardo Guimarães no jornal *A Atualidade*, de 1860. A quarta crítica tem como tema *A Nebulosa*.

Esmiuçando falhas na forma e no fundo, aqui e acolá, se descobre algumas que, a seu ver, são graves, e proclama-as com entono, às vezes repassado de chiste. Por exemplo, deparando-se-lhe os versos:

> "...De neve o seio,
> De neve os braços, de cristal os dedos,
> E a mão, que alveja, como os pés, mimosa...",

Indaga: - "Qual a razão por que, sendo de *neve* o seio e os braços dessa gentil criatura, o poeta dá-lhe dedos de *cristal*?" E, depois, ainda declara afigurar-se-lhe confuso o último dos referidos versos.

Na parte coronal da crítica, vislumbra-se que a esta, do modo por que foi feita, o propeliu a mesma causa que o arrastara à atitude anterior para com o épico dos "Tymbiras", isto é, que ele não era homem para curvar-se ao *magister dixit* e tinha a coragem da putações[sic] literárias já consagradas pela opinião verdade até para chocalhar defeitos nas re-nacional[sic]. Com efeito, depois de pedir ao autor da "Nebulosa" excusa do "tom de franqueza e da severidade das censuras",assim termina: - "O poema do sr. Macedo já foi qualificado, pela hábil pena de um jornalista. Que também é poeta e literato distinto, como *um dos mais belos poemas dos tempos modernos*. Mas esse juízo, *proferido dogmaticamente*, não foi desenvolvido, nem justificado. Que prazer para nós, que glória para o sr. Macedo e para as letras brasileiras, si ele agora for confirmado!"

A verdade, entretanto, é que "A Nebulosa" encerra trechos de rara beleza, como o "Colombo" e "A Confederação dos Tamoyos". Mas todas essas obras-primas do nosso fecundo período romântico há muito que caíram em completo olvido, não somente por pertencerem a uma escola já morta, como principalmente por serem

demasiado longas. Do "Colombo" afirmou alguém, com tendencioso espírito, que apenas o leram de princípio a fim duas pessoas: - o revisor das provas tipográficas e d. Pedro II, a quem fora dedicado o poema. E Eunápio Deiró disse, certa vez, que a epopéia de Porto – Alegre tinha sido lançada "no ossário do poema da *Confederação dos tamoyos*, o qual hoje só é lido por algum ousado abelhudo..." Creio não errar assegurando que "A Nebulosa foi também inhumada nesse mesmo ossuário... (O padre Correia de Almeida, que , ferinamente alvejado até nos seus melindres de sacerdote sério, descontinuara a polêmica em má hora travada pelo "Correio Mercantil" com o irreverente crítico da "Actualidade", a este não perdoou os insólitos arranques de 1859. Alguns anos mais tarde, quando em 1863 (época em que Bernardo Guimarães trocara a férula literária pela judicatura de Catalão) deu à luz o terceiro volume das "Sátiras, epigramas e outras poesias" (ed. de E.& H. Laemmert), contra aquele pinchou pesado "Cavaco" (em 42 sextilhas), em que, depois de novamente acoimá-lo de "sapo", chegou ao ponto de lançar-lhe o baldão de "analfabeto inconcusso". Além de desforçar-se por esse modo e de zurzir com rancor tão longamente aziumado a um ilustre comprovinciano, já de todo afastado dos torneios jornalísticos, - ainda tomou a peito o Tolentino mineiro o defender a Macedo e a Gonçalves Dias dos ataques que haviam estes sofrido, sem revide algum, da audaciosa pena do redator-literário da "Atualidade". Depois de referir-se à crítica benévola de Bernardo com relação às "Inspirações do Claustro" de Junqueira Freire:

"Ele, enfim, somente aprova
Poesias de defunto,
Porque ao poeta na cova,

Aprovação bolorenta
Pode servir de água-benta",

assim patrocina a causa da "Nebulosa" de Macedo:

"Si ao marfim braços opacos
Poeta de hoje compara,
A censura fá-lo em cacos,
Achando incoerência rara,
Porque o vate aos dedos finos
Ousa chamar crystalinos!"

* * *

Jorge O. e Almeida Abreu. História da Literatura Nacional. 1930, p. 318.

Jorge O. e Almeida Abreu, 1930.

"Para o teatro escreveu (...) 'A Nebulosa', 1857, poema romance em seis cantos e um epílogo, todo em versos soltos. É esta a obra de teatro de mais profundidade."

* * *

Antonio Candido. Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos. s/d, p. 98-101.

Antônio Cândido, 1959.

"Joaquim Manuel de Macedo é um reverente cultor da treva, do desvario (...) em contraste com a sua ficção em prosa. Apesar de mais velho que os outros [Francisco Otaviano e Cardoso Meneses], só se abandonou à poesia pela altura de 1850, quando aparece na

Guanabara a terça parte inicial d'**A Nebulosa**, publicada em livro em 1857. Poeticamente, é, pois, contemporâneo dos primeiros ultra-românticos; isto, somado à nítida influência gonçalvina, explica o avanço sobre os companheiros de geração e vida literária.

Autor de algumas poesias esparsas, três ou quatro peças de teatro em verso, é porém no referido 'poema-romance', como o qualificava, que se encontra a sua melhor contribuição.(...)

A Nebulosa é talvez o melhor poema-romance do Romantismo, não excluindo os de Álvares de Azevedo; o seu interesse vem não apenas do significado que representa, como fato, para a história literária, mas também das qualidades de invenção, manipulação dos temas, beleza dos versos em certos momentos. É uma inspirada óleogravura onde vemos, com limpeza e gosto, o universo material e os traços psíquicos mais característicos do 'Romantismo monstruoso dos nossos dias', para falar como o citado de Simoni. Paixão fatal de um poeta, o Trovador, por uma insensível beldade, desenganada dos homens, a Peregrina; solilóquios desesperados sobre um rochedo, com o mar aos pés, à luz da lua; intervenção da Doida, filha de uma feiticeira, pobre donzela demente de sonho e paixão; colóquio dramático do Trovador e da Peregrina; aparecimento da Mãe, que procura movê-la a favor do filho, prestes a matar-se; alucinada e inútil corrida noturna de ambas, pois ele se mata antes de chegarem, em companhia da Doida, depois de quebrada a sua Harpa. Envolvendo tudo, a noite misteriosa, a claridade da lua, as vagas, a tempestade, a capela arruinada, o cemitério onde brilha uma lâmpada perene.

Como se vê há nesse arsenal de paródias estofo para o maior ridículo, aos olhos de hoje. Mas se nos pusermos dentro das convenções do tempo, diferente das nossas, encontraremos uma

inesperada atmosfera de poesia fantasmal, apesar da prolixidade e facilidade do verso.

Há certa forma byroniana no Trovador sobre o seu penhasco, todo negro, com um manto vermelho nos ombros, alegoria do desespero que o Romantismo incorporava ao ideal de poesia.

Meia noite!... ei-lo está: - talvez disséreis
Num trono de granito o sepulcro;
Pelo vento estendida, a rubra capa,
Sobre o negro penhasco lembra a idéia
De sangue e morte em alma de assassino;
Soltos à brisa voam-lhe os cabelos,
Cinge a harpa de amor com o braço esquerdo,
Afaga-lhe com a destra as cordas mudas,
E medita, olhos fitos no oceano.

(I, 14)

A este personagem estão associadas as imagens sólidas e definidas do poema, correspondendo à sua paixão precisa e áspera: lápides do cemitério, troncos nodosos, pedras. Como visão translúcida, insinua-se ao seu lado a tênue Doida, vestida de gazes, que vem do mar, chora, sonha, corre ao longo dos regatos por entre a folhagem, sente a atração do pélago e seus mistérios, contrapondo uma brancura diáfana ao luto cerrado do Trovador. Na sua natureza ambígua de mulher-fada, vacilando entre a terra dura e a fluidez do mar, há alguma coisa das personagens de certas baladas e contos germânicos, como a Ondina inefável de La Motte-Fouqué, casta na sua ternura; algo de uma

Willis toda nua
Das legendas da Alemanha,

ao modo da que apareceria mais tarde no verso encantado de Raimundo Corrêa.

Ei-la vai: - generoso sacrifício
Misera Doida a consumar se apressa.
Sobe alta serra, entranha-se num bosque
Umbroso e denso; e quem então a visse
Nessa que alveja roçagante capa,
Com as madeixas tão longas espargidas,
E muda e só, de espanto estremecera,
Qual se encontrara pálido fantasma,
Ou branco gênio, que a floresta encanta.

(III, 11)

Entre a sua fluidez e a negra consistência do Trovador se interpõe, carnal e sólida na sua beleza, mas imaterializada pela aspiração ideal de castidade, a Peregrina; por ela, o poeta morre, abraçado à meiga Ondina, numa noite de sábado, à luz da lua, signo maior do poema, que clareia na sua brancura o negrume do mundo, e tem na Doida uma espécie de correlativo terrestre.

Dos sábados a noite as fadas amam;
Vagam então mais livres e atrevidas
Dos maléficos a colher o fruto.
Nadando pelo ar, silfos agora,
Salamandras depois do Céu no fogo
Em meteoros ígneos lampejando,
Ondinas finalmente em claro lago,
Na torrente ou no mar dançando à lua,
Dos sábados a noite as fadas amam.

(VI, 1)

Neste cenário o Trovador desfere, sobre a Rocha Negra, o canto de adeus, onde vêm fundir-se alguns conceitos fundamentais do Romantismo: a beleza da morte, o seu caráter de fatalidade na vocação artística, libertando o poeta da incompreensão do mundo.

Vão teatro da vida, alfim deixei-te!
Eis-me pisando o umbral da eternidade.
Mansão das ilusões, mundo, estou livre;
Águia do inferno, o cisne te assoberba.
Salve, morte piedosa! Eterna amiga,
Que enxugas sempre no infeliz o pranto;
Vingança do oprimido, audaz recurso,
Anjo da glória, que coroa o gênio,
Inimiga do mundo, que arrebatas
Das garras desse tigre nobres vítimas;
Abismo em cujo fundo a paz habita,
Salve, doce mistério! Salve, ó morte!
Caluniadora vida em vão pintou-te
Hediondo esqueleto: - a vida mente! –
Tu és pálida virgem compassiva,
Que de uma vez a dor num sopro acabas;
.....
Rainha do silêncio, morte augusta,
De sigilo e de olvido arca sagrada,
Desencanto do pó, assomo d'alma,
Porta solene que se fecha ao mundo
E se abre à eternidade, salve!... salve!...
Salve papoula dos jardins do Eterno!

(VI, 6)

Não é difícil perceber neste fragmento inicial a impregnação de Leopardi, inclusive imagens inspiradas por "Amore e Morte", resultando um dos mais belos e serenos cantos fúnebres do nosso Romantismo. Por todo o poema, aliás, circula, como ficou sugerido,

uma comunicabilidade entre os elementos e os seres, a vida e a morte, a dor e a paixão, que é um dos fatores da sua magia insinuante. O suicídio do Trovador, abraçado à mulher que não ama, mas irmanou à sua tragédia, aparece, deste modo, como rito propiciatório de uma existência mais bela e essencial, como a que a Doida lhe oferece na miragem do fundo do mar, para onde também quer fugir do destino que a marcou na fronte. Por isso, quando vem se unir ao poeta para a morte, é como se presenciássemos a um noivado além da vida.

Alvacenta barquinha, graciosa,
Amor das brisas, pérola das ondas,
Que entre os fulgores do luar te mostras
Ao longe duvidosa e já tão bela!
Serás tu da esperança mensageira,
Que traga a um triste inesperado alento?
É da ventura benfazejo sopro
A que a vela te enfuna aura suave?
Linda filha do mar, a quem vestiram
Com as brancas vestes que a donzela estima,
Que quer dizer esse candor... não sabes
Que o vestido da noiva em cor iguala
A mortalha da virgem?... não te lembra
Que da donzela a c'roa se desfolha
Num tálamo de amor, ou no □epulcro?...
Alva barquinha, teu candor que exprime?...
É véu de noiva, ou virginal mortalha?...

(VI, 34)

Tais exemplos, a que se poderiam juntar outros muitos, mostram que a **Nebulosa** abre as portas de um mundo romântico, onde poucos no Brasil se moveram tão bem. As lacunas, devidas sobretudo à prolixidade, não invalidam o poema, cuja leitura ainda

hoje nos traz um hálito de fantasmagoria, sempre bem-vindo aos que são capazes de apreciar os vínculos entre "a alma romântica e o sonho",- a noite do sonho literário, onde as estrelas são as imagens dos poetas."

* * *

José Galante de Souza. *Introdução ao Estudo da Literatura Brasileira.* 1963

José Galante de Sousa, 1963

Por maiores que sejam os defeitos de *Le Brésil Littéraire* (de Ferdinand Wolf, de 1863), não se pode considerá-lo destituído de espírito crítico e feito à base do ditirambo. A importância que o autor atribuiu a Gonçalves de Magalhães se justifica pelo método adotado e pelo extraordiário prestígio que o poeta desfrutava na literatura brasileira, na época. (...) Também não devemos estranhar a minúcia com que Wolf se ocupou de *A Nebulosa*, de Macedo, dedicando-lhe nada menos de onze páginas. O poema, hoje inteiramente esquecido, era tido então como uma obra-prima. Por outro lado, *A Moreninha*, o teatro cômico, a parte da obra de Macedo que conseguiu sobreviver, não mereceu do historiador mais que duas dezenas de linhas.

Em 1859, na *Atualidade*, Bernardo Guimarães revive a tentativa de Manuel Antônio de Almeida com um espírito mais polêmico. Começa alegando os mesmos motivos: necessidade de orientar o público, mas já fala no caráter científico da crítica, o que nos meados do século passado constituía qualquer coisa de surpreendente. Poucos foram, no entanto, os seus artigos, todos de ataque. Visou, de preferência, a derrubar dois ídolos do momento: Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo, cuja Nebulosa tinha sido acolhida

com as graças imperiais. (...) Bernardo desancou-a em cinco artigos, o que, parece, causou revolta aos amigos de Macedo, embora nenhum lhe saísse em defesa.

* * *

Luciana Stegagno Picchio. *História da Literatura Brasileira*. 1997, p. 169.

Luciana Stegagno Picchio, 1972.

Sua obra lírica da qual se distingue o poema-romance A Nebulosa, de 1857, onde um byroniano trovador – de vermelho e negro, içado sobre o impérvio cume – derrama por entre lápides cemiteriais, penhascos, troncos nodosos, luares, capelas em ruínas e fantasmas, sua paixão pela peregrina.

* * *

Wilson Martins. *História da Inteligência Brasileira*. 1997, p. 52-54.

Wilson Martins, 1977

"(...) a epopéia romântica (no sentido próprio da palavra, de 'pensamento filosófico posto sob cena de forma épica', que lhe deu Léon Cellier) será representada pela "Nebulosa", de Joaquim Manuel de Macedo, cujo sucesso foi extraordinário. Claro, neste sentido, a expressão 'pensamento filosófico' deve ser tomada com um grão de sal, o que, de resto, é verdadeiro com relação a todas as epopéias românticas; e, como Ferdinand Wolf acentuava desde 1863, o poema pertencerá antes ao gênero lírico descritivo; na verdade, é um folhetim romanesco escrito em versos brancos - como "A Confederação dos Tamoios", como "Os Timbiras", como as

"Harpas Selvagens" - com todos os ingredientes do dramalhão romântico.

Dividida em seis cantos e um epílogo, "A Nebulosa" apresenta-se com a estrutura, a intriga, os episódios e o desenvolvimento das novelas de Macedo, nomeadamente "A Moreninha" e "Vicentina": um personagem misterioso, apelidado o Trovador, vem viver num rochedo da baia da guanabara, que bem pode ser a Gávea ou o Pão de Açúcar; o lugar tem fama de ser frequentado por um fantasma feminino, A Nebulosa. O Trovador encontra, porém, a verdadeira moradora do local, que é uma mulher igualmente misteriosa, tida por doida e que canta baladas à beira dos precipícios; o Trovador também as canta, acompanhando-se na sua harpa, e é assim que a Doida vem a saber da sua tragédia: ele ama sem nenhuma esperança uma donzela de extraordinária beleza. Esta, que tem o apelido de Peregrina, vive num castelo paradisíaco à beira de um lago cercado de luxuriante floresta.

Sabe-se, afinal, que, nas diversas vezes em que o Trovador viu rejeitadas pela Peregrina as suas declarações de amor, uma menina (já adolescente nas entrevistas posteriores) o encarava fixamente com olhos chamejantes; era, claro está, a Doida, que, por sua vez, o amava sem esperança desde os seus tenros anos.

Antes disso, porém, visitando o cemitério de uma ermida abandonada e vagando por entre os túmulos, o Trovador reencontra a sua mãe; ambos reconhecem-se imediatamente e atiram-se aos braços um do outro embora não se vissem há dez anos. Sabendo do que ocorre com o filho, ela decide salvá-lo do suicídio iminente e vai implorar a generosidade da Peregrina. Estamos agora no sexto canto e é meia-noite; enquanto a Mãe e a Peregrina atravessam a baía numa veloz embarcação, o Trovador sobe ao topo da montanha e começa a cantar a triste balada do seu destino, intitulada o "Hino da

Morte". São estrofes de seis versos rimados, com um refrão; ao fim de cada estrofe, rompe-se uma das cordas da harpa:

"Minha harpa, saudemos o instante da morte,
Que é lúcida aurora de eterna vitória;
O *túmulo prá os vates* é trono de glória,
E a vida é o jogo do inferno e da sorte.
E a vida é o jugo do inferno e da sorte.
O jugo quebremos, ao trono subamos;
É belo o triunfo, minha harpa, morramos!"

E como pelo canto enternecida
Da harpa dedilha uma das cordas
Rebentando soou como gemido.

"O vate é proscrito que vaga na terra,
Bem pouco lhe entendem o estranho falar,
Qual rocha batida das vagas do mar
Suporta dos homens tormentos e guerra;
Dos vates a pátria no Céu achar vamos,
Deixemos o exílio, minha harpa, morramos!"
E nova corda estala; outro gemido
Que sai dos seios da harpa, e é dado às brisas.

Quando arrebenta a última corda e os fragmentos da harpa se espalham pelo chão, sobrevem a Doida, vestida de um branco deslumbrante; censurando ao Trovador a sua insensibilidade, ela atira ao mar os restos do instrumento. Só agora o Trovador percebe que a Doida o amava; decidem-se então pelo suicídio:

O Trovador atira-se nos braços,
Que lhe estendia a amante desvairada;
Ambos se apertam, misturando alentos,
Unem os lábios, e trocando um beijo,

Um desses beijos que uma vida pagam,
Sem que morra o pudor, delícias libam;
Mas um momento só; que delirantes
Enlaçadas as mãos, ambos correndo
À extrema fatal sobem da rocha,
E às ondas furiosas vão lançar-se.

A natureza entra em convulsões, no meio de aterradora tempestade. Na manhã seguinte, quando a Mãe e a Peregrina chegam afinal ao topo da montanha, tudo está novamente calmo e risonho; vendo os pedaços da harpa, a Mãe compreende o que ocorrera e amaldiçoa a Peregrina, caindo morta em seguida:

E a velha, pobre mãe, da dor no excesso,
Sobre a rocha fatal tomba rugosa fronte,
E aberto um golpe na rugosa fronte,
Banha o sangue materno o altar da morte.

Correspondendo assim aos lugares-comuns do gosto romântico e aos seus mitos mais caros, como o poeta maldito e a natureza selvagem, a virgem pura e o amor impossível, a fantasia sobrenatural e as peripécias rocambolescas, é natural que a "Nebulosa" tenha alcançado prodigioso sucesso. Dramalhão em versos, o poema inscrevia-se harmoniosamente num universo artístico em que a ópera italiana era a manifestação suprema (...)".

* * *

José Guilherme Merquior. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira.* 1996, p. 105.

José Guilherme Merquior, 1977.

> "A primeira peça ultra-romântica de relevo publicada entre nós foi o poema-romance **A Nebulosa**, de Macedo, cuja parte inicial saiu na Guanabara de 1850. Paixão despótica, solidão sinistra, dama inacessível, virgem doida, feitiçaria e suicídio, num cenário de tempestade e cemitério: Macedo compensa a pieguice d'A Moreninha com a fórmula do baixo byronismo, porém o seu verso não carece de leveza."

* * *

José Galante de Sousa. *Machado de Assis e outros estudos*. 1979, p. 140.

José Galante de Sousa, 1979

> O clímax do seu prestígio no meio literário do Rio de Janeiro foi o aparecimento d'*A Nebulosa* em 1857. Esse poema teve a publicação custeada por Pedro II, a quem foi dedicado, e o poeta recebeu, além do elogio consagrador de Manuel Araújo Porto-Alegre, o oficialato da Ordem da Rosa a 29 de setembro. Depois ficou esquecido, porque não o bafejou sorte igual à do outro, *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, publicado em duas tiragens, uma delas de luxo mandada fazer pelo Imperador e aparecida em maio de 1856, mas duramente criticado por José de Alencar e discutido pelo próprio monarca, que não contente em arranjar-lhe defensores, veio em pessoa para o terreno da polêmica. O valor literário *d'A Nebulosa* só mais tarde, em 1860, foi contestado. Bernardo Guimarães, que pretendeu repetir a façanha de

Alencar, também anonimamente, fez sérias restrições ao poema, em larga análise, de fevereiro a março, n'*A Atualidade*, do Rio de Janeiro. Mas ninguém quebrou lanças por causa d'*A Nebulosa*.

* * *

José Armelin Bernardo Guimarães. *E assim nasceu a Escrava Isaura: a vida boêmia de Bernardo Guimarães*. 1985.

José Armelim Bernardo Guimarães, 1985

O mais notável de Bernardo , nessa fase jornalística, foi o desejo de 'meter a lenha com vontade' – a expressão é de Antônio de Alcântara Machado, em *O fabuloso Bernardo Guimarães* – nos literatos da época...

(...) A primeira dessas críticas foi inserta na "Atualidade" de 16 de julho de 1859. Investira-se Bernardo contra as Sátiras, epigramas e outras poesias, obra do padre José Joaquim Correia de Almeida, publicada em 1858. Julgou-lhe imperfeito o estilo, mais as idéias, despropositados os assuntos e impróprias certas imagens e expressões. (...)

A segunda das memoráveis críticas de Bernardo foi contra Gonçalves Dias.(...) Diz Sílvio Romero, como que justificando a censura de Bernardo ao aedo maranhense: - 'Foi sempre contrário ao indianismo e por isso criticou de Gonçalves Dias' (História da literatura Brasileira, 1903, 2º vol., pág 2400. (...) E ninguém mais estimava a Gonçalves Dias do que Bernardo Guimarães. Foi relativamente pequena a sua convivência com ele, na capital do Império, bastante, entretanto, para soldar as amizades, como se velhas fossem.

'Usava (Bernardo), amiúde, a blusa de brim pardo que Gonçalves Dias lhe oferecera no Rio. Era a sua relíquia'. (Antônio Constantino, O incrível Bernardo Guimarães, na 'Gazeta – Magazine', 23-03-1941.)

A terceira das interessantes críticas de Bernardo pelas colunas da "Atualidade", foi contra Junqueira Freire, o criador das *Inspirações do Claustro*. Muitos versos do frade mereceram, entretanto, os louvores de Bernardo.

Uma quarta e curiosa apreciação é a que Bernardo faz da *Nebulosa* de Joaquim Manuel de Macedo. Depois de ter sido esse poema incessado pelos maiores luminares da crítica, o romancista mineiro "desceu a ripa" na produção...

(...)

Fibra e caráter de um independente, Bernardo Guimarães se sentia um liberto quando emitia suas opiniões e conceitos, em nada se preocupando com a sociedade, com os tabus dominantes, com as praxes exigidas pela hipocrisia existente no mundo intelectual. Não admitia ninguém mais sincero do que ele. Foi, contudo, essa falta de flexibilidade que o fez fracassar no jornalismo, no qual, sobretudo naquela época, nem sempre é possível dizer-se o que se pensa, desde que divirja do parecer público. E quando as letras do periodismo são partidárias, então, não raro, o pobre do colunista tem de empunhar a pena de Tartufo, se não quiser ficar sem o pão de cada dia. Bernardo, porém, não tinha a espinha dorsal de borracha. Não era homem para curvar-se a ninguém. Não é sem razão que Agripino Grieco, na Evolução da Poesia Brasileira, aponta essa sua falta de flexibilidade como causa de não ter ele prosperado na imprensa carioca.

Sacrificou o vila-riquense, com isso, até a popularidade de sua obra. Tinha, então, pronto para o palco, uma peça de 5 atos,

intitulada *A Voz do Pajé*, apresentada com grande êxito em Ouro Preto, em 1860.

(...)

Tudo estava preparado para uma monumental apresentação na Corte, no Teatro Lírico, de *A Voz do Pajé*. A música seria de Elias Álvares Lobo. Joaquim Manuel de Macedo, porém, enraivecido contra Bernardo Guimarães, que lhe não perdoara *A Nebulosa*, e - no dizer de Luís Gomes de Souza Ataíde – "como não quisesse travar com o ouropretano uma polêmica, pois temia a linguagem certeira e irônica do crítico da "Atualidade", tomou o expediente de traiçoeiramente impedir a apresentação, no Rio, da tragédia *A Voz do Pajé*, o que conseguiu a contento, graças à sua influência maléfica entre os bastidores da capital do Império".

Em Carlos José dos Santos, que foi um dos poucos íntimos do bardo mineiro, encontra-se a confirmação desse fato:

"Bernardo Guimarães não foi, em seu tempo, muito aplaudido nos círculos literários do Rio de Janeiro, porque criticou, com muito espírito, *A Nebulosa* de Macedo, a mais importante das composições desse escritor. Ora, Macedo era o oráculo daquele tempo, e, apesar da grande amizade que o grande artista dramático João Caetano votava ao poeta, foram baldados os seus esforços. Os dramas de Bernardo Guimarães foram sempre rejeitados pelo Conservatório Dramático do Rio, por influência de Macedo". (*Bernardo Guimarães na Intimidade*, publicação da Revista do Arquivo Público Mineiro", 1928, pág. 29.) [629]

Realmente, Macedo andava, por aqueles idos, no princípio da fama e do prestígio, sobretudo no teatro. Suas peças, como *O fantasma Branco* e *O Primo da Califórnia*, transformadas em óperas, e o drama sacro *O sacrifício de Isaac*, publicado no folhetim

do "Jornal do Commercio" em 1859, arrancavam delirantes aplausos das platéias da Corte. Não considerando toda essa fama e conceito popular, o autor de *A Escrava Isaura* derrubou o sarrafo no dramaturgo de São João de Itaboraí. A crítica que fez da comédia *Luxo e Vaidade*, representada pela primeira vez por volta de setembro de 1860, não foi publicada por conter algo impróprio para isso, mas decorada e copiada por muitos, e andou pelos cafés e até pelas galerias e frisas dos teatros provocando risos convulsivos, tal a graça e originalidade com que foi feita, em versos chistosos e engenhosíssimos. É natural que Macedo se enfurecesse com a provocação...

Avalie-se o quanto custou ao boêmio de Vila Rica o seu topete de crítico sincero e brincalhão!...

* * *

José Antônio Pereira Ribeiro. *O Universo Romântico de Joaquim Manuel de Macedo*. 1987, p. 88-89.

José Antônio Pereira Ribeiro, 1987.

"Macedo publicou ali [na revista Guanabara] também alguns fragmentos de 'A Nebulosa', o seu ponto mais alto na poesia antes da crítica demolidora. A poesia não era na verdade a especialidade de Macedo e 'A Nebulosa', foi seu momento de perplexidade e de vitória frente à poesia. 'A Nebulosa' foi como aquele cometa que em 13 de Junho de 1857 apareceu nos céus do Brasil, passou assustando todos, mas o mundo não acabou nem foi torrado pela cauda incandescente do monstro astral: o mundo continuou e o cometa desapareceu para sempre. A Nebulosa agora requiescent in

[629] Consultamos a fonte e verificamos que data e página estão incorretos. O dito artigo encontra-se datado

pace. J.M. de Macedo, como ele gostava de se assinar, dedicou esta obra poética a Sua Majestade Imperial o Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil - do seu reverente e muito leal súdito: J. M. M.".

* * *

Tania Rebelo Costa Serra. *Joaquim Manoel de Macedo ou Os Dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. 1994, p. 85-95.

Tania Rebelo Costa Serra , 1994

"O ano de 1857, será marcado pela publicação, na França, de *Lês Fleurs du Mal*, de Baudelaire, e, no Brasil, por A *Viuvinha e O Guarani*, de Alencar, e *A Nebulosa*, de Macedo. (...)

O ápice de seu prestígio foi mesmo, deve ser dito, *A Nebulosa*, espécie de romance-poema de inspiração nitidamente ossianiana, cheio de brumas, crepúsculos e mistérios meio mágicos. Esse poema teve sua publicação custeada por D. Pedro II, a quem Macedo o dedicou. Manuel de Araújo Porto-Alegre fez-lhe elogio consagrador em discurso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

O fato é que o sucesso do poema fez com que Macedo fosse promovido ao oficialato da Ordem da Rosa (29 de setembro de 1857). Era a consagração pública, que, também, lhe trouxe críticas. G. de Souza comenta que 'o valor literário d'*A Nebulosa* só mais tarde, em 1860, foi contestado. Bernardo Guimarães, que pretendeu repetir a façanha de Alencar, também anonimamente fez sérias restrições ao poema, em larga análise (...) n'*A Atualidade*, do Rio de Janeiro. Mas ninguém quebrou lanças por causa d'*A Nebulosa*'.

---

de 15 de agosto de 1925, p. 187-197.

O crítico volta ao assunto no seu Introdução ao Estudo da Literatura Brasileira (Parte I: 'Síntese Crítico-Histórica', p.13 a 16), observando que Bernardo Guimarães escreveu ao todo cinco artigos, sob pseudônimo, 'desancando' *A Nebulosa*, sem que qualquer amigo de Macedo tenha vindo defendê-lo publicamente. Bem diferente foi a polêmica sobre *A Confederação dos Tamoios* (1856), de Gonçalves de Magalhães, que fez até com que o Imperador viesse a público em sua defesa.

B. Guimarães alega necessidade de orientar o público sobre a interpretação do poema, utilizando uma crítica de caráter científico, o que me parece surpreendente existir em meados do século passado. Não consegui recuperar esses artigos. A Biblioteca Nacional informou-me de que não os havia localizado na coleção, mas Galante de Sousa, aparentemente, leu-os.

Dentro da ótica da oficialidade dada aos textos dos integrantes do Instituto Histórico e Geográfico nos relatórios de seus próprios membros, Manuel de Araújo Porto-Alegre, como já mencionei anteriormente, louva o romance-poema de seu consórcio (in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo XX, "Suplemento" de 1857, p.100 a 103).

O longo discurso, na melhor tradição do panegírico de retórica ultra-romântica, vai comparar *A Nebulosa* à *Odisséia*. Sobre os personagens, por exemplo, diz serem 'vultos gigantescos e graciosos, roubados a Fídias e Rafael, tintas usurpadas de Ticiano e Rubens, sons arrebatados a Beethoven e Pergolesi'. A linguagem, continua o orador, tem 'frases como aquelas flores que mostram um paraíso desconhecido. A palavra, invólucro sonoro das idéias, gira num contínuo círculo de harmonias, transluzindo imagens formosas, como as flores de gemas e filigranas de um caleidoscópio radiante', e por aí afora. Conclui dizendo: 'eu vos agradeço, meu Deus, de Ter

sido companheiro no labor da vida e amigo particular de um tão belo engenho!"

Fica fácil compreender porque Bernardo Guimarães quer fazer uma crítica científica. A rigor, o tipo de oratória utilizada por Porto-Alegre era comum na época, sendo que o grupo do Paço e do Instituto Histórico e Geográfico faz, sistematicamente nos pequenos trechos transcritos acima. Cada membro fazia o elogio da obra do outro, e Macedo proferirá vários discursos em que faz esse tipo de crítica literária.

Ferdinand Wolf, em 1863, também será elogioso com *A Nebulosa*, embora sem atingir os níveis demonstrados por Porto-Alegre. Na verdade, o texto desse romance-poema ainda apresenta interesse estético. É composto por seis cantos em versos brancos de onze sílabas. O Canto I, 'A Rocha Negra' , diz Wolf, 'começa com uma descrição do teatro da ação'; o Canto II, 'A Douda', fala do 'fantasma que o Trovador viu durante três dias'; o Canto III, 'A Peregrina', 'descreve a morada da amada do Trovador'; o Canto IV, 'Nos Túmulos' , o Trovador é recusado pela Peregrina e vaga entre túmulos; o Canto V, 'A Mãe', começa a desvendar alguns mistérios e, finalmente, o Canto VI, 'A Harpa Quebrada', 'descreve a morada da amada do Trovador' , cuja harpa se quebra como o coração. (...) O epílogo descreve a manhã seguinte a esta noite monstruosa', (p. 268-289).

O enredo lembra vagamente o de Menina e Moça, de Bernadim Ribeiro, leitura confessa de personagens macedeanos anteriores, sobretudo o encontro das duas mulheres, a Peregrina e a Mãe. (...)

Ferdinand Wolf defende a definição de poesia 'lírica, descritiva', para A Nebulosa, embora ela contenha partes épicas e dramáticas. Justifica: 'A forma é antes do drama', pois o poema, a rigor, compõe-se quase todo de monólogos e diálogos. Por fim, afirma que

é a 'cor patriótica' nas descrições, sobretudo 'a beleza selvagem e luxuriosa da natureza de sua pátria', aliadas a uma 'versificação melodiosa', que causou o sucesso estrondoso do poema. Não posso deixar de discordar da alusão a cores tropicais, já que o ambiente é ossianiamente nebuloso e sombrio. No mais, ainda é pertinente sua análise.

Tão bem recebida foi *A Nebulosa*, que Machado de Assis, anos mais tarde, cita-a como obra de qualidade de Macedo, em oposição a dramas de nosso autor pelos quais o articulista carioca não tem a menor piedade, arrasando-os delicadamente. Mesmo José Veríssimo, feroz crítico do Dr. Macedinho, vai poupá-lo em alguns aspectos d'*A Nebulosa*:

> 'Num momento de feliz inspiração escreveu Macedo *A Nebulosa*, poema não só romântico de intenção e de escola, mas ninimamente romanesco. Não obstante a sua sensibilidade lamurienta, e o aparelho ultra-romântico da ação, cheia de maravilhas de mágica, há neste único poema de Macedo grandes belezas de poesia e expressão. Mais de um trecho seu ainda nos impressiona pela força de emoção que lhe pôs o poeta. Mas ainda para o tempo demasiava-se o poema em indiscretos apelos ao patético e sentimentalidade que fazem que hoje não o leiamos sem enfado. (p. 172)'

Alfred d'Escragnolle Taunay, nas sua *Memórias*, vai mencionar esse romance-poema como tendo tido enorme importância literária para a corte daquele momento, embora o grupo dos *novos* (na década de 70) já não o apreciasse, pois começava a estrear nos romances regionalistas de cunho cada vez mais realista. O autor de *Inocência* aproveita para relatar como ele e os outros alunos de Macedo no Colégio Pedro II (na década de 50) respeitavam-no e sentiam-se verdadeiramente honrados por se

acharem diante de personalidade tão famosa. A rigor, Macedo foi uma *living legend* no seu tempo. (...)

Na crítica deste século, José Guilherme Merquior (*Breve História da Literatura*, p.74) continua a tradição de afirmar ainda ter *A Nebulosa* interesse estético: 'Paixão despótica, solidão sinistra, dama inacessível, virgem doida, feitiçaria e suicídio, num cenário de tempestade e cemitério: Macedo compensa a pieguice d'*A Moreninha* com a fórmula do baixo byronismo, porém o seu verso não carece de leveza'.

Wilson Martins não deixa de inserir a obra dentro do contexto cultural em que foi criada (III, p.52 a 54), observando que *A Nebulosa* é a 'epopéia romântica' que tivemos, 'folhetim romanesco' escrito em versos brancos. (...) Dramalhão em versos, o poema inscrevia-se harmoniosamente num universo artístico em que a ópera italiana era a manifestação suprema'.

O tema do amor impossível, a que alude o crítico, é rarissimamente encontrado em Macedo. No entanto, podemos dizer que nosso autor já havia feito um quase esboço d'*A Nebulosa* numa poesia que publicou na *Guanabara* (v.I, p.143-146, de 1850, embora esteja datada de 14 de dezembro de 1849, intitulada 'Não Sei' (...).

Até a repetição de uma expressão negativa – com esta virgem é o 'Não sei', e com A Peregrina é o 'jamais' - é utilizada por Macedo nas duas obras. É importante notar, também, que não é necessário um motivo concreto para a negação do amor; o mais importante, nos dois casos, é que ocorra a situação arquetípica do amor impossível, que não pode realizar na terra, mas só após a morte, bem nos moldes de Tristão e Isolda, Lancelote e Genoveva, Romeu e Julieta, Paulo e Virgínia, etc."

* * *

Ubiratan Machado. *A Vida Literária no Brasil Durante o Romantismo*. 2001, p. 232.

Ubiratan Machado, 2001

> Numa série de sete artigos, Bernardo analisou *A Nebulosa*, poema cuja edição fora financiada por D. Pedro II. Foi um massacre. Com um indisfarçável sadismo, o crítico desmonta a obra, verso a verso, acentuando-lhe a inverossimilhança e a mediocridade. O ataque foi tão duro e a linguagem tão ferina, que causou revolta entre os amigos de Macedo, se bem que ninguém saísse em sua defesa. Medo, talvez, de que alguma bordoada sobrasse para si.

ANEXO 1:

NÃO SEI [630]

(Escrito no álbum de uma Senhora)

Eu vi... não invento, nem foi ilusão; -
Eu vi um mancebo, que ardente nutria
Em flamas odoras sagrada poesia,
Passando tranqüilo na térrea mansão;
Sorriu-se pra vida... viveu, e sonhou;
Até que o momento de amar lhe chegou.

—

Um dia... era um dia de encanto e amor;
Sítio era belo...silêncio reinava...
E a onda travessa na praia brincava...
E as auras traziam das flores o odor...
Sorria-se a aurora no seu despontar...
E ai... o mancebo vagava a sonhar

—

Vagava, e de súbito estático pára...
Embebe seus olhos em virgem formosa,
Que então lhe aparece mais linda que a rosa,
Mais bela que a bela, que em sonhos formara;
E quando seus olhos da virgem tirou
Escravo... perdido... por ela se achou.

—

Amou-a com fogo, com louca paixão,
Votou-lhe seus hinos de ardente poesia,

[630] Poesia de Joaquim Manuel de Macedo, publicada na revista *Guanabara*, em 1850, mas datada de 1849.

Seus sonhos da noite, e as lidas do dia,
Votou-lhe sua alma... porém tudo em vão:
Não teve por paga de afeto tão puro
Nem mesmo a esperança de amor no futuro.

—

Eu vi... – não invento, nem foi ilusão-
Eu vi o mancebo de amor consumido
Seguindo a donzela, cativo e perdido
Extremos gastando; porém sempre em vão:
Ouvi seus protestos de amante fiel
E a fria resposta da virgem cruel.

—

"Oh! virgem! Clamava; tu matas de amor,
"O olhar de teus olhos minha'alma seduz;
"És pura e brilhante qual raio de luz;
"No céu foras anjo, da terra és a flor;
"Oh! virgem, tu sabes que amor já te dei?...
E a bela sorrindo lhe disse – *não sei.*

—

"Pois bem: eu te adoro, assim como adora
"A mãe extremosa seu filho primeiro
"A flor da campina favônio ligeiro
"E a ave dos bosques o brilho da aurora;
"Oh! virgem! Já sabes que amor eu te dei?...
E a virgem sorrindo lhe disse – *não sei.*

—

"Enquanto nas praias quebrar-se este mar,
"Enquanto esta brisa gemer no retiro,
"Enquanto da vida restar-me um suspiro,
"Eu juro constante, fiel te adorar.

"Oh! virgem, aceitas o amor, que jurei?..
E a virgem sorrindo lhe disse – *não sei.*

—

"Pendente dos lábios tu tens minha sorte
Que venha a sentença cair sobre mim;
"*Não sei* nada explica; oh! dize, que sim
"Num sim tenho a vida – um não será morte
"Responde: hás de dar-me amor, qual te dei?
E a virgem sorrindo lhe disse – *não sei.*

—

E o mísero jovem a fronte abaixou;
Nem mais uma queixa, nem mais um suspiro!
Qual pombo ferido por bárbaro tiro,
Ao seio do bosque seus passos levou;
E a bela insensível não soube prever
Que o triste mancebo partia a morrer.

—

Os dias e os meses e os anos passaram,
E o jovem poeta mais nunca voltou!
E então foi que n'alma da virgem raiou
Lembrança de extremos que aos pés lhe murcharam!
E então no seu peito punhal aguçado
Gravava o remorso vingando o passado.

—

E um dia... – era um dia de feio palor –
O sítio medonho... silêncio reinava,
A vaga raivosa na praia espumava,
E o vento rugia com ira e furor;
O céu se nublara – E sem tal cuidar
Tristonha a donzela vagava a cismar.

—

Vagava... mas pára tremendo, espantada,
Humana figura gemente aparece,
Tão magra tão branca, que mais lhe parece
A sombra de um morto do túmulo escapada;
A virgem seus olhos no vulto cravou,
E após um momento – é ele! – exclamou.

—

E agora da virgem que importa esse ardor?...
Que valem as frases tão ternas que diz?...
E ao já moribundo mancebo infeliz
De que presta agora tão tardo esse amor?...
Falava-lhe a virgem... – nem mais respondia;
A mão lhe apertava... que mão já tão fria!...

—

"Escuta! – bradava-lhe a virgem chorando...
"Escuta! Eu te falo, e tu não respondes?..
"Escuta! Eu te abraço, e o rosto me escondes?...
"Escuta! Eu te chamo, e vás te arrastando?...
"Ah!, dize, hei perdido, o amor que inspirei?...
E o triste morrendo murmura: - *não sei*.

—

E aos pés da donzela seu corpo caiu!
E ou fosse que o vento, ou vaga falasse
Ou que esse cadáver ainda arquejasse...
A frase terrível... sinistra se ouviu...
Ouviu-se, eu não minto, eu mesmo escutei:
Três vezes no bosque troaram – *não sei*.

Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1849.

ANEXO 2

A NEBULOSA na *Guanabara*

Fragmento do Canto I de *A Nebulosa*, publicado no segundo semestre de 1850[631] na revista *Guanabara*.

[631] O Canto I, embora não datado, aparece publicado na revista antes do poema *A Poetisa*, de J. Norberto, com data de 11 de outubro de 1850. O Canto II, também não datado, é publicado após um artigo de junho de 1851. A revista publicou uma página repetida do primeiro Canto. Trata-se das estrofes XV,XVI e XVI. Já no Canto II não foi publicada toda a estrofe I, no total foram suprimidos 21 versos. No entanto, as estrofes II e III estão repetidas, embora apareça o número de página 40 em uma folha e 41 na repetida.

(Fragmento do Poema-romance inedito—Nebulosa.-

CANTO I. — A ROCHA-NEGRA.

I.

Como duas columnas de guerreiros
Gigantes feros, que avançando irados
Param ambos a um tempo antes da luta
Deixando ao turvo olhar espaço breve,
Duas filas de rochas escarpadas
Tinham, rasgando o pelago raivoso
Frente a frente oitavado; inabalaveis
Os pés fincavam no profundo abysmo,
E em suas frontes remoinhavam nuvens
Quaes de vingança tenebrosos planos.

II.

Curta passagem concedida as aguas
Entre as moles graniticas ficava;
Fóra rugia o mar, e além das rochas
Quieta e bella enseiada s'escondia.
Pela estreita garganta s'escoavam
Para o seio abrigado ondas serenas
Do oceano traidor fugindo a medo,
Como piedosas inspiradas virgens,
Que do mundo escapando, o claustro asyla.

III.

Dentro estava a enseiada; em frente as rochas
Como eunuchos velando ante um serralho;
Niveas penas, que as ondas galantoam
Os flancos lh'engroçavam; densos bosques
Florestas seculares, altos montes

Anexo 3

Excertos de *A Nebulosa*, publicados na revista *A Marmota*

Excerto 1:

Parte de excerto de *A Nebulosa*, publicado na revista *A Marmota*, Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1858, nº 981, p. 3.[632] Na próxima página, fac-símile da transcrição abaixo.

AS MULHERES
E
OS SEUS APAIXONADOS

(Continuação do nº 980)

O Snr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, querendo fazer o retrato de uma bela mulher, tanto, quanto fosse possível imaginar-se, assim descreveu a Peregrina, no canto 3º do seu poema a – Nebulosa. Vede-a e dizei-nos se haveria homem no mundo que deixasse de amar uma semelhante beleza!

.....

Sua estatura é alta e majestosa,
Sem que lhe abafe a majestade a graça.
Quieta face de um lago manso e puro,
Sereno céu de bonançosa aurora,
Eis sua fronte sossegada e lisa.
Os seus cabelos longos e brilhantes,
Como da tempestade a nuvem, negros,
Em bastos caracóis brincando soltos,
Quando assentada, o colo lhe anuviam:
Tão grande negridão, seio tão níveo,
Em desordem furtando a mil desejos,
É como um caos que um mistério esconde:
Olhos negros também, de amor são raios;
Tem uma luz que aos corações é dia,
Tem um fitar que à indiferença é morte.
Ao ver-lhe a breve e graciosa boca,
Suas Madonas retocara Urbino;
O bico da trocaz rubor mais puro
Não tem que os lábios seus, nem mais alvura
Que os finos dentes neve cristalina.

[632] *A Marmota* publicou uma série de artigos chamada "As mulheres e seus apaixonados", na qual publicou excertos de autores diversos que falaram sobre as mulheres. Nesse número, publicou-se um excerto de *A Nebulosa*.

AS MULHERES
E
OS SEUS APAIXONADOS

(Continuação do n. 930)

O Snr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, querendo fazer o retrato de uma bella mulher, tanto, quanto fosse possivel imaginar-se, assim descreveu a PEREGRINA, no canto 3.º do seu poema a—*Nebulosa*. Vêde-a e dizei-nos se haveria homem no mundo que deixasse de amar uma semelhante belleza!

. . . . . .

Sua estatura é alta e magestosa,
Sem que lhe abafe a magestade a graça.
Quieta face de um lago manso e puro,
Sereno céo de bonançosa aurora,
Eis sua fronte socegada e lisa.
Os seus cabellos longos e brilhantes,
Como da tempestade a nuvem, negros,
Em bastos caracóes brincando soltos,
Quando assentada, o collo lhe annuviam:
Tão grande negridão, seio tão niveo,
Em desordem furtando a mil desejos,
E' como um cahos que um mysterio esconde:
Olhos negros tambem, do amor são raios;
Tem uma luz que aos corações é dia,
Tem um fitar que á indifferença é morte.
Ao vêr-lhe a breve e graciosa bocca,
Suas Madonas retocára Urbino;
O bico da trocaz rubor mais puro
Não tem que os labios seus, nem mais alvura
Que os finos dentes neve crystallina.
Ao cysne do Uruguay não cede em graça
Seu collo altivo e bello, e nem as fadas
A cintura no mimo e delgadeza.
Torneára-lhe os braços genio amigo;
Tão formosos se mostram! mão de um anjo
E [illegible] e leve, qual penna de uma garça,
Jasmins colhendo por jasmim se houvera:
E o lindo pé, que ás vezes se adivinha,
Quando mergulha na rasteira gramma,
Invejariam sylphos, que só voam.
Oh! tão formosa, custa a crêl-a humana!

Excerto 2:

Parte do excerto publicado na revista *A Marmota*, em 19 de outubro de 1858, nº 997, p. 3. Na página seguinte, fac-símile da transcrição abaixo.

SCENAS TOCANTES
DE AMOR E DE PAIXÃO DESCRITAS PELO
SNR. DR. MACEDO NA – NEBULOSA –
POEMA DE SUA COMPOSIÇÃO.

Aos trêmulos clarões da luz dos mortos
O Trovador aos pés da cruz distingue
Um vulto de mulher que ora piedosa
Negras, longas madeixas desenvoltas
Tombam em caracóis sobre as espáduas
Que um leve manto abriga; inesperada
Em horas tais, naquele desalinho,
Essa mulher, tão só e ali rezando,
É qual sombra de um túmulo saída,
E cismando ao luar, pálida e triste.
O Trovador surpreso a contemplá-la
Estático se deixa; ergue-se o vulto,
E desatando um soluçar magoado
Com as mãos aperta o seio, e dolorosa
Murmura: "Oh! minha mãe!"
A voz mal soa,
O Trovador ardente se arremessa
A aquela amante filha; as mãos lhe toma,
A força a leva junto à luz; encara-a;
E ao ver-lhe o rosto, desprendendo um grito,
Recua um passo, avança outra vez logo,
E exclama: "A Peregrina!..."
O sobressalto
Represa a voz à virgem do deserto;
Trêmula e pasma alguns momentos fica,
Té que vai serenando; os olhos volve
E na cruz do Senhor súplice os fita,
Como a pedir socorro.
A flama, o ímpeto
De indomável paixão nos olhos fulge
Do Trovador, que fervido devora
Com famintos olhares radiantes
A mulher que idolatra; voa o tempo...
Do êxtase se arranca; cede a impulso
De irresistível força, a mudez rompe,
O ardor abafa, e diz enternecido:

SCENAS TOCANTES

DE AMOR E DE PAIXÃO DESCRIPTAS PELO SNR. DR. MACEDO NA —NEBULOSA— POEMA DE SUA COMPOSIÇÃO.

.....

Aos tremulos clarões da luz dos mortos
O Trovador aos pés da cruz distingue
Um vulto de mulher que ora piedosa
Negras, longas madeixas desenvoltas
Tombam em caracoes sobre as espadoas
Que um leve manto abriga; inesperada
Em horas taes, naquelle desalinho,
Essa mulher, tão só e alli rezando,
E' qual sombra de um tumulo sahida,
E scismando ao luar, pallida e triste.

O Trovador serprezo a contempial-a
Estatico se deixa; ergue-se o vulto,
E desatando um soluçar maguado
Com as mãos aperta o seio, e dolorosa
Murmura: « Oh! minha mãi! »

A voz mal soa,
O Trovador ardente se arremessa
A aquella amante filha: as mãos lhe toma,
A força a leva junto á luz; encara-a;
E ao ver-lhe o rosto, desprendendo um grito,
Recua um passo, avança outra vez logo,
E exclama: « A *Peregrina!*.. »

O sobresalto
Represa a voz á virgem do deserto;
Trêmula e pasma alguns momentos fica,
Té que vai serenando; os olhos volve
E na cruz do Senhor supplice os fita,
Como a pedir soccorro.

A flamma, o impeto
De indomavel paixão nos olhos fulge
Do Trovador, que fervido devora
Com famintos olhares radiantes
A mulher que idolatra; vôa o tempo...
Do extasis se arranca; cede a impulso
De irresistivel força, a mudez rompe,
O ardor abafa, e diz enternecido:

O TROVADOR.

Inda bem que o sagrado lenho attentas!
Mulher, que me enloqueces, não comprehendes
Que essa barreira que entre nós levantas
Só póde ser inspiração do inferno?..

Bibliografia

ABREU, Jorge O. e Almeida. *História da Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: Of. Gráfica Mundo Médico, 1930.

ABREU, Márcia Azevedo de. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras, ALB; São Paulo: FAPESP, 2003.

ABREU, Márcia Azevedo de. Letras, Belas Letras, Boas Letras. In: BOLOGNINI, Carmem Zink (org). *História da Literatura: o discurso fundador*. Campinas: Mercado de Letras, Associação de leitura do Brasil (ALB); São Paulo : FAPESP, 2003.

ABREU, Márcia Azevedo de.(org) *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: ALB, 2000.

ALVES, Andréa Lima. *Oposição e verdadeira amizade: imagem poética e pictórica no livro O Matrimônio do Céu e do Inferno, de William Blake*. Tese (mestrado). Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2001.

AMORA, Antonio Soares. *A Literatura Brasileira: o Romantismo*. São Paulo: Cultrix, 1977.

AMORA, Antonio Soares. *Classicismo e Romantismo no Brasil*. São Paulo: CEC, 1966.

ATAÍDE, Luís Gomes de Sousa. "A Orgia dos Duendes". In: *A Lira* (opúsculo). São Paulo: 1985

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias de Consagração: discursos da crítica sobre o Romance no Brasil oitocentista*. 2006. Tese (doutorado). Departamento de teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2006.

BASSI, Cristina Mantovani. *Joaquim Manoel de Macedo e a Leitora do Século XIX*. Campinas: Unicamp, 1993.

BAUER, Gerard. *Les Metamorphoses du Romantisme*. Paris: Artisan du Livre, 1928.

BEGUIN, Albert. *El Alma Romântica y el Sueno: sobre el Romantismo aleman y la poesia francesa*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1992.

BENICHOU, Paul. *Les Mages Romantiques*. Paris: Gallimard, 1988.

BILAC, Olavo. Passos, Guimarães. *Tratado de Versificação*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1949, 9ª edição.

BROCA, Brito. *Românticos, Pré-Românticos e Ultra-Românticos: vida literária e Romantismo brasileiro*. São Paulo: Polis/Brasília:INL, 1979.

CALCATERRA, Carlo (org). *Manifesti Romantici e Altri Scritti Della Polemica Clássico/Romântica*. Torino: UTET, 1979.

CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins Editora, 3° volume, s/d.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*. Rio de janeiro: MEC, s/d.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro:F. Briguiet & Comp. Editores, 1922.

CASTELLO, José Aderaldo. *Textos que Interessam à História do Romantismo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura. V.II, 1963.

CASTELO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

CASTELO, José Aderaldo. *Antologia do Ensaio Literário Paulista*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1960.

CASTILHO, Antonio Feliciano de. *Poesias*. Lisboa: Livraria Clássica,1943.

CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Amor e Melancolia*. Lisboa: Typ. Da Sociedade Typográphica Franco-Portuguesa, 1861.

CASTILHO, Antônio Feliciano de. *O Outono*. Lisboa: Livraria Moderna, 1905.

CASTILHO,Antonio Feliciano de. *Tratado de Metrificação Portugueza*. Lisboa: Livraria Moderna, 1908.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena História da Literatura Brasileira*. 2a. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Comp. Editores, 1922.

CESAR, Guilhermino. *Historiadores e Críticos do Romantismo*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978.

CITELI, Adilson. *Romantismo*. São Paulo: Ática, 1986.

CLARA, Salete de Almeida. *A Poesia Lírica*. São Paulo: Ática, 1989.

CLAY, Jean. *Le Romantisme*. Paris: Hachette Réalités, 1980.

COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A Literatura no Brasil: era romântica*. Vol. III.Rio de Janeiro: José Olympio/Niterói:EDUFF, 1986.

COUTINHO, Afrânio. Org. *Caminhos do Pensamento Crítico*. Vol. I. Rio de Janeiro: Pallas, 1980.

CUNHA, Fausto. *O Romantismo no Brasil: de Castro Alves a Sousândrade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra/INL, 1971.

CRANSTON, Maurice William. *The Romantic Moviment*. Oxford: Cambridge Univ., 1989.

CRUZ, Dilermando. *Bernardo Guimarães: perfil bio-biblio-literário*. Juiz de Fora: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 2ª ed. 1914.

DANTAS, Luís Carlos da Silva. *Espumas Flutuantes & Os Escravos*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DIAS, J. Simões. *Teoria da Composição Literária*. Lisboa: Livraria e Editora Tavares Cardoso e Irmão, 9ª edição, 1901.

DUQUE-ESTRADA, Osório. *A Arte de Fazer Versos*. Rio de Janeiro: Typ. Do Jornal do Commercio, 1912.

FLEIUSS, Max. "Macedo no Instituto Histórico". In: *REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO*. Tomo 87, vol. 141, pp. 431-2.

FRIEIRO, Eduardo. *Páginas de Crítica*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1955.

GAY, Peter. *A experiência Burguesa, da rainha Vitória a Freud: A Paixão Terna*. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Cia das Letras, vol. II,1998.

GIRARD, René. *Mensonge Romantique e Verité Romanesque*. Paris: Grasset, 1992.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A Estética Romântica: textos doutrinários comentados*. São Paulo: Atlas, 1992.

GUERNE, Armel. *L'Ame Insurgee: Écrits sur le Romant*isme. Paris: Phebus, 1977.

GUIMARÃES, José Armelin Bernardo. *E Assim Nasceu a Escrava Isaura*. Brasília: Senado Federal, 1985.

GRIECO, Agripino. *Evolução da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1947.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. São Paulo:T.A. Queiroz/USP, 1985.

HAZARD, Paul. "As Origens do Romantismo no Brasil". In: *Suplemento Literário de O Estado de São Paulo*, 19 de julho de 1958.

HEGEL, G.W.F. *Curso de Estética: o sistema das artes*. Cap. III_ A Poesia. Trad. Álvaro Ribeiro. São Paulo: Martis Fontes, 1997.

HUGO, Victor. *Do Grotesco e do Sublime: introdução ao "Prefácio de Cromwell"*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

IPANEMA, Marcelo de. *Imprensa Fluminense : ensaios e trajetos*. Rio de Janeiro: Instituto de Comunicação Ipanema, 1984.

JOBIM, José Luís. *Introdução ao Romantismo*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

KANT,Immanuel. *Observações Sobre o Sentimento do Belo e do Sublime*. Trad. Vinícius de Figueiredo. Campinas: Papirus, 1993.

KAYSER, Eugene de. *L'Ocidente Romantico*: 1789-1850. Geneve: Skira, 1965.

KAYSER, Wolfgang. *Análise e Interpretação da Obra Literária*. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1968.

KAYSER, Wolfgang. *O Grotesco: configuração na pintura e na literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

KELLY, Celso. Século XIX: *O Romantismo; ciclo de conferências*. Rio de janeiro: MNBA, 1979.

LAET, Carlos de; BARRETO, Fausto. *Anthologia Nacional* ou coleção de excertos dos primeiros escritores da língua português de 19 ao 16 século por (...) precedida de uma introdução gramatical entremeada de breves notícias bio-bibliográficas. Refundição completa da Seleção Literária adotada no Ginásio Nacional e em outros estabelecimentos de ensino. Rio de Janeiro: Na livraria de J.G. Azevedo, editor. 1895.

LAJOLO, Marisa Philbert. O Cônego Fernandes Pinheiro, sobrinho do Visconde, vai à escola. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUC/RS*. Porto Alegre, 2 (1), jun. de 1995.

LAJOLO, Marisa Philbert.(org.) *Nós e os Outros: histórias de diferentes culturas. Gonçalves Dias*. São Paulo: Ática, 2000.

LEGROS, Robert. Le *Jeune Hegel et la Naissance de la Pensee Romantique*. Bruxelles: OUSIA, 1980.

LEVY-BERTHERAT, Ann-Deborah. *L'Artifice Romantique: de Byron a Baudelaire*. Paris: Klinckiek, 1994.

LOBO,Luiza. *Teorias Poéticas do Romantismo* .Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

LOCKRIDGE, Laurence. *The Etics of Romanticism*. Cambridge: Camb. Univ., 1989.

LOPES, Hélio. *A Divisão das Águas: contribuição ao estudo das revistas Minerva Brasiliense (1849- 1856) e Guanabara (1849- 1856)*. São Paulo: CEACH, 1978.

MACHADO, Ubiratan. *A Vida Literária no Brasil Durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

MAGALHÃES, Couto de. *Textos que Interessam à História do Romantismo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, T.II,1963.

MAGALHÃES, Basílio de. *Bernardo Guimarães*. Rio de Janeiro: Tipografia do Anuário do Brasil, 1926.

MAN, Paul de."Structure Intencionelle de L'Image Romantique". In: *Revue Internationale de Philosophie*. Vol. 14, 1960.

MARQUES, Wilton José. *O Poema e o Paraíso*. Campinas: Unicamp, 1996. (dissertação de mestrado sobre Gonçalves Dias).

MARTINO, Pierre. *L'Époque Romantique em France*: 1815-1830. Paris: Hatier, 1944.

MARTINS, Eduardo Vieira. *A fonte subterrânea: o pensamento crítico de José de Alencar e a retórica oitocentista*. 2003. Tese (doutorado). Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2003.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977. (vol. III).

MASSENHA SILVA, José Franklin de. "Elogio Histórico do Dr. J. M. Macedo". In: *REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO*, 1887, XL, 2a., p.. 556.

MELO, Carlos Augusto de. *Cônego Fernandes Pinheiro 1825-1876 um crítico literário pioneiro do Romantismo no Brasil*. 2006. Tese (mestrado). Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, UNICAMP, 2006.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MISSIO, Edmir. *De l'Allemagne de Mme. de Staël: apresentação de textos escolhidos*. Tese (mestrado). Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, UNICAMP,1997.

MOTTA, Arthur. *História da Literatura Brasileira, Romantismo*, T.III. São Paulo, 1930.

MOTTA, Arthur. *História da Literatura Brasileira*. Romantismo. São Paulo: Cultrix, 1985.

MOTTE-FOUQUÉ, Friedrich De La. *Ondina*. Tradução: Karin Volobuef. São Paulo: Ed. Landy, 2006.

NETO, Coelho. *Compêndio de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.

PARANHOS, Haroldo. *História do Romantismo no Brasil*. São Paulo: Cultura Brasileira, 1937.

PEREIRA, Astrojildo. *Interpretações*. Rio de Janeiro: CEB, 1944.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguillar S.A, 1997.

PINASSI, Maria Orlanda. *Três Devotos, Uma Fé, Nenhum Milagre*: um estudo da Revista Niterói. Campinas: Unicamp, 1996. (tese de doutorado).

PINHEIRO, Cônego Fernandes. *Curso de Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: Cátedra, Brasília: INL, MEC, 1978.

PRAZ, Mario. *A Carne, A Morte e o Diabo na Literatura Romântica*. Trad. Philadelfo Menezes.Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

QUADROS, Jussara Menezes. "Primeiras Impressões: Romantismo e edição".In: *Revista Continente Sul*. Nº 2. Porto Alegre: IEL, 1996.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *O Verso Romântico e Outros Ensaios*. São Paulo: CEE, 1959.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Do Barroco ao Modernismo: estudos de poesia brasileira*. São Paulo: CEC, 1968.

READ, Herbert. "Beleza e feiúra". In: *As origens da forma na arte*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro:Zahar, 1981.

READ, Herbert. *The Romantic Agony*. Oxford: Oxford University, 1970.

RIBEIRO, José Antônio Pereira. *O Universo Romântico de Joaquim Manoel de Macedo*. São Paulo: Roswitha Kempf Editores, 1987.

RIBON, Michel. "A Natureza Romântica". In: *A Arte e a Natureza*. Campinas: Papirus, 1991.

ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1953.

ROMERO, Sílvio. *Compêndio da História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

ROMERO, Sílvio. *Autores Brasileiros*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

ROMERO, Sílvio. *Literatura, História e Crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

RONCARI, Luiz. *Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo: Edusp, 1996.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em Berço Esplêndido*. São Paulo: Siciliano, 1991.

SALLES, David. *Do ideal às Ilusões: alguns temas da evolução do Romantismo brasileiro*. Salvador: Fundação Cultural da Bahia, 1980.

SALLES, Germana Maria Araújo. *Palavra e Sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)*. 2003. Tese (doutorado). Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Campinas, 2003.

SANCHES, Edney Christian Thomé. *Revista do IHGB: um periódico na cidade letrada brasileira do século XIX*. Tese (mestrado). Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Campinas, 2003.

SANTOS, Carlos José dos. "Bernardo Guimarães na Intimidade".In:*Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, Tipografia Antunes, 1925.

SCHILLER, Friedrich. *Teoria da Tragédia* (notas de Anatol Rosenfeld). São Paulo: Editora herder, 1964.

SCHWARZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SERRA, Tania Rebelo Costa. *Joaquim Manuel de Macedo ou os Dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado*. Rio de Janeiro: FBN/ DNL, 1994.

SHELLEY, Percy B. *Defesa da Poesia*. Trad. J. Monteiro- Grillo. Lisboa: Guimarães, 1986.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. *Modulações Poéticas: precedidas de um bosquejo da história da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Tipografia Francesa, 1841.

SILVA, Hebe Cristina da. *Imagens da Escravidão: uma leitura de escritos políticos e ficcionais de José de Alencar*. Tese (mestrado). Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Campinas, 2004.

STAIGER, Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Trad. Celeste Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

SYPHER, Wylie. " O Pitoresco, o Romantismo e o Simbolismo". In: *Do Rococó ao Cubismo na Arte e na Literatura*. Trad. Maria Helena Pires Martins. São Paulo: Perspectiva, 1980.

TIEGHEM, Paul Van. *Le* Romantisme dans la Literature Europeenne. Paris: Albin Michel, 1969.

VAUGAHN, Willian. *Romanticism and Art*. London: Thames and Hudson Ltda, 1994.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis* (1908). 4a. ed. Brasília: Ed. da UNB, 1963.

WEISKEL, Thomas. *O Sublime Romântico: estudos sobre a estrutura e psicologia da transcendência*. Trad. Patrícia Flores da Cunha. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

WELLEK, René. "Conceito de Romantismo em História Literária" e "Reexame do Romantismo". In: *Conceitos de Crítica*. Trad. Oscar Mendes. São Paulo: Cultrix, s/d.

WELLEK, René. *História da Crítica Moderna*. São Paulo: Cultrix, s/d.

WOLF, Ferdinand. *O Brasil Literário*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1863.

ZILBERMAN, Regina. MOREIRA, Maria Eunice. *O Berço do Cânone*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

Obras Bibliográficas, Dicionários e Enciclopédias

BLAKE, Augusto V. A. Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1902.

BRUNEL, Pierre (org). *Dicionário de Mitos Literários*. Brasília/Rio de Janeiro: UNB/José Olympio, 1997.

CLAUDON, Francis. *Enciclopédia do Romantismo*. Lisboa: Verbo, s/d.

CORTES, Antônio Maria Cardozo. *Homens e Instituições do Rio*. Rio de Janeiro: IBGE, 1957.

FONSECA, Manuel José Gondim da. *Biografia do Jornalismo Carioca*. 1808-1908. Rio de Janeiro: Quaresma, 1941.

FROTA, Guilherme de Andréa. *O Rio de Janeiro na Imprensa Periódica*. Rio de Janeiro: s/ed., 1966.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. 2a. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

PAIVA, Tancredo de Barros. *Pseudônimos*. Rio de Janeiro: J.Leite e Co, 1929.

SILVA, Innocêncio Francisco. *Diccionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionários da Língua Portuguesa*. Lisboa: Literatura Fluminense, 1889.

SILVA, Fabiana Santos de Oliveira. *Imprensa Brasileira no Império*. Brasília: UNB, 1994.

Arquivos Consultados

Academia Brasileira de Letras. Biblioteca Lúcio de Mendonça. Rio de Janeiro.

Arquivo Edgar Leuenroth. IFCH, Unicamp, Campinas.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Biblioteca Central: Arquivos Alexandre Eulálio e Sérgio B.de Holanda. Unicamp. Campinas.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro.

Real Gabinete Português de Leitura. Rio de Janeiro.

Índice dos textos críticos transcritos [633]

Século XIX

A Marmota, 28 de agosto de 1857, nº 877, sem assinatura 268
Diário do Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1857, L.a 268
Correio Mercantil, 27 de setembro de 1857, sem ass 269
Diário do Rio de janeiro, 30 de setembro de 1857, L.a 269
Correio Mercantil, 4 de outubro de 1857, sem ass 278
A Marmota, 9 de outubro de 1857, nº 889, sem ass 282
Correio Mercantil, 13 de outubro de 1857, sem ass 283
A Marmota, 13 de outubro de 1857,nº 890, sem ass 283
Diário do Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1857, L.a 285
Correio Mercantil, 18 de outubro de 1857, sem ass 293
Jornal do Commercio, 23 de outubro de 1857, J.J.da Rocha 295
Correio Mercantil, 29 de outubro de 1857, propaganda de *A Nebulosa* 309
Revista Literária e Recreativa, 03 de dezembro de 1857, José Rodrigues Coelho 309
Correio Mercantil, 06 de dezembro de 1857, sem ass 314
IHGB, 12 de dezembro de 1857, Manuel de Araújo Porto-Alegre 315
Correio Mercantil, 17 de dezembro de 1857, Manuel Araújo Porto-Alegre 316
Revista Literária e Recreativa, 24 de dezembro de 1857, José Rodrigues Coelho 319
Dicionário Bibliográfico Português, 1858, Francisco Innocêncio da Silva 328
A Atualidade, 04 de fevereiro de 1860, nº 67, Bernardo Guimarães 329
A Atualidade, 11 de fevereiro de 1860,nº 68, Bernardo Guimarães 335
A Atualidade, 18 de fevereiro de 1860,nº69, Bernardo Guimarães 339
A Atualidade, 25 de fevereiro de 1860,nº70, Bernardo Guimarães 345
A Atualidade, 03 de março de 1860,nº71, Bernardo Guimarães 351
A Atualidade, 17 de março de 1860,nº 72, Bernardo Guimarães 357
A Atualidade, 28 de março de 1860,nº 74, Bernardo Guimarães 361
Curso de Literatura Nacional, 1862, Cônego Fernandes Pinheiro 368
O Brasil Literário, 1863, Ferdinand Wolf 372
Machado de Assis, 1866 393
Literatura, História e Crítica, 1880, Sílvio Romero 394
Gazeta de Notícias, 12 de abril de 1882, sem ass 395
Gazeta da Tarde, 12 de abril de 1882, sem ass 395
O Binóculo, 19 de abril de 1882, sem ass 396
História da Literatura Brasileira, 1888, Sílvio Romero 397
Memórias, 1890, Alfredo Taunay 398
Anthologia Nacional, 1895, Carlos de Laet 398
Dicionário Bibliográfico Brasileiro, 1898, Sacramento Blake 399

[633] Datas da primeira edição.

Século XX

Compêndio de História da literatura Brasileira, 1909, Sílvio Romero 400
História da Literatura Brasileira, 1916, José Veríssimo 402
Pequena História da Literatura Brasileira, 1922, Ronald de Carvalho 403
Revista do Arquivo Público Mineiro, 1925, Carlos José dos Santos 403
Bernardo Guimarães, 1926, Basílio de Magalhães 404
História da Literatura Nacional, 1930, Jorge O. e Almeida Abreu 407
Formação da Literatura Brasileira, 1959, Antonio Candido 407
Introdução ao Estudo da Literatura Brasileira, 1963, José Galante de Sousa 413
História da Literatura Brasileira, 1972, Luciana Stegagno Piccio 414
História da Inteligência Brasileira, 1977, Wilson Martins 414
De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira, 1977, J. G. Merquior 418
Machado de Assis e outros estudos, 1979, José Galante de Souza 418
E Assim Nasceu a Escrava Isaura, 1985, José Armelim Bernardo Guimarães 419
O Universo Romântico de J. Manuel de Macedo, 1987, José Antônio Pereira Ribeiro 422
J.M. de Macedo ou Os Dois Macedos, 1994, Tania Rebelo Costa Serra 423
A Vida Literária no Brasil, 2001, Ubiratan Machado 428